



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

SARA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA DA ÁFRICA DO SUL PÓS
APARTHEID: TRADUÇÃO DO PRIMEIRO ATO DO DRAMA *OUR
LADY OF BENONI***

Salvador
2024

SARA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA DA ÁFRICA DO SUL PÓS
APARTHEID: TRADUÇÃO DO PRIMEIRO ATO DO DRAMA *OUR
LADY OF BENONI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Eliza Mitiyo Morinaka

Coorientadora: Profa. Dra. Denise Carrascosa França

Salvador
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rodrigues de Oliveira, Sara

A condição da mulher negra da África do Sul pós
Apartheid: tradução do primeiro ato do drama Our Lady
of Benoni / Sara Rodrigues de Oliveira, SARA DE
OLIVEIRA, SARA DE OLIVEIRA. -- Salvador, 2023.
211 f. : il

Orientadora: Eliza Mitiyo Morinaka.

Coorientadora: Denise Carrascosa França.

Dissertação (Mestrado - PPGLitCult - Programa de pós
graduação em Literatura e Cultura) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Letras da UFBA, 2023.

1. Gênero. 2. Teatro Negro. 3. Tradução
afrodiasporica. 4. África do Sul. 5. Tradução negra
feminista. I. DE OLIVEIRA, SARA. II. DE OLIVEIRA,
SARA. I. Mitiyo Morinaka, Eliza. II. Carrascosa
França, Denise. III. Título.



NORTH AMERICA

AFRICA

Um corpo no mundo



LATAM
RODRIGUES DE OLIVEIRA SARA
Seat/Assento
MNPNCO

LATAM
Flight/Voo LA 3352
Gate/Portao TER2
From/De GRU Para SSA
Seat/Assento 13F

design

*À minha filha Kuena Dandara, fruto das
minhas andanças. Kuena nasceu no dia 2 de
março de 2020 - mesmo dia em que o
mestrado iniciou. Que o mundo seja mais
gentil contigo, menina.*

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que vieram antes de mim: Júlia, a que me gerou; vó Yayá, a mulher que gerou a minha mãe, e vó Joana Bengo, a mulher que gerou painho. Cada sisal plantado, colhido e moído por tu, mãe, formou cada letra desse trabalho; cada grão de milho dado às galinhas e pintinhos, Yayá, deu força a essa escrita; e cada ida à roça para arar a terra, vó Joana, germinou a sintaxe desse trabalho.

Painho, seu sonho era se formar, mas “tu foi” obrigado a largar os estudos para poder trabalhar na terra: arar, plantar, regar. A colheita estou fazendo agora. Tu 'tá' em cada pedacinho desse trabalho. Obrigada por sempre me apoiar nos estudos.

Vô Yoyô, por me ensinar a mansidão e olhar para o outro com cuidado. A benção a todos vocês.

Aos meus irmãos e irmãs: Leandro, Leane, Levir, Tâmara e Jônatas. Obrigada por criarem memórias comigo. Elas também estão registradas neste trabalho.

Aos meus amigos que, mesmo virtualmente, acompanham cada passo meu dado: Aiade, Danilo, Lorena, Tharine e Tintilo.

À minha amiga Jéssica, que me acompanha desde o pré-vestibular e sempre acreditou em mim. À Noédson, que sempre pega na minha mão e me mostra um caminho de esperança quando penso que não há nada mais a fazer. À Caíque, meu amigo que sonha os meus sonhos. Obrigada por crescermos juntos. À Luana, pelas horas conversando no telefone enquanto eu morava na África do Sul.

Às minhas digníssimas orientadoras: professora Eliza Morinaka pela competência e compreensão; professora Denise Carrascosa, pela competência e sensibilidade ao enxergar meu lado artístico.

Ao grupo Traduzindo no Atlântico Negro, por ter me formado como tradutora e ter me dado muitos amigos aos quais posso compartilhar as dores e delícias da vida acadêmica.

À Universidade Federal da Bahia, uma das minhas casas de conhecimento durante esses anos. À FAPESB pelo formento da bolsa de pesquisa, que foi de suma importância para a continuidade e produção desse trabalho

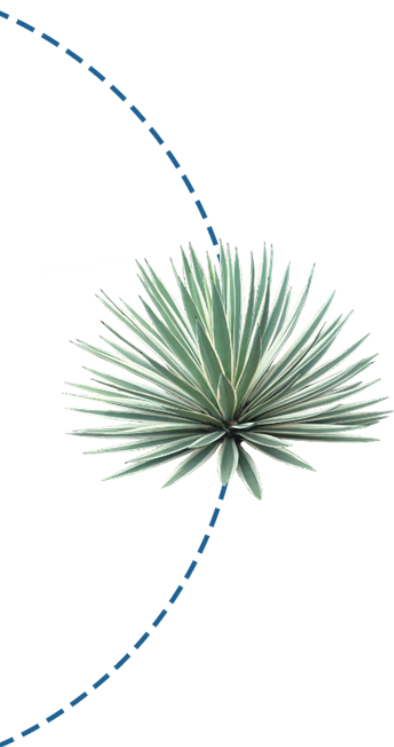
"Peço salam aleikum, carinho, bênção, axé, shalom".

EPIÍGRAFE

Um corpo no mundo

*Atravessei o mar, um sol
Da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração, um adeus
Eu sou um corpo, um ser, um corpo só
Tem cor, tem corte
É a história do meu lugar, ô
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
Je suis ici, ainda que não queiram, não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora
Cada rua dessa cidade cinza
Sou eu
Alhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
É eu falo mais de três línguas
É a palavra amor, cadê? É a palavra amor,
cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram, não, ô
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora Je suis ici, e a palavra amor,
cadê?
Je suis ici, e a palavra amor, cadê?
Je suis ici, e a palavra amor, cadê?
Je suis ici, e a palavra amor, cadê?*

(Luedji Luna)



RESUMO

O presente trabalho parte de um contexto de escrituras transatlânticas, numa perspectiva tridimensional, vinculada às interações multiculturais de andanças feitas pelo Brasil, Estados Unidos da América e África do Sul. Trata-se de uma pesquisa que parte de uma abordagem afrodiaspórica no campo dos Estudos de Literatura e Cultura, enfocando-se na área dos Estudos Contemporâneos de Tradução, constituídos a partir de uma ética, estética e política do Sul-Global. Assim, além dos debates teóricos, principalmente, sobre o Teatro Negro Sul-africano, realizou-se a tradução afrodiaspórica e comentada do primeiro ato do drama em língua inglesa *Our Lady of Benoni*, do autor sul-africano Zakes Mda, que tematiza questões abrangentes de gênero, tabus, preconceitos, relações raciais e traços culturais da interação entre virgindade e patriarcado a partir dos testes praticados em mulheres e meninas de alguns grupos étnicos da África do Sul pós-Apartheid. A tradução foi feita para o português brasileiro, por meio de análises dos elementos culturais do texto dramático de partida, buscando-se índices que dialogam com a diáspora negra, principalmente, afro-brasileira. Tanto as análises teóricas, quanto a tradução realizada levaram em consideração questões de raça, classe, gênero e conflitos culturais para perceber os desdobramentos relevantes dos gestos tradutórios no contexto de um manejo implicado a observar a importância do "corpo tradutor" como elemento fundamental do processo de tradução interlingual e cultural de uma obra. Para tanto, utilizou-se como suporte teórico-metodológico o conceito de Tradução como Performance Escrivente cunhado por Luciana Reis (2017).

Palavras-chave: Gênero. Teatro Negro. Tradução afrodiaspórica. África do Sul.

ABSTRACT

The present work emerges from a context of transatlantic "escrivências", in a three-dimensional perspective, linked to the multicultural interactions in the journeys made by Brazil, the United States of America, and South Africa. It is a research that stems from an afrodiasporic approach in the field of Literature and Culture Studies, focusing on the Contemporary Translation Studies, constituted from an ethics, aesthetics, and politics of the Global South. Thus, in addition to theoretical debates, mainly on South African Black Theater, an afrodiasporic and annotated translation of the first act of the English-language drama "Our Lady of Benoni" by South African author Zakes Mda was carried out. The drama addresses comprehensive issues of gender, taboos, prejudices, racial relations, and cultural traits of the interaction between virginity and patriarchy through tests practiced on women and girls from some ethnic groups in post-Apartheid South Africa. The translation was done into Brazilian Portuguese, through analyses of the cultural elements of the original dramatic text, seeking indices that resonate with the Black diaspora, especially Afro-Brazilian. Both the theoretical analyses and the translation took into consideration issues of race, class, gender, and cultural conflicts to understand the relevant developments of translational gestures in the context of an involved handling that observes the importance of the "translator's body" as a fundamental element in the interlingual and cultural translation process of a work. To achieve this, the theoretical-methodological support used was the concept of "Tradução como Performance Escrevente" coined by Luciana Reis (2017).

Keywords: Virginity test. Black Theatre. Afrodiasporic translation. South Africa.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. "Guardando as recordações das terras onde passei": minhas viagens em uma paisagem circular	12
1.1 Início da pesquisa: passos orais, terrestres e aéreos	13
2. Emancipação do teatro negro sul-africano e história de lutas das mulheres .	19
2.1 <i>Our lady of Benoni</i> : uma breve peregrinação pelo drama.....	25
2.2 Teste de virgindade sob as perspectivas dos sul-africanos	35
3. Tradução: encontros e desencontros teóricos.....	40
3.1 Encontro: tradução negra.....	43
3.2 Projeto de tradução.....	49
3.2 Tradução: Nossa Senhora de Benoni	56
4. Considerações finais: e a saudade no coração.....	114
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXO I.....	119
ANEXO II.....	195

INTRODUÇÃO

Inicialmente, desejo falar o ponto de partida que me conduziu até este momento: minha vivência como tradutora em algumas partes do Brasil e do mundo. A primeira seção deste trabalho apresenta esses detalhes tanto visual quanto textualmente. Não foi por acaso que os incluí como a seção inicial. Há uma narrativa criativa e emotiva que, antes de ser expressa por escrito na tradução do conteúdo deste trabalho, foi traduzida através de imagens, experiências e memórias. São memórias que só se tornaram tangíveis graças às jornadas que, inevitavelmente, me conduziram por diferentes espaços: físicos e simbólicos que delinearam meus caminhos pessoais e acadêmicos. Ainda na primeira seção é possível fazer uma imersão nas minhas origens, memórias orais e nos ensinamentos que moldaram a minha relação com as palavras. É uma primeira seção que é narrada através de itinerários geográficos, atravessando territórios e culturas, conectando-se com a diáspora africana, desde os meus ancestrais até as vivências nos Estados Unidos, Canadá e África do Sul.

Trago algumas reflexões sobre identidade, pertencimento e representatividade, através das minhas experiências, que moldaram a minha visão e abordagem na pesquisa acadêmica, especialmente ao estudar a obra *Our Lady of Benoni* de Zakes Mda, a qual me proporcionou a realização de um estudo interseccional entre gênero, culturas, nuances políticas, sociais e linguísticas. Essas questões tornaram-se o fio condutor nessa exploração, enquanto conecto minhas experiências vividas com a obra estudada. Nessa jornada percebe-se uma busca contínua pelo entendimento, não apenas do texto estudado, mas da própria identidade; junto a isso, há um cruzamento entre minhas vivências e a pesquisa acadêmica, o que torna a pesquisa mais humana, pois é através das experiências e encontros que aprofundo não apenas o estudo da obra de Zakes Mda, mas também a compreensão das realidades presentes na África do Sul pós-Apartheid.

Na segunda seção busco analisar e contextualizar a emancipação do teatro negro sul-africano, destacando sua importância como instrumento de resistência e expressão das lutas sociais, pois explorar o teatro negro como uma forma de engajamento político e social é importante para compreender não apenas as dinâmicas teatrais, mas também as complexidades das questões étnicas, culturais e

políticas que permearam o contexto histórico sul-africano. Assim, essa segunda seção propõe uma análise do teatro sul-africano e suas diferentes vertentes, além do modo como se tornou uma plataforma vital para abordar e confrontar as injustiças sociais e as desigualdades durante o período de segregação racial, dando um enfoque às características distintas do teatro negro sul-africano, com as influências culturais, linguísticas e representação da realidade social, que foi muitas vezes negligenciada pela cena teatral hegemônica. O aprofundamento nesse tema não proporciona apenas uma compreensão mais completa da história do teatro sul-africano, mas também permite uma reflexão sobre o poder da arte como agente de mudança e resistência em contextos de opressão e injustiça social.

Além disso, examinou, especificamente, o drama *Our Lady of Benoni* e suas interconexões com a luta das mulheres negras sul-africanas, e busca aprofundar a compreensão da peça, analisando sua representação das tensões entre tradições culturais e a influência cada vez mais forte da modernidade. Através da análise das personagens, a segunda seção investiga as maneiras pelas quais a obra de teatro aborda questões como a sexualidade feminina, a virgindade, a hegemonia patriarcal e as implicações políticas e sociais do pós-Apartheid.

Será conduzida uma análise contextual, considerando o cenário histórico e social da África do Sul, onde Mda situa sua narrativa, além das complexidades linguísticas da peça, evidenciadas através da variedade de línguas africanas, provérbios e gírias locais.

É através da obra *Our Lady of Benoni*, juntamente com outras referências, que trago, ainda na segunda seção, a discussão sobre o teste de virgindade na África do Sul, mostrando diversos posicionamentos possíveis acerca dessa prática. A análise feita nessa seção permite questionar as estruturas de poder que afetam a autonomia feminina.

Na terceira e última seção, mostro como a pesquisa no campo da tradução revela-se crucial em um mundo globalizado, e que as interações entre culturas estão cada vez mais intensas. Através disso, apresento teorias contemporâneas de tradução, desde Roman Jakobson até as reflexões desconstrutivistas de Jacques Derrida, as quais explorei durante a minha formação na Universidade Federal da Bahia. Esses encontros críticos me conduziram a uma necessidade de abordagem mais inclusiva, fazendo com que eu descobrisse a tradução afrodiaspórica como um

ponto fundamental para uma compreensão mais plural e representativa do processo tradutório, fazendo um contraponto às teorias tradicionais, visando uma análise mais ampla e diversificada da prática de tradução.

Essa prática tradutória é impulsionada por experiências como tradutora e pela busca por representatividade e inclusão na academia. Ainda mostro que o uso de novas epistemologias negras na tradução pode amplificar narrativas afrocentradas historicamente negligenciadas. Busco como inspiração o conceito de 'Tradução como Escrivivência' (REIS, 2017), que ajuda a estabelecer uma ponte entre teoria e prática, proporcionando uma tradução mais inclusiva, diversa e reflexiva, ultrapassando as barreiras linguísticas e culturais hegemônicas.

Assim, proponho também na terceira seção um projeto de tradução que me ajudou a lidar com temas sensíveis, como a sexualidade, em uma cultura nova pra mim. Através de referências como Geri Augusto (2017), consigo destacar a importância da escuta, observação e imersão cultural para uma tradução autêntica, especialmente ao enfrentar decisões delicadas sobre a preservação das línguas nativas e a escolha de traduzir algumas expressões. As estratégias adotadas refletem um compromisso político-cultural em promover as línguas negras nativas e capturar a autenticidade cultural, oferecendo ao leitor não apenas uma compreensão linguística, mas também uma imersão cultural através das nuances presentes na obra. Por fim, trago a tradução do primeiro ato do drama, respeitando os aspectos linguísticos e culturais de ambas as culturas: brasileira e sul- africana.

Espero que cada palavra lida nessa dissertação sirva de inspiração e conhecimento para a geração presente e futuras. Que o trabalho seja coletivizado e que não fique apenas nas minhas palavras, mas nas nossas.

Boa leitura.

1. Minhas viagens em uma paisagem circular: *“Guardando as recordações das terras onde passei”*.

O delineamento dessa pesquisa se ancora nos passos dados durante o meu percurso de vida, que iniciou bem antes de eu me entender como Sara, e bem antes da minha vida ter sido gerada. São passos que interligaram e interligam as minhas

escolhas intelectuais, leia-se: conhecimentos adquiridos durante toda a minha existência, envolvendo o universo acadêmico e outros espaços. Com isso, faz-se necessário deixar as pegadas desses passos aqui na escrita, que, de certa forma, tem seus traços formais e academicamente formatadas, mas, também, traços pessoais que, por escolha e naturalidade, acabam se esbarrando.

Os passos dados durante o delineamento dessa escrita têm como origem os meus ancestrais que, antes de eu decidir realizar essa pesquisa, já eram produtores de conhecimentos: intelectual e artístico (GRILOY, 2001). Durante os cruzamentos transatlânticos, o povo negro africano, submetido a esses movimentos e circulações, já se traduziam. Hoje, no século 21, após mais de 500 anos de tráfico negreiro, nos vemos também nessas circulações e andanças, não apenas entre territórios no sentido geográfico, mas, também, nas andanças em textos narrados, histórias oralizadas, e corpos se movimentando através, por exemplo, das danças afro-brasileiras e do uso do corpo para defesa e resistência, como a capoeira.

A escrita de uma pesquisadora negra, e, mais especificamente, a escrita teórica ligada à literatura e tradução, não exige as marcas de um trabalho que já vem sendo feito há muito tempo. O que trago aqui é mais uma colaboração para que os estudos na academia tenham mais representatividade feminina negra. Deste modo, é substancial que a minha marca pessoal-acadêmica seja exposta nas produções intelectuais, pois os trabalhos de intelectuais negras acontecem também por meio de rasuras. Por isso, desde o início desse trabalho coloco minhas marcas pessoais. Desse modo, pretendo desenhar essa parte da dissertação de forma circular, dando destaque às partidas e retornos, que fazem ligação à minha conexão entre Brasil, América do Norte, África, e, mais uma vez, Brasil (retorno). Não deixarei aqui uma linearidade sobre o que me levou à escrita desse trabalho, mas deixarei as rotas (não lineares) que desenharam a minha subjetividade como pesquisadora e tradutora no Atlântico Negro (CARRASCOSA, 2017).

1.1 Início da pesquisa: passos orais, terrestres e aéreos

Em novembro de 2012, saí do sertão baiano para iniciar (ou continuar) a minha carreira como profissional e estudiosa das palavras. Após produzir e aprender no ensino básico, tive a oportunidade de realizar o mesmo no nível superior. O

conhecimento institucionalizado trouxe-me oportunidades únicas de crescimento intelectual, mas gostaria de apontar que tudo iniciou no meu lar, com a minha família, quando minha mãe recitava Vinícius de Moraes em forma de repente – às vezes as palavras fazem mais sentido nessa forma de cantar, pois é no repente que podemos recitar, e, ao mesmo tempo, bater palmas, usar instrumentos musicais, entre outras maneiras que o povo negro do sertão faz poesia. Para mim, o livro “A arca de Noé”, de Vinícius de Moraes, é um livro de repente — eu nunca mais consegui lê-lo de outra forma. A minha mãe não sabia quem era Vinícius de Moraes, mas sabia como fazer o repente usando as escritas dele que foram aprendidas de boca em boca lá no povoado da Lagoa. Foi também ao ouvir as histórias que minha mãe e vó Yayá contavam que aprendi a escrever e contar histórias; e foi ao ouvir os conselhos de vó Joana e os diálogos entre as comadres dela que aprendi que com as palavras somos capazes de resolver conflitos. Usando as palavras de Conceição Evaristo, posso dizer que aprendi a "assuntar" as mulheres da minha família.

Figura 1: Vó Joana e suas comadres conversando na calçada



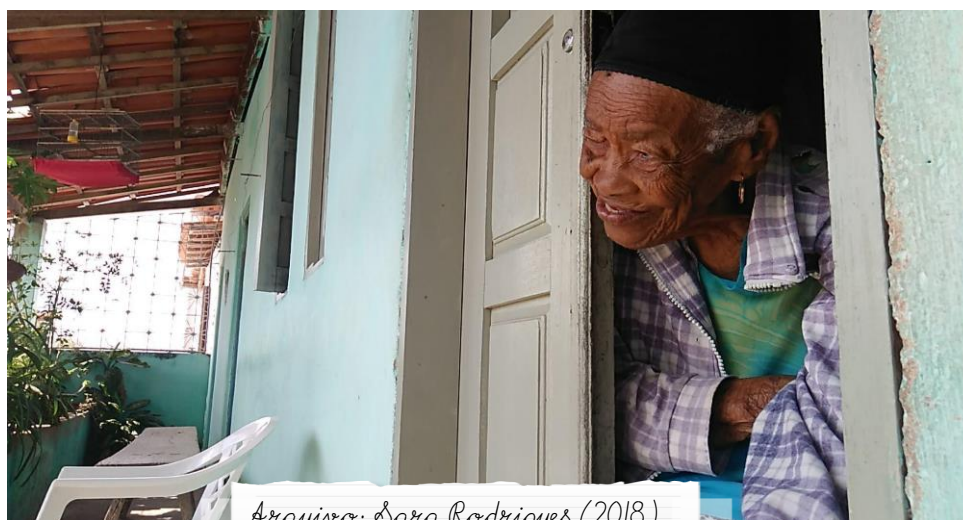
Na primeira foto, Vó Joana Bengo¹ (que Deus a tenha), mãe de painho, (com óculos escuros) está crochetoando enquanto aconselha a comadre que está deitada

¹ Até hoje não sabemos a origem do sobrenome Bengo. O nome da família de vó Joana registrado em cartório é sobrenome europeu, mas todos na cidade nos conhecem como Os Bengos. Coincidentemente, em uma aula de Kibundo, no grupo de pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro, fiquei sabendo que há um lugar em Angola com esse nome. Bem, como não sabemos, de fato, a origem, passei a adotar o Bengo como se fosse de origem angolana.

no chão. O assunto era divórcio, mas quem estava se separando era amiga da comadre que estava deitada. O conselho foi dado a ela para ser repassado à mulher que não estava presente. Em briga de marido e mulher, as comadres metem a colher. Lembro, como hoje, vó dizendo que não é vergonha separar e voltar, porque ninguém manda no coração. Tem que fazer o que quiser, sem pensar no que os outros vão comentar.

Na segunda foto, Vó Yayá (que Deus a tenha), mãe de minha mãe, estava me contando (pela milésima vez) das andanças que ela e vô Yoyô fizeram do recôncavo até o povoado da Lagoa, no município de Retiroândia. Mas são tantas cidades envolvidas, que até hoje eu não sei exatamente de onde eles vieram e como foram parar na nossa atual terra. Os pedaços de terras que eles araram, criaram bois e plantaram sisal ninguém também sabe dar notícias de como foram conquistadas.

Figura 2: Vó Yayá em mais um dia contando histórias



Arquivo: Sara Rodrigues (2018).

E como bem diz o título desse capítulo, ele se dedica a mostrar as recordações por onde passei. Para chegar em Salvador foi necessário circular pela Bahia, do norte ao sudoeste. Desde 1990, ano em que nasci, fiz esses cruzamentos terrestres, conhecendo e morando em algumas cidades do interior do estado. Mas foi exatamente em 1996, morando em uma casa que ficava na frente de uma rodovia federal (BR-324), em Riachão do Jacuípe, situada na região da Bacia do Jacuípe, onde eu passava os finais de tarde vendo aqueles carros e caminhões indo e vindo,

que surgiu o desejo de ir além. Eu me perguntava para onde eles estavam indo, pois eu queria ir também. Era naquele vai e volta da rodovia que eu sentia saudade dos lugares que eu nem havia pisado ainda, mas sonhava em ir. Os lugares não tinham nomes, nem endereço. Eu tinha apenas seis anos e pouco sabia de geografia, mas já sentia saudade do lugar que eu pisaria no futuro, ou que pisei no passado – o Banzo sempre esteve dentro de mim.

Foi assim que, em janeiro de 2019, embarquei para viver o sonho por via aérea. Saí do aeroporto internacional de Salvador com destino a Nova Iorque. Durante o caminho, ainda dentro do avião, foi possível visualizar a ilha de Cuba. Fiquei encantada, pois era exatamente igual às cartografias (na adolescência eu costumava olhar mapas com a minha mãe e decorar bandeiras de países com meus irmãos). Logo ali, tive um contato (mesmo que nas alturas) com mais uma diáspora africana — e foi emocionante! Horas depois, consegui visualizar a ponta da Flórida, que me fez lembrar das pontas de Salvador: Humaitá e Santa Maria. Foi a partir desse momento que eu percebi que já estava em território estadunidense.

Já em solo, como de praxe, lidei com as burocracias imigratórias. Não foi como eu esperava, afinal, um corpo negro sul-americano viajando gera um sinal de alerta para as autoridades. São, de fato, “os olhos que condenam”. Passado isso, finalmente comecei a viver algumas semanas nos EUA. Lá, pude ter contato com a comunidade negra: a cada troca de olhar, sentia que eu conhecia aquelas pessoas. Também percebia que elas sentiam o mesmo quando me olhavam. Não é de surpreender que apenas essas pessoas parecidas comigo eram as únicas que paravam para trocas, seja de informação ou de um convite para um culto evangélico. Nada novo para um país que também foi colonizado pelos europeus. Eu apenas peguei aquele folheto com a mensagem de Jesus Cristo e sorri para a mulher negra que me acolheu tão bem na estação de metrô em Manhattan.

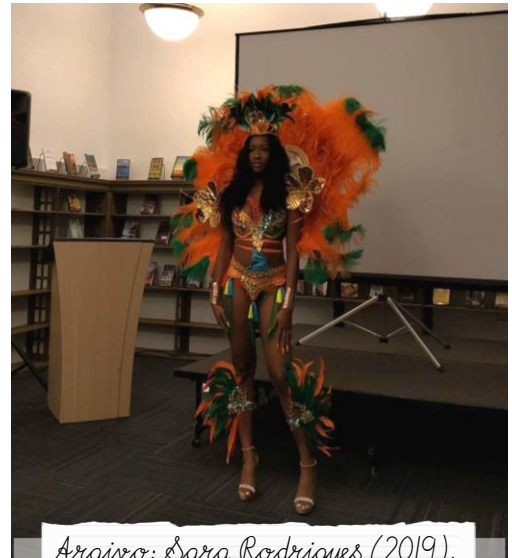
Ainda em Nova Iorque, conheci o Caribe dentro dos Estados Unidos. Eu não sabia que a população caribenha era forte por aquelas "bandas": jamaicanos, barbadianos, entre outras nacionalidades, estavam lá como diáspora dentro de outra diáspora. Alguns nasciam lá, pois eram filhos de imigrantes que chegaram nos anos 90. Apesar de nascidos em território estadunidense, percebi que eles sempre ressaltaram suas origens caribenhas, mantendo as tradições e se orgulhando de onde vieram.

Figura 3: Desfile de carnaval caribenho na biblioteca pública de Nova Iorque



Arquivo: Sara Rodrigues (2019).

Figura 4: Mulher caribenha desfilando na biblioteca pública de Nova Iorque



Arquivo: Sara Rodrigues (2019).

Figura 5: Celebração da African heritage na Baruch College



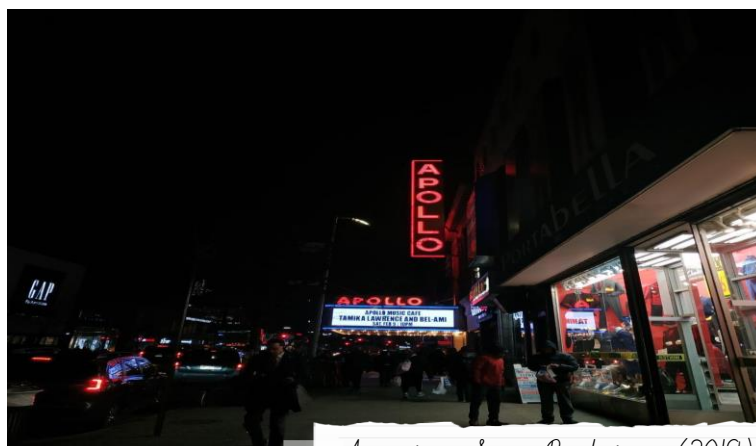
Arquivo: Sara Rodrigues (2019).

Figura 6: Autorretrato em Brooklyn, Nova Iorque



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Figura 7: Teatro Apollo, Harlem



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

*Figura 9: autorretrato em uma
Livraria nova-iorquina*



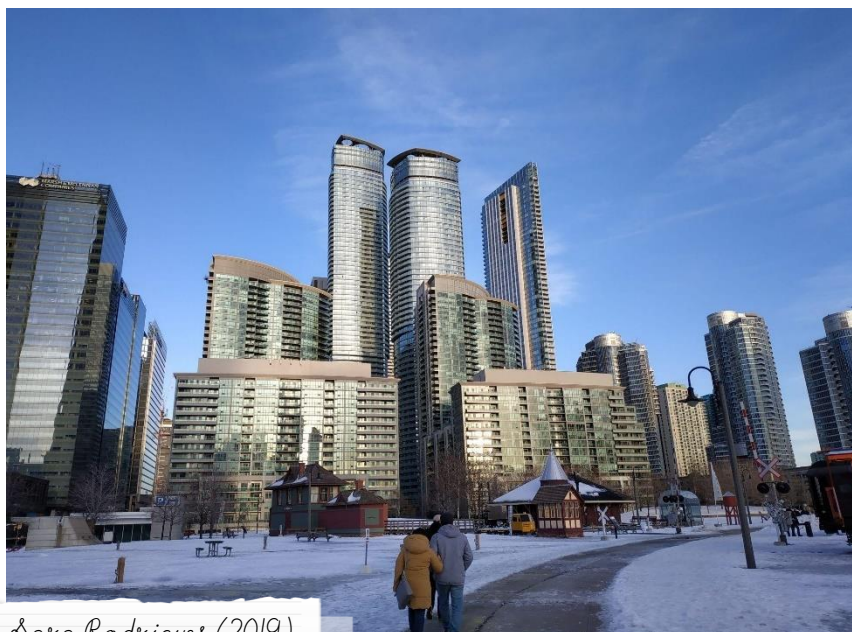
Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Figura 8: Schomburg Center for Research in Black Culture, Harlem



Após semanas nos Estados Unidos, subi ainda mais em direção ao norte. Fui parar em Toronto, no Canadá. Bem, eu fui criada no semi-árido da Bahia. Eu sou dos sertões, do sisal: Retirolândia, Valente, Santaluz, Conceição do Coité, povoado de Vista Bela (nós, pretos, chamamos esse povoado de "Lagoa") e a Bacia do Jacuípe — Riachão do Jacuípe. Eu sempre tive contatos com rios e açudes. E era bom. Ter contato com o frio e a neve do Canadá e Nova Iorque não me deu a mesma sensação que eu tinha na parte mais norte da Bahia. O chão de Toronto não era árido nem seco, era escorregadio e molhado por causa da neve. Isso me fez pensar que eu prefiro pisar no chão que me traz segurança. Por isso, no dia seguinte, após chegar no Canadá, peguei um voo com destino à África do Sul.

Figura 10: entre o azul do céu e o chão com aspecto de algodão - York Street, Toronto - Canadá



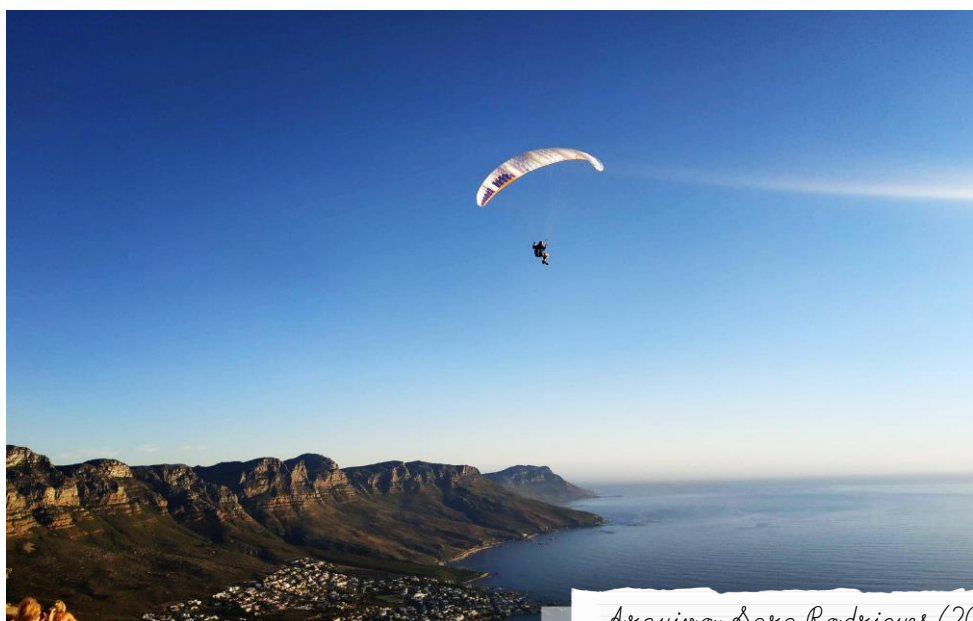
Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Eu não esperava que em 2019 eu fosse para a África do Sul, pois em meus sonhos eu havia planejado apenas uma viagem aos Estados Unidos. Na verdade, enquanto planejava o intercâmbio, a África do Sul foi cogitada, mas, em abril de 2017, fui apresentar um trabalho acadêmico na Universidade de New York, com meu amigo Noedson, e acabei me apaixonando pela cidade, logo, decidi voltar em 2019. Antes de chegar na Cidade do Cabo, fiz uma conexão em Paris. Ainda lá, troquei algumas palavras com mulheres sul-africanas e já me senti bem-vinda a partir daquele momento. No dia 18 de fevereiro, finalmente pisei em solos africanos pela primeira vez depois da saída dos meus ancestrais que cruzaram o atlântico — não por escolha — antes de mim. Dessa vez a travessia foi mais confortável e prazerosa. Talvez o “retorno” seja sempre menos doloroso que a “saída”.

Encantada com a Cidade do Cabo, cercada por montanhas e mar, comecei a transitar por ruas, rodovias e avenidas. Eu queria sentir a África. Pisar em solo, no sentido geofísico, não foi o suficiente. Inicialmente, não consegui senti-la, mas, com o passar do tempo, aprendi a criar estratégias. O sentimento brotou a partir do momento em que eu comecei a focar no mais importante: as pessoas. Envolver-me com africanos trouxe-me a oportunidade de experienciar o lugar, mesmo sentindo muitos resquícios coloniais. O café não é tão popular como no Brasil, mas pude tomar muito

chá. Isso te faz lembrar de algo? Não, eu não vi a rainha da Inglaterra pelas ruas de Cape Town, mas pude enxergá-la em várias senhorinhas brancas de cabelos curtos e grisalhos, com sotaque britânico e preparadas para tomar um chá da tarde. Bem-vindos à Cape Town. Tomei chá de *rooibos* com muitos africanos pretos, assim como eu tomava café no Brasil. E foi nesses goles que pude passar a sentir a África.

Figura 11: imagem capturada no topo da Lion's Head



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Nessas andanças, fui parar na biblioteca do bairro *Green Point*. Minha intenção era conhecer alguma autora ou autor da África do Sul. Cheguei à biblioteca e pedi para que a bibliotecária me indicasse algum livro. Ela recomendou "*The Heart of Redness*", de Zakes Mda. Como eu era turista e não podia levar o livro para casa, tentei ir todos os dias até lá, mas a distância do hostel onde eu estava hospedada era tanta que fui vencida pelo cansaço e desisti. Um dia, perambulando pelo shopping entrei em uma livraria e encontrei vários livros de Zakes Mda. Por impulso, comprei dois que estavam com preço acessível: o mesmo que eu estava lendo na biblioteca e *Our Lady of Benoni*. Foi a partir de *The Heart of Redness* que iniciei a minha pesquisa sobre Zanemvula Kizito Gatyeni Mda (Zakez Mda). Em algumas pesquisas feitas, descobri que ele iniciou a carreira artística como pintor e ao longo dos anos foi

desenvolvendo as habilidades com a escrita. Através dela, Mda aborda os retratos das realidades da África do Sul durante e após o Apartheid.

Patrono do *Market Theatre*, Zakes Mda nasceu em 1948, na cidade de Herschel, Eastern Cape, África do Sul, e passou a infância em Soweto. Em 1982, 12 anos antes do Apartheid, Zakes Mda e sua família foram morar em Lesoto como exilados, pois seu pai era advogado e ativista pelo fim do regime de segregação. Foi lá que o autor passou a escrever contos e obteve, também, o cargo de professor universitário. Além de Lesoto, o autor teve experiências profissionais nos Estados Unidos e Europa. Esses trânsitos o tornaram um homem global, não apenas pelas viagens, mas também pelas obras traduzidas para mais de 10 idiomas. Transitar é narrar.

Figura 12: autorretrato na biblioteca de Green Point, Cape Town



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Com nove romances publicados, ele explora temas como as causas e os efeitos de uma sociedade organizada nos termos do domínio e da exploração racial e do sexismo. Essas questões também são trabalhadas em mais de dez dramas publicados por ele. Em suas obras, a cultura sul-africana é abordada com um tom bastante político. As diferentes línguas faladas na África do Sul e as questões raciais e de gênero sempre ganham espaço em suas narrativas.

Além de escritor, Mda é um grande teórico do drama no continente africano. Seus artigos, ensaios e tese são estudados nas universidades dentro da África e também fora dela, como Estados Unidos, Europa, e, agora, Brasil. Em 1989, ele defendeu a tese de doutorado e, quatro anos depois, a publicou como livro, intitulado *When People Play People*. Nele, Mda explora o uso do teatro como veículo para o desenvolvimento social, e, juntamente com os seus variados métodos, acolheu boa parte da população de Lesotho, que era constituída, majoritariamente, por pessoas pretas da zona rural (MDA, 1993). O livro tornou-se um texto padrão para os estudos do teatro aplicado e comunitário na África (IGWEONU, 2015). Mda costuma trazer uma visão social e ontológica (HORN, 1990), além do humanismo universal afrocêntrico em seus trabalhos teóricos e literários.

Em seus dramas, o autor integra o teatro tradicional africano com as formas dramáticas europeias, incluindo as técnicas do teatro épico de Bertolt Brecht e o teatro do absurdo. Mas, pelo fato de Zakes lidar, inicialmente, com um público rural, ele teve influência sul-americana na aplicabilidade do teatro para o desenvolvimento. Augusto Boal é também referência no fazer dramático de Zakes, visto que ele realizou análises no livro *When People Play People*, sobre a aplicabilidade do Teatro do Oprimido, pois tratava de técnicas usadas no teatro para o desenvolvimento em áreas rurais, que, na época, era onde a maior parte da população em Lesotho morava.

Ele trabalha muito com a temporalidade. É muito comum encontrar resquícios do passado, presente e futuro da sociedade sul-africana. No que concerne ao futuro, Mda usa um tom profético em suas obras relacionadas à África do Sul pós-Apartheid. Nelas, o autor aponta uma África do Sul na qual a massa que foi marginalizada e que estava em desvantagem durante o regime de segregação continua enfrentando sérios problemas causados pelo modelo econômico e político adotado após o Apartheid. Ressalto aqui que a África do Sul, embora tenha como referência o comunismo cubano, segue, na prática, uma política econômica neoliberal. Assim, a África do Sul possui um Apartheid econômico, que marginaliza pessoas negras e imigrantes africanos.

O Teatro Negro também faz parte da essência na escrita de Zakes Mda, justamente pelo fato dele abordar a África do Sul marcada pelo regime do Apartheid, onde representava pessoas negras em condições marginalizadas. Para Zakes Mda (2005), quando as autorias são negras e viveram sob regime segregacionista, como

foi na África do Sul, esses autores não tinham o privilégio de passar meses escrevendo romances. O drama, bem como a poesia, eram as únicas possibilidades para Zakes Mda e outros escritores negros, pois são gêneros literários rápidos e urgentes, visto que as pessoas negras tinham emergência para saírem do estado em que se encontravam. Logo, tratava-se de escrita política e negra. A arte precisava ser performatizada, quando permitido, durante o Apartheid. O Teatro Negro sempre foi urgente e necessário durante aquele regime, com isso, não havia possibilidade, para Zakes Mda, de escrever drama sem usar a abordagem do Teatro Negro.

Deste modo, Zakes Mda contribui para que os estudos do drama africano sejam heterogêneos e que as diversas áfricas sejam divulgadas por meio da arte literária. Enquanto na Nigéria, o escritor e teórico Wole Soyinka constrói uma identidade étnica mística e histórica, Zakes Mda constrói as narrativas identitárias da África se baseando no Apartheid, porém, ambos mostram um humanismo universal e afrocêntrico (AGBOLUAJE, 2003). Isso demonstra que as diversas áfricas podem ser representadas por meio das literaturas, e que é de suma importância salientar as diversidades culturais e teóricas para não mistificarmos uma África homogênea, ainda sob a perspectiva colonial.

Para entender melhor a forma com que Zakes Mda trabalha, é necessário estudar os primeiros dramas escritos por ele, principalmente *We Shall Sing for the Fatherland* - primeira obra dramática premiada pela União Federativa de Arte Preta, em parceria com o Amstel Playwrite of the Year Society, no ano de 1979, em Soweto. Esse drama, escrito em 1973, é ambientado em um parque urbano de uma cidade não especificada na África. Lá, as personagens trocam diálogos sem mudar de ambiente. É possível encontrar essa mesma configuração em outros dramas dele. Ainda em *We Shall Sing for the Fatherland*, as personagens são nomeadas, em sua maioria, de acordo com as funções as quais elas exercem, ou o que representam para a comunidade. Nesse drama, temos *Old Lady* e *Businessman* como alguns dos personagens. É possível perceber que Zakes Mda continua nomeando seus personagens dessa mesma forma em outros dramas.

We Shall Sing for The Fatherland também aborda o neo-colonialismo na África pós-independência e a especulação da natureza do homem. Essas abordagens são feitas através de um estudo persuasivo entre as personagens (HORN, 1990). Realizar um estudo dentro do drama é também uma característica que aparece com frequência

em outros dramas de Zakes. O autor evidencia os conhecimentos que ele adquiriu durante a vida acadêmica, além de se colocar como um pesquisador do assunto proposto nos diálogos dramáticos. Essa peça é, de fato, o primeiro caminho para entender o que Zakes propõe. Será possível encontrar algumas dessas características descritas acima no drama *Our Lady of Benoni*.

Our Lady of Benoni foi o primeiro livro que comprei durante o intercâmbio. Não criei muita expectativa, mas eu continuava curiosa. Lendo sentada em uma das poltronas do hostel, fui levada para uma outra viagem e entrei na África do Sul já estando dentro dela. A partir de cada página lida, minha visão em relação às pessoas que eu via nas ruas não era mais a mesma. Eu imaginava cada um como se fosse uma das personagens do livro, principalmente as mulheres. Eu sentia que eu estava no livro ao andar pela cidade e sentia que estava nas ruas cada vez que lia. Nesse ciclo sem fim, não deu outra: senti a necessidade de estudar mais sobre o livro e o autor.

Figura 13: uma mãe carregando o filho voltando



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Figura 14: uma mãe no metrô



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

A foto à esquerda foi tirada em um dia em que passei a tarde no centro de Cape Town, conhecendo lugares novos. Gostei desse dia porque pude presenciar o

cotidiano de quem vive na cidade fora do contexto turístico. Passei pela estação de van, metrô e ônibus. No retorno, comprei um espetinho de coração e, no caminho de volta pra casa, avistei essa mãe carregando o filho nas costas. Peguei a câmera e acenei para ela perguntando se eu poderia fotografá-los. Ela olhou para mim, deu um sorriso, acenou que sim, olhou para o filho e fez essa pose. A foto à direita foi tirada em um dia de domingo no trem — meio de transporte que ninguém recomenda para turista, mas, curiosa, fui. Entrando lá, vi que havia muitas famílias retornando da igreja. A partir do momento em que percebi o público, conclui: "Bem, temos aqui pessoas comuns apenas usando mais um meio de transporte. Estou segura".

Como mostra a foto, há vários pedaços de papéis colados nas paredes dos vagões. Neles está escrito "aborto seguro". Após avistar vários nos vagões e também nas ruas, percebi que são de clínicas ilegais. Isso mostra que, por mais que o aborto seja legalizado na África do Sul desde 1996, muitas mulheres ainda recorrem à forma clandestina.

Figura 15: cartaz de propaganda de aborto em clínicas clandestinas



Arquivo: Sara Rodrigues (2023)

O ato de ler uma obra sul-africana estando no território em que a história se passa me trouxe uma facilidade: entender algumas palavras que eu não encontrava

nos dicionários. Eram palavras de línguas nativas da África do Sul ou até mesmo gírias em língua inglesa. Meus apoios linguísticos eram as pessoas que estavam perto de mim. Eu achei incrível a capacidade delas entenderem todas as expressões que estavam no texto dramático, mesmo a língua não sendo a materna delas.

No momento da leitura, eu já estava na função de tradutora negra, embora na hora isso não tenha passado pela minha mente. Mas o ato de traduzir estava ali, ao consultar outras mulheres negras acerca do assunto do drama e, até mesmo, o significado de algumas palavras. A minha pesquisa já havia começado desde o momento em que eu fui à biblioteca atrás de um livro. Não tinha intenção de realizar pesquisa de forma institucional, nem mesmo em fazer um mestrado, mas, ao finalizar o livro fui movida por esse desejo. Percebi que a obra merecia um estudo, pois a minha curiosidade sobre o autor e o texto não acabou no último ato do drama. Ele continua aqui nesse momento de escrita.

Foi então, em 2019, quando retornei ao Brasil, que apresentei o livro para o grupo de Pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro, grupo do qual fiz parte (e ainda faço) desde 2016. Lembro, como se fosse hoje, da professora Denise Carrascosa falando para guardar o livro porque eu iria estudá-lo. A fala dela acendeu uma chama que já estava começando. Então diz a seleção do mestrado na qual, graças à ajuda dos meus colegas do grupo de pesquisa e amigos, fui aprovada. Logo a pesquisa foi continuada, só que agora no Brasil.

Figura 16: confraternização do grupo de pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro, em Salvador



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Em novembro de 2020, durante a pandemia e já com o mestrado iniciado, aceitei meu próprio desafio de pegar um avião e voltar para a África do Sul, dessa vez, acompanhada de duas filhas: Kwena Dandara Masotla e minha dissertação que estava a caminho, ambas frutos da união entre África do Sul e Brasil.

Figura 17: Kwena Dandara dividindo espaço com um dos livros referenciados neste trabalho



Arquivo: Sara Rodrigues (2020)

Estando aqui na África do Sul desde 2020, pude realizar pesquisas de várias formas: idas às bibliotecas, teatros, casas de amigas, mídias (TV, rádio, jornal e internet). Mas, gostaria de salientar que uma das principais fontes da minha pesquisa são as trocas orais com as pessoas nascidas e criadas aqui durante e pós Apartheid. Além disso, o tema de *Our Lady of Benoni*, que trata sobre teste de virgindade, é um assunto popular, e todas as pessoas com quem eu conversei "despretensiosamente" possuíam alguma opinião e conhecimento sobre o assunto. Jamais esquecerei de um dia de domingo, na casa de uma amiga, mãe de família, em que estávamos assistindo TV e, coincidentemente, o programa estava transmitindo o *reed dance*, que é uma festa tradicional entre os zulus, nas quais as mulheres virgens se apresentam com

dança para o monarca. O diálogo que tive com ela foi uma das respostas para a minha pesquisa:

— E se a mulher não for virgem? — perguntei.

— Ora, se não for virgem, é só não ir. — respondeu.

— Mas todas as mulheres da etnia não são obrigadas a participar?

— Não exatamente. Se você não é virgem, é só não ir. Ninguém obriga.

Além dessas trocas com moradoras e moradores, pude experienciar trocas com teóricos e artistas, os quais me impulsionaram de várias formas com a pesquisa. Aqui destaco o meu encontro com o próprio Zakes Mda, autor da obra estudada. Foi numa tarde de sábado, no museu Iziko, comemorando o *Heritage Day*, que eu pude conhecer Zakes Mda. Naquele dia, ele deu uma palestra e abriu espaço para perguntas e respostas. Fiquei muito encantada com o auditório lotado de crianças e adolescentes, e todos eles interagindo com o autor.

Foi mais uma oportunidade de conhecer mais sobre ele e algumas de suas obras. Percebi que ele continua sendo um escritor que tem orgulho de propagar a África do Sul. Segundo ele, o país deve ser mostrado ao mundo porque é uma terra com muitos talentos. Zakes enfatizou que a arte popular é uma das coisas que faz a África do Sul rica. Nesse contexto, ele cita o estilo musical chamado Amapiano – estilo este que estou sempre ouvindo nas plataformas de streaming e que me faz apurar a minha compressão dos idiomas nativos sul-africanos.

Naquela oportunidade, pude dizer à Zakes Mda e toda a plateia que eu estava realizando uma pesquisa acadêmica sobre um dos livros dele. Aproveitei o ensejo para fazer uma pergunta acerca do título do livro. Prontamente, Zakes respondeu, agradeceu e ficou muito feliz por saber que a África do Sul estava sendo estudada do outro lado do Atlântico através de uma de suas obras. No final, ele me chamou para tirarmos fotos juntos. Voltei pra casa com uma forte energia em relação à minha pesquisa de mestrado. Muitas outras coisas fizeram sentido naquele dia.

Figura 18: encontro com Zakes Mda no Museu.



Frequentar espaços culturais foi uma das atividades as quais mais realizei desde que cheguei à África do Sul. Fui a museus, teatros, galerias e palestras. Além desses espaços, tive a oportunidade de fazer dois cursos de escrita criativa: um relacionado a gênero feminino, outro ao espaço da Cidade do Cabo. O primeiro curso foi realizado no centro de educação ativista Tshisiman. Foi nesse local que uma das professoras me indicou uma das referências que usei na escrita da dissertação: *The Methuen Drama Guide to Contemporary South African Theatre*. Mas, voltando a falar sobre os espaços culturais, gostaria de deixar aqui registrado que a minha primeira experiência indo ao teatro na África do Sul foi quando eu assisti a algumas peças no Festival de Teatro Zabalaza, que aconteceu nos palcos do teatro Baxter – que pertence à Universidade de Cape Town.

Foto 19: uma das peças do festival Zabalaza



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Minha segunda experiência indo ao teatro na África do Sul aconteceu em uma sala de arte de uma igreja Metodista no bairro Observatory. É muito comum que igrejas anglicanas possuam espaços para divulgação cultural e isso é algo completamente novo para mim, pois essa foi a primeira vez que vi uma sala de teatro em uma igreja cristã. Dessa vez, o festival era sobre dramaturgas sul-africanas. O festival tinha o intuito de divulgar novas escritoras negras. Lá, algumas mulheres e homens fizeram a leitura dramática de duas peças. Destaco aqui a primeira que ouvi, narrando um conflito em que uma jovem da zona rural estava enfrentando com a família por escolher ir para a cidade estudar, ao invés de casar. Isso me chamou a atenção.

É bem comum esse tipo de narrativa nos dramas sul-africanos, visto que ainda existe uma forte presença de pessoas morando em áreas rurais que propagam ideias patriarcais acerca do casamento. Durante a leitura dramática era perceptível a presença das línguas nativas. Observe-se que, boa parte dos dramas escritos em língua inglesa por pessoas pretas possuem resquícios fortes das línguas nativas, porque essa é a realidade multilíngue do cotidiano dos sul-africanos. Naquele dia, consegui apenas identificar o *Xhosa* por causa da sonoridade, que é bem específica.

No final da leitura dramática, os livros foram vendidos e autografados. Foi uma experiência inesquecível.

Figura 20: Leitura dramática em um teatro da igreja Metodista, em Cape Town



Arquivo: Sara Rodrigues (2019)

Ainda no momento da escrita desta primeira seção, estou vivendo na África do Sul, realizando pesquisas de diversas formas. O fato de viver aqui enquanto estrangeira, mãe e pesquisadora, me proporciona um olhar a mais em relação às minhas escolhas tradutórias e de escrita acadêmica. Esses encontros terrestres, náuticos e aéreos, que vem ocorrendo são os caminhos que me levam a essa escrita. Nada foi em vão ou por um acaso. Eu acredito muito nas pontes que são criadas a cada momento que tomamos uma decisão, e não foi diferente quando decidi colocar o pé na estrada. Tudo está registrado na memória e no papel. O intuito é contar histórias e guardar as recordações com afeto. Espero que esses registros tenham levado cada leitor e leitora a andar e viajar comigo.

Figura 21: O olhar de tradução de uma mãe negra imigrante que olha o olhar da filha em trânsito entre mundos afrodiaspóricos



Arquivo: Sara Rodrigues (2022)

Foto 22: Parte de uma exposição na Norval Foundation



Arquivo: Sara Rodrigues (2022)

2. Emancipação do teatro negro sul-africano e história de lutas das mulheres negras sul-africanas

Esta seção tem como objetivo explorar o teatro negro sul-africano como forma de expressão política e social na África do Sul durante e após o Apartheid. Ao longo da história sul-africana, o teatro negro, bem como outras formas de manifestações artísticas, têm desempenhado um papel fundamental na sociedade, permitindo que os artistas transmitam suas ideias, críticas e perspectivas sobre questões relevantes. Assim, é essencial examinar o teatro negro sul-africano como uma poderosa ferramenta para abordar as questões políticas e sociais que permearam o país durante o período do Apartheid. Além disso, o capítulo trará uma leitura crítica da peça *Our Lady of Benoni*, contextualizando-a com os momentos históricos da luta feminina negra sul-africana em relação à prática do teste de virgindade, cuja peça traz como tema central.

Foi através do teatro que artistas sul-africanos encontraram uma forma de expressar suas ideias políticas de maneira eficaz e urgente. A agenda com engajamento político ficava explícita no momento em que os artistas utilizavam o palco como uma plataforma para transmitir suas mensagens e críticas. Essas obras abordavam temas relacionados ao Apartheid, que, conseqüentemente, estavam interrelacionadas aos conflitos sociais e questões de classe. Assim, os artistas buscaram e buscam despertar a consciência do público sobre as injustiças e desigualdades presentes na sociedade sul-africana.

No entanto, pelo fato da África do Sul ser um país multilíngue e multiétnico, as vertentes do teatro foram variadas, tornando o teatro sul-africano heterogêneo. Porém, é importante frisar que essa heterogeneidade não quer dizer que o teatro alcançava todas as camadas sociais e que os teatros não hegemônicos foram sempre vistos na África do Sul. Para entender melhor essas heterogeneidades teatrais, descreverei aqui cada uma delas e como fizeram parte da cena artística do país.

O teatro sul-africano é dividido em: Teatro Inglês, Teatro Afrikaner, Teatro Alternativo e Teatro Negro, sendo que os dois primeiros são categorizados como teatro branco e tendo como línguas principais o inglês e o afrikaans. As peças carregam fortes influências ocidentais, principalmente da Europa e Estados Unidos. O Teatro Negro, bem como o nome já diz, trata-se do teatro feito com narrativas

negras, afastando-se de importações ocidentais e trabalhando com performance africana. O Teatro Negro tem como língua o inglês e línguas vernaculares de origem africana como o Zulu, Xhosa, Thonga, Pedi, etc. O Teatro Alternativo não é estritamente teatro feito por ou para pessoas negras, mas trata-se de um teatro não-branco para se contrapor a tudo que havia sendo realizado pelo Teatro Branco e hegemônico.

É importante ressaltar que, apesar dessas variadas vertentes do teatro, nem todas elas abordavam abertamente os conflitos sociais, de classe e étnicos existentes entre os oprimidos. Frequentemente, as peças teatrais evitavam retratar esses temas, inclusive quando se tratava das famílias afetadas pelas leis do Apartheid. Essa tendência limitava a representação da realidade sul-africana no teatro e restringia o potencial do meio como ferramenta de mudança social (Mda, 1996). Por outro lado, algumas vertentes do Teatro Branco tinham exclusivo interesse em propagar a cultura europeia, visto que muitos descendentes de colonos habitavam e ainda habitam a África do Sul. A ideia da criação de uma imagem nacionalista fez com que descendentes de holandeses, ingleses e belgos se juntassem para que uma África do Sul nacionalista fosse criada, e nada como uma representação artística para atrair imigrantes europeus que chegaram à África do Sul interessados na exploração das minas de ouro e diamantes.

O Teatro Branco tinha, unicamente, o interesse de atender a elite branca sul-africana, para isso, seguia as tendências do teatro britânico, estadunidense e europeu, tornando assim um teatro conservador e sem muitas possibilidades de ser experimental. No entanto, Temple Hauptfleisch and Ian Steadman 1987, nos mostra no livro *"South African Theatre: Four plays and an introduction"* uma figura super importante e influente para o teatro sul-africano e que nos faz questionar se o Teatro Negro pode ser feito por pessoas brancas. Athol Fugard, um dramaturgo branco, foi um dos nomes mais importantes da dramaturgia sul-africana e escreveu a peça *"Sizwe Banzi is Dead"*, tendo como co-escritor e diretor o dramaturgo negro John Kani. Zakes Mda explica que, nesse drama, a história gira em torno do personagem Sizwe Banzi, um homem negro que vive sob o regime do Apartheid em Port Elizabeth, na África do Sul. Sizwe se depara com as duras realidades do sistema opressivo, que limita suas oportunidades e restringe seus movimentos. Para encontrar trabalho e

sustentar sua família, Sizwe precisa obter um visto de trabalho, o que exige que ele carregue um livro de registro que controla rigorosamente seus movimentos.

O drama exemplificado acima segue o que o Teatro Negro tem como objetivo, que é abordar os conflitos sociais durante o Apartheid. Segundo Zakes Mda (1996), existe uma tradição de Teatro Negro nas principais áreas metropolitanas da África do Sul, por exemplo: ao longo de um período de cinquenta anos, é possível traçar em Joanesburgo o crescimento do Teatro Negro como uma evolução gradual em direção à consciência política e social. Começando na década de 1930 com o desejo de criar um teatro relevante para a vida e as necessidades do povo negro, esse teatro chega à década de 1970 em um ponto em que a consciência sociopolítica e o nacionalismo cultural convergem e produzem o "Teatro da Consciência Negra".

Um dos principais autores no desenvolvimento do Teatro Negro é Herbert Dhlomo, primeiro dramaturgo negro a publicar na África do Sul em 1935. Dhlomo se destacou pela essência de um de seus principais dramas, *The Black Bulls*. O drama tem como objetivo explorar persistentemente a interseção das esferas sociais, políticas e culturais de maneiras que, em muitos casos, não foram abordadas por obras dramáticas mais recentes (Mda, 1996).

De acordo com Peterson, 1991, o Teatro de Dhlomo retrata o poder que moldou as experiências africanas durante o século XIX, enquanto as lutas contínuas no século XX são simbolizadas de forma alegórica. As histórias dramáticas de Dhlomo abordam, principalmente, três temas importantes: os fatores que levaram à derrota das sociedades africanas independentes e à integração dos africanos no trabalho assalariado e em várias formas de dependência; críticas à legislação opressiva e discriminatória promulgada pelos governos pós-União; e a necessidade de se envolver na revitalização e reconstrução cultural, processos que Dhlomo via como elementos essenciais para a resistência e a libertação africana.

Além de Dhlomo, outras pessoas representantes da dramaturgia negra foram importantes para a sua propagação, como Mbongheni Ngema, que nos presenteou com o aclamado musical *Sarafina*, lançado em 1987 e ainda encenado nos dias atuais; e Matsemela Manaka, um dos fundadores do movimento teatral "Soweto Poets". Manaka ficou conhecido por sua escrita provocativa e poética e trouxe a peça teatral *Egoli: City of Gold*, que abordava a vida urbana na cidade de Joanesburgo e as

complexidades da sociedade sul-africana durante o Apartheid. A peça tornou-se um marco na história do teatro sul-africano (Mda, 1996).

Mas foi Gibson Mthuthuzeli Kente que ficou conhecido como o pai do Teatro Negro. Segundo Mda 1991, Kente foi menos politicamente consciente em comparação com os dramaturgos radicais da Consciência Negra, mas, apesar disso, ele desempenhou um papel pioneiro ao criar um teatro popular que captava a essência da vida cultural negra nas *townships*². Ao trazer o teatro para as periferias, Kente possibilitou que a comunidade negra tivesse acesso à arte teatral, que antes era restrita aos centros urbanos e à elite. Ele ajudou a democratizar o teatro, tornando-o mais acessível e relevante para as pessoas comuns. A partir de 1973, ele começou a produzir peças teatrais com um claro viés político, como a peça *How Long*, que abordava as leis de passe,³ e *Sekunjalo*, que foi considerada por ele a sua obra-prima. A peça era um aviso satírico à elite negra para que não oprimisse as massas após a conquista da liberdade (GREGOR, 2004). Seus musicais eram cheios de energia, repletos de drama e caracterizados por uma mistura de formas de dança e o uso de diferentes idiomas locais - Zulu, Xhosa, Sotho, inglês e Tsotsitaal (gíria das townships). Suas peças eram frequentemente alvo de censura e seus atores acabaram sendo presos, bem como ele, que foi detido em setembro de 1976 pela polícia.

Inicialmente, muitas peças do Teatro Negro sul-africano vieram em formato de musical, como foi dado o exemplo do musical *Sarafina*, e ocorriam nas *townships* do país, que são bairros pobres e afastados do centro da cidade. As apresentações nesses locais eram algumas das formas de aproximar a arte teatral do público preto segregado que não fazia parte da elite, pois o teatro em geral, inclusive o Teatro Negro, ficou algum tempo restrito aos liberais e à elite sul-africana, sendo encenados nos grandes centros de Joanesburgo e Cidade do Cabo. O legado do Apartheid deixou as pessoas pretas longe dos centros, tornando assim o acesso à arte distante. Por isso, os musicais em townships tornaram-se populares (HAUPTFLEISCH e STEADMAN, 1987).

² *townships* são regiões afastadas do centro da cidade. Lá, encontramos pessoas, em sua maioria, das classes menos favorecidas. Eu sempre escolho traduzir townships como favelas.

³ Em 21 de março de 1960, 69 crianças, mulheres e homens negros foram assassinados em praça pública pelo exército sul-africano no bairro de Sharpeville, na cidade de Joanesburgo. Motivo: terem saído às ruas, pacificamente, para reivindicar a extinção da Lei do Passe, que os obrigava a portar cartões de identificação com o registro dos locais por onde lhes era permitido circular.

Para que essas peças em *townships* fossem realizadas, foi necessário que artistas se unissem em prol do movimento e desenvolvimento do Teatro Negro. Para isso, grupos artísticos se concentravam em lugares como a *Dorkay House*, que tornou-se um dos principais pontos da União dos Artistas e deu origem ao primeiro grande musical com elenco completamente negro: a peça *King Kong*.

King Kong, um musical baseado na vida do boxeador Ezekial Dhlamini, reuniu artistas de diversas vertentes como: músicos de jazz, cantores, profissionais do teatro, professores, escritores, entre outros. A peça trouxe como características uma adoção dos modelos tradicionais de teatro para as novas formas urbanas de performances. Com isso, abordagens econômicas eram evidentes porque a peça traz um foco na classe trabalhadora que vive em áreas urbanas.

A performance do Teatro Negro sul-africano é marcado por algumas influências de grupos étnicos nativos da África do Sul. Segundo Steadman (1994), após a África do Sul passar décadas de domínio dos modelos eurocêntricos, foi a partir dos anos 90 que o Teatro Negro emergiu como uma força dominante. Presenciou-se um *boom* comercial associado às novas formas teatrais, tornando o crescimento e surgimento de companhias profissionais independentes mais elevadas. A oferta de cursos nas áreas das artes cênicas expandiu-se notavelmente, com a proliferação de instituições de ensino, como universidades e institutos técnicos. A indústria televisiva e cinematográfica também direcionou seu foco para dramas e entretenimento de temática negra. À medida que o sistema do Apartheid começava a "desaparecer", o Teatro Negro assumia a vanguarda na África do Sul.

Assim, antes da chegada dos primeiros colonizadores europeus no século XVII, os africanos da época pré-colonial praticavam diversas formas de performances dramáticas, como canções e narrativas encenadas. Essas expressões artísticas incluíam o *intsomi xhosa* e o *inganekwane zulu*, que continuam sendo adaptados e utilizados por dramaturgos até hoje. Além disso, nas peças e performances contemporâneas, é comum encontrar elementos inspirados nas tradições zulus do izibongo, que envolvem poesia de louvor, narrativas miméticas e danças cheias de expressão e gestos amplos (HAUPTFLEISCH e STEADMAN 1987). Portanto, o Teatro Negro bebe das tradições performáticas dos grupos étnicos nativos sul-africanos, e são essas tradições que fazem o Teatro Negro ser diferente do Teatro

Hegemônico. Isso quer dizer que levar a escrita ao palco requer, também, essas tradições que perpassam a escrita e que podem ser vistas ou ouvidas no palco.

Trata-se de singularidades como oralidades. Um leitor estrangeiro (refiro-me a um estrangeiro linguístico, não territorial) pode realizar a leitura do drama e se deparar com línguas nativas as quais eles não conhecem a sonoridade. A língua Xhosa, por exemplo, é uma língua Banta que tem como origem a língua Khoisan, ou seja, é uma língua de "cliques" que só pode ser identificada por um não falante caso ouvida por um falante. Isso quer dizer que há uma limitação em textos quando nos referimos a algo que só pode ser reproduzido por sons, ou reproduzido caso o leitor conheça a língua. Logo, o teatro Negro proporciona essa magia linguística que não basta apenas ler, tem que ouvir. Embora a minha experiência morando na África do Sul traga mais ou menos a ideia da sonoridade da língua, é apenas nos palcos (teatrais e do dia a dia na cidade) que consigo viver a experiência sonora dos cliques.

Steadman (1994) ainda descreve que essas formas de performance, assim como outras como rituais religiosos e cerimônias militares e políticas do período pré-colonial, foram negligenciadas por historiadores do teatro até a década de 1980. No entanto, essas tradições de performances indígenas não devem ser vistas apenas de forma histórica. Elas ainda são constantemente praticadas e recriadas pelo Teatro Negro, se adaptando às circunstâncias históricas e mudando de identidade. Essas tradições perduram até os dias atuais e são adaptadas para novos usos, e em alguns casos, até mesmo comercializadas. Assim, o Teatro Negro, além de denunciar as mazelas trazidas pelo Apartheid, foi capaz de expor o que a população negra tinha de mais incrível nas suas tradições.

O teatro negro sul-africano desempenhou um papel crucial durante e após o Apartheid, permitindo que os artistas expressassem suas ideias e perspectivas sobre questões sociais e políticas. Enquanto o Teatro Branco muitas vezes privilegiava a cultura europeia e atendia à elite branca, o Teatro Negro procurava representar a realidade sul-africana, abordando os conflitos e lutas das comunidades negras. Essa forma de expressão artística foi uma poderosa ferramenta de resistência e transformação, proporcionando uma voz para os sul-africanos narrarem suas histórias, expressarem sua identidade e desafiarem as estruturas de poder opressivas. O legado do Teatro Negro sul-africano continua a inspirar artistas e a

promover a justiça social, enquanto celebra a diversidade e busca por um futuro mais igualitário.

2.1 *Our lady of Benoni*: uma breve peregrinação pelo drama

Benoni é um nome de origem hebraica que significa “filho da minha tristeza”. Podemos encontrar esse nome no livro de Gênesis da Bíblia Judaica/Cristã, ao lermos a história de Raquel, mulher estéril, mas que sonhava em ter filhos e, por um milagre, conseguiu engravidar, mas após ter engravidado e dado luz, ela morreu. Antes da morte, conseguiu dar nome ao filho, que se chamou Benoni, por ter ligação com a tristeza dela de não poder gerar. A nomeação da cidade Benoni se deu a partir do momento em que um grande fazendeiro sentiu dificuldade de realizar a demarcação de terras. Para ele, esse momento foi doloroso, logo, a comparação entre a demarcação de terra e o sentimento de Raquel.

Benoni é uma cidade localizada no município de Ekurhuleni, que fica na província de Gauteng, África do Sul. Embora o título da peça carregue o nome dessa cidade, o drama é ambientado na cidade de Joanesburgo, que fica a 34 quilômetros de Benoni. Durante o enredo, as personagens sempre se encontram em uma praça na cidade de Joanesburgo, porém, é possível que nós, leitores, sejamos transportados à Benoni e a outras cidades citadas na peça através das histórias contadas pelas personagens. Joanesburgo é a maior cidade da África do Sul, e é lá que acontecem os grandes negócios e, também, é para lá que os sul-africanos migram em busca de oportunidades, o que não foi o caso do Professor, uma das personagens do drama.

O Professor – cujo nome da personagem se limita a esse, pois trata-se de um homem que passa a maior parte do tempo lendo jornais e livros, mora nessa praça e não tem casa. A razão que o levou a morar em Joanesburgo está associada a problemas sexuais que enfrentou com a ex-noiva, na cidade de Kwa-Vimba que fica na província de Kwazulu Natal. De lá, veio também MaDlomo, uma outra personagem, que trabalha limpando as ruas de Joanesburgo e, coincidentemente, foi transferida para limpar a mesma praça onde o Professor mora. Além do trabalho, Madlomo migrou também por causa de problemas sexuais, que a filha dela, ainda bebê, passou.

Seu Stewart é uma personagem que está sempre com o Professor na praça. Não se sabe a origem dele, mas ele é descrito como um homem branco, com sotaque

britânico e que, vez ou outra, se atrapalha com seu próprio sotaque e acaba misturando com o sotaque sul-africano. O primeiro ato da peça é, basicamente, um jogo de conversas entre Seu Stewart e Professor, mas vez ou outra ocorre uma intervenção entre eles e o Vendedor de Sorrisos — um garoto entre seus 15 e 16 anos de idade, morador de rua e que, igualmente a Seu Stewart, trabalha no semáforo. O Vendedor de Piadas vende piadas no semáforo e seu grande sonho é compor a melhor piada de todos os tempos e ficar milionário. Thabisile é uma personagem que aparece apenas no segundo ato, porém foi citada pelo Professor no primeiro ato, visto que eles já foram noivos, e foi necessário o Professor citá-la durante algumas conversas com Seu Stewart e Dona MaDlomo.

O drama se passa no outono de 2006, 12 anos após o fim do Apartheid e, com isso, o autor traz como tema principal um assunto que não fez parte da agenda política sul-africana durante o regime segregacional: a questão de gênero e os problemas relacionados a isso. O enredo nos mostra que a África do Sul enfrenta uma crise concernente à sexualidade e, mais especificamente, à sexualidade feminina. Para isso, a questão da virgindade é o tema central da peça, embora ela apareça de forma sutil durante a maior parte do enredo. A questão da virgindade é colocada à baila a partir do momento em que as personagens começam a contar histórias que aconteceram na vida deles. O que é intrigante é que, inicialmente, são apenas os personagens masculinos falando sobre virgindade feminina, isso nos leva a concluir que um tema totalmente feminino sempre esteve na discussão entre homens. Não é à toa que o autor faz questão de colocar o Professor como uma das figuras centrais da peça e, também, como o conhecedor do assunto.

A figura feminina, representada pela personagem Dona MaDlomo só vai aparecer na segunda cena do primeiro ato, e assim, o drama passa a dar voz ao gênero feminino. É através de Dona MaDlomo que passamos a perceber o quão o cristianismo influencia a opinião das personagens. Dona Madlomo é uma mulher formada para testar a virgindade das meninas do povoado em que morava, logo, ela é uma defensora do teste e tem a bíblia cristã como referência no estilo de vida. Além disso, a personagem defende as tradições do seu povo, mais especificamente as tradições oriundas dos Zulus — etnia que ainda pratica o teste de virgindade. É perceptível que a personagem transita entre a tradição étnica e os costumes cristãos, fruto da colonização, porém ela não faz essa diferenciação entre doutrina cristã e

tradição dos povos africanos nativos. Dona MaDlomo é sempre questionada pelo Professor nesse sentido, pois ele, durante as conversas trocadas, faz questão de colocar em evidência o conhecimento científico para refutar as práticas que Dona MaDlomo acredita ser parte da cultura dela, como mostrado, a seguir, nos dois trechos retirados do drama:

"[...] PROFESSOR: Uma mulher à procura do hímen? Mas eu pensei que Vesalius já havia encontrado, lá pelo século dezesseis."

"[...] MADLOMO: Quando seu Vesalius descobriu o hímen, nossos ancestrais já sabiam bem antes dele".

O Professor e Seu Stewart são dois homens que tiveram experiências que marcaram a forma que eles enxergam a virgindade. O Professor, antes de se mudar para Joanesburgo, morava em KwaZulu-Natal e lá teve um relacionamento com Thabisile. De acordo com o Professor, ela era virgem e só manteve relação sexual quando eles se casaram. Porém, na manhã seguinte após a noite de núpcias, as mulheres do povoado foram até o quarto onde eles estavam para averiguar se existia marca de sangue no lençol. Como não foi encontrada, a comunidade concluiu que Thabisile não era virgem, e após isso, ela foi linchada pela comunidade, ao ponto de ser comparada com uma prostituta.

Após o ocorrido, o Professor mudou-se para Joanesburgo e passou a estudar a fundo sobre a história da virgindade. Seu Stewart teve uma experiência diferente, porém marcada também pela sexualidade. Seu Stewart se relacionava com uma mulher branca. Danni trabalhava com ele no sinal, mas além disso ela tinha algo de especial, segundo Seu Stewart: era virgem e tinha consagrado a virgindade dela a Deus, sendo assim, eles não mantiveram relações sexuais, embora ele desejasse. Certo dia, Danni foi levada por outros homens, e separada de Seu Stewart. Após isso, ele passa a ter o desejo de ir à Benoni, pois segundo a notícia, uma jovem desta cidade viu a Virgem Maria. Para ele, Benoni passa a ser um lugar sagrado, então ele acredita que é através de uma peregrinação a Benoni que ele vai conseguir Danni de volta. O desejo dele é encontrar com a Nossa Senhora de Benoni.

É perceptível que o autor fez escolhas certas em relação a cada nome dado, entre eles nomes das personagens e lugares. Com a escolha de Benoni, cidade escolhida para ser o lugar sagrado, é possível perceber que o autor está sempre jogando com a tradição, colonialismo e cristianismo. Apesar de que a questão da

virgindade esteja presente em várias culturas, Zakes faz escolhas de nomes para que possamos fazer ligações mais com as tradições cristãs do que com a tradição dos povos nativos, fazendo com que nós, leitores e pesquisadores, passássemos a concluir que a resposta da questão da virgindade e o teste seja associada aos costumes cristãos. A imagem da Virgem Maria, como figura sagrada e pura, pode ser representada através de Danni, da menina que viu a imagem da Virgem Maria e, principalmente, pelo título do livro *Our Lady of Benoni*, que já traz essa carga religiosa e de pureza.

A trama acontece de várias formas, e o autor traz humor, ironia e, até mesmo, questões teóricas. É através de jogos nas falas que somos capazes de conhecer fatores culturais sobre a África do Sul, principalmente nas figuras de Dona MaDlomo e do Professor, sendo que este os mostra de forma mais teórica, e a primeira personagem está sempre em defesa das tradições nativas e cristãs. O Professor se apresenta como um pesquisador, logo, é possível, ao longo do drama, identificar algumas questões teóricas relacionadas à sexualidade e, mais especificamente, à questão da virgindade. Dona MaDlomo é uma defensora do teste, já o professor é totalmente contra e argumenta seu ponto de vista através dos livros que está sempre lendo.

Essa trama de Zakes Mda é o retrato do que acontece na África do Sul pós Apartheid em relação à sexualidade. O autor evidencia, através das personagens, opiniões que são dadas fora da ficção, tanto que a impressão é que o leitor está diante do jornal que o Professor costuma ler, do drama e, de fato, Zakes Mda (2012) diz em uma entrevista publicada nas partes introdutórias de *Our Lady of Benoni* que uma reportagem em uma jornal popular da África do Sul o intrigou e o fez querer escrever o drama. A matéria falava da aparição da Virgem Maria para uma menina em Benoni. Essa notícia é posta no drama como ficção, mas no nosso imaginário é possível lembrar de notícias como essa, inclusive no Brasil. O autor traz esses eventos para a ficção quando Seu Stewart guarda consigo um pedaço de pão torrado, no qual ele alega que nele há a imagem da Virgem Maria.

Além disso, o drama mostra características da África pós Apartheid que está relacionada à tensão racial. Para isso, único personagem branco, Seu Stewart, está sempre em tensão com Professor, pois, para Stewart, a África do Sul pós Apartheid se transformou em apenas pauta racial, e que tudo é justificado pela raça. É

perceptível que Seu Stewart não gosta quando Professor relaciona os problemas atuais de raça e sexualidade com colonialismo, branquitude e Apartheid. Para Dona MaDlomo, o Professor foi corrompido pela ciência e, por isso, ele não é mais a favor da cultura dos povos nativos. Para MaDlomo, ser contra o teste de virgindade é ser contra as tradições, povos e costumes. Em outras palavras, para ela, ser contra o teste virgindade é ser a favor dos brancos e contra a tradição negra. Para Madlomo, o Professor é um homem embranquecido por se utilizar muito da ciência em suas opiniões.

Assim, a questão de raça é posta à baila na trama, o que não seria algo novo na maioria das obras sul-africanas pós Apartheid. Então, é possível encontrar nessa obra uma intersecção entre raça, gênero e classe, visto que três das personagens são moradoras de rua, evidenciando assim uma realidade de classe que envolve, inclusive, pessoas brancas. Mas o drama salienta que, mesmo que Seu Stewart more na rua, ele goza de privilégios brancos, por exemplo, ao citar que os motoristas sempre dão muito mais dinheiro aos brancos do que aos negros, e que eles não precisam de muito esforço para isso, ao contrário do Vendedor de Sorrisos, que tem planos mirabolantes para se destacar mais no semáforo.

Ainda assim, a raça e a classe se inter cruzam a partir do momento em que Seu Stewart não é mais visto como branco pelo Vendedor de Sorrisos, pelo fato de Stewart viver a mesma realidade de rua que ele, enquanto o Professor não enfrenta essa mesma realidade. Para o Vendedor e MaDlomo, o Professor é embranquecido, e Stewart é negro.

Isso é, nada mais, nada menos, do que o pós apartheid representa na sociedade sul-africana, aonde brancos dividem espaço no sinal com negros e, mesmo assim, usufruem do privilégio que a branquitude concede, inclusive de ser chamado de “Lord”, enquanto as personagens negras não são chamadas pelo nome, são apenas chamadas pelo que elas representam, e é isso que acontece com Professor e Vendedor de Sorrisos, ambos homens negros sem nomes próprios. Apenas é dado nome às personagens do sexo feminino, o que é um motivo de investigação.

A questão da saúde pública é também tema do drama. Durante a epidemia mundial da AIDS, a África do Sul foi um dos países que teve dificuldade na superação da doença. Então o autor mostra que a AIDS ainda está presente na África do Sul (embora exista tratamento gratuito por meio da terapia antirretroviral nas unidades de

saúde públicas em todo o país desde 2004) e que muitos mitos acerca dela correm em todo o país. Além disso, o autor traz a questão do estupro de mulheres e crianças, e como isso está relacionado à cura da AIDS e à pureza.

O drama, publicado em 2012, é dividido em dois atos, sendo o primeiro dividido em duas cenas e o segundo em três. Por se tratar de uma peça escrita na África do Sul pós Apartheid, o autor traz características de um drama político que questiona as demandas que foram negligenciadas durante o Apartheid, mas que sempre estiveram lá. Para isso, o drama é transformado em uma grande sátira, que é capaz de levar o leitor a sentir um pouco de paz e leveza perante a algumas informações pesadas que são postas no drama. Por isso que, ao nos depararmos com o texto dramático, seremos surpreendidos por ironias e sarcasmos. Mda, através das personagens, faz críticas aos representantes políticos, líderes religiosos e de grupos étnicos. É ainda através das sátiras que conseguimos identificar as tensões raciais, grupos étnicos e diferenças religiosas. É através dela, também, que o autor desmistifica ideias enraizadas, mas é, também, na sátira, que as tradições são postas como válidas.

Escrita por um homem negro e dentro de um contexto interseccional entre raça, classe e gênero, o autor traz algumas características do Teatro Negro sul-africano. Mda destaca a presença de algumas línguas nativas africanas, entre elas o Isizulu, Xhosa, Sesotho etc, como mostrado nos trechos do drama a seguir:

"[...] PROFESSOR: *MaDlomo! Nguwe lona?*

MADLOMO: Sim, sou eu. O que você está fazendo aqui?"

"[...] MADLOMO: Eu acho que faz uns dez anos desde que você foi embora. *Ngiyabona ke manje ukuthi nihlata nabelungu la eGoli*; este é o motivo por que tu não quer voltar para casa."

Essas marcações linguísticas mostram o que a África do Sul é, pois apesar de ser escrita em língua inglesa, as línguas africanas ganham destaques que são capazes de trazer a impressão de que ao ler o drama, o leitor tenha a sensação de que está andando pelas ruas da África do Sul e, no meio da língua inglesa e línguas africanas, ganham vozes quando menos esperamos. Como estratégia, o autor não

traduz para o inglês dentro do drama, isso traz uma sensação de mistérios no texto, nos quais as línguas africanas proporcionam. Assim, o leitor é levado a questionamentos dentro do próprio texto, mas sem perder o ritmo de leitura.

A presença de provérbios africanos e gírias de lugares específicos na África do Sul é encontrada no drama. O provérbio, especificamente, vem dos gestos, já as gírias, vem das townships (favelas) sul-africanas, deixando, assim, o texto diversificado, com uma linguagem da estética dos povos tradicionais, mas, ao mesmo tempo, com uma modernidade através das gírias urbanas. Os provérbios são característicos dos povos africanos. Isso mostra que o autor mantém também uma estética oral no texto, desafiando o leitor e tradutor a embarcar nos significados e força que esses provérbios trazem. As gírias são mantidas no texto como se fossem uma outra língua, e, às vezes, há uma mistura de uma língua africana com uma gíria. Porém, o texto não apresenta gírias em língua inglesa, isso ocorre porque nas townships os moradores pretos falam predominantemente as línguas nativas africanas, e os coloureds⁴ falam inglês com um sotaque específico, pois misturam com o sotaque dos afrikaners. Logo, percebe-se que o drama tem um compromisso com o realismo e fala com as pessoas. Para isso, a linguagem é objetiva até mesmo quando uma das personagens destaca o modo científico de pensar a virgindade.

A variação da língua inglesa é também marcada no texto dramático, seja pela forma gramatical, ou pela mistura entre línguas, pois no que concerne à literatura africana, podemos perceber especificidades na linguagem e, especificamente na literatura sul-africana há, em destaque, uma diversidade de modificações na língua inglesa, entre elas o uso de socioletos, acroleticos, mesoleto e muitas variedades do inglês preto sul-africano. Essas variações trazem também uma linguagem realista ao texto. O realismo é uma das principais características desse drama, a começar pela configuração do local da peça, que é em um parque de Joanesburgo, com moradores de rua e personagens que sempre estão atentos às políticas e às questões de raça. Tudo isso é um retrato do que a África do Sul se tornou após o Apartheid. O texto mostra que política está na boca dos mais e dos menos instruídos, das zonas urbanas ou rurais.

⁴ Diferente da noção estadunidense, a palavra coloured, para os sul-africanos, não carrega o tom pejorativo. Os coloured possuem suas próprias culturas, modo de falar, vestir e viver na sociedade. Por isso que optei em manter essa palavra no texto.

Outra forma de mostrar o realismo do texto é quando o autor traz continuamente a questão de gênero. A atual África do Sul é marcada pelo patriarcalismo que coloca as mulheres e crianças em um “regime de verdade”. Se a África do Sul, durante o Apartheid, colocava a questão da raça em evidência, após o Apartheid a questão de gênero ganhou mais notoriedade e, com isso, a literatura contemporânea passou a abordar sobre as novas demandas da sociedade. Assim, não seria diferente nessa peça de Mda, que já carrega no título toda a temática do texto dramático. E, ainda sobre o patriarcalismo, o texto deixa em evidência a opinião masculina acerca da virgindade, por isso que a personagem MaDlomo aparece após ficarmos fixados aos personagens masculinos, e sendo guiados pelas opiniões deles.

O fato é, a questão da virgindade feminina está, não apenas na ficção, mas também na realidade, nas mãos e bocas dos homens, mesmo que entre eles a opinião seja contrária a essa dominação masculina. O que se percebe através do texto dramático é que, até quando a opinião é vinda de uma mulher, ela é carregada de patriarcalismo.

É possível identificar no jogo do poder, nas normas e padrões para regulamentar o modo de vida da população, os principais corpos nos quais esse poder será direcionado para os possíveis controles. A soberania, segundo Mbembe (2004), — que não é centrada apenas na figura do Estado — direciona quando, onde e como as regulamentações do corpo feminino serão operacionalizadas.

A sexualidade dessas mulheres passou por essa soberania antes, durante e depois do regime Apartheid. Com isso, o estudo genealógico, principalmente após o “fim” do Apartheid, está incluso nesse trabalho, visto que o *corpus* dessa pesquisa narra, justamente, como essas mulheres se encontram, e de como as estruturas do poder as tratam, tendo em vista o teste de virgindade em meninas e mulheres negras sul-africanas, e a história de luta dessas mulheres.

Foi observado por mim, no texto dramático e através das falas das personagens, que cada fala é uma análise do agora, mesmo que seja perceptível uma nostalgia vinda de alguns personagens. Nostalgia essa que vejo a cada conversa que tenho pessoalmente com alguns sul-africanos, em sua maioria homens. É perceptível, ao me olhar como pesquisadora, que, na África do Sul, não muito diferente de outros países, as pessoas, sejam elas “intelectuais” ou não, estão sempre debatendo acerca das decisões tomadas pelo Estado e pelos grupos tradicionais. Não é um assunto que

se esgota, muito pelo contrário, ele está sempre presente enquanto existir, ali, corpos. A formulação da nova constituição da África do Sul continua em constante mudança desde o fim do Apartheid e, segundo estão sempre enfatizando alguns estudiosos e pessoas críticas, na academia ou em mesa de bar, a constituição não pode oprimir ninguém. Não mais. É por isso que o Estado, com os grupos tradicionais estão sempre revendo as formas de viver, tentando respeitar a tradição e a constituição, porém, nem sempre as decisões são aceitas de forma positiva pela população, então entra aí a questão do debate nunca ter fim e ser algo do presente.

A soberania na necropolítica traz consigo a premissa de que os poderosos têm esse direito de controle dos corpos, tornando-os vítimas das guerras, sejam elas biológicas ou ideológicas. Diante das decisões do controle, fica marcado quem deve viver e quem deve morrer, ou seja, um biopoder que se opera em diferentes esferas sociais. O Estado é um dos principais responsáveis por esse poder soberano, porém, o drama nos revela que os corpos das mulheres negras sul-africanas estão, por muito tempo, subjugados a esse biopoder em diversas formas de soberanias, tornando a prática do teste de virgindade algo normalizado, tradicional e culturalmente aceitas. Mbembe (2008) aborda que “a expressão máxima da soberania é a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais”. Nesse sentido, a tradição e o Estado são um dos principais soberanos agentes das estruturas do poder sobre os corpos negros femininos, ou seja, no debate do que deve ou não continuar sendo operacionado, a mulher continua sendo a vítima dessas estruturas do poder.

É possível, por meio dos grupos tradicionais, identificar normas através da figura de um soberano, mas, através da vigilância, essas normas se perpetuam. Para não ser generalista e cair na narrativa de homogeneização dos povos negros africanos, gostaria de apresentar minuciosamente como um grupo étnico específico lida com o teste de virgindade, e como a figura soberana, representada por um rei, trata a questão do teste nos povos tradicionais. Para isso, priorizei a Nação Zulu, uma das etnias em que o teste de virgindade é mais forte, e que no drama é a etnia que mais aparece na narrativa, seja de forma linguística ou geográfica.

Na definição de quem controla esses corpos através do teste de virgindade, seja proibindo ou lutando pela permanência, é possível notar que o poder está ali estruturado não apenas na figura do soberano, mas também por dispositivos e

estruturas disciplinares. Ou seja, na manutenção das práticas que reprimem a sexualidade dessas mulheres, são acionados dispositivos para existir uma vigilância; são dispositivos como escolas, igrejas, famílias, etc.

Na prática, essa relação de poder é distribuída em diversas escalas. Há, em Kwazulu, província sul-africana, onde a maioria dos povos Zulus moram, uma cerimônia para celebrar a virgindade das mulheres. A cerimônia, a qual assisti na TV, na casa de uma amiga, é tão linda que fui capaz de me questionar o porquê de eu estar pesquisando sobre o tema.

A cerimônia acontece anualmente no mês de setembro em Kwazulu-Natal e é chamada "Umkhosi Womhlanga". Durante a celebração, elas se apresentam para o Rei dos Zulus, com a *rede dance*. Ter esse *status* na cultura deles é motivo de orgulho e prestígio, por isso muitas mulheres se voluntariam para participar. Não é permitida a entrada de meninas e mulheres que não sejam mais virgens.

Isso me fez refletir que o poder cria vislumbres para a manutenção de algumas práticas. A imagem da mulher pura, imaculada, a *our lady of Benoni* ou de qualquer outro lugar do mundo, tem sido perpetuada através do aparelho religioso, que funciona também como dispositivo de vigilância. A desonra, a não pureza e o quão isso pode ser vergonhoso, cria um estado de controle de mulheres, colocando-as em situações de escolhas que, de toda forma, mesmo que teoricamente, ela esteja exercendo uma liberdade, o estigma criado pelos preceitos religiosos estará sempre as vigiando.

Segundo Foucault, o poder é essencialmente repressivo. O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. Esse poder, advindo de dogmas religiosos e, para ser mais específica, dogmas cristãos, tem colocado essas mulheres numa posição de escolhas e não escolhas. A escolha do título do drama faz uma ligação com o poder religioso e o ideal de mulher no modelo de uma sociedade com resquícios de ocidentalismo, colonialismo e patriarcalismo. A imagem de uma mulher sem mácula é uma das representações de poder que reprime a sexualidade e os desejos dessas mulheres. É um poder que se intercrucza entre os grupos tradicionais africanos e ideais coloniais. Ser uma "lady", ou melhor, uma "nossa senhora" exige da mulher uma pureza que ultrapassa os instintos naturais. A imagem das Marias, ou das virgens Marias são perpetuadas nas sociedades colonizadas. Como este ponto despertou meu interesse, concentrarei minha análise nestes aspectos específicos abordados acima.

2.2 Teste de virgindade sob as perspectivas dos sul-africanos

No momento da minha pesquisa, foi possível perceber que as referências buscadas estavam com um olhar ocidental sobre as tradições de alguns grupos étnicos da África do Sul. Não é minha intenção descartar os conhecimentos ocidentais, mas, para que eu não caia no epistemicídio, proponho trazer alguns olhares sobre o assunto vindo de pessoas da África do Sul, pois “O outro era a ideia filosófica que somente os seres humanos do Ocidente eram, por natureza, dotados de razão, sendo assim a única e autêntica personificação da famosa afirmação aristotélica ‘o homem é um animal racional’” (RAMOSE, 2011, p.7, grifo do autor). Sabendo que os sul-africanos são donos das suas próprias epistemes, embora as leis, religiões e sistema educativo possuam influências ocidentais, é possível perceber que os grupos tradicionais continuam buscando e trazendo suas próprias epistemologias e ideais de vida. Gostaria também de ressaltar que o teste de virgindade passou a ser debatido, principalmente, no pós Apartheid, bem como, em outros países, o tema sobre a mutilação feminina tem sido discutida. Almeida (2021) nos mostra que durante as Conferências das Nações Unidas para as Mulheres entre 1975 e 1985, em diferentes cidades, como México, Copenhague, Nairobi e Pequim, foram adotadas diversas estratégias e ações visando a erradicação da prática da circuncisão feminina. Atualmente, há um progresso significativo nesse sentido, com quase duas mil comunidades africanas abandonando essa prática, e países como Uganda, Quênia e Guiné-Bissau implementando leis para proibir a circuncisão, demonstrando uma mudança positiva nas atitudes sociais e culturais em prol da proteção e dos direitos das mulheres. Na África do Sul, a nova constituição tem buscado abarcar diversas camadas da sociedade, incluindo a questão de gênero e as demandas dos povos tradicionais. Com isso, os grupos tradicionais, movimentos de mulheres e o Estado vem tentando dialogar para que a nova democracia não esteja ferindo, mais uma vez, os grupos minoritários.

Para fazer um apanhado sobre as diferentes perspectivas acerca do teste de virgindade, reuni artigos, teses, dissertações, entrevistas e falas ouvidas no meu dia a dia como brasileira vivendo na África do Sul. Dentre todas as perspectivas encontradas, destacarei aqui quatro pensamentos sobre como alguns grupos da África do Sul lidam com o teste de virgindade. São eles: o teste como combate à

epidemia do HIV e abusos sexuais; teste como prática cultural e anticolonial, sobretudo dos povos Zulus; preservação da pureza de meninas e mulheres; e teste de virgindade como ato discriminatório.

Desde o início da epidemia mundial da AIDS, em 1980, a África do Sul continua sendo o epicentro do vírus. Não muito diferente do Brasil, o país possui uma taxa de desigualdade econômica elevada, dificultando o acesso ao básico como saúde e educação. Uma pesquisa aplicada realizada entre cientistas da África do Sul, Brasil e Moçambique mostra que na África do Sul (CASIMIRO, HEAD, ROCHA, VIEIRA, 2014, p.197) as mulheres constituem a maioria entre as pessoas infectadas, revelando as disparidades de gênero, em um país onde a prática da poligamia é legal. Existem altos índices de violência contra mulheres e a submissão feminina evidencia relações patriarcais profundamente arraigadas.

Um dos motivos do não combate à epidemia na África do Sul é a presença de uma política neoliberal, que desresponsabiliza o Estado sobre a saúde da população, e coloca as outras esferas da sociedade como responsáveis exclusivos. Dentre essas esferas, podemos considerar as mulheres que testam a virgindade de meninas como umas das responsáveis por esse controle. Dona Mdalmo é uma personagem que se encaixa entre essas responsáveis. São mulheres mais vividas, residentes de zonas rurais, mas que se deslocam para diversos lugares para realizar o teste.

A opinião entre mulheres que realizam o teste (*Ukuhlolwa*) é diversa, mas em uma entrevista realizada por Kunene (2015) uma delas fala sobre o teste como estratégia de prevenção a AIDS. Ela diz que “a parte boa sobre o teste de virgindade é que evita que as meninas se envolvam sexualmente, além disso, o teste as protege de engravidar e contrair HIV/AIDS. É muito emocionante ver meninas mantendo a virgindade até o casamento.”⁵ Este não é um pensamento exclusivo dessas mulheres, visto que o teste de virgindade se tornou, também, questão de saúde pública.

Além do controle da epidemia, algumas pessoas da comunidade acreditam que o teste evita abusos sexuais em meninas e mulheres, visto que, a forma que o teste é feito examina os órgãos genitais e, na percepção das *Ukuhlolwa*, o órgão feminino consegue mostrar se a mulher continua virgem ou não, e uma das estratégias é

⁵ I can say what is good about virginity testing is that it prevents girls from engaging in bad behaviors. It also delays them from falling pregnant and getting HIV/AIDS. You know children of nowadays do all those things. Most of them have babies very early. It's very exciting to see girls keeping their virginity till marriage. I do have girls who have kept their virginity and are about to get married now”

examinar se essas meninas e mulheres continuam com o hímen. Além disso, elas acreditam que a forma que essas meninas e mulheres se portam pode mostrar o nível de pureza. A forma de olhar, andar, os sinais no corpo, por exemplo, são estratégias para examinar a virgindade (KUNENE, 2015).

A África do Sul possui um nível elevado de feminicídio, estupro e violência doméstica. É uma crise que o Estado ainda não conseguiu contornar, mesmo estabelecendo leis e normas para que as mulheres tenham direitos e sejam asseguradas de que suas vidas continuarão sendo dignas. Mas, como dito no início deste parágrafo, as responsabilidades de segurança da mulher estão também nas mãos dos grupos tradicionais, que também é uma outra forma de exercer o poder e o controle do Estado.

Para os Zulus, o ato de manter o teste traz de volta os valores indígenas e é uma luta anticolonial. A família real dos Zulus chegou a afirmar, em 2013, que a proibição do teste é abrir leque para um estilo de vida colonial, visto que, para eles, essa prática existe antes da chegada dos europeus no país. Porém, o teste de virgindade não é focado apenas na cerimônia, pois as famílias durante diferentes épocas do ano testam suas filhas para resguardar a pureza e manter a tradição de casar virgem. Logo, para alguns povos tradicionais, testar a virgindade não é tabu, não é um ato de violência, muito menos misógino, mas sim, uma forma de manter a tradição viva e não ser apagado pela modernidade, tornando então o teste de virgindade em uma esfera de nostalgia, visto que esse é um assunto que não se limita apenas à tradição.

Em algumas esferas o teste de virgindade é um ato discriminatório que coloca as meninas e mulheres em um regime de verdade. Entre os povos tradicionais, há mulheres que discordam e escolhem não participar da cerimônia e também não são testadas. Trago aqui alguns exemplos de mulheres Zulus que, mesmo tendo crescido vivenciando essas tradições, enxergam esse ato de maneira negativa para a vida das mulheres. A jornalista Amanda Khoza, de etnia Zulu, que escreveu acerca uma lembrança que teve sobre desejar participar da cerimônia, mas ter sido impedida pela mãe, comenta que "a cultura não é algo fixo, ou uniforme e pode ser contestada por pessoas que fazem parte dessa cultura". Para ela, há várias formas de ser uma mulher Zulu, e que sim, é possível ser Zulu e feminista em simultâneo, e enxergar o teste de virgindade como uma forma de imposição patriarcal na cultura. Essa visão mostra que,

mesmo com os aspectos fortes em uma cultura, haverá pessoas que não concordam com algumas práticas tradicionais.

A história da África do Sul é marcada pelo Apartheid, pois ao nos debruçarmos nos livros, documentários, filmes e músicas é possível perceber marcação dessa era, em que o país era dividido legalmente por segregado. A história de luta pelo fim do Apartheid carrega alguns representantes que estiveram na linha de frente e ganharam destaques. Nelson Mandela e Steve Biko, por exemplo, são um dos nomes que ganharam destaque na luta. Algumas mulheres também ganharam destaque, como, por exemplo, Winnie Manela, que teve um papel importante no país depois do “fim” do Apartheid; Beatriz Ngcobo, ex-membra do parlamento durante alguns anos fazendo parte da agenda pela igualdade de gênero; Miriam Makeba, artista (com participação no drama King Kong) e ativista pelos direitos humanos, que resistiu, inclusive, esteticamente à segregação.

Dentre esses exemplos dados, me questionei por onde andavam as mulheres durante esse tempo, como elas lutaram pelas questões de gênero em um país em que a questão da raça sempre foi urgente, como o Apartheid influenciou a vida delas, e como elas continuam lutando pela liberdade de gênero. A questão de gênero fazia parte da agenda durante o Apartheid? Para início, a África do Sul é um país desigual, mas essa desigualdade não se resume à economia. Tem sido muito comum eu ouvir, por partes dos sul-africanos que questões de gênero não eram prioridade e que eles precisavam acabar, primeiramente, com a segregação racial.

Se as mulheres eram também usadas para a manutenção do Apartheid, proibidas de exercerem algumas profissões, usarem sua estética negra e, até mesmo esconder uma vida afetiva proibida pelas leis do Apartheid, tudo isso nos leva a concluir que, essas mulheres estão lutando pela igualdade de gênero antes, durante e depois do Apartheid. Segundo Terreblance (2002), houve na África do Sul uma lei que proibia mulheres nativas da zona rural a migrarem para a zona urbana e, assim, mudar de *status* econômico. Mesmo tendo um cônjuge homem da zona urbana, elas não tinham de sair da zona rural. Ou seja, além da liberdade racial, as mulheres negras sul-africanas tiveram, também, que lutar pela liberdade econômica.

Assim, as mulheres negras saíram em desvantagem econômica se compararmos com o homem negro ou branco, pois ambos não foram privados do trabalho, com a diferença de que forçar um homem a deixar sua casa para trabalhar

na cidade é também priva-lo de viver o afeto, logo, mulheres e homens negros foram privados à família por conta da segregação. Assim, a luta dessas mulheres pode ser chamada de multi luta, considerando que as opressões alcançam diversos aspectos da vida delas.

No ano da escrita desta dissertação consigo identificar algumas conquistas das mulheres em relação à liberdade sexual, porém, é sempre necessário realizar uma crítica sobre essa liberdade, pois embora esteja em lei, nem sempre essas mulheres estão livres da desigualdade de gênero. Um dos direitos conquistados, através da mobilização de feministas e movimentos de mulheres foi o aborto seguro para todas as mulheres sul-africanas, em 1996, dois anos após o fim do Apartheid. Destaco aqui “aborto seguro para todas as mulheres”, porque na África do Sul, bem como no Brasil, mulheres brancas de classe média têm acesso a esse aborto seguro, mesmo sendo ilegal no Brasil, e antes da legalidade, na África do Sul. Bradford (1991) escreve que, em 1980, a justiça liberou o aborto seguro a uma mulher branca vítima de estupro. Mesmo o aborto não tendo sido realizado, pois os médicos se negaram a realizar, isso mostra que o direito à liberdade dos corpos e a seguridade deles estavam sendo priorizados para as mulheres brancas.

O teste de virgindade na África do Sul pode ser realizado apenas se a menina for maior de 16 anos e se ela houver dado consentimento de forma prescrita, além disso, o resultado de um teste de virgindade não pode ser divulgado sem o consentimento da menina. Apesar dessas regras constitucionais, a tradição é mantida sem a necessidade de fiscalizações. Isso quer dizer que as conquistas das mulheres, quando limitadas ao Estado, não estão totalmente garantidas, tornando, assim, a luta contínua.

Ao analisar as perspectivas dos sul-africanos sobre o teste de virgindade, podemos observar uma diversidade de interpretações e opiniões sobre essa prática. Há aqueles que defendem que o teste é uma medida de prevenção diante da epidemia de HIV/AIDS e abusos sexuais, enquanto outros destacam a importância cultural e a preservação da pureza. No entanto, também existem vozes críticas que vêem o teste de virgindade como discriminatório e uma forma de controle sobre as mulheres. Essa controvérsia levanta questionamentos e nos impulsiona a desafiar as estruturas de poder que restringem e controlam a autonomia feminina. É essencial manter um diálogo aberto, estimular a reflexão e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária,

onde as mulheres possam exercer livremente sua sexualidade, autonomia e direitos humanos fundamentais, sem serem subjugadas pelo poder opressor.

3. Tradução: encontros e desencontros teóricos

A tradução, como forma de contato ou desbravamento do mundo, parece ter finalidades não apenas acadêmicas, mas, sobretudo, nasce como uma estratégia de sobrevivência num mundo globalizado. As vivências migratórias e os fluxos comerciais são importantes para pensar como e porquê as comunidades humanas se viram implicadas na construção de instrumentos tradutórios ao longo dos anos.

Neste sentido, a partir dos estudos contemporâneos de tradução, podemos observar que o conceito de tradução não é algo estático, pelo contrário, ele vem sofrendo diversas ressignificações. Foi através dos meus primeiros encontros com a pesquisa ligada à tradução, ainda na Universidade Federal da Bahia, que passei a ter contato com essas teorias. Pesquisas essas que me possibilitaram o estudo de textos em língua de partida e, principalmente, a análise dos textos na língua de chegada, o português brasileiro tendo como ponto de partida algumas das principais teorias contemporâneas de tradução.

O conceito dado por Roman Jakobson sobre a tradução foi a primeira teoria com a qual tive contato acadêmico a partir das pesquisas feitas no Instituto de Letras da UFBA. Neste sentido, segundo Edwin Gentzler:

Roman Jakobson divide a área em três subáreas: tradução *intra*lingual, uma reescrita de sinais em uma língua com sinais da mesma língua; tradução *inter*lingual, ou a interpretação de sinais em uma língua com sinais de outra (a tradução "propriamente dita"); e tradução *inter*semiótica, ou a transferência ("transmutação") dos sinais em uma língua para sistemas de sinais (de língua em arte ou música). Todas as subáreas de Jakobson se reforçam mutuamente e, se aceitarmos essa definição, podemos logo ver que a teoria da tradução pode envolver o estudante em toda a rede intersemiótica de língua e cultura, tocando todas as disciplinas e discursos. (Gentzler, 2009)

Apesar de muitos estudos anteriores serem focados apenas na tradução interlingual, essa teoria com as subáreas trouxe um marco importante para pensar o fazer tradutório como processo em movimento. Isso foi fundamental para consolidação da tradução como um campo vasto de estudos, firmando-se, cada vez mais, como uma disciplina científica na área das linguagens.

A partir do conceito formulado por Jakobson, abriu-se um horizonte crítico para pensar os processos tradutórios e as metodologias de tradução no mundo contemporâneo ocidental. A Teoria do Polissistema foi um desses processos com que também tive contato. Cunhada por Even-Zohar (1978), a Teoria do Polissistema passa a examinar as relações entre diferentes sistemas literários e culturais. Segundo Even-Zohar, a tradução é influenciada por esses sistemas e suas normas, ou seja, traduzir não é apenas uma questão de transferência linguística, mas também uma questão de navegar nas normas, expectativas e valores dos sistemas envolvidos. Isso enfatiza a complexidade cultural e intertextual da tradução.

No que concerne à tradução literária, ele escreve que é crucial incorporar obras literárias traduzidas no polissistema, visto que essa é uma prática que muitas vezes é negligenciada. No entanto, qualquer estudioso da história literária reconheceria prontamente a relevância das traduções e sua influência tanto na evolução contínua quanto na trajetória histórica de uma literatura específica (Even-Zohar, 1978).

Nos anos iniciais como pesquisadora, a Teoria do Polissistema chegou como uma grande descoberta para mim. Era possível enxergar aplicabilidade no contexto do que estava pesquisando, para mim, então, foi uma sensação de euforia; só não mais como fiquei ao conhecer Lawrence Venuti e Jacques Derrida. O primeiro trouxe uma reflexão sobre repensar a tradução; o segundo, a tradução como desconstrução. A partir desses dois teóricos, pude perceber que tudo que eu havia estudado e aplicado durante meus percursos tradutórios poderia ser questionado e/ou flexibilizado para que outras formas de traduções fossem possíveis.

O livro *The translator's invisibility*, de Venuti (2008), foi uma das primeiras obras a que fui apresentada após as primeiras fases teóricas citadas anteriormente. Foi nessa obra que aprendi sobre domesticar ou estrangeirizar uma tradução, quando Venuti traz a questão do processo de violência na tradução. Essa violência pode ser praticada através das adaptações realizadas para o idioma de chegada através da tradução domesticadora tornando-a etnocêntrica, pois o tradutor reduz um texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo. Isso faz com que o texto passe a ser mais familiar e acessível na língua e cultura de chegada. Em vez disso, Venuti promove a ideia de que os tradutores devem se esforçar para preservar a estranheza e a especificidade cultural do texto original, tornando-o mais desafiador para os leitores da língua-alvo, mas também mais autêntico em relação à cultura de origem.

Essa contrapartida à domesticação do texto Venuti cunhou como estrangeirização, que valoriza os aspectos linguísticos da cultura de partida. Assim, existe uma dicotomia entre domesticar *versus* estrangeirizar.

Deixando um pouco a dilemática sobre estrangeirização e domesticação, gostaria de apresentar a tradução na dimensão desconstrutivista que foi abordada por autores como Gayatri Spivak, Antoine Berman e Jacques Derrida. No entanto, gostaria de destacar Derrida (1981), que trouxe a tradução como *différance*. Sendo assim,

Jacques Derrida, por exemplo, sugere que a desconstrução e a tradução estão inexoravelmente interligadas, indicando que, no processo de tradução, aquela elusiva presença possível a que ele se refere como *différance* pode, até o mais alto grau, ser visível. Nos limites aos quais é possível ou pelo menos parece possível, a tradução prática a diferença entre significado e significante" (Derrida, 1981:21). Todo o escrito de Derrida, independentemente do tema" ou texto em questão, resolve-se em torno de problemas pertinentes à possibilidade ou impossibilidade de tradução. (GENTZLER, 2009)

A desconstrução foi um caminho que me possibilitou pensar a tradução sem enxergar a língua como um amontoado de hierarquias, e que a tradução, bem como a cultura estão sujeitas a diversas interpretações. E existe na linguagem contradições e diferenças, ou seja, a equivalência não pode ser a única levada em conta no processo de tradução.

Essas teorias apresentadas aqui, até agora, foram relevantes e me apresentaram caminhos para a tradução. Não tenho a intenção de tirar a relevância delas, muito menos descartá-las totalmente; um outro aspecto que gostaria de expor aqui é que a tradução afrodiaspórica – embora nem sempre devidamente nos apresentada – sempre esteve presente em nosso meio. Paula Campos escreve que:

A diáspora é um fenômeno tradutório. Pelo advento do espriamento de diversos povos e nações africanas pelo mundo por motivo da escravidão, acabou construindo conjunturas de sofisticadas implicações. A necessidade de sobreviver em meio ao novo, em meio a violências, em meio a inúmeras imposições, em meio às tentativas de apagamento e de recalque das mais variadas expressões africanas, acabou desencadeando a construção de sujeitos resistentes e tradutores por necessidade e competência (CAMPOS, 2017.p 151)

A intenção de apresentar essas teorias um pouco mais abrangentes da tradução não indica que precisei exclusivamente delas para chegar em mais um encontro teórico tradutório, mas foram aliadas na construção do meu fazer intelectual. No entanto, observei que, para a realização da tradução do *corpus* da minha pesquisa seria necessário uma teoria da tradução que não me apagasse e que também não

apagasse outras pessoas que poderiam ter a mesma narrativa que a minha, ou que pudessem se identificar, de certa forma, com as escolhas tradutórias. Assim, o meu encontro com a tradução negra será a próxima teoria abordada para que haja um contraponto aos meus (des)encontros com as teorias que foram trazidas e vivenciadas por mim.

3.1 Encontro: tradução negra

"Se tem territorialidade, tem apartheid".
Elisa Lucinda, 2019.

*"A tarefa da tradução afrodiaspórica pode ser pensada como função articulada à existência da tradutora negra, na medida em que nossas subjetividades são produzidas de modo visceralmente ligado às questões, experiências e perigos afro diaspóricos, **onde quer que essa tradutora se encontre no mundo pós-escravocrata.**"*

Denise Carrascosa, 2017.

Primeiramente, gostaria de lembrar sobre o que me trouxe até aqui: a minha experiência como corpo tradutor em algumas partes do mundo. A primeira seção trouxe essas informações retratadas em forma de imagem e escrita. Esses registros foram meu início como tradutora. Não foi em vão que decidi colocá-los como primeira seção. Existe uma cronologia criativa e afetiva que, antes de traduzir o *corpus* deste trabalho de forma escrita, eu traduzi em imagem, circulações e memórias. Memórias essas que só foram possíveis através dos trânsitos que, inevitavelmente, me levaram para diversos espaços: físicos e simbólicos.

Assim, o delineamento e a criação de novas epistemologias negras na diáspora para as práticas tradutórias é um caminho importante, pois valoriza, dignifica, humaniza e inclui os principais agentes que podem resgatar uma memória negra que foi negligenciada pela academia. As rotas que outrora colocaram essas memórias nos porões fazem retornos, trazendo consigo novas narrativas sem apagar o poder da ancestralidade que impulsiona e fortalece os saberes. É através dos corpos que sempre estiveram na busca de serem ouvidos e/ou lidos, que os saberes são possíveis de serem acendidos. O que era brasa, poderá ser chamado; o que era ponte para a prática transitória de sofrimento, poderá ser ponte de conhecimento e empoderamento. O mar já não é mais apenas sinônimo de silenciamento e violência. Ele pode ser também elemento de trocas.

Neste sentido, pensar as comunidades humanas requer uma observação das dinâmicas territoriais, pois é no território que ocorrem as disputas, movimentos e fluxos populacionais. Ao retornarmos ao pensamento do geógrafo Milton Santos, pode-se pensar nas dimensões relevantes do espaço e do território como fontes de compreensão e apreensão do mundo.

Para Santos (1978, 1988 e 1996), o conceito de espaço é peça fundamental de seus escritos, sendo entendido como um conjunto de formas representativas com ancoradouro nas relações sociais pretéritas e atuais, cujas bases conversam com uma série de processos, meios e funções. Nesta linha, pode-se entender que “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (Santos, p.122). Sendo assim, a territorialidade é uma premissa muito importante para pautar as questões relacionadas às relações raciais no Brasil, onde pode haver um aquilombamento como garantia de luta e resistência política às dominações dos brancos colonizadores, pois dentro dos territórios elitistas há um projeto de nação que expatriou, usurpou e tentou acabar todas as possibilidades de revitalização de histórias afrocentradas.

Sendo assim, um dos três fatores fundamentais das relações raciais hierarquizadas no Brasil é regido sob o dispositivo **da territorialidade do corpo negro**, pois há espaços que os negros não podem acessar. Não porque não queiram, mas porque são proibidos. Muito próxima dessas compreensões formuladas, Milton Santos (1996) analisa, num texto denominado *As cidadanias mutiladas*, alguns pontos que incidem na construção de um lugar de marginalização e opressão do negro no Brasil:

Penso haver três dados centrais para entender essas questões do preconceito, do racismo, da discriminação. O primeiro é a **corporalidade**, o segundo é a **individualidade** e o terceiro é a questão da **cidadania**. São três questões que vão ser a base da maneira como estamos juntos, da maneira como nos vemos juntos, da maneira como pretendemos continuar juntos. Resumindo, a corporalidade inclui dados objetivos, a individualidade inclui dados subjetivos e a cidadania inclui dados políticos e propósitos jurídicos. A corporeidade nos leva a pensar na localização (talvez pudéssemos chamar de “lugaridade”), a mobilidade, a destreza de cada um de nós, isto é, a capacidade de fazer coisas bem ou mal, muito ou pouco e as possibilidades daí decorrentes. E aí aparece em resumo o meu corpo, **o corpo do lugar, o corpo do mundo**. Eu sou visto, no meio, pelo meu corpo. Quem sabe o preconceito não virá do exame da minha individualidade, nem da consideração da minha cidadania, mas da percepção da minha corporalidade. A individualidade permite, a partir do bom senso, alcançar

certo grau de exercício da transindividualidade, e aí aparece a minha consciência, a consciência de mim, a consciência de nós, a consciência do outro e dos outros, a consciência do mundo. E afinal a cidadania, que é o exercício de direitos e supõe a ciência dos direitos que temos e a capacidade de reivindicar seu exercício pleno e também de reivindicar mais (SANTOS, 1996, p. 144, grifei).

É por meio do não acesso a esses espaços que conhecimentos provenientes de pessoas negras são negados e, conseqüentemente, não perpetuados na esfera acadêmica e em outros espaços que são importantes para o desenvolvimento intelectual de todas nós. Sueli Carneiro (2005) aborda que a transição do negro na história para seu lugar nas Ciências marca uma mudança crucial: de objeto de trabalho para objeto de estudo; e que o progressivo desaparecimento da presença negra na sociedade brasileira, que ocorre lentamente, contrasta com a considerável produção acadêmica voltada para explorar essa nova condição como foco de análise. Isso implica em uma espécie de anulação do conhecimento. Além disso, Carneiro (2005) evidencia que "os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema do negro".

Essas compreensões nos ajudam a observar, sobretudo, os ambientes institucionais, como a universidade, por exemplo, onde com base nessa tríade de mutilação de cidadanias se mantém o racismo institucional e o epistemicídio. As metodologias tradutórias afrodiáspóricas são uma estratégia de combate, por meio da palavra escrita e da palavra falada, para dar condições de co-criação de novos fluxos narrativos às populações deste Atlântico Negro. Nesse sentido, Denise Carrascosa observa que

A maioria absoluta da textualidade estrangeira que nos chega pela via da tradução e, na contramão, da textualidade brasileira traduzida para outros países, é feita por pessoas não negras. Este fato tem relação com a acessibilidade ao aprendizado de línguas estrangeiras em um país de maioria populacional negra que, tendo concentrado o acesso às línguas estrangeiras modernas nas escolas particulares e cursos livres privados, manteve um dispositivo de controle de entrada e saída de informações e ideias centrado em interesses e perspectivas não negras, como uma das formas de gestão de uma supremacia ideológica branca na base da construção de pensamento no país. A nossa universidade contemporânea - epistemológica e linguisticamente eurocentrada - é consequência direta desse projeto político-racial. (CARRASCOSA, 2017).

É por isso que proponho uma tradução negra para a peça *Our Lady of Benoni*, uma vez que, por um lado, a presença de um patriarcado étnico-centrado sob o

paradigma europeu forjou o *modus operandi* dos processos tradutórios no mundo ocidental. Isso significa dizer que a representação das dilemáticas femininas e negras foram, operacionalmente, excluídas das representações culturais, das artes, de um modo geral, e, nomeadamente, nas literaturas. Sendo assim, seria impossível não observar os referenciais de raça, gênero-sexualidade e território para pensar sobre os signos da cultura e suas relações com as histórias das mulheres negras – brasileiras e sul-africanas. Por outro lado, a formulação de uma representação omissa e inconsistente sobre as mulheres negras reforça os semblantes e estereótipos dentro de uma determinada sociedade. Se há poucos referenciais sobre as feminilidades negras, obviamente, esse vazio simbólico trará prejuízos para todas aquelas que almejam entender o seu passado, presente e futuro.

No início dessa seção foi possível conhecer uma diversidade de conceitos que, de certa forma, conseguem alcançar o modo de fazer tradução hegemônico e não-hegemônico, mas com algumas limitações. No início da pesquisa pensei, por exemplo, sobre a questão da não domesticação do texto, pois, segundo Venuti (2002), o ato de domesticar o texto implica na construção ou reprodução de estereótipos da sociedade na qual o texto de partida está inserido. Essa teoria pareceu bastante ideal quando pensei em executar a tradução como reescrita, visto que eu não queria reproduzir estereótipos.

Mas, ao iniciar os estudos, percebi que essa teoria, sozinha, não contemplava o que eu gostaria de realizar. Me vi na dicotomia entre estrangeirizar *versus* domesticar. Morando na África do Sul, um país multilíngue, foi possível perceber que essa dicotomia não cabe no dia a dia dos falantes, muito menos na obra literária que escolhi para tradução. Percebi que, uma hora ou outra, eu usaria os dois. Portanto, dicotomizar não está cabendo na tradução afrodiaspórica.

No que tange os *aspectos linguísticos da tradução*, percebe-se que os estudos sobre esses aspectos têm se engajado numa ampliação crítica e reflexiva acerca do gesto tradutor, sobre a tarefa tradutória e os manejos feitos com as palavras. Para Roman Jakobson (1995), por exemplo, as palavras podem ser compreendidas como *fato linguístico* ou *fato semiótico*, evidenciando a multiplicidade de interpretação do signo verbal. Neste sentido, a tradução não é concebida como uma mera organização de palavras em paralelo, ou seja, uma ponte entre o texto de partida em língua estrangeira e o idioma de destino. O tradutor passa a ser visto como peça fundamental

dentro desse jogo de negociações, pois de certo modo, acabará deixando suas marcas e impressões dentro do texto que ele traduz, reescreve e ressignifica.

Apesar dos aspectos linguísticos serem importantes, Carrascosa (2017) aponta que, quando propomos uma tradução negra, quer dizer que levaremos em conta diversos saberes e culturas: em tempos e lugares diferentes. Por isso, é preciso ter em conta o lugar de fala, as experiências e essências da tradutora negra. Isso deixa claro que a tradução é, também, um diálogo entre culturas. Como afirma Stuart Hall (1992), a cultura é vista mais como uma questão de tradução do que de tradição, ou seja, traduzir não é traço incidental, mas uma característica essencial, definidora de qualquer cultura. Sendo assim, a tradução passa a ser vista como ponto de contato, não só linguístico, mas, acima de tudo, uma relação entre culturas. Isso reacende as discussões sobre a ética e a política da tradução.

Para que o texto traduzido não seja resumido a apenas os modos linguísticos tradicionais e simplificação da equivalência textual, trago o texto para o português brasileiro, baseando-se na premissa da Tradução como Escrivência (REIS, 2017), contribuindo para o enriquecimento e diversidade dos estudos literários e culturais. Reis escreve que:

A tradução pode se realizar como um ato interpretativo e antropofágico de resistência. A tradutora/autora imprime em seu novo texto (tradução) a sua subjetividade e com ela uma gama de atributos linguísticos, culturais, psicológicos e identitários que variam em cada produção [...] O corpo, a condição e as experiências vivenciadas pela tradutora/autora são cruciais na definição de quais soluções tradutórias serão acionadas pelo gesto tradutório. Independentemente do caráter profissional e/ou comercial que a tradução possa ter, o seu processo nunca será considerado totalmente imparcial; em outras palavras, a tradução é um ato de *escrivência*.

O conceito de *tradução escrivente* foi cunhado pela pesquisadora e intelectual em tradução Luciana Reis, tendo como inspiração a teoria da Escrivência, da teórica e intelectual Conceição Evaristo. Em entrevista ao programa Roda Viva, na TV Cultura, em 2012, Evaristo define de forma muito linda e cuidadosa o conceito de *escrivência*. Segue:

"Quando pensamos a *escrivência* muitas pessoas perguntam: 'olha a *escrivência* ela seria uma escrita de si, ela seria uma escrita ego; ela seria uma ficção de si e ela seria uma escrita narcísica?' E o que a gente tem dito para pensar a *escrivência* aproveitando os nossos mitos: uma escrita narcísica ela tem como modelo, ela tem como parâmetro, ela tem como suporte para análise pensar no mito de Narciso - o sujeito que se perde diante da própria beleza. A *escrivência*, ela se distancia, por exemplo, desse mito narciso. Preferimos pensar a *escrivência* a partir de mitos afro brasileiros,

ou africanos. Primeiro, o espelho de um narciso não reflete nosso rosto; a beleza negra nunca foi reconhecida. Ela foi reconhecida a partir de um movimento nosso de autoestima. Então o mito de Narciso não reflete o nosso rosto. Como ler a escrevivência a partir de mitos afro brasileiros? Vamos pensar no espelho de Oxum e aquele no espelho de Iemanjá. O espelho de Oxum é aquele espelho que revela a beleza negra que coloca, minha autodidata, me faz reconhecer como bela. Aí a gente parte pro espelho de Iemanjá, que é o espelho que acolhe a comunidade. Iemanjá é aquela que acolhe, Iemanjá é aquela que cria, aquela que cuida. Então nesse sentido, a escrevivência, se você ler a escrevivência a partir de mitos brasileiros você não pode pensar a escrevivência como a escrita narcisista. Porque ela não é a história de um sujeito. Ela reflete a história de uma coletividade."

No livro "Escrevivência: a escrita de nós", Conceição Evaristo também nos mostra que:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me auto inscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (EVARISTO, 2020).

Assim, a Tradução Escreviente permite que possamos pôr em prática as culturas e experiências negras de forma que abranja toda a comunidade. É através da comunidade que conseguimos uma tradução mais diversa e dançante. É uma tradução que envolve constantes movimentos de partidas e chegadas, mas não no sentido de equivalências, apenas; a partida refere-se à desvinculação gradual de um pensar hegemônico da tradução. A chegada é esse próprio envolvimento da comunidade na tradução. Nesse ato, são acionadas memórias de experiências que foram compartilhadas com outros corpos. Nos espelhos da Tradução como Escrevivência, baseando-se no *Abébé Omin*, o nosso reflexo se multiplica mostrando que a escrita/tradução, mesmo que feita por mãos individuais, possui um valor semântico coletivo, como define Cristian Sales ao escrever sobre o *abebé* como ato interpretativo e criativo:

O *Abébé Omin* integra um vasto campo lexical fecundado na aquosa negrura de arquetípicos, oríkis e saudações que desaguam um rio de palavras para mãe das águas doces. No espelho-leque, vejo refletido um ato de comunicação que adquire valor político-artístico, estético-político e conduz às nossas práticas sociais no interior das comunidades nas quais, nós, mulheres negras, estamos inseridas. Isso nos possibilita ações de pensar e agir coletivamente (SALES, 2018).

Isso reitera que a Tradução Escreviente que venho realizando neste trabalho não é a minha imagem refletida no espelho hegemônico, o espelho que não reflete apenas as minhas potencialidades, mas sim, um espelho d'água que torna a escrita

fértil, por meio de "Osun, que representa, entre outros arquétipos, a feminilidade, a fertilidade, o amor e a maternidade" (Sales, 2018). Além disso, pontua Cristian Sales que o *abébé* pode ser acionada como uma ferramenta fundamental de luta empregada por escritoras/tradutoras negras para afirmarem sua resistência a todas as formas de desigualdade, tanto de gênero, raça como de classe. Com ela, é possível expressar alegrias, lágrimas, conquistas, desejos, crenças, bem como as idealizações individuais e coletivas, possibilitando um significado social a essa tradição ancestral em que se inspiram.

3.2 Projeto de tradução

Realizar a tradução com a complexidade que a *Our Lady of Benoni* requer escritas e reescritas; decisões e mudanças nos processos de tradução. Não uso aqui o termo complexo no sentido de incompreensível, mas, a complexidade está nas nuances da obra. Primeiro, por abordar um tema sobre sexualidade em uma cultura diferente da minha. Isso requer uma escrita e um olhar muito cuidadoso. Embora o teste de virgindade já tenha sido comum no Brasil, não é possível colocar ambos os países com a mesma complexidade dessa prática. Para isso, usei estratégias de escutas por estar inserida na cultura da obra traduzida; observações, pelo mesmo motivo da escuta; leituras e, até mesmo, o paladar ao comer um *boerewors rolls* (cachorro-queite tradicional sul-africano) para tentar entender por que o *hot dog* (cachorro-queite) foi escolhido ser chamado por um nome de origem afrikaans (língua branca sul-africana).

Geri Augusto (2017), em "a língua não deve nos separar", traz essa estratégia de escuta, imagens e observações para o ato tradutório. Ao traduzir *Becos de Memória*, da escritora Conceição Evaristo, Geri Augusto mostra em forma de narrativa as suas experiências como uma mulher negra norte-americana na África, mais especificamente na Angola, nos anos 80 e 90, ainda durante a guerra civil que perdurou até os anos 2000. Ou seja, as suas experiências transatlânticas possibilitaram a tradução da obra de Conceição Evaristo que, sem adentrar no ambiente "desconhecido" não seria possível realizar a tradução da forma que foi, tornando-a como um "ato ontológico". Além da tradução ser um ato ontológico, Augusto (2017) também aponta que:

A duradoura, se continuamente reconfigurada, importância da oralidade e visualidade na fala, escrita, e em outros atos expressivos e performativos dos

povos africanos e afrodescendentes, faz de tais dimensões recursos críticos para tradução e interpretação. E, finalmente, desde que o racismo tem trabalhado tão arduamente para nos fazer pensar que, para os negros nas Américas, atravessar as fronteiras linguísticas é algo intrinsecamente impossível – um acaso extraordinário e surpreendente, supostamente devido à nossa inferioridade intelectual inata e relativa falta de oportunidades para viajar –, quero afirmar que a tradução pode ser uma prática negra radical, transgressiva, com múltiplas reverberações (AUGUSTO, 2017).

No que concerne à oralidade e à visualidade na fala, trago aqui dois exemplos de decisões tradutórias tomadas por mim. O primeiro trata-se da manutenção da língua nativa das personagens Professor e MaDlomo, ambos falantes do isiZulu:

<p>PROFESSOR: <i>MaDlomo! Nguwe lona?</i></p> <p>MADLOMO: Yes, it's me. What are you doing here?</p>	<p>PROFESSOR: <i>MaDlomo! Nguwe lona?</i></p> <p>MADLOMO: Sim, sou eu. O que tu tá fazendo aqui?</p>
--	--

A decisão em manter a língua nativa se deu pelo fato de os falantes dessas línguas manterem essa estrutura oral no dia a dia. É possível perceber, ao andar pelas cidades que, estando no mesmo grupo étnico, mantendo uma conversa em língua inglesa, é possível se deparar com uma frase ou palavras em língua nativa; o inverso pode também acontecer – e é dessa forma que mais acontece – entre conversa com pessoas do mesmo grupo étnico, o que predomina é o idioma nativo. O inglês entra, principalmente, quando os falantes desejam falar palavras que tenham uma semântica mais tecnológica, por exemplo. O tecnológico aqui me refiro a qualquer palavra que é fortemente usada em língua inglesa. O fato de o Professor já conhecer MaDlomo de outras épocas enfatizou o uso do zulu, porém, não é necessário conhecer alguém pessoalmente para acionar o idioma nativo. Cada pessoa, ao se deparar com a outra, consegue reconhecer o grupo étnico dela, e, assim, utilizar um dos 11 idiomas oficiais da África do Sul. Abro um parêntese aqui para dizer que equívocos étnicos acontecem. Já conversaram comigo em zulu, por achar que eu fazia parte desse grupo. Além das razões elencadas, percebe-se que não há falha na comunicação entre as personagens ao manter a frase em zulu, pois, a partir da resposta, os leitores/ouvintes podem pressupor que a pergunta foi: “é você MaDlomo?”.

O segundo exemplo trata-se, também, da manutenção da língua nativa sem a tradução para português:

<p>STEWART: You're new here, aren't you? What on earth did they do with the old nice cleaners who were always smiling and joking? <i>Wena ka lo sourpuss.</i></p> <p>MADLOMO: <i>Yho! Wang'thuka ke manje umlungu. Uthi ngiyl- poes?</i></p>	<p>STEWART: Você é nova aqui, né? Que diabos eles fizeram com aquela senhora legal que sempre limpava sorrindo e brincando? <i>Wena ka lo sourpuss.</i></p> <p>MADLOMO: <i>Yho! Wang'thuka ke manje umlungu. Uthi ngiyl- poes?</i></p>
--	--

Esse diálogo é bastante interessante porque MaDlomo está conversando com Stewart, um homem branco. Acontece que pessoas brancas aprendem o básico das línguas nativas na escola, porém, nem todos continuam com a prática, pois, obrigatoriamente, as línguas estudadas nas escolas são inglês e afrikaanso que. O texto literário não deixa claro se Stewart entendeu o restante do diálogo, visto que ele continuou com o inglês, não o zulu. MaDlomo, por outro lado, insistiu com a língua nativa. Isso passa um tom de murmuria. Não vamos entender, mas sabemos que há uma indignação pela parte de MaDlomo. Isso acontece também no dia a dia. Por muitas vezes ouvi mulheres, principalmente as que trabalhavam em locais públicos, como hospitais, postos de saúde, prefeituras, etc. mantendo um diálogo em língua nativa mesmo sem eu falar. Isso tudo após eu realizar um pedido de prestação de serviço. O ambiente no qual aconteciam mais esses episódios era no posto de saúde. Por sorte, alguém traduziu para mim do que se tratava a queixa ou murmúrio. Apesar de ter mantido o texto traduzido, fiz a escolha de criar um glossário com o significado de cada frase dita em línguas nativas, assim como o autor do livro o fez.

Em contrapartida, eu decidi traduzir uma palavra que foi mantida pelo autor do texto original na língua afrikaans. Apesar de entender a importância e, além disso, entender que Zakes Mda quis deixar evidente que o afrikaans é também uma língua predominante no país, eu decidi traduzir porque, como brasileira e estrangeira na África do Sul, o afrikaans não ganhou muito destaque no quesito oralidade; apenas na escrita. Não era muito comum eu ouvir um afrikaans conversando nessa língua na rua ou em órgão público. Por isso, como tradutora que sentia as experiências linguísticas, não foi muito tocante para mim manter o original. Além disso, a manutenção das línguas negras nativas também têm a ver com um projeto político

meu de propagação e levar ao conhecimento do leitor tais línguas. Para mim, não fazia sentido propagar mais uma língua branca e que foi símbolo de opressão, pois, como escreve Grada Kilomba (2008) "a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade".

Segue exemplo:

<i>LORD STEWART Is sitting on a swing, which sways gently. He is eating a boerewors roll as he listens intently to the news as rendered by PROFESSOR.</i>	<i>SEU STEWART está sentado em um balanço, que se move suavemente, e comendo cachorro-quente, enquanto ouve atentamente às notícias lidas pelo PROFESSOR.</i>
--	--

Diferente das frases que decidi manter na língua nativa, no que concerne os provérbios africanos em língua nativa, depois de algumas reflexões e leituras, optei em traduzir o provérbio, diferente do autor do texto original, que manteve o provérbio na língua nativa. Traduzir o único provérbio que apareceu na peça não foi uma decisão rápida. Inicialmente, decidi fazer uma tradução literal da versão que o autor fez em língua inglesa, mas após algumas reflexões decidi pesquisar mais a fundo sobre tradução de provérbios em línguas africanas.

Primeiramente, é importante salientar que trata-se da tradução de uma língua negra sul-africana para o português brasileiro que, apesar de influências com as línguas indígenas e africanas, ainda assim tem sua raiz na Europa, portanto, a língua portuguesa brasileira carrega em si uma estrutura branca. Segundo Paul Bandia (2008), o provérbio se mostrou ser o método mais adequado para muitos povos africanos expressarem seus sentimentos por meio da linguagem, imagens e a expressão de conceitos abstratos. Por isso, contextualizar através do conhecimento dos povos nativos da África do Sul foi um caminho primordial para encontrar a melhor maneira de traduzir o provérbio. Para isso, consultei duas pessoas falantes de línguas bantas. Realizei a seguinte pergunta para o sul-africano Makhudu Masotla, que é falante do Sesotho, língua na qual o provérbio é falado; e Merlyn Nkomodo, uma mulher do Zimbábue, que também fala e entende Sesotho, embora não seja sua língua materna.

– "*Thebe e sehelwa hodim'a engwe*" – esse é um provérbio do Sesotho. Tu sabe que o que significa?

- Thebe ou thaba?
- Thebe.
- Bem, Thebe é um escudo, que funciona como uma armadura protetora... De acordo com o ditado, apenas outro escudo pode penetrar/cortar através dele.

Figura 1: Thebe - armadura usada pelos povos Sotho⁶.



Fonte: The British Museum (2023).

Em seguida, perguntei a mulher do Zimbabwe que mora na África do Sul:

- Tu entende Sesotho?
- Consigo na maioria das vezes, por quê?
- Quero compartilhar um provérbio Sesotho e gostaria de saber a sua opinião...

O que você entende sobre isso.

⁶ No século XIX, a região da África Austral passou por grandes agitações sociais e políticas. Isso incluiu a unificação dos povos Zulu sob a liderança de Shaka. Outro líder, Moshweshwe, consolidou seu poder e recursos, tornando-se, em 1850, o líder incontestável dos povos Sotho. Seus guerreiros estavam equipados com uma longa lança, um knobkerrie (um tipo de porrete) e um machado de guerra. Eles usavam uma placa peitoral em forma de V feita de latão batido e carregavam um escudo extremamente leve, mais adequado à região montanhosa e ventosa de High Veld do que os pesados escudos dos povos Nguni, como os Zulu. No entanto, o thebe pode ter sido usado mais como um meio de declarar afiliação étnica do que para fins defensivos. A pluma de avestruz, chamada sefoka, não estava exclusivamente associada aos escudos e era, ocasionalmente, usada em outras atividades cerimoniais. (Tradução nossa). Disponível: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_Af-6094>. Acesso: 26 out. 2023.

– Certo.

– Este é o contexto: *PROFESSOR: There is nothing original about it. It's a take on the old standard: "Are you going to give me money or do you want me to fake a limp?" I thought you were planning to come with something groundbreaking!*

*SELLER: Who cares for originality? I want a joke that's going to make me money, that's all. Back in the Free State we say **thebe e sehelwa hodim'a engwe**.*

– Gostaria de saber o que o professor responde porque poderei contextualizar melhor. Pelo que entendi, ele está essencialmente empregando esse provérbio para transmitir a ideia de que o aprimoramento surge a partir de conceitos antigos. Em outras palavras, ele está sugerindo que não é preciso reinventar a roda, mas sim criar algo novo com base em um modelo antigo, o que se encaixa bem nessa parte do drama, já que essa pessoa está zombando das piadas antiquadas do Vendedor de Sorrisos ou dos métodos para tentar ganhar dinheiro.

– Nossa, isso me ajudou bastante. Obrigada, amiga!

A partir dessas respostas pude tentar lembrar e pesquisar provérbios ou ditados brasileiros que combinam em si com as respostas dadas pelas pessoas as quais consultei e, também, pela contextualização que fiz de acordo com o meu entendimento das personagens, bem como da obra por completo. Abaixo, segue a tradução final do provérbio Sesotho:

<p>SELLER: Who cares for originality? I want a joke that's going to make me money, that's all. Back in the Free State we say <i>thebe e sehelwa hodim'a engwe</i>. We build new things from what others before us have created.</p>	<p>VENDEDOR: Quem se importa com originalidade? Eu quero uma piada que me dê dinheiro, isso é tudo. De onde eu vim, Free State, há um provérbio que diz que <i>a sabedoria ancestral é inabalável e mestre do presente</i>. Nós construímos coisas novas através de outros que criaram antes de nós.</p>
--	---

Além desses fatores usados com estratégia, gostaria de elencar sobre como foi ler e traduzir uma obra cuja temática, para mim, como mulher, é delicada. Ao mergulhar em cada diálogo, pude perceber um certo tipo de estranhamento e, principalmente, uma indignação ao perceber que, para as personagens, principalmente uma delas que é mulher, o teste de virgindade soa como normal e força cultural. Mas como foi dito na seção 2, eu passei a ter um outro olhar a partir do momento em que eu estava assistindo ao reed dance com uma sul-africana e

discutimos sobre o teste de virgindade. Ao ler a dissertação de Jamile Almeida (2021), que também trata de algo um pouco semelhante ao teste de virgindade (mutilação genital), pude perceber que a autora teve o mesmo sentimento e estratégia que a minha, "a de não julgar acirradamente um outra cultura":

A mutilação genital, apesar de ter um significado simbólico de purificação para as culturas africanas que as praticam, é vista por outras culturas como uma prática violenta e atentatória ao corpo da mulher. Por isso, existem muitas reivindicações para que ela seja definitivamente abolida. Não nego que tal questão também me causou um grande choque, porém, como tradutora, acredito que o meu papel não é julgar acirradamente outras culturas. Apesar de ser contrária a essa prática, meu objetivo é aproximar o(a) leitor(a) da temática do romance. Assim, a partir da tradução do prefácio e do primeiro capítulo, pretendo estimulá-lo(a) a desenvolver suas reflexões iniciais sobre a temática e despertá-lo(a) para o conhecimento completo da obra e a possibilidades de novas pesquisas sobre a temática (ALMEIDA 2021).

A partir da reflexão feita por mim, que entrou de acordo com a de Jamile Almeida, pude fazer uma releitura da obra e outras referências bibliográficas acerca do teste de virgindade e questões de gênero, em geral, na África do Sul. Foi necessário um olhar cuidadoso e compreensivo acerca das personagens que, de alguma forma, se conecta com o olhar da população sul-africana e, especificamente, alguns grupos étnicos, como os zulus. No ato de leitura e tradução, me coloquei como mulher negra brasileira, mas também, me vi com o mesmo pensamento da figura do Estado e da cultura, representada, principalmente, pelas mulheres dos grupos étnicos que são a favor e outras contra o teste de virgindade. Portanto, ao traduzir, tentei ao máximo passar os pensamentos de todas essas figuras mencionadas acima, para que os leitores pudessem se conectar, da mesma forma que me conectei, tanto estando imersa na cultura de forma física, como imersa nas palavras.

Embora dividida em dois atos, decidi realizar apenas a tradução do primeiro ato, após perceber que isso seria suficiente para as pessoas leitoras entenderem o básico da trama. Em apenas um ato, foi possível encontrar aspectos culturais importantes, bem como nuances das línguas nativas negras da África do Sul. Além disso, o primeiro ato traz informações preciosas que serviram como fonte de pesquisa para a tradução e escrita das seções desta dissertação. Assim, espero que cada pessoa que ler a tradução possa conhecer aspectos linguísticos e culturais, e consiga se conectar com algumas culturas sul-africanas, da mesma forma que pude me sentir.

Nesta fase inicial, como estratégia para otimizar a compreensão, optei por

disponibilizar apenas a tradução. No entanto, um quadro contendo o texto original e sua respectiva tradução está disponível no anexo 1. Boa leitura!

3.2 Tradução: Nossa Senhora de Benoni

ELENCO

PROFESSOR... Um homem preto com seus trinta e poucos anos e bem cuidado, apesar de vestir-se com roupas velhas.

SEU STEWART... Um homem branco, que fala inglês sul-africano, com influência do sotaque britânico. Às vezes, por deslize, acaba falando com sotaque sul-africano. Ele parece um camelô, mas se esforça para manter as aparências.

O VENDEDOR DE SORRISOS... Um menino preto morador de rua no auge da adolescência, que se esforça muito para fazer jus ao seu nome.

THABISILE... Uma mulher muito bonita de pele preta⁷, na faixa dos trinta anos, e já foi noiva do Professor.

MALDOMO... Uma mulher preta que trabalha varrendo a praça, e costuma usar um uniforme laranja. Trabalhou também testando a virgindade das meninas. Ela é firme e teimosa, mas também tem compaixão.

ÉPOCA: outono de 2006

AMBIENTAÇÃO: Uma praça no bairro central de Johannesburgo

Primeiro ato

Cena 1

As luzes se iluminam em direção ao Professor, que está sentado no banco, lendo em voz alta o jornal. Ao seu lado, montes de jornais e alguns livros se espalham. A praça permanece cuidada e limpa, a grama viçosa e flores enfeitam o entorno do banco. Seu Stewart se balança suavemente, desfrutando de um cachorro-quente⁸, absorvendo as notícias proferidas pelo Professor. Carrossel, escorregador e gangorra

⁷ Optei por "de pele preta" para não reforçar o estereótipo de que não é comum mulher preta ser bonita. Se fosse para traduzir no mesmo sentido do texto de partida, ficaria "uma mulher negra linda"

⁸ Escolhi não manter a palavra na língua original "Boerewors" por ser uma palavra de origem afrikaans, o que traria a presença de mais uma língua branca para o meu texto de chegada. O nome "boerewors" vem das palavras em africâner "boer" (fazendeiro) e "wors" (salsicha), que em tradução literal significa "salsicha do fazendeiro". O tradicional fazendeiro sulafricano é um homem branco. Portanto, decidi realizar uma escolha ativista.

compõem a paisagem. Os brinquedos do parque, desgastados pelo tempo, resistem firmes, ainda em funcionamento. O balanço faz barulho conforme vai e vem.

PROFESSOR [lendo]: 'Ontem, milhares de pessoas, -- eu contei mais de 5 mil -- se juntaram em uma humilde casa na rodovia Tassenberg, em Benoni, para receber a benção de Francesca Zackey, uma adolescente sul africana de uma comunidade libanesa local.'

STEWART: Fale mais alto! Eu não consigo te ouvir.

PROFESSOR: É a volta da Nongqawuse⁸.

STEWART: O que é isso?

PROFESSOR: Uma adolescente profetizando.

STEWART: Leia mais alto.

PROFESSOR: Você me ouviria se parasse esse maldito balanço. Isso está me deixando agoniado, você sabe disso! Você faz isso o tempo todo para me deixar nos nervos.

STEWART: Por que eu me importaria com seus nervos, Professor? Minha única forma de relaxar, após um dia todo no sinal, é ficando um tempinho no balanço. Bem que você poderia tentar de vez em quando.

PROFESSOR: Eu odeio esse balanço.

STEWART: Me refiro a trabalhar no semáforo para sobreviver. Eu não sei como você consegue ficar sentado o dia todo aqui lendo livros e jornais enquanto nós suamos debaixo do sol. Então eles falam que essa moça viu a própria Virgem?

⁸ Nongqawuse foi uma adolescente profeta, de origem Xhosa que, em 1856, afirmou ser mensageira dos ancestrais. A profecia foi contada oralmente ao longo dos séculos XIX e XX. Segundo Nongqawuse, para que os colonizadores fossem expulsos, os Xhosas deveriam abater os gados e queimar as colheitas.

PROFESSOR: Sim, ela estava sentada com a mama e o papai dela, jantando macarrão com almôndegas, quando ela foi envolvida pelo perfume das rosas.

STEWART: Por aqui também seria bom ter umas rosas, não apenas flores de outono⁹ ou sei lá que flores roxas são aquelas. Eu acho que plantam essas roxas apenas porque são fortes, mas elas nem tem um cheiro decente.

PROFESSOR: Você não está prestando atenção, Seu Stewart. Não havia rosas lá... na mesa de jantar... mas a moça sentiu o cheiro delas. Após o jantar ela foi até o quarto, e lá, sentada na sua cama estava a Virgem Maria, a Mãe de Jesus.

Seu Stewart para de se balançar e faz o sinal da cruz. O Professor o observa, balança a cabeça e volta a ler o jornal.

PROFESSOR: [lendo em voz alta]: “Francesca disse que a mãe de Jesus tinha a pele muito clara, cabelos castanhos e olhos azuis. Ela usava um véu azul- marinho, e uma luz irradiava de suas mãos, -- disse a moça”. Peraí! Ela não parece ser uma pessoa do Oriente Médio. A mãe de Jesus é Caucasiana!

STEWART: A moça disse que a Virgem Maria não tinha cara de quem veio do Oriente Médio?

PROFESSOR: Não! Isso sou eu que estou falando. Eu não esperava que ela fosse uma loira de olhos azuis e boba

Lord Stewart salta do balanço e caminha em direção ao PROFESSOR.

STEWART: Morena.

PROFESSOR: Morena, loira, mesma diferença caucasiana.

⁹ No texto de partida, as personagens estavam falando sobre "flores de páscoa", mas, ao pesquisar, percebi que não é muito comum usar esse termo no Brasil, por isso usei as flores da estação em que ocorre a páscoa, no hemisfério sul, outono.

STEWART: Por que tinha que fazer esse comentário racista? Isso é o que a África do Sul pós-apartheid, supostamente pós-racial, representa. Sempre a questão racial em jogo.

PROFESSOR: Eu não criei a pauta racial, Seu Stewart. Quando nasci, esse cenário já estava estabelecido, e tem sido usado contra mim por pessoas brancas.

STEWART: Que jornal é esse?

PROFESSOR: *O Sunday Independent*. Por quê?

STEWART: Só para ter certeza de que é um jornal confiável, não um jornal sensacionalista. Não é aquele que sempre solta histórias sobre ticoloshes¹⁰, zumbis e toda essa coisa de feitiçaria da Província do Norte? É sério mesmo?

PROFESSOR: Estou apenas lendo as notícias, não estou fazendo nenhum julgamento. [*Ele prossegue com a leitura*] 'Francesca alega ter testemunhado a aparição da Virgem Maria, tanto dentro quanto fora de sua casa, no jardim, durante a noite. Como sinal de devoção, ela colocou flores e acendeu velas nos locais onde a aparição teria ocorrido. De acordo com seu relato, 'Nossa Senhora' solicitou que rezasse o terço e encoraja outros a fazerem o mesmo, como se fosse o último dia na Terra.'

STEWART: Então, uma multidão peregrinou até a velha Benoni buscando cura através da Virgem? Francesca é virgem, não é?

PROFESSOR: Como você chegou a essa conclusão, Seu Stewart?

STEWART: Os exemplos, meu querido amigo. Apenas as virgens conseguem

¹⁰ Ticoloshes (Zulu e Xhosa) é uma representação dos saberes tradicionais sul-africanos. Os ticoloshes têm tamanho pequeno e costumam ficar na água e são bastante citados nas religiões tradicionais sul-africanas, principalmente no Zulu. As províncias do Norte da África do Sul são popularmente conhecidas por terem muitas bruxas e trabalhos de feitiçarias. Em 2019, conversando com um amigo sul-africano de etnia Zulu, ele havia me dado essa informação. Surpreendentemente me deparei com a mesma informação no livro.

ver a Virgem.

O *VENDEDOR DE SORRISOS* chega com um turbilhão de energia e hiperatividade. Ele segura dois cartazes feitos de papelão.

VENDEDOR: *[gritando empolgado]*: Consegui algo novo! Consegui coisa nova, viu! E essa é de lenhar, meu irmão! Vou te dizer, Seu Stewart, essa aqui vai matar eles de rir!

PROFESSOR: Estamos conversando sobre algo sério.

VENDEDOR: O que é mais sério que risadas? Rir é um negócio massa demais!

[Ele se aproxima do carrossel, empurra-o com toda a força e se joga nele. O carrossel começa a girar, e ele ri muito enquanto dá voltas. Com um sorriso radiante, ele levanta as mãos no ar. As risadas ficam mais altas à medida que o carrossel acelera. Gradualmente, ele vai diminuindo a velocidade até parar. Ele parece tonto e cambaleia até o seu cartaz]

STEWART: Ele deve estar chapado por causa dos cogumelos.

PROFESSOR: Esses cogumelos vão matá-lo.

VENDEDOR: Eles podem até te chamar de Professor, mas seus livros não te ensinaram merda nenhuma sobre alucigez¹¹.

STEWART: Você chama eles de alucigez?

VENDEDOR: Eu não dei nome a eles. É assim que os cogumelos mágicos são chamados. Alucigez ou Cogugez. E eles não matam ninguém, se você quer saber. Só traz umas coisas massa, tipo poder, amor, alegria. Consigo ver cores lindas no céu,

¹¹ O termo alucigez é um neologismo que acabei criando para poder seguir o mesmo padrão do texto de partida e que fizesse sentido para nós, falantes do português brasileiro. O texto de partida apresentou o termos Zoomers, que é um jogo de palavra que remete a mushrooms. Zoomers faz referência a geracao Z, por isso que optei por aluzigez, sendo que o "gez" faz, também, referência a geração z.

troco ideia com meus ancestrais - O Grande Badimo. E eles me dão um gás na criatividade, e vei, tô precisando! Tô quase lá, vou fazer a piada mais massa de todos os tempos.

STEWART: A piada mais incrível! "Quando os motoristas se depararem com tua piada nos semáforos, seus dias ganharão brilho e, quem sabe, te retribuirão com um monte de dinheiro."

Ele passa pelo VENDEDOR DE SORRISOS e diz: toca aqui!

VENDEDOR: Você é o cara, Seu Stewart. Você entende os paranauês da vida. Ao contrário desse aí que chamam de Professor, você trabalha nos semáforos e sabe das coisas. Lá se foram os dias quando você podia usar óculos escuros e ficar parado com uma placa escrita, 'Por favor, ajude o cego', e voltava entupido de dinheiro. Os coroa já sacaram essa manhã, já. Nem ligam mais pros cartazes comuns pedindo trabalho ou falando dos que tem criança pra dar o que comer. Eles querem dar umas risadas. E é exatamente isso que eu ofereço. Por isso que me conhecem em todo esse mundão de semáforos como o Vendedor de Sorrisos. Ah, sim! Lá na minha comunidade, na minha township, kwana Foreisetata, ntate, me chamavam de Rametlai."

PROFESSOR: [*desdenhosamente*]: Seu Stewart ganha um monte de dinheiro sem precisar se rebaixar segurando cartazes com piadas sem graça, tipo: "Vou fingir que sou manco, alguém dá dinheiro?" Ou a clássica que todo sinal tem: "Eu podia tá matando ou roubando, mas tô aqui pedindo ajuda para pagar as contas"

VENDEDOR: pode zoar o tanto que quiser; essas piadas tem dado dinheiro para seus criadores, meu amigo.

STEWART: E muitas outras pessoas que têm plagiado essas piadas e estão usando para benefício próprio.

VENDEDOR: Por isso que estou compondo... a melhor piada de todos os

tempos... terá direitos autorais. Não será algo comum como "eu podia tá matando e roubando". Ninguém vai roubar minhas ideias. A Piada de Todos os Tempos será franqueada. Ninguém vai usar minhas piadas sem pagar por elas.

PROFESSOR: Até mesmo seu amigo e protegido, Seu Stewart?

STEWART: Não preciso de piadas para vender. Apenas ficou parado lá e olho diretamente nos olhos deles. Todo mundo tem algo para vender no semáforo: cabide, sacos de lixo, flores, jornais, e até mesmo piadas. Não tenho nada para vender além da minha branquitude.

VENDEDOR: Você não é branco, Seu Stewart. Você já foi branco, mas não é mais. O sol acabou com essa coisa em você.

STEWART: não preciso de nada para vender porque tenho minha branquitude. Eles te dão mais dinheiro quando você é branco.

SELLER: Olha pra você, véi! Ninguém pode dizer que há diferença entre nós dois.

STEWART: Pessoas brancas te dão mais dinheiro quando você é branco. Eles se identificam quando olham para você e isso os assusta pra caramba, então eles enchem seu chapéu com moedas brilhantes. Pessoas pretas também se entopem de dinheiro; ser caridoso com um homem branco infla o ego deles, então como um mendigo branco você ganha todas as partidas. Quando eu estava com Danni... [*tristemente*] Eles nos davam mais dinheiro quando eu ainda estava com Danni... quando ela ficava lá como uma princesa no semáforo. Uma princesa banhada pelo sol.

PROFESSOR: Percebo uma tristeza em seu rosto toda vez que Danni é mencionada, mas você parece relutante em falar sobre ela

É evidente que SEU STEWART evita tocar no assunto sobre Danni. Enquanto isso, ele se dirige aos pedaços de cartaz caídos no chão, tentando alcançá-los.

STEWART: Quando vai soltar a próxima piada, Vendedor de Sorrisos?

SELLER: Não, me dê de volta meus cartazes.

STEWART: Qual é, irmão, nós somos camaradas. Queremos ver a A Melhor Piada de Todos os Tempos.

SEU STEWART escapa com os cartazes enquanto o VENDEDOR DE SORRISOS o persegue pela área de brinquedos do parque. Apesar de STEWART ser mais velho e não tão rápido quanto o VENDEDOR, ele passa o cartaz para o PROFESSOR, que assume a corrida. Quando o cartaz está com o PROFESSOR, o VENDEDOR desiste da perseguição. Fica claro que ele não tem simpatia pelo PROFESSOR e se recusa a se envolver em qualquer brincadeira com ele. Assim, ele permanece no local, apenas gritando.

SELLER: Me dê meus cartazes, seu bastardo!

PROFESSOR: Bastardo? *Awuhloniphi wena*. Toma!

Ele arremessa os cartazes nele.

O VENDEDOR deixa-os cair na grama.

STEWART: Então, qual é o grande segredo?

VENDEDOR: Você deveria ser o último a me fazer essa pergunta, Seu Stewart. Você sabe como a coisa tá no semáforo. Eu não quero que ninguém veja, pois eu ainda tenho que arrumar. Eu não quero que ninguém roube minha ideia antes que eu exerça meus direitos autorais.

PROFESSOR: Oxe! Direitos autorais! Como você exerce direitos autorais em algo rabiscado em um cartaz?

VENDEDOR: Te chamam de Professor, mas você não entende de direitos autorais?

PROFESSOR [*rindo zombeteiramente*]

VENDEDOR: Pode zoar o quanto quiser. Essa aqui vai quebrar todos os recordes.

STEWART: Como uma piada quebra recorde?

VENDEDOR: A piada que me deixará milionário; a que me fará ser classificado pela REE Fat Cats. ou fazer um showzinho com as fumaças do meu Rolls-Royce no semáforo, e não finja que não me conhece, viu?

Cansado deles, o VENDEDOR sai.

STEWART: Ele te odeia.

PROFESSOR: Apenas um ressentimentozinho porque eu leio jornais ao invés de deitar neles para dormir. Isso foi o que ele me falou uma vez.

STEWART: Ele está com inveja porque você não trabalha na rua como o restante de nós, e ainda assim você vive muito bem.

PROFESSOR: Vivo bem? Na praça?

STEWART: Eu também tenho inveja. A diferença é que eu sei como disfarçar isso; ele não. Você não quer nada.

PROFESSOR: Você não sabe, Seu Stewart. Você não sabe! Mas eu sou um homem torturado. Minha alma está sofrendo e eu me encontro no meu próprio inferno. Eu olho para você e para ele indo e vindo sem nenhuma preocupação no mundo, e eu tenho inveja disso.

STEWART: Você não mendiga como nós temos que mendigar.

PROFESSOR: Apenas porque eu odeio a soberba dos doadores. Eles são muito egoístas.

STEWART: Essas pessoas são egoístas por que nos dão dinheiro?

PROFESSOR: Você acha que eles são altruístas? Talvez sejam, mas no final, todo altruísmo é um ato egoísta. O gene egoísta sempre estará ali nos humanos. O altruísmo retorna ao doador, pois isso o faz sentir-se bem consigo mesmo. Isso faz com que ele se sinta feliz ao ver que outras pessoas estão felizes por causa de sua ação. Eu não farei esses ricos felizes às minhas custas.

STEWART: Você pode se dar ao luxo de dizer isso porque é um homem independente com seus recursos, e eles são secretos porque você é tão egoísta quanto os doadores sobre os quais está falando

PROFESSOR: Eu compartilho generosidade com todos vocês.

STEWART: Exatamente. Você é bem sucedido; o Vendedor de Sorrisos pode ver através da sua filantropia egoísta.

O PROFESSOR, pego na armadilha da sua própria lógica, ri.

PROFESSOR: Eu sou tão egoísta quanto o Vendedor de Sorrisos, então não há motivos para ele me odiar.

STEWART: Sim, às vezes quando está chovendo e não é possível irmos ao escritório.

PROFESSOR: Escritório?

STEWART: Também conhecidos como semáforos.

PROFESSOR: Ah, é assim que vocês chamam isso nesses dias.

STEWART: Quando não podemos trabalhar, você vem ao nosso resgate doando alguma coisa para nossa manutenção.

PROFESSOR: Ou quando as noites de invernos são muito cruéis mesmo para *imbhawula*, eu sacrifico meus reais¹³ para sua acomodação nos abrigos de moradores de rua.

STEWART: Essa é mais uma razão para te odiar, da mesma forma que você se ressentido dos bastardos que nos dão dinheiro no semáforo para a soberba caridosa deles. Outra coisa, com certeza, é que ele acha que você o despreza porque ele não tem seu conhecimento. Você acha que é bom demais para o seu próprio bem. Ele é um cara esperto, viu? Não o subestime.

PROFESSOR: Você gosta do malandro bobo, né?

STEWART [*rindo*]: Ele se vê como meu tutor.

PROFESSOR: Ele fala que você é o aprendiz dele. O branco dele. Ele é seu dono.

STEWART: Bem, ele me salvou de uma situação constrangedora no semáforo. Ta uma noite fria e sombria após eu ter perdido Danni, meu coração dilacerado estava afogando a dor em vinho. Eu já estava completamente negligente quando o Vendedor de Sorrisos apareceu. Parece que alguns bandidos estavam de olho no meu ganho naquele dia, decidiram que me dariam uma surra e levariam tudo. Eles seguiram em frente com seus planos, me agrediram e saquearam meus pertences. Eu estava à beira da morte, se não fosse pela intervenção rápida do Vendedor de Sorrisos. Ele veio correndo, gritando 'Polícia! Polícia!', assustando os bandidos, que fugiram rapidamente, deixando-me para trás. Foi assim que o Vendedor de Sorrisos me trouxe para este parque, tratou de minhas feridas. Ele agiu por necessidade, e não posso culpá-lo por isso.

PROFESSOR: E você decidiu ficar.

STEWART: Por que não? É um lugar tão bom como outro qualquer. Neste todo – cada centímetros dele – eu sou uma pessoa oprimida, meu querido Professor. Primeiro eu fui oprimido pelos afrikaners; agora sou oprimido pelo seu povo.

PROFESSOR: "Supere isso, Lord Stewart. Sua família ainda detém as chaves

¹³ Embora a moeda oficial da África do Sul seja o rand (ZAR), optei por manter as referências em reais (BRL), a moeda oficial do Brasil, para maior familiaridade com o leitor brasileiro.

do baú do tesouro. Você simplesmente não foi esperto o suficiente para conseguir uma parte disso quando teve a chance. Assim como eu não sou esperto o suficiente para conseguir uma parte agora que sua família considera necessário dividir uma pequena fração desse tesouro com a elite da minha família."

STEWART: Que diabos você está falando, meu amigo. Você tem ingerido os cogumelos do meu tutor?

PROFESSOR: Eu não ingiro, Seu Stewart. Eu como. Apenas aristocratas como você ingerem, e a última coisa que eu gostaria de comer é cogumelos alucinógenos. Posso estar deprimido e arrependido, mas ainda não sou um suicida.

STEWART: Arrependido. Eu ouço isso o tempo todo, mas você nunca diz do que está arrependido.

PROFESSOR: Eu preciso sofrer para pagar por um passado do qual eu não quero falar. Isso não é da conta de ninguém, só minha. Isso é algo que está entre mim e minha consciência, mas, ó, isso tem me consumido a cada momento de minha vida. Há coisas que você também não quer falar, porque são seus próprios problemas. Danni, por exemplo.

STEWART: Eu consigo falar sobre Danni porque eu não devo nada... É o seguinte, você me fala o motivo do seu arrependimento e eu falo para você sobre Danni.

PROFESSOR: Trocar histórias das nossas tolices? Vá em frente, sou todos ouvidos.

STEWART: Danielle! Ela foi a garota mais bonita que você já conheceu.

PROFESSOR: Danielle? Eu nunca a conheci.

STEWART: Isso é Danni pra você, e claro que você nunca a conheceu, mas

você a amaria, Professor. Ela era uma moça, uma linda princesa africâner.

PROFESSOR: Eu não sabia que os afrikaners tinham realeza.

STEWART: Na verdade ela foi uma princesa francesa. Você sabe que alguns africâner possuem raízes francesas, mas ela era mais que apenas uma princesa, minha Danni. Ela tinha a antiga arte de ouvir as vozes que ninguém mais podia ouvir. Ela me disse que isso começou quando ela era novinha, quando era uma bebê, mas ela nunca achou que havia algo estranho em relação a isso. Dannia achava que todo mundo ouvia vozes; que todo mundo tinha uma festa nos ouvidos. Inicialmente, as vozes eram suaves e davam a ela simples comandos em uma linguagem infantil simples. Por muito tempo ela não me disse nada sobre essas vozes. Em vez disso, ficou apaixonada por elas porque eram uma força para o bem. Ela manteve as vozes em segredo; Danni estava com medo dos pais acharem que ela estava louca, e assim enviaram ela para o manicômio.

PROFESSOR: Como você lidou com isso, Seu Stewart?

STEWART: Ah, isso foi antes de eu a conhecer! Eu a conheci depois disso depois de ter se tornado uma analista no mercado de ações as vozes a aterrorizavam para que saísse do emprego. A família e os colegas imploravam para que ela silenciou as vozes, para que as apagasse. Foi então que elas começaram a aterrorizá-la. Rodopiavam-na, Professor, rodopiavam-na como uma bailarina. Eu testemunhei isso com meus próprios olhos. Girando, girando, sem fim. Nesse momento, ele gira como uma bailarina, fazendo piruetas, enquanto chama por Danni. 'Danni! Pare! O que há, Danielle? Pare!' Ele para subitamente, ofegante. Eu me aproximo dela, a segurou junto a mim. 'Não se preocupe, Danni. Tudo ficará bem. Essas malditas vozes vão desaparecer um dia, e tudo ficará bem.' Ela se vira para mim com raiva e diz: 'Eu não quero que elas cessem. Elas são minhas vozes.' Enquanto eu via aquilo como um problema, para ela era um presente. Às vezes, as vozes se apresentavam na forma de santos específicos. Ela, sendo uma devota católica, conhecia uma infinidade deles. Um sinal de doença para alguns, mas para ela, uma dádiva."

PROFESSOR: Existe uma criatura como um católico africâner?

STEWART: Claro que existe uma criatura como um católico africâner. Há muito tempo ela se converteu da fé de seus ancestrais huguenotes franceses à Igreja Católica Romana, principalmente porque os católicos eram mais tolerantes com as vozes. O povo dela, por outro lado, estava ocupado e mandaram ela ir aos médicos que rotularam as vozes como 'alucinação auditiva verbal e tentou suprimi-las com medicação. Para ela, eram vozes santas...as vozes dos anjos.

PROFESSOR: Médicos são os inimigos dos profetas.

STEWART: Conheci a Danni no sinal. Ela estava lá, parada como se fosse uma princesa, segurando seu chapéu, sem precisar de cartazes. O chapéu dela já dizia tudo, e os motoristas o enchia de moedas, às vezes até com notas. Nos conectamos na mesma hora, nossa identidade branca em meio a tantas pessoas negras nos aproximou. Ela ficou ainda mais próxima quando descobriu que eu respeitava as vozes que ela ouvia. Eu gostaria de também ter uma experiência assim

PROFESSOR: Elas estavam todas na cabeça dela...aquelas vozes.

STEWART: Não estamos aqui falando sobre vozes, Professor. Estamos falando sobre pensamentos. Eram vozes altas que ela podia ouvir como se alguém tivesse falado.

PROFESSOR: Mas você nunca ouviu essas vozes?

STEWART: Apenas ela pode ouvir. Frequentemente ela tinha uma agradável conversa com as vozes dela. Se nós estivéssemos juntos, eu teria a esperança de ouvir também essas vozes. Talvez minhas vozes se misturassem com as delas em um grande coro celeste.

PROFESSOR: A sua história é linda, Seu Stewart. A minha é vergonhosa e não será contada.

STEWART: Eu devo encontrar Danielle.

PROFESSOR: Essa história se recusa a ser contada.

STEWART: Eu devo encontrá-la, Professor.

PROFESSOR: Isso nunca deve ser dito.

STEWART: [*com maior urgência*]: Eu vou encontrá-la. Eu vou na peregrinação até Benoni e receberei a benção da Francesca Zackey, então a Virgem Maria, Nossa Senhora de Benoni, pode me ajudar a encontrar minha Danielle. Ela era uma boa pessoa, minha Danni. Ela não pode ficar no deserto; Nossa Senhora de Benoni deve me levar até ela.

Ele sai.

PROFESSOR: Isso nunca será contado.

As luzes se apagam.

Cena 2

As luzes do parque se movem em direção a SEU STEWART. Ele vasculha entre as flores, procurando algo, até encontrar um cogumelo. Ao vê-lo, ele ri e pula no balanço com alegria. Enquanto o balanço oscila, ele mastiga o cogumelo, mas sua expressão revela que não está apreciando. Pedacos de papel estão espalhados na grama próxima ao banco. Nesse momento, MADLOMO entra pela extremidade oposta. Vestida com um macacão laranja e uma sacola plástica sobre a cabeça, lembrando um cocar, ela coleta o lixo, usando uma mão para segurar um saco aberto e a outra para recolher o lixo. Em sua outra mão, ela segura um arame longo, pontiagudo como uma chave de fenda. SEU STEWART observa na direção dela, rindo discretamente antes de explodir em gargalhadas bobas.

MADLOMO: *Yho! Wangihlek'umlungu!*

SEU STEWART, aparentemente atordoado, a encara. Sua risada para, e agora parece um rosnado.

MADLOMO: O que tu tá olhando?

STEWART: Eu não sei o que eu estava fazendo comendo essa droga. Isso eleva meu espírito por um tempo e depois me deixa no lixo. Eu estou no lixo, moça, então não me toque.

MADLOMO: Tu tava me encarando.

STEWART: Porque você é uma linda princesa com as cores do arco-íris em seu corpo sexy.

MADLOMO: Se arrespeite!

STEWART: O sol se reflete de maneira gloriosa em seu cocar de plástico, como se fosse uma auréola resplandecente.

MADLOMO: Tu sujou esse lugar. Sua gente, *aniz'thandi nix*. Tu joga lixo pra tudo que é canto. Tu acha que essas latas de lixos servem pra quê?

STEWART: Se deixarmos o lugar sempre limpo você perderá seu emprego. Eu, Sua Alteza Real, Seu Stewart, mantém você empregada. Você deve me agradecer.

MADLOMO: *[ela pega os papeis]*: Ngabelungu abanjani laba?

STEWART: Vem cá, prove isso. Eles trarão brilho para o seu dia e farão que você veja as cores do arco-íris. *[Ele lhe entrega um pedaço de cogumelo, mas ela o ignora.]* Faça o que quiser! Talvez eu não comi o suficiente para que eles me proporcionem felicidade e me mantenham chapado como eles fazem com o Vendedor de Sorrisos.

Ele enche a boca de cogumelo, mastiga e depois engole ostensivamente

MADLOMO: Angizidli izinkowankowane namakhowe mina. Eu não sou um animal louco que come cogumelos.

STEWART: Esses não são quaisquer cogumelos. Eles são cogumelos mágicos.

MADLOMO: Eu venho trabalhar aqui por causa da minha filha, não por cogumelos.

STEWART: Você é nova aqui, né? Que diabos eles fizeram com aquela senhora legal que limpava a praça sempre sorrindo e brincando? Wena ka lo sourpuss.

MADLOMO: *Yho! Wang'thuka ke manje umlungu. Uthi ngiyi- poes?*

O PROFESSOR entra segurando uma pilha inteira de livros e jornais. SEU STEWART tenta esconder todos os vestígios de cogumelos e o fato de que ele estava comendo.

STEWART: Ah, meu querido Professor, nós temos uma nova faxineira limpando nossa casa, mas ela não limpa as janelas.

MADLOMO: *U-maid ngunyoko.*

STEWART: A moça arco-íris está falando na língua das cores. O que ela está dizendo?

PROFESSOR: É melhor você nem querer saber

Ele arruma o livro no banco.

STEWART: Como está a biblioteca de Johannesburgo esses dias? Eu também costumava frequentar, você sabe, quando eu ainda fazia parte dos ricos ociosos.

Após arrumar os livros, O PROFESSOR olha para cima e seus olhos se encontram com o de MADLOMO. Ambos estão espantados por um momento, e depois...

MADLOMO: O que meus olhos estão me mostrando?

PROFESSOR: *MaDlomo! Nguwe lona?*

MADLOMO: Sim, sou eu. O que tu tá fazendo aqui?

PROFESSOR [*para STEWART*]: Esta é MaDlomo. Ela é uma mulher do meu povoado, KwaVimba, em KwaZulu-Natal. Depois desses anos todos, você envelheceu como vinho!

MADLOMO: Por que eu envelheceria se nem tu envelheceu ainda?

PROFESSOR: Ah, não, eu sou muito mais novo que você. [*Em direção a STEWART*] Eu costumava beber no boteco dela em KwaVimba. Ela produzia a melhor cerveja de sorgode em todo o Vale das Mil Colinas.

STEWART: Você bebia? Então onde foi que você errou? Agora você tem aversão por todos nós que ficamos bêbados de vez em quando?

MADLOMO: Ele era o campeão quando se falava em ficar bêbado, e um dia ele simplesmente desapareceu do povoado; ninguém soube onde ele foi. Seu povo fala de como tu tivesse ido para o mundo de Amadlozi.

PROFESSOR: Eles sabem muito bem que eu tô vivo. Eles não devem fingir que não sabem o porquê de eu ter ido embora.

MADLOMO: Eu acho que faz uns dez anos desde que tu se descambou para esses lados. *Ngiyabona ke manje ukuthi nihlata nabelungu la eGoli*; este é o motivo porque tu não quer voltar para casa.

STEWART: Do que ela está se queixando?

PROFESSOR: Por isso que não retorno ao meu povoado, porque eu estou

aproveitando do privilégio de estar com pessoas brancas aqui em Johannesburgo – inclusive você [*em direção a MADLOMO*] Seu Stewart não é mais um homem branco. Ele já foi, mas como você percebe, o sol fez a parte dele. Agora ele é um homem negro.

STEWART [*Para MADLOMO*]: Não ouça ele! O sol pode ter feito merda em minha cara, mas eu continuo sendo um homem branco e é melhor você se lembrar disso. Não seja arrogante comigo me chamando por nomes em seus jargões tribais. [*Para o PROFESSOR*] Isso foi o que ela estava fazendo antes de você chegar... me culpando por sujar a praça.

PROFESSOR: O homem colonial que existe em você persistirá mesmo muito tempo após o declínio do Império Britânico, Lord Stewart. Ilusão chamar a língua do grande amaZulu de jargão tribal!

MADLOMO: Se eu fosse tu eu voltaria pra casa. Pra que sofrer aqui em eGoli, quando teu pai tem um curral cheio de gados? Em breve ele vai bater as botas e os seus tios que parecem urubus vão se aproveitar das carcaças. Se isso acontecer, tu não vai ter nem um único boi sequer. Tu sabe como nosso povo é ambicioso.

PROFESSOR: Eles farão isso de qualquer forma, e isso será problema deles, não nosso.

MADLOMO: Hawu, kade bengizingene ngani izindaba zabantu? Eu não tenho tempo para gastar com prosa ruim. Eu tenho uma praça para limpar; também tenho uma manifestação para ir.

STEWART: Ah, então você é uma das trabalhadoras do município que dança o toyi-toyi ¹²o tempo todo, revirando as latas de lixo e fazendo a cidade inteira ficar imunda, aí assim você terá algo para limpar novamente. Espertos! Espertos! Seu povo sabe como demandar trabalhos para ele mesmo, e você aqui resmungando por causa de um ou dois pedaços do meu pão com ovo.

¹² Toyi-toyi é uma dança tradicional sul africana, utilizada nos protestos de rua. Durante o Apartheid, essa dança era utilizada para intimidar a polícia repressora. Eu já presenciei essas danças em manifestações aqui em Cape Town, porém, por ser um momento de muita alegria, eu não consegui identificar de imediato que se tratava de um protesto.

PROFESSOR: Ela está certa. Você sabe que nós fizemos um acordo de que deixaríamos esse ambiente sempre limpo.

MADLOMO: E eu não estou virando latas de lixo. Nossa manifestação é por justiça.

STEWART: Você devia ter sido uma professora em outras vidas... Mantendo tudo limpo ao redor.

PROFESSOR [*Para MADLOMO*]: Qual é o problema dessa vez? Aumento de salário e poucas horas de trabalho?

MADLOMO: Nossa manifestação é em defesa do nosso líder – o Irmão Chefe Reverendo, meu Líder, que foi acusado por uma mulher *isifebe* de a ter estuprado.

PROFESSOR: Você é uma das mulheres que estão protestando na frente do tribunal em apoio ao sacerdote que está sendo julgado por estupro?

STEWART: Eu vi isso no seu jornal.

PROFESSOR: Desde quando você lê jornais, Seu Stewart?

STEWART: Eu parei de ler jornais porque fiquei decepcionado sobre as notícias de todos os roubos indiscriminados e corrupção de sua gente no governo. Mas vez ou outra eu dou uma olhadinha nos títulos quando meu pão com ovo são embalados no jornal... principalmente quando você começou a brigar igual uma cadela quando ninguém pega no seu jornal. Então eu sei tudo sobre seus sacerdotes e políticos que estupram mulheres.

MADLOMO: Tu gostando ou não, eles são seus povos também. E eles não estupraram ninguém. O Irmão Chefe Reverendo, meu Líder, não estupra. Estamos lá para ver se a justiça será feita. Nós vamos cantar e dançar do lado de fora daquele tribunal de justiça até os juízes saberem que ele não é culpado.

PROFESSOR: E se a justiça não for feita?

STEWART: Afinal de contas ele confessa que **nhanhou**, mas afirma que foi consensual.

MADLOMO: E o que isso tem a ver com estupro? Ninguém vai encontrar culpa nele. Vamos garantir que isso aconteça. Tu não acha que estamos lá só para passar tempo, né? Algumas de nós somos pessoas trabalhadoras e temos crianças. Eu tenho uma criança doente em casa sofrendo de AIDS. Eu sou a única que cuida dela. Apesar disso, eu tenho que sacrificar meu tempo para me manifestar no tribunal de justiça. Eu começo o trabalho bem cedo limpando a praça, então eu posso sair mais cedo para estar presente na manifestação. Tu sabe por que eu faço isso? Simplesmente porque o Irmão Reverendo Chefe, meu Líder, é inocente.

PROFESSOR: Se ele é inocente ou não, independente de você está lá ou não a justiça decidirá.

MADLOMO: Não, não vai. É importante que nós, mulheres sul africanas, botemos pressão nesses juízes brancos para que eles respeitem a nossa cultura. E *futhi ke* o Irmão Reverendo Chefe, meu líder, deve ver que ele tem nosso total apoio. Ele tem que ter muita força para andar todas as manhãs naquele tribunal de justiça e encarar aqueles juízes e procuradores brancos. Ele ficou do nosso lado quando nossa cultura estava sob ataque. Ele apoiou o teste de virgindade quando outros líderes deram uma de sonso sobre o assunto. Agora que ele está sob ataque dos inimigos da nossa cultura, nós iremos permanecer com ele.

PROFESSOR [*Para STEWART*]: MaDlomos era a verificadora de virgindade lá no nosso povoado. Ela liderava os testes de virgindade, respeitada em todo o Valle de Mil Colinas.

STEWART: Uma mulher em busca do hímen. [*Com ironia*] Eu me curvo diante de ti.

MADLOMO: Sai daqui! Se pica! Tu é um homem branco que não sabe nada sobre nossa cultura.

PROFESSOR: Uma mulher em busca do hímen? Mas eu pensei que Vesalius já tivesse encontrado, lá pelo século dezesseis.

STEWART: Eu sabia que você teria uma história sobre isso, Professor. Não é em vão que você carrega esses livros da Biblioteca de Johannesburgo. Quem foi Vesalius?

MADLOMO: *Angiyihlalel'imibhedo ke mina.* Ó...tô indo, viu... O que homens entendem sobre virgindade?

Ela segura sua sacola de lixo enquanto começa a se afastar, porém, de maneira evidente, sua curiosidade a atrai de volta à cena. Finge, então, estar removendo um teimoso pedaço de lixo usando seu material de limpeza, tudo enquanto se mantém atenta à conversa dos homens.

PROFESSOR: A profissão de MaDlomo deve agradecer a esse homem por ter descoberto o hímen em 1544. Vesalius foi apenas um nome que seus amigos latinos lhe deram; o nome real dele foi Andreas van Wesel.

STEWART: Um africâner! Acredite, um africâner descobriu o himem!

PROFESSOR: Na verdade ele foi um belga, Seu Stewart. Deve ter sido flamengo, mas na época ele estava trabalhando em Pisa, na Itália como anatomista e médico. Ele descobriu o hímen quando esculpiu uma freira de 36 anos que tinha morrido de pleurisia. Para ter certeza de que não era apenas uma coincidência, eles esculpiram uma menina corcunda de 17 anos, que ele havia roubado do cemitério medieval Camposanto, e mais uma vez encantou o hímen. Eu acho que MaDlomo e as suas companheiras de ofício deveriam fazer do Vesalius o santo padroeiro delas.

MADLOMO não consegue se conter e responde.

MADLOMO: Quando Vesalius descobriu o hímen, nossos ancestrais já sabiam a respeito.

Ela sai de 'mal humorada'.

PROFESSOR: Com tantas praças no mundo, ela tem que trabalhar justamente nessa! Não posso ficar mais aqui, Seu Stewart. Eu tenho que ir embora. Eu tenho que encontrar um novo refúgio.

STEWART: Ir embora? Só por causa dela? Por que ela te incomoda?

PROFESSOR: Não gosto das pessoas da minha terra ao meu redor, e há uma razão pela qual eu deixei eles para trás. Agora ela vai fofocar sobre mim, e todo mundo de KwaVimba saberão da minha vida.

STEWART: Então você vai fazer as malas e ir, assim?

PROFESSOR: Você não conhece esse povo, Seu Stewart.

STEWART: Você está me deixando desconfiado, Professor. Você está fugindo de alguma coisa.

PROFESSOR: Eu não estou fugindo de nada, rapaz. Por que eu fugiria?

STEWART: Você acabou de dizer que está indo embora.

PROFESSOR: Ir embora não é fugir. Eu apenas não consigo suportar essa mulher vindo aqui.

STEWART: Como se ela soubesse algo sobre você?

PROFESSOR: Quando foi que você se tornou tão esperto?

STEWART: Ela disse algo sobre seu povo lá do povoado? O que ela quis dizer, exatamente?

PROFESSOR: Ei, por que você não perguntou a ela? Ela disse isso, não eu.

STEWART: Quem é você, Professor?

PROFESSOR: Vá para o inferno, rapaz! Eu já perguntei quem você é?

STEWART: Você sabe quem eu sou. Eu falei para você sobre Danielle e as vozes que ela ouvia. Você não me contou porcaria de nada, exceto para dizer que sua história nunca deve ser contada.

PROFESSOR: Então você acha que quando você fala de Danielle, você estava falando de você mesmo?

STEWART: Quem é você exatamente, Professor?

O PROFESSOR não responde.

STEWART: E como você sempre tem dinheiro? Seu pai é rico? Tem muito gado? Isso foi o que aquela mulher disse. É de lá que você tira o seu dinheiro? O coroa envia dinheiro de casa para você, né?

PROFESSOR: Eu não ganho um centavo de casa. Se dependesse deles, eu poderia estar morto.

STEWART: Então, qual é a sua fonte de riqueza? Qual é, Professor, diga para nós. Não seja egoísta!

PROFESSOR: Dificilmente você pode chamar isso de riquezas.

STEWART: Como que você sempre tem dinheiro, e ainda assim ninguém nunca te viu trabalhando no semáforo como nós fazemos?

PROFESSOR [*irritado*]: Eu ganho do governo, se você quer saber.

STEWART: Você trabalha pro governo? Como? Quando? Fazendo o quê?

PROFESSOR: Eu não trabalho pro governo. Eu tenho um auxílio por invalidez.

STEWART: Mas você não é inválido! Ou é? Aonde?

PROFESSOR: Desde quando você passou a ser meu entrevistador?

STEWART: Eu também quero um auxílio do governo. Eu quero ser que nem você. Eu nasci para ser um rico inativo igual a você. Por que você acha que me tornei nobre? Porque eu sabia que eu fui destinado a estar no ranking dos ricos inativos. Você me ajudou, Professor.

PROFESSOR: Não foi fácil, Seu Stewart. Eu tive que comprar o escarro de um homem doente.

STEWART: Você ficou rico negociando escarro?

PROFESSOR: Exatamente. Lá no meu povoado um parente meu passou a ser conhecido por todo Vale da Mil Colinas como vendedor de saliva. Ele estava com tuberculose, mas os médicos acharam difícil curar porque ele tinha AIDS. Ele estava tomando os anti-retrovirais e estava ganhando o auxílio por invalidez do governo. Mas ele era um homem esperto e o auxílio não foi suficiente para sustentar as milhares de noivas e amantes. Então ele ganhou mais dinheiro vendendo a saliva dele. Ele tinha uma placa na porta com o preço do dia: 'compre saliva barata por 30 reais'. Ele sentava no banco no meio da barraca e esperava pelos clientes. Eles vinham, pagavam e ele extraia os maiores pedaços das profundezas da sua alma. Você vai ao posto de saúde e fala a eles sobre sua persistente e incessante tosse. Eles te dão um pequeno pote de vidro e pedem para que você encha de catarro. Você já tem o catarro do Vendedor de Saliva em seu bolso; tudo que você precisa fazer é transferir isso para a vasilha deles. E eis que o teste mostra que você tem a pior tuberculose inimaginável. Então,

Seu Stewart, isso é exatamente o que eu fiz.

STEWART: E se eles te internarem no hospital? E sobre o tratamento?

PROFESSOR: Os hospitais estão lotados, Seu Stewart. Eles não têm mais o luxo de te internar por tuberculose. Eles me deram tratamento, mas eu cuspi os medicamentos no sanitário. Após seis meses eu consegui mais saliva e os médicos disseram que minha tuberculose é resistente ao tratamento.

STEWART: Quando os outros seis meses acabar você voltará ao povoado novamente para ter mais saliva?

PROFESSOR: Ah, não, o cara que me cedeu no começo morreu. Há várias outras pessoas que vendem catarro durante todos esses tempos, até mesmo nas favelas aqui. Saliva é um grande negócio se você souber onde encontrar.

STEWART: Não é à toa que a sua consciência está te consumindo, então esta é a história que nunca devia ter sido contada, e é disso que se trata seu arrependimento.

PROFESSOR: [*rindo ironicamente*]: Longe disso, Seu Stewart. Eu não me arrependo do auxílio por invalidez, pois estou tirando uma casquinha do que posso em nosso país. Por que apenas políticos e funcionários públicos sacam os cofres públicos? Também devo ter a minha parte. O auxílio por invalidez é a última coisa que me deixa culpado quando ponho a cabeça no travesseiro. A única coisa, Seu Stewart, que me dá insônia durante a noite é como vou manter minha invalidez para sempre, para que, então, a fonte não seque.

O VENDEDOR DE SORRISOS chega com sua energia radiante como sempre.

VENDEDOR: Cês vão ficar velhos antes do tempo por ficarem sentados aqui igual uma planta. Tem vida lá fora, viu? E o que você tem, Seu Stewart? Eu não vi você no semáforo hoje. *U lelôfa jwale monna kea u bona!*

STEWART: Eu tinha planejado ir à Benoni.

VENDEDOR: O semáforo lá em Benoni é mais lucrativo?

STEWART: Não, rapaz, para ver Francesca Zackey e receber a benção da Virgem.

PROFESSOR: O que aconteceu?

STEWART: Eu não fui porque eu não tinha dinheiro suficiente para a van. Quando eu voltei aqui eu pensei que eu poderia pegar dinheiro emprestado com você, meu querido Professor, mas você tinha ido para a biblioteca, depois havia a presença impertinente daquela mulher do seu povoado.

O VENDEDOR DE SORRISOS caminha e procura algo entre as flores.

PROFESSOR: Nossa Senhora de Benoni; você acha que ela vai fazer Danni voltar para você?

STEWART: O fato da Danni ter ido embora me fez aprender que, às vezes, nós achamos que a pessoa é a certa porque pensamos que ela sempre estará conosco, mas aí do nada ela não está aqui. Talvez ela foi para um lugar onde ela acha que não será mais subestimada. Nós fracassamos, nós perdemos, nós navegamos hesitantes pela vida.

VENDEDOR: Agora me diga, seus bastardos, quem roubou meu alucigez?

Ele fixa no PROFESSOR.

PROFESSOR: Nem olhe para mim. Para que eu queria cogumelos?

VENDEDOR: Eu tinha um que estava pronto para ser comido. Nesta manhã, eu dei tchau a ele sabendo que eu voltaria para usar à noite, e agora ele não está ali. Só pode estar com você, seu bastardo velho. Ou com vocês dois.

STEWART: Não, isso não pode estar com o Professor. Ele não rouba os amigos dele, e nenhum de nós fazemos isso. Talvez foi algum animal selvagem... talvez um coelho veio aqui e comeu suas coisas. Ouço que coelhos são...

VENDEDOR: [*chateado*]: O que farei sem meus Alucigez? Eu preciso deles para ter inspiração. Como vou criar A Piada de Todos os Tempos sem minha inspiração?

STEWART: Até amanhã de manhã eles vão crescer novamente.

VENDEDOR: Eu não preciso deles amanhã. Eu preciso deles agora.

PROFESSOR: Seus amigos – intanga zakho – cheira cola para ter inspiração.

VENDEDOR: Eu não sou uma criança de rua qualquer, wena. *Ha ke malala- phayiphu.*

Ele se dirige até o carrossel, agarrando-o com raiva, em seguida, salta para fazê-lo girar. Extravaga enquanto tenta, mas a máquina não colabora. O equipamento range e, de repente, para bruscamente. Algo se quebrou.

STEWART: Essa é a sua nova África do Sul. Isso é o que acontece com tudo que seu povo toca; quebra.

PROFESSOR: Por quanto tempo você ficará amargurado porque seu povo está perdendo o monopólio do poder, Seu Stewart?

VENDEDOR: Não fique se achando, pois não é a primeira vez que isso acontece. Eu sei como consertar e amanhã mesmo isso aqui estará funcionando de novo. Ah, e amanhã mesmo eu terei uma nova colheita de Alucigez. Nem pense em roubar novamente, seus velhos bastardos.

PROFESSOR: Você sabe por que a Piada de Todos os Tempos nunca vai acontecer? Porque você não respeita os mais velhos. A inspiração nunca chega para os idiotinhas que são desrespeitosos.

SELLER: Eu sei que você deseja que eu me dê mal na minha missão de criar a melhor piada de todos os tempos, mas eu não vou me dar mal. Estou firme com o meu sucesso. Com a ajuda de pessoas como Seu Stewart, eu vou conseguir.

STEWART: Como ajuda? [*Brincando com ele*]: Eu vou fazer qualquer coisa por você, meu conselheiro.

VENDEDOR: Bem que a gente poderia ser uma equipe quando sair para mendigar. Você será meu escravo acorrentado; eu serei seu senhor. Eu terei um cartaz com a seguinte frase: 'Senhor de escravizado falido em tempos difíceis precisa de dinheiro para alimentá-lo.' Isso! Você não acha isso brilhante? Vamos ter muito dinheiro.

STEWART: Ninguém vai acreditar em você, pois eu sou branco e você é preto. No mundo inteiro branquitude é poder; negritude é servidão.

PROFESSOR: Por isso que é uma boa piada. Tá vendo? Você pensou em algo inteligente sem seus cogumelos.

VENDEDOR: Ninguém te perguntou. Isso é entre mim e Seu Stewart. Cê não saberá merda de nada sobre isso; você nunca trabalhou no semáforo.

Ele sai.

PROFESSOR: Ei, eu estava te apoiando.

STEWART: Você nunca vai conquistar esse menino, Professor. Ele só vai te admirar quando você se for. Ele não sabe que logo ele vai se arrepender de ter te subestimado.

PROFESSOR: Logo? Mas eu não estou indo a lugar nenhum.

STEWART: Você está pegando seu caminho; você disse isso, você está fugindo da testadora de virgindade.

PROFESSOR: Certo, ficarei aqui, afinal de contas eu cheguei primeiro. Se há alguém que tem que ir embora, esse alguém é ela. Ela terá que encontrar um emprego em outro lugar. Eu vou procurar um jeito de assustá-la.

STEWART: Então, um touro e uma vaca que vieram do Vale das Mil Colinas não podem ficar no mesmo curral. [*Brincando*]. Você acha que ela terá a ideia de testar sua virgindade, Professor? Eu nunca ouvi você falar de mulheres. Talvez você não tenha deflorado ainda? Senão, por que você não quer compartilhar essa praça com uma testadora de virgindade?

PROFESSOR: Eu não sou fã da profissão dela, isso é tudo.

STEWART: Eu acho que é uma profissão nobre.

PROFESSOR: E qual a relação do homem e a virgindade? O que é essa fascinação? Virgens tem determinado a história do mundo. As pessoas até travam uma guerra em seu nome. Homens matam outros seres humanos, então quando eles chegarem no Paraíso eles podem ter um rolo no feno com 72 virgens. Não estou falando apenas de 72 mulheres. Estou falando de setenta e duas virgens.

STEWART: O que você faz com 72 virgens no céu? Não me diga que as pessoas fazem *nhanham*¹³ no céu. E é tanta libido que eles precisam de 72!

PROFESSOR: Acho que é apenas para se divertir. Eu não acho que há procriação lá;

STEWART: Mas 72! Isso é ganancioso, meu querido Professor!

PROFESSOR: Não seja tão presunçoso nessa questão, Seu Stewart. Sua fé tem sua cota com as virgens também. Eu vou te dar dinheiro para ver uma em Benoni amanhã.

STEWART: [*fazendo o sinal da cruz*]: Perdoe-me, Virgem Maria Mãe de Jesus. Essa

¹³ Talvez essa expressão seja muito regional, mas foi a primeira palavra que veio a minha memória, quando li a expressão "nokie-nokie" no texto de partida, que significa manter relações sexuais, bem como *nhanhar* tem o mesmo significado no nordeste do Brasil, visto que essa expressão foi muito usada na novela televisiva 'Á Indomada', que foi encenada, também, no nordeste brasileiro.

conversa está se tornando muito blasfêmia para meu gosto.

PROFESSOR: Se acostume. Você que trouxe esse assunto sobre virgens, eu não.

STEWART: Não estou dizendo que você deve me dar dinheiro para ir à Benoni. Eu só não quero mais falar sobre virgens.

Um silêncio intenso acontece... até que...

STEWART: Você sabia que Danni era virgem?

PROFESSOR: O que? Ela ficou com você todo esse tempo e era virgem?

STEWART: Nós mendigamos juntos por três anos. Eu nunca a toquei, e ninguém havia tocado nela antes de mim. Ela era pura. Danni foi uma das milhares de mulheres católicas do mundo todo que consagrou a virgindade à Deus.

PROFESSOR: Hawu, kanti Danielle era uma freira?

STEWART: Ah, não, ela não era uma freira. Essas são mulheres comuns que pertencem ao Rito para a Consagração das Virgens que Vivem no Mundo. Essa é a organização delas. Danni me disse que isso foi fundado apenas pela Igreja em 1970 e suas vozes pediram para que ela se juntasse a esse grupo. Essas mulheres não são freiras, Professor. Elas não fazem votos ou se juntam a qualquer ordem monástica. Elas são mulheres comuns, tendo uma vida comum, exceto pelo fato delas entregarem a virgindade a Deus, por isso Danni nunca casou.

PROFESSOR: Agora entendo porque você acredita que a peregrinação a Benoni te ajudará a trazer Danielle de volta. A Virgem de Benoni vai te ajudar a encontrar sua virgem perdida.

STEWART: Virgens são seres mágicos, Professor, e minha Danni era uma mulher mágica. Vem cá; eu quero te mostrar uma coisa.

Ele o leva até as flores. Entre aquelas do outono, ele pega um saco plástico.

PROFESSOR: Eu vi que você e o VENDEDOR DE SORRISOS escondem suas coisas roubadas entre as flores.¹⁴

STEWART: Ninguém se importa com as flores. Você sabe o que é isso?

STEWART mostra algo que havia retirado do saco plástico. Claramente, para STEWART, este é um momento solene e o PROFESSOR trata o objeto com a devida reverência.

PROFESSOR: É uma fatia de torrada e batata frita.

STEWART: Não é qualquer torrada, nem qualquer batata frita. Danni tinha o dom de identificar a Virgem Maria e seu Filho nas coisas do dia a dia. Olha para esse pacote de batata frita do Simba cuidadosamente. O que você vê? Você não vê a imagem? Tem o formato igual ao rosto de Jesus Cristo. Danni descobriu isso em um pacote que estávamos comendo três anos atrás. Ela imediatamente identificou o rosto de Jesus Cristo no pacote. Desde então nós os guardamos. Quando isso fica vermelho em alguns lugares ela diz que era o estigma¹⁵.

PROFESSOR: E o pão torrado?

STEWART: Às vezes ela ajudava cozinhando na Casa para Desabrigados do Exército da Salvação. Um dia ela estava preparando o café, quando a torrada saiu e tinha uma imagem da Virgem Maria impressa. Vê? Bem, você não vai poder ver a imagem muito clara agora, mas ela costumava ser muito mais nítida, com o tempo foi desaparecendo.

PROFESSOR: E você tem guardado isso todos esses anos em homenagem a Danni?

¹⁴ Em Salvador, os moradores de rua também penduram as coisas nas árvores ou no meio das flores dos parques.

¹⁵ Nesse contexto, a palavra estigma, que poderia ser traduzido como "marca" tem um teor religioso. No entanto, para manter essa significação religiosa, optei por estigma.

STEWART: Eu tenho guardado isso todos esses anos em homenagem a Danni.

PROFESSOR: Você tem que ir em Benoni amanhã. Francesca deve te ajudar a ver a Virgem ao vivo. Eu tenho certeza que ela terá o prazer em conhecê-lo, especialmente após você ter guardado a imagem dela que está estampada no pão e na batata frita.

STEWART: Apenas na torrada. Na batata frita é o filho dela... com estigmas.

PROFESSOR: Ainda assim, a Virgem ficará animada em ver você.

STEWART: Você é o cara, Professor! Você é o cara!

Luzes se apagam.

Cena 3

As luzes se acendem sobre o PROFESSOR. Ele está sentado em um banco, concentrado na leitura de um jornal. Enquanto isso, O VENDEDOR DE SONHOS martela no carrossel, tentando consertá-lo. O barulho do martelo é constante, e ele ocasionalmente lança olhares para o PROFESSOR, esperando uma reação. Percebendo a falta de resposta do PROFESSOR ao barulho, ele martela com mais força. Quando o barulho se torna insuportável, o PROFESSOR se levanta e caminha em direção a um cartaz caído no chão. Ele o vira para cima e lê. Nesse momento, o VENDEDOR DE SORRISOS para de martelar e corre para pegar o seu próprio cartaz.

STEWART: Ei, o que você pensa que está fazendo?

PROFESSOR: [*lendo em voz alta*]: ‘Você vai me dar algumas moedas ou você quer que eu pegue meus óculos escuros e minha bengala branca?’

VENDEDOR: Me dê meu cartão de volta, seu bastardo velho!

PROFESSOR: Isso é a Piada de Todos os Tempos? A piada que te fará ganhar

milhões?

O VENDEDOR arrebatou o cartaz para longe do PROFESSOR.

VENDEDOR: Você não tem direito de ler minhas coisas privadas!

PROFESSOR: A piada que você vai franquear com outros mendigos em outras partes da cidade? Isso vai enfeitar as noites nos semáforos em alguns dos mais sofisticados pontos centrais de Joanesburgo?

VENDEDOR: Não há nada de errado com a piada. Você está apenas com inveja, isso sim!

PROFESSOR: A piada que vai matar os padrões de rir até mesmo nos sinais de trânsito nas cidades vizinhas – de Benoni à Boksburg?

VENDEDOR: [*o desafiando*]: Sim, é piada! E daí?

PROFESSOR: Não há nada de original nisso. Isso é uma visão do antigo padrão: 'Você vai me dar dinheiro ou você quer que eu finja que sou um manco?' Pensei que você estava vindo com alguma coisa inovadora!

VENDEDOR: Quem se importa com originalidade? Eu quero uma piada que me dê dinheiro, e pronto. De onde eu vim, Free State, há um provérbio do Sesoto que diz que *a sabedoria ancestral é inabalável e mestre do presente*. Nós construímos coisas novas através de outros que criaram antes de nós.

PROFESSOR: Se você quer fazer as pessoas rirem, você precisa de algo novo. Todo motorista de Johannesburgo já viu essa.

VENDEDOR: De outra forma. Mancar não é a mesma coisa de ser cego.

SEU STEWART entra e vai direto para o balanço.

PROFESSOR: Mas é a mesma ideia. Se você quer ser milionário, você terá que pensar em algo melhor, como a piada que estava em sua mente envolvendo Seu Stewart e as vantagens provindas da branquitude dele.

STEWART: Ei, não me envolva nisso. Eu não serei arrastado por correntes nas ruas de Johannesburgo. Eu não quero ser uma piada. Eu continuo tendo respeito próprio, sabia?

VENDEDOR: Por favor, por favor, por favor, Seu Stewart. Será uma grande atuação que vai superar todos os cartazes juntos.

PROFESSOR: Como estão as coisas em Benoni; você voltou cedo. Eu não sabia que Francesca e a Virgem Maria distribuem bençãos de fast-food.

O VENDEDOR mantém o balanço imóvel.

VENDEDOR: Qual é, Seu Stewart. Tem dinheiro para ganhar aqui!

STEWART: [*irritado*]: Deixa isso para lá, vei. Você não consegue perceber quando um homem quer ficar sozinho? Fui até Benoni à toa e tô sem paciência pra você... Tá bom, desculpe, irmão, mas vamos deixar isso para lá, viu?

O VENDEDOR, magoado, se aproxima do carrossel e começa a mexer nele, mas desta vez, sem causar qualquer barulho.

STEWART: Você consegue imaginar isso? A Virgem Maria tem um horário comercial rigoroso e eu o perdi por um dia. Há uma placa na casa da família Zackey: 'Saudamos família e amigos. Obrigada por visitar a casa de Nossa Senhora de Ray. Por favor, anote os horários das missas e curas espirituais: segunda e quinta das 15h00 até às 17h00; e das 19h00 às 21h00; Sábados das 14h00 às 18h00. Obrigada, Deus abençõe vocês. Francesca. '

PROFESSOR: Ela tem os horários bem apertados, né?

STEWART: Agora eu nunca encontrarei Danni.

O VENDEDOR DE SORRISOS testa seu trabalho manual. O carrossel está funcionando. Ele dá um impulso inicial e começa a girar. Ao mesmo tempo, SEU STEWART está balançando suavemente. No entanto, não há alegria nos olhos dos dois homens no brinquedo; eles parecem estar ali por obrigação. O PROFESSOR quebra o silêncio.

PROFESSOR: Amanhã é quarta-feira; a Virgem estará em serviço. Te darei mais dinheiro e você vai até Benoni.

STEWART [*empolgado*]: Longa vida ao catarro!

Ele salta do balanço e abraça o PROFESSOR. O VENDEDOR DE SORRISOS não parece impressionado. Ele permite que o carrossel continue girando até parar por conta própria, enquanto ele se dirige ao cartaz que está no chão.

VENDEDOR: Vocês estão de conversa fiada. *Le masepa kaofela.*
Ele sai.

PROFESSOR: Quando Daniele voltar, tente fazê-la feliz dessa vez. Não tenha a mesma atitude que a fez ir embora.

STEWART: Eu não fiz nada de errado, Professor. Eu só estava sendo um homem. Um homem tem necessidades, Professor, especialmente quando ele tem que passar dia após dia, noite após noite com uma mulher boa como Danni. Eu esperava que um dia ela quebrasse a promessa dela e nós pudéssemos fazer amor como casais normais fazem. Eu continuei a incomodando... insistindo... suplicando... mendigando... depois ameaçando.

PROFESSOR: Ameaçando? Com força?

STEWART: Não, não, Professor. Eu sou um cavalheiro. Ameaçando a encontrar uma

prostituta de Hillbrow para ter relações sexuais. Eu tinha esperança de que a venceria pelo cansaço.

PROFESSOR: Você não conseguiu lidar com a virgindade dela, então?

STEWART: No início eu entendi porque isso era uma ordem das vozes dela. Mas quando Deus colocou homem e mulher nesse mundo, Professor, e deram a eles diferentes órgãos, ele não estava errando. Ele queria que eles usassem os órgãos. Eu sou um homem, Professor, então eu continuei incomodando Danni apenas por um pouquinho de nhanha. Talvez eu a deixei irritada.

PROFESSOR: Então um dia ela fez as malas e foi embora?

STEWART: Não foi tão cerimonioso assim. Ela não tinha nada para colocar na mala. Eu perdi Danni no semáforo, em uma tarde fria, quando um carro com três homens parou. Eu lembro como se fosse hoje. Era uma Toyota Camry vermelha. Eles acenaram para Danni e ela sorriu. Eu achei que eles queriam dar para ela algum dinheiro, mas ela andou até o carro e, ao invés deles darem dinheiro, eles abriram a porta e a puxou. Ela hesitou um pouco, e então arrancaram o casaco dela, preparando-se para entrar.

Ele encena a si mesmo e Danielle nos semáforos.

– Não, Danni, não vá! Não entre no carro.'

– Minhas vozes falam para que eu vá!'

– Você não sabe quem são esses homens, Danni. Você não sabe o que eles vão fazer com você!'

A essa altura ela já estava dentro do carro. Eu tinha também alcançado o carro e estava tentando entrar.

– Minhas vozes nunca se enganam, Seu Stewart.’

O semáforo ficou verde, e os carros atrás estavam buzinando feito loucos. Você sabe como os motoristas de Johannesburgo são impacientes.

Ele imita as buzinas e dá o dedo do meio

Dê o seu também, companheiro! Eles não se importam com Danni, e aqueles homens estavam sequestrando ela. Tudo o que eles se importaram era o sinal verde e o tempo deles que estava sendo perdido. Os homens me empurraram para fora do carro e fugiram. Eu rolei no asfalto e só não fui atropelado pelos carros por pura sorte.

PROFESSOR: E aquela foi a última vez que você viu Danni?

STEWART: Aquela foi a última vez. Eu fui à polícia e falei que Danni tinha sido sequestrada.

“Quem é você?”, eles me perguntaram. “Qual relacionamento você tem com ela?”. Eu os respondi, e falei a eles o quão especial Danni era. Eles faziam pouco caso de tudo. Para eles, Danni era apenas uma mulher que eu tinha conhecido no semáforo. 'Ela entrou no carro por consentimento próprio', disseram. 'Você fala para nós que você não sabe quem são aqueles homens ou como ela está ligada a eles. Ela é adulta. Ela pode ir com o homem que ela quiser.' E para eles isso foi o fim da história. Mas para mim, meu querido Professor, aquilo não foi o fim. Eu estava sofrendo, e continuo sofrendo nesses dias.

O PROFESSOR dá um abraço de conforto.

MADLOMO entra limpando o lixo como de costume com a vassoura de ancinho dela.

MADLOMO: *Cha ke manje ningohlule! Ylyo kanti into oyihlalele la eGoll? Ukugonana nabelungu?*

STEWART: Hoje você está atrasada para o trabalho.

MADLOMO: Yho! Tu agora é meu patrão?

STEWART: Sim, eu sou seu patrão. Como um pagador de impostos, eu sou seu patrão.

PROFESSOR: [*risos*]: Pagador de impostos, Seu Stewart?

STEWART: Quando eu estava trabalhando eu pagava com frequência, antes das suas ações afirmativas¹⁶ terem me demitido das ferrovias e portos sul africanos. Eu continuo sendo um pagador de impostos de coração, e por isso eu sou seu patrão.

PROFESSOR: Se você trabalhou para as ferrovias e portos sul africanos, você perdeu seu emprego antes de assumirmos, então você não pode culpar as ações afirmativas. Eu, por outro lado, posso culpar porque isso privilegia amigos, familiares e comparsas grandes e poderosos, enquanto o resto de nós, negros, permanecemos pobres e desempregados.

MADLOMO: Eu sabia que tu culparia o governo pela sua preguiça.

PROFESSOR: *Phela wena*, você tem um emprego MaDlomo.

STEWART: E você está atrasada.

MADLOMO: *Yini ngawe kanti?* Eu faço meu trabalho mesmo quando estou atrasada. Estou atrasada por um bom motivo. Eu fui para a manifestação no tribunal de justiça.

PROFESSOR: Ah, o caso de estupro do Reverendo continua em processo e você coloca isso acima do seu emprego!

MADLOMO: Estou fazendo isso pela África do Sul.

¹⁶ Após o fim do Apartheid, foi criada a Lei de cotas para incluir pessoas negras no mercado de trabalho.

STEWART: Esse homem estuprou uma mulher, e você está fazendo isso pela África do Sul?

PROFESSOR: Acusado! Cuidado agora. Ele não foi considerado culpado.

MADLOMO: E ele não ser culpado porque que nós estamos lá todos os dias para lembrar esses juízes e procuradores brancos que agora nós somos donos desse país e lembrar aquela mulher *ogambh'amanga ngye* que as mulheres sulafricanas a condenam e continuam em apoio do nosso pastor e líder.

PROFESSOR: Eu não entendo por que você insulta a acusadora - culpando a vítima.

MADLOMO: Que tipo de mulher acusa seus mais velhos de estupro? Há algo maior em jogo do que apenas o orgulho pessoal dela, como mulher que alega ter sido violada.

STEWART: Eu não vejo nada de maior em jogo. Eu não gostaria de ter forçado Danielle.

MADLOMO [*ignorando STEWART*]: Afinal, todos nós sabemos que homens são cachorros e nada mudará isso. Quem de nós não nos relacionamos com homens que forçaram algo?

STEWART: Danni! Danni! Eu nunca forcei Danni. Talvez eu deveria ter feito como Reverendo.

SEU STEWART está obviamente distraído com os pensamentos em Danielle e o que ele perdeu quando a forçou. Ele vai até o confortável balanço e começa a se mover gentilmente para acalmar a si próprio.

PROFESSOR: Em outras palavras, MaDlomo, todas vocês foram estupradas uma vez ou outra, e.

MADLOMO: Apenas mulheres frescas vão reclamar disso. Mulheres de verdade não reclamam porque foram estupradas. Elas se levantam, sacodem a poeira da canga e seguem em frente. O Reverendo representa algo maior do que apenas feito sexo com uma mulher. Ele representa o povo... o pobre... aquelas pessoas que foram decepcionadas pelo governo por não terem cumprido com a promessa.

PROFESSOR: *Chaaa! Weeee! MaDlomo, nguwe lo osho nje?*

MADLOMO: Ela deveria se sentir honrada por ter sido estuprada por um grande homem como o Reverendo. A que ponto o mundo chegou? Os tempos mudaram! No nosso tempo toda essa bagunça boba não teria sido um problema, e essa mulher deveria, na verdade, estar se gabando ao invés de estar reclamando ao tribunal de homem branco.

PROFESSOR: *[como se estivesse perguntando ao público]:* Onde está a associação das mulheres para o movimento de liberdade, quando mulheres estão proferindo tais declarações?

MADLOMO: Proferindo tais declarações? O que tu quer dizer com proferindo tais declarações? Tu não entende que eu estou tentando colocar algo nessa tua cabeça?

PROFESSOR: Eu vou te dizer onde elas estão: ocupadas protegendo os trabalhos de gabinetes delas, ou buscando implantações lucrativas no serviço público e paraestatais. Ocupadas acumulando riquezas através de algum esquema de empoderamento econômico do povo preto.

Para elas, sempre haverá algo maior para ocupar, do que se levantar em prol dos direitos das mulheres. Foi assim até mesmo durante os dias de lutas para libertação. Eles fecharam os olhos para estupros e outras formas de abuso sexual nos campos de refugiados e guerrilha e no exílio, porque havia algo maior em jogo: a libertação nacional. Então, os próprios problemas delas acerca da igualdade de gênero teve que ficar em segundo plano, porque sempre haverá algo maior em jogo.

MADLOMO: Desde quando tu se tornou um homem que fala pelas mulheres? Tu

deveria também brigar pelo Reverendo porque ele está lutando pelos seus direitos. Quando ele tomar o país todo tu vai ter um emprego ao invés de ficar sentado na praça olhando a paisagem. De qualquer forma, aquela mulher não era mais virgem. Ela já tinha feito antes.

PROFESSOR: Ah, sempre tem que voltar a esse assunto de virgindade. Eu não entendo a sua obsessão por virgindade, MaDlomo.

STEWART: Minha Danni era virgem.

MADLOMO: Tu também deveria se preocupar com virgindade, até porque tu perdeu uma esposa porque ela não era virgem.

Isso desperta o interesse de SEU STEWART. Ele salta do balanço e vai até o PROFESSOR.

STEWART: Ah, *Monsieur le Professeur!* Você teve uma noiva e nunca me falou sobre isso?

MADLOMO [r]: Então, tu não contou aos seus amigos como trouxe ihlazo para a família, e depois fugiu? [Para STEWART]: Ele não falou a vergonha que fez ele sair do povoado?

PROFESSOR: Você não sabe nem a metade da história. Não foi por isso que eu saí do povoado.

MADLOMO: *Ucabang'ukuthi angizazi izindaba zakho wena?* Eu sei de tudo, por isso tu tem toda essa raiva e amargura em seu coração, e agora tu quer impedir que continuemos lutando para preservar a nossa cultura.

STEWART: Por isso que você não a quer nesse parque, Professor; ela sabe seus segredos.

MADLOMO [*Para STEWART*]: Então, ele não me quer aqui? Tu pode dizer a ele que o segredo dele não é um segredo lá no povoado de KwaVimba, e até mesmo como o resto do Vale das Mil Colinas. As pessoas falaram disso por anos.

PROFESSOR: Por culpa de pessoas como você, que são obcecadas por virgindade. Ninguém se importa sobre coisas como essa até você ressuscitar tradições velhas, que tinha morrido há dois séculos, e o teste de virgindade é uma delas. Nós estávamos vivendo felizes no século 20 até você trazer de volta isso que você chama de raízes.

MADLOMO: É minha culpa se tu casou com *iseqamgwaqo* – uma mulher desonrada – vergonha não só para os seus pais, mas para o povoado?

Ela os deixa e recomeça a recolher os lixos a uma curta distância deles. Mas podemos perceber que ela quer ouvir tudo que eles estão falando.

PROFESSOR [*chamando por ela*]: Thabisile não era uma prostituta. Isso é o que o seu povo a chama, mas ela não era nada assim.

STEWART [*entretido porque finalmente a armadura do PROFESSOR está sendo violada*]: Onde você encontrou essa mulher, Professor? Em Hillbrow?

PROFESSOR: Ela só está repetindo as fofocas do povoado, Seu Stewart. Thabisile era uma boa mulher de KwaVimba. Nós nos apaixonamos quando ambos estávamos no primário, e permanecemos assim até concluirmos os estudos. Ela era a única, o amor da minha vida, a mulher que eu me casaria. Quando meus tios foram pedir a mão dela em casamentos, foi o melhor dia da minha vida. O lobola¹⁷ foi pago e nossos pais não pouparam gastos na organização de uma grande festa para celebrar nossos casamentos como pede a tradição amaZulu. Aquela noite foi a nossa primeira vez.

STEWART: Você quer dizer que após anos juntos você não nhamaram? Que tipo de garoto você era?

¹⁷ Lobola é um pagamento que os pais do noivo devem fazer à família da noiva. No Brasil isso pode ser comparado com o dote.

PROFESSOR: Você não fez isso com Danni. Que tipo de homem você era?

STEWART [*tristemente*]: Danni tinha consagrado a virgindade dela a Deus.

PROFESSOR: Thabisile não havia consagrado a virgindade dela a ninguém. Ela era uma menina zulu estritamente tradicional, que queria esperar até o casamento. Entretanto nos acariciamos, e nós fizemos *ukusoma*. Então não foi muito difícil esperar até o casamento.

STEWART: *Ukusoma*?

PROFESSOR: Rala rala. Sexo sem penetração.

STEWART: Eu gostaria que Danni tivesse me permitido fazer *ukusoma* apenas uma vez, assim eu não teria a importunado após isso. Ela poderia ter continuado comigo.

PROFESSOR: Então aquela noite foi a noite, e foi bonito. Levamos cada um de nós as estrelas e retornamos para a terra, sem fôlego.

STEWART: Oh, meu querido Professor.

PROFESSOR: Minha avó nos acordou de manhã cedo e nos disse para desocuparmos o quarto. Do lado de fora vimos um grupo de avós – meus familiares e vizinhos. Eles vieram para verificar nossos lençóis. Eles estavam procurando pela mancha de sangue, mas não encontraram. Eles declararam que minha recém noiva não era virgem.

STEWART: Claro que ela não era. Ela não poderia ser depois de você ter feito ação suja com ela na noite passada.

PROFESSOR: Você não entende, Seu Stewart. Eles disseram que eu casei com uma mulher que não era mais virgem. Ela estava envergonhada. Ela foi xingada. Ela foi xingada porque nossos lençóis não estavam manchados. Ela foi chamada de *iseqamgwaqo*. O nome que Madlomo a chamou agora.

MADLOMO: Tire meu nome do bolo. Não estou mais na discussão. Eu estou trabalhando para o município. *Ngisebenzel'izingane zami mina la kwa-] maspala.*

PROFESSOR: Ela foi importunada quando foi ao poço tirar água. Ela foi assediada quando foi na mercearia para comprar açúcar e parafina, após isso a vida dela se tornou um pesadelo. Os mais velhos pediram para que ela falasse o nome dos homens que a desonraram, então se não fosse eu, ele deveria dar uma vaca à família de Thabisile como penalização. Ela se recusou a falar qualquer nome porque ela estava determinada de que ela nunca tinha sido penetrada por nenhum homem. Eu vi que ela estava falando a verdade para nós. Ela foi excluída por outras mulheres do povoado, e meus pais também foram excluídos até eles irem à casa de Thabisile pedir de volta uma parte do *Lebola*. Você sabe, é como se tivesse vendido uma mercadoria danificada.

STEWART: Então a sua noiva foi embora?

PROFESSOR: Qual mulher ficaria depois de tanta humilhação? Ela foi embora, Seu Stewart, porque eu não fiz nada. Eu não falei nada quando a injustiça tinha sido feita. Eu estava em silêncio em respeito a minha cultura e aos mais velhos. Desde então, eu me arrependo daquele silêncio porque eu perdi a mulher que eu amava. Jurei que nunca mais ficaria em silêncio novamente.

STEWART: Uau! Meu querido Professor, devo dizer que esse assunto de virgindade é um pouco pesado!

PROFESSOR: Sim, eu perdi Thabisile por causa da virgindade. Por isso que saí pesquisando sobre virgindade. Eu queria entender o que é isso e por que as pessoas estão morrendo por causa disso. Você vê todos esses livros? Eles são parte da minha pesquisa.

STEWART: [*rindo debochadamente*]: Você está pesquisando sobre isso no lugar errado, meu querido Professor. Você não vai encontrar isso nas páginas dos livros, mas entre as pernas das meninas.

MADLOMO não pode ajudar, mas se volta aos homens e os colocam na linha.

MADLOMO: *Cha ke manje*, tu tá exagerando. As pessoas morrem? Ninguém matou Thabisile.

PROFESSOR: Eles não a mataram fisicamente, mas em outros lugares as pessoas morrem. Nos Estados Unidos, em novembro de 2004, Jasmine Archie foi assassinada pela própria mãe, que a forçou a beber água sanitária porque a mãe dela acreditava que ela tinha perdido a virgindade. Jasmine, de Birmingham, Alabama, tinha apenas 12 anos na época. Em muitos países onde matar pela honra é parte da cultura, mulheres são assassinadas todos os dias pelos pais por elas falharem em algum teste de virgindade.

MADLOMO [*tristemente*]: Sinto muito por saber da morte da pequena menina. Eu não acho que a mãe estava bem da cabeça quando fez isso. Mas você tem que entender, filho de KwaVimba, Deus deu a Thabisile o dom da virgindade, então ela poderia dar isso a você, o marido dela.

PROFESSOR: Exatamente. A Virgindade existe para o homem, não para a mulher que deveria possuí-la. E o que o homem faz com isso? E o que o homem faz com isso? Como ele a utiliza? Como isso o beneficia?

MADLOMO: *Yhoooo! Imihlolo!*

PROFESSOR: *Yiqiniso ke lelo*, MaDlomo. A virgindade é vista como uma mercadoria pertencente ao homem, ao pai da filha. É um prêmio cuja posse é transferida do pai da garota para o marido, mediante o pagamento de um preço.

MADLOMO: *Cha ngiyabona ke manje, ukuhlala nabelungu* tem te deixado lelé da cuca. Tu mesmo chamou nosso costume sagrado, a ilobola, de preço, como se uma mulher estivesse sendo vendida como uma vaca. Por isso que tu passa a vida na praça. Os ancestrais estão te punindo, [*ela olha para o SEU STEWART*

acusadoramente]. Wenziwa yilabelungu ohleala nabo.

STEWART: Imediatamente que ela diz 'mlungu mlungu', eu sei que ela está me culpando por alguma coisa.

MADLOMO: Tu é um dos que bagunçou a cabeça dele. Ele não era assim em KwaVimba. Ele respeitava as nossas tradições.

STEWART: Ele já te disse; são os livros que estão bagunçando a cabeça dele, não eu.

MADLOMO: Bem, os livros têm feito ele perder o Ubuntu. Nossa cultura *wubuntu bethu*.

PROFESSOR: Se ubuntu significa aceitar tudo que vem sob o manto da cultura africana, então ubuntu é um instrumento de opressão.

MADLOMO: Não é apenas a cultura africana que valoriza a virgindade. A bíblia fala muito sobre isso. Até a Mãe de Jesus foi submetida ao teste de virgindade pela parteira, Salomé.

STEWART: A Virgem Maria que verei em Benoni? Que tipo de bíblia você tem lido?

PROFESSOR: Está bem aí, Seu Stewart. Mas está no apócrifo, que é aceito pelos católicos como parte das escrituras, mas não pelos Protestantes. Salome não acredita que Maria era virgem, então ela submeteu Maria a um teste de virgindade. Mas as mãos dela foram queimadas pela genitália sagrada de Maria até ficarem murchas como carne de porco.

MADLOMO: A questão é, o teste de virgindade não começou comigo; não foi introduzido no mundo por mim. O livro de Deuteronômio deixa claro que virgens como Rebeca e Maria receberam importantes obrigações sagradas porque elas eram virgens, e portanto elas eram puras. As meninas devem se orgulhar por serem virgens.

PROFESSOR: De qualquer forma, o que é virgindade? Ninguém é capaz de me dizer o que é isso. Ninguém nunca a tocou, cheirou, saboreou e ouviu. Não está lá. Não está em lugar nenhum. Tudo que eles são capazes de dizer é como deixar de ser virgem. Se estava lá antes perder, então o que era? Onde estava localizado exatamente?

MADLOMO: Tu disse para a gente outro dia sobre o homem branco que descobriu o hímen. É lá que a virgindade está localizada.

PROFESSOR: Não faz sentido! Meninas são ativas. Algumas não têm hímen porque foi rompido durante alguma atividade, outras já nascem sem. Se você está certa quando diz que a virgindade está localizada no hímen, então elas não são virgens. Ainda assim, isso não me diz o que é virgindade, isso apenas me diz meramente o que não é. O hímen é o critério menos confiável.

STEWART: Onde está esse danado do hímen que está causando todos esses problemas no mundo inteiro?

PROFESSOR: Está na entrada do jardim secreto, Seu Stewart.

MADLOMO: Como tu poderia saber de algo que tu não tem?

PROFESSOR: Eu fiz questão de descobrir depois de ter perdido minha noiva por pura burrice. Eu queria saber por que não havia mancha. Eu sabia que ela era inocente, caso não ser virgem fosse um crime. Eu aprendi que alguns hímens podem sobreviver sem se romper a uma penetração; eles apenas se dobram, e alguns são muito resistentes para sangrar. Você não pode resumir a virgindade pelo hímen, muito menos pela mancha de sangue.

MADLOMO: Sangue é o sinal de que a menina foi rompida. Até o Livro dos Livros, a Bíblia Sagrada, ela diz isso. Em Deuteronômio capítulo 22, versículo 21 diz que a mulher que não sangra na noite de núpcias deve ser apedrejada até a morte. Thabisile

teve sorte que a lei do homem, o que tu chama de Constituição, proíbe a gente de seguir a lei de Deus como é ordenada na bíblia.

STEWART: Você está fazendo a obra de Deus, Madlomo. Continue assim! Apedrejem elas até a morte.

MADLOMO: Nós, amaZulus, nunca apedrejamos ninguém até a morte, embora a bíblia nos ordene. *Sinobuntu*.

PROFESSOR: Thabisile provou que nem toda mulher sangra quando faz sexo pela primeira vez. Em nenhum caso, nem mesmo médicos e cirurgiões podem nos dizer com absoluta certeza se uma mulher é virgem ou não. A não ser que eles sejam charlatões, eles não podem concluir que o fato de o hímen não intacto, significa que a mulher teve sexo antes. A vagina não tem meios para registrar o histórico sexual.

MADLOMO: *Izinto ozikhulumayo zingavala umuntu izindlebe*.

PROFESSOR: O que estou dizendo, MaDlomo, é que provar virgindade nunca foi uma ciência exata, a não ser que você pegue alguém no ato sexual e realmente possa testemunhar a penetração. Você já viu a virgindade, MaDlomo? Você já mensurou isso?

MADLOMO: Eu não converso essas coisas com homens.

PROFESSOR: Assim como pensei. Isso não pode ser visto. O que você procura são sinais, mas como você interpreta os sinais?

MADLOMO: Da forma que meus ancestrais faziam.

PROFESSOR: Quais ancestrais? Os ancestrais estão mortos, MaDlomo; nós estamos vivos no mundo de hoje. O teste de virgindade não tem sido feito pelo nosso povo desde a época de *uShaka kaSenzangakhona*, 200 anos atrás! Na sensatez dele, Shaka aboliu a prática, do mesmo modo que ele aboliu a dança *reed*, a circuncisão

para meninos, e os amaZulu não ficaram piores pior com isso. Até os líderes dos dias atuais enxergam isso como uma fonte de poder para reinventar a cultura. O teste de virgindade não pode ser parte da cultura Zulu, se não tiver sido praticado por 200 anos. E, aliás, nos tempos de Shaka o teste não se tratava de um espetáculo público como é praticado hoje. Era algo privado entre as famílias, não o que MaDlomo estava fazendo em KwaVimba, um espetáculo fora do campo ou em salões comunitários.

MADLOMO: Nosso rei Goodwill Zwelithini¹⁸ trouxe isso de volta, então agora faz parte da nossa cultura.

PROFESSOR: Eu faço ideia do porquê o rei está reintroduzindo essas práticas. Eu sou um filho Zulu, portanto, respeito *Isilo samaBandla. Bayethe, wena weZulu.*

MADLOMO: Não quando tu fala merda sobre a cultura do povo dele, futhi, na frente de gente branca.

STEWART: Ei, me deixe fora da Guerra Civil dos Zulus de vocês. Eu tenho meus próprios problemas.

Ele senta no balanço dele e se move.

PROFESSOR: Com todo respeito ao Rei, em nossa moderna democracia ele não tem poder; todo poder está com os líderes políticos eleitos. Ele é apenas uma pessoa representativa. Ele deve, portanto, criar novas fontes de poder, se ele não pode exercer poder político, então ele deve exercer poder cultural. Ele deve reinventar alguns aparatos e cerimônias sobre as quais ele pode presidir. A reed dance, Teste de virgindade, Circuncisão para meninos, casamentos poligâmicos. Agora nós temos um conjunto de rituais sobre os quais ele pode ser consultado e exercer alguma forma de autoridade. Como um representante com menos poder na história, todo modo esqueceria dele; agora é obrigado a lembrá-lo como o homem que inverteu a decisão de Shaka, o Grande após 200 anos!

¹⁸ No texto de partida, a personagem não menciona o nome do rei, mas durante minhas pesquisas, encontrei de qual rei se tratava e achei pertinente mencioná-lo, embora ele tenha falecido em 2021.

O *VENDEDOR DE SORRISOS* chega sempre empolgado, embora nós nunca sabemos o porquê dele está assim.

VENDEDOR: Eu estou à beira de uma descoberta. Morram de inveja, seus velhos bastardos que estão tentando fazer algo contra mim.

PROFESSOR [*ignorando o VENDEDOR*]: Então, *uyabona ke MaDlomo, lento yenu ye-virginity, cultura, cultura, ayingeni ndawo la.*

MADLOMO: Shiiiiiiu! Tu não pode falar desse assunto na presença de uma criança.

Ela está prestando mais atenção ao VENDEDOR.

PROFESSOR: Esse aí? Ele sabe coisas piores do que isso. Ele já deu a volta no quarteirão algumas vezes.

MADLOMO: De quem tu é filho, minha criança?

VENDEDOR: Hau, mne, você provavelmente não conhece meus pais. Eles não são daqui. *Ke moshan'a Foreyisetata kwana.*

MADLOMO: Tu tá ficando com esses malandros? Eles vão te corromper.

VENDEDOR: Você está certa, mme, eles são muito corruptos, especialmente esse aí que chamam de Professor.

MADLOMO [*ao PROFESSOR*]: *Uze waziwa nayizingane.* Tu deveria se envergonhar de si mesmo. [*Ao VENDEDOR*]: Tu não tem um lar, meu filho?

VENDEDOR: Eu cresci na rua, mme. Esse é meu lar.

MADLOMO [*preocupada*]: Esse lugar não é bom para criança.

STEWART: Pegue ele para você. Ele realmente precisa de cuidado maternal.

VENDEDOR: Você está me vendendo, Seu Stewart? Tentando se livrar de mim, aí eu não te incomodo para você fazer parte da minha piada. Você também ganhará com isso, sabia?

O VENDEDOR DE SORRISOS, vai até as flores dele, e entre elas ele colhe um bom cogumelo.

MADLOMO: E tu é um menino bonito para perder sua vida com esses mendigos sem graça. Tu deveria estar na escola aprendendo algo útil.

O VENDEDOR continua procurando e acha uma sacola plástica que vimos mais cedo. A sacola contém relíquias sagradas do SEU STEWART. O VENDEDOR olha para dentro da sacola, depois coloca debaixo da blusa. O PROFESSOR o viu.

PROFESSOR: Esse pão e batata do Simba¹⁹ que ele está roubando não são seus? Tarde demais.

O VENDEDOR saiu correndo. SEU STEWART vasculha freneticamente as flores, mas as sacolas plásticas dele não estavam lá.

STEWART: Puta merda! Ele roubou minhas coisas.

MADLOMO: Pão e batatas Simba? É por isso que tu tá chorando? Um homem grande como você *ikhalela isinkwa namaSimba?*

STEWART: Você não entende. Não são apenas pão e batata frita. Aquelas torradas tinham a imagem da Virgem Maria e a batata tinha a marca de Jesus.

MADLOMO: *Ubheda ngani manje umlungu? uMaria uhlangana kuphi nesinkwa?*

¹⁹ Simba é uma marca de batata frita muito popular na África do Sul e faz referência à Simba do Rei Leão. Comi bastante e acho super saborosa.

STEWART: Eu vou matar aquele menino com minhas próprias mãos!

MADLOMO: Que vergonha! Talvez o pobre menino com fome.

STEWART: Aquela comida não pode ser consumida porque já está muito velha.

PROFESSOR: Eu não acho que ele pretende comer aquilo, Seu Stewart. Eu acho que ele apenas quer te punir por você recusar fazer parte da piada dele. Ele trará suas coisas de volta.

STEWART: Espero que você esteja certo, meu querido Professor. De qualquer maneira, amanhã irei ver a Virgem Maria pessoalmente, ao invés de vê-la no pão torrado.

MADLOMO: Depois do que vi e ouvi aqui, quero convencer aquele pobre menino a ir para casa comigo.

PROFESSOR: Você está falando sério?

MADLOMO: É o mínimo que uma mulher pode fazer. Salvar ao menos uma criança de rua.

STEWART: Você deve ser rica para querer adotar um menino grande como ele. Você sabe o tanto que ele come?

MADLOMO: Rica? O que faz tu achar que uma mulher, que mora em um barraco em Diepsloot, seja rica? É o ubuntu que salva aquela criança de rua e das influências de vocês.

STEWART: O que seu marido e sua família vão pensar quando virem você, do nada, chegando em casa com um menino que você trouxe da rua?

MADLOMO: Eu não tenho um marido. É apenas eu e minha filha, uBongi.

PROFESSOR: Bongji! Eu lembro de Bongji. Como ela está?

MADLOMO [*agitada*]: Como ela está? Tu sabe muito bem como ela está. Ela está doente com AIDS, é assim que ela está. Tu sabe muito bem o que aconteceu com ela quando era ainda uma bebê. As pessoas falaram sobre isso e dificultam nossa vida. E após o incêndio, e minha casa ficar com fumaça, eu tive que fugir para Johannesburgo. Eles acharam que minha filha morreria, mas ela continua aqui. Ela continua aqui.

PROFESSOR: Oh, MaDlomo, eu sei da tristeza que aconteceu com você e sua bebê.

MADLOMO: Bem, ela não é mais uma bebê. Ela agora é uma menina grande. O homem que a estuprou quando ela tinha apenas três meses, achando que ele seria curada da AIDS, morreu a um bom tempo. Mas uBongji wami continua viva. Ela está doente, sim; está sofrendo, sim, mas ela está viva, e ela vai sobreviver, virar uma mulher e ter sua própria família.

Ela sai, ainda muito incomodada.

STEWART: Você sabia disso?

PROFESSOR: Claro que eu sei disso; nós somos do mesmo povoado, lembra? Eu ainda estava lá quando aconteceu. Eu te falei que eu costumava beber no boteco dela. Então uma noite. A noite em que eu não estava lá... Me disseram que o homem a chamou para falar de negócios, ou cobranças. A bebê estava dormindo na cama, então talvez MaDlomo pensou que ela poderia apenas ir rápido lá fora e resolver qualquer negócio que aquele homem queria fazer com ela.

Ela descobriu que era apenas uma armadilha. O homem dominou MaDlomo, amarrou-a com cordas e a jogou atrás da cabana. Depois ele foi dentro de casa e estuprou o bebê. MaDlomo foi resgatada horas depois – ela não pôde gritar porque o homem tinha entupido a boca dela de trapos. Quando ela chegou dentro de casa a bebê estava cheia de sangue. Chorou até não poder mais. Então ficou apenas ali à beira da morte.

STEWART [*visivelmente trêmulo*]: Por que alguém estupraria um bebê de três meses?

PROFESSOR: Há uma superstição burra circulando de que se você tiver AIDS e fizer sexo com uma virgem você será curado. Um bebê tem a virgindade garantida.

STEWART: Ave Maria! Seu povo sempre surpreende o tempo todo! Gente preta nunca decepciona com suas burrices. Não sei como você é diferente, Professor.

PROFESSOR: É uma burrice, e fatal. Eu não sabia que a bebê de MaDlomo tinha conseguido sobreviver. Tô feliz que ela conseguiu. O que mais deixou essa mulher quebrada foi que, enquanto ela cuidava da virgindade dos outros, ela não conseguia cuidar da própria filha.

STEWART: Que superstição tola!

PROFESSOR: Você sabe, Seu Stewart, que esse mito todo sobre a cura através da virgindade não é novo e não começou aqui na África do Sul. E também não foi inventado pelas pessoas pretas. Isso veio da Europa.

STEWART: Você está brincando, claro.

PROFESSOR: Não mesmo, isso é de fato algo vindo, originalmente, das pessoas brancas.

STEWART: Ah, botando a culpa nas pessoas brancas.

PROFESSOR: As pessoas pretas adotaram isso porque elas acreditam que tudo que vem de gente branca é verdadeiro, válido e digno de adoção. O mito tem séculos.

STEWART: Aha! Você foi pego na sua própria falsa teoria. Não existia AIDS nos séculos passado.

PROFESSOR: Era sobre todo tipo de infecção transmitida sexualmente – especialmente sífilis. Eles acreditaram que eles poderiam receber a cura se fizesse sexo com uma virgem. Ninguém sabe quando e onde o mito começou. Deve ter começado por volta do século dezesseis, mas se espalhou em partes da europa oriental até o final do século dezoito, e Escócia no século dezenove. Na Inglaterra victoriana alguns homens acreditaram que eles poderiam ser curados da sífilis, que era fatal naquela época, tendo sexo com virgens. Havia até pseudos-cientistas que explicaram como himens intactos e escassas secreções vaginais de virgens preveniram a transmissão de doenças.

STEWART: Prove! Eu quero evidências dos seus pronunciamentos caluniosos contra meu povo, Professor.

PROFESSOR: Não é meu povo contra seu povo, Seu Stewart. São apenas fatos históricos. Eu quero que você leia apenas um parágrafo do trabalho de Hanne Blank.

Ele pega o livro da cadeira, folheia e entrega a SEU STEWART.

STEWART: Quem é Hanne Black? Uma das suas Black Power fanáticas que querem reinventar a história?

PROFESSOR: Ela é uma mulher branca; uma historiadora sobre virgindade.

STEWART: A virgindade tem seus próprios historiadores.

PROFESSOR: Bora, leia! Apenas um parágrafo.

STEWART [*lendo*]: Parte do fundamento por trás dessa prática está ancorada em uma crença ingênua e otimista nas simpatias mágicas. Ao longo das culturas e eras, a virgindade foi concebida como uma manifestação poderosa de pureza individual, atuando como um escudo que protege a virgem do mal. Em narrativas cristãs, por exemplo, virgens frequentemente enfrentam demônios e Satanás, sendo resguardadas pela preservação de sua virgindade. Essa ideia sugere que, por vezes,

o poder do pensamento é suficientemente forte para exorcizar demônios e até mesmo curar a sífilis. A crença é que tudo que se necessita fazer é transferir tal malefício do corpo de alguém possuído.

PROFESSOR: Depois ela também nos fala sobre o caso de um mineiro de 37 anos em Glasgow, em 1913, que estava sendo julgado por estuprar sua sobrinha de nove anos, e ter infectado-a com gonorreia e outras doenças veneráveis. Dr James Devon forneceu evidências no julgamento e, entre outras coisas, ele disse [lendo]: 'Há uma crença curiosamente persistente e difundida que um homem que sofria de doenças venéreas pode se livrar dela tendo conexão com uma virgem.

Eu fiquei surpreso ao descobrir a existência dessa crença em pessoas que são geralmente bem informadas, se for comparar com os analfabetos. Eu tentei buscar evidências para a teoria de que é uma crença rastreável a certos distritos, mas eu descobri entre pessoas de diferentes lugares e de diferentes ocupações – tão diferentes que agora dificilmente deveria se surpreender ao encontrar em qualquer lugar.'

STEWART: Essa coisa de virgindade é pesada, Professor. Muito pesada.

PROFESSOR: Você disse isso antes, Seu Stewart, e você está certo.

STEWART: Como o mito das virgens que curam chegou no Vale das Mil Colinas, então aquela pobre criança, a criança de MaDlomo, que tinha três meses, foi estuprada e atacada assim?

PROFESSOR: Lembre-se, nós fomos colonizados por pessoas que acreditavam na cura através das virgens.

STEWART: ah! Lá vamos nós novamente. Culpando o colonialismo!

PROFESSOR: Os soldados pretos que voltaram do Cabo Oriental, na Segunda Guerra Mundial, trouxeram com eles um surto de infecções sexualmente transmissíveis. Mas eles também trouxeram o mito da cura através das virgens, que eles tinham aprendido na Europa. Então, isso tem raiz no Cabo Oriental e espalhou

aqui. Agora, claro, hoje nossos charlatões lembraram como as virgens eram usadas para curar infecções sexualmente transmissíveis e ensinar as pessoas que a AIDS pode ser curada também dessa forma. Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas.

STEWART: Pessoas desesperadas fazem coisas burras.

PROFESSOR: Hoje, o mito da cura através da virgindade não está apenas na África do Sul, mas em todas as sociedades altamente patriarcais como Índia e Tailândia.

O VENDEDOR DE SORRISOS entra, canta e dança. Ele está balançando uma fatia de torrada e batata frita enquanto ele chuta as pernas em direção a LORD STEWART.

VENDEDOR [*cantando*]: Ele pega os cogumelos, sem pensar duas vezes, mas eu perco o pão, é como se ele enlouquecesse. Recuso ser escravo, não vou me render, enquanto ele come meu pão, me fazendo sofrer.

SEU STEWART tenta o enfrentar, mas ele se abaixa e salta ao redor dos brinquedos do parque com STEWART o perseguindo.

STEWART: Eu vou te matar por isso, idiota. E quem diz que eu roubei seus cogumelos?

O VENDEDOR DE SORRISOS empurra o carrossel e roda. SEU STEWART estende a mão para ele.

VENDEDOR: Quem mais pode roubar meus cogumelos? O Professor tem interesse nos livros estúpidos dele que fazem dele ainda mais estúpido. Ele não pode ser o que rouba meus Alucigez.

STEWART: Que nada, irmão, me dê minhas coisas. Essas são relíquias sagradas. Você não sabe o que elas significam para mim.

VENDEDOR: Seja meu primeiro escravo, Seu Stewart. A Piada de Todos os Tempos. Aí te darei suas coisas. Você tem sorte que eu não comi o pão. É tão duro como um tijolo.

STEWART: Se algo acontecer com as minhas relíquias sagradas, você será amaldiçoado para sempre.

VENDEDOR: Seja meu escravo, Seu Stewart! Seja meu escravo.

Ele se joga do carrossel, corre por volta dos brinquedos do parque com SEU STEWART, e ambos saem.

Luzes se apagam.

4. Considerações finais: *"e a saudade no coração"*

Escrevo estas considerações finais não mais em solo africano, muito menos estadunidense ou canadense, mas sim em solo brasileiro, mais precisamente na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Ao chegar aqui com minha mãe, pude visitar um pouco mais da minha história. Caminhando pela orla do Rio Paraguaçu, que divide a cidade de Cachoeira e São Félix, minha mãe compartilhou outra história interessante. Segundo ela, meu avô Yoyô relatava que durante a seca, no povoado da Lagoa, em Retirolândia, ele e outras pessoas caminhavam daquele lugar até aqui (Cachoeira) em busca de água. Fiquei intrigada sobre o meio de transporte utilizado, mas minha mãe explicou que, segundo Yoyô, a viagem durava três dias. Me considerando uma pessoa moderna e tecnológica, verifiquei no Google Maps a distância e, conforme a ferramenta, a viagem a pé levaria apenas um dia. Prefiro acreditar na versão de três dias, como foi contada por Yoyô. Ao que parece, a prática de caminhar por diversas cidades é uma tradição que persiste por gerações antes de mim.

Deixando de lado essas "viagens", gostaria de retomar os passos dados e concluídos nesta dissertação. Na primeira seção, apresentei uma escrita baseada em experiências de viagens, as quais possibilitaram a elaboração deste trabalho. Durante o planejamento da escrita, percebi uma certa dificuldade inicial devido à falta de criatividade. Após algumas orientações, optei por apresentar um ensaio fotográfico sobre minhas viagens, o que tornou minha escrita mais leve e fluente. O título da primeira seção faz referência a um trecho da música de Luiz Gonzaga, "A vida do viajante", escolhida pela afinidade com minha trajetória. Também integrei a

bibliografia do autor Zakes Mda nesta seção, buscando conectar nossas histórias, como ocorreu dentro e fora da dissertação. Destaquei o fazer artístico de Mda, evidenciando as diversas vertentes teatrais por ele utilizadas, com destaque para o Teatro Negro, crucial na luta contra o Apartheid.

Ao longo desta dissertação, explorei a interseccionalidade entre gênero, culturas, nuances políticas, sociais e linguísticas através da obra "Our Lady of Benoni" de Zakes Mda. Esta análise me permitiu oferecer uma nova compreensão das realidades da África do Sul pós-Apartheid e da diáspora africana. Ao fazer isso, a pesquisa proporcionou percepções valiosas sobre as complexas interações entre identidade e contexto sócio-histórico.

Uma das principais contribuições desta dissertação reside na metodologia inovadora que integra minhas experiências pessoais de viagens e um ensaio fotográfico. Eu não fui ao continente africano para pesquisa. "A pesquisa aconteceu", isso quer dizer que as pessoas as quais tive contato não foram "objeto" de estudo, mas sim, "sujeitos" de estudos. Sujeitos humanizados. Esta abordagem metodológica demonstra como a criatividade pode ser incorporada na pesquisa acadêmica para enriquecer a análise e a compreensão do "sujeito de estudo". Tal integração torna a escrita acadêmica mais fluida e acessível, ao mesmo tempo que oferece uma perspectiva única e humanizada.

A reflexão sobre questões culturais e sociais, como o teste de virgindade, é conduzida de maneira sensível e não julgadora. Este tratamento cuidadoso de práticas culturais complexas contribui para um entendimento mais profundo e empático de outras culturas, promovendo o respeito e a compreensão intercultural. Um dos aspectos mais importantes desta dissertação é a valorização e discussão da negritude. Ao explorar a literatura e as práticas culturais da África do Sul, resgato e celebro as vozes negras que têm sido historicamente marginalizadas. A negritude, como um componente essencial da minha análise, reflete-se não apenas nos temas abordados, mas também na escolha dos autores e das obras estudadas. Essa valorização da cultura e da identidade negra fortalece a luta contra o racismo e a opressão.

Por fim, estabeleci um diálogo poderoso entre minhas experiências pessoais e a pesquisa acadêmica. Mostrei como as vivências individuais podem informar e enriquecer a análise crítica, oferecendo uma perspectiva única e humanizada no estudo de textos literários e culturais. Este diálogo entre o pessoal e o acadêmico não só enriquece a pesquisa, mas também sublinha a importância de uma abordagem interdisciplinar e multifacetada.

E, com essa jornada apenas começando, afirmo meu compromisso em continuar com o trabalho de tradução. Como próximo passo, dedicarei-me à tradução do ato 2 do drama "Our Lady of Benoni" para que possa ser estudada por outros pesquisadores e professores que ensinam teatro negro e afrodiásporico. Esta continuidade não só enriquece a base de conhecimento existente, mas também abre portas para novas perspectivas e diálogos interculturais, pois essa escrita oferece contribuições valiosas para os campos de estudos literários, culturais e de tradução. Ao integrar abordagens inovadoras e sensíveis, abro novos caminhos para a compreensão e o respeito intercultural, além de destacar a importância de metodologias criativas e inclusivas na pesquisa acadêmica. Até breve.

REFERÊNCIAS

- BENGO, Joana - avó paterna. **Retirolândia - Bahia.**
- YAYÁ, Maria - Avó materna. **Povoado da Lagoa, Retirolândia - Bahia.**
- AGBOLUAJE, Oladipo. **Constructions of Identity in Contemporary African Drama: A Comparative Study of Wole Soyinka and Zakes Mda.** PhD thesis The Open University, 2003
- ALMEIDA, Jamile. **Reescritura feminista negra como ato político de resistência: tradução do primeiro capítulo de *possessing the secret of joy* (1992), de Alice Walker.** Salvador, 2021.
- AUGUSTO, Geri. **A língua não deve nos separar! Reflexões para uma Práxis Negra Transnacional de Tradução.** In: CARRASCOSA, Denise. In: Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiásporicas para Travessias Literárias. Salvador – Bahia: Ogums Toques Negros, 2017.
- BANDIA, Paul. **Proverbs, aphorisms and intercultural narratives.** In: Translation as Reparation: writing and translation in Postcolonial Africa. Manchester, 2008.
- BRADFORD H, Herbs, **Knives and Plastic: 150 Years of Abortion in South Africa: Science, Medicine and Cultural Imperialism,** New York: St. Martin's Press, 1991.
- CAMPOS, Paula. **Descobrimo uma Tradutora ou por uma tradução responsável e ética.** In: CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no atlântico negro. Salvador, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** São Paulo, 2005. p. 38-125.
- CARRASCOSA, Denise (Org.). **Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiásporicas para Travessias Literárias.** Salvador: Ogums Toques Negros, 2017.
- DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. **Benoni.** Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/benoni/>. Acesso em: 4 set. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **A Escrevivência e seus subtextos.** In: Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; Ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **Polysystem Theory and Culture Research.** In: **Papers in Culture Research.** Tel Aviv: Unit of Culture Research, Tel Aviv University, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Genealogia e poder.** In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução.** Trad.Marcos Malvezzi. 2 ed. São Paulo, Madras, 2009.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.
- GORAK, Jan. **Nothing to Root for: Zakes Mda and South African Resistance Theatre In: Theatre Journal,** Vol. 41, No. 4, Theatre and Hegemony (Dec., 1989), pp. 478-491.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: SAGE, 2003.

HAUPTFLEISCH, Temple, STEADMAN, Ian. **South African Theatre. Four Plays and an Introduction**. Pretoria, South Africa. HAUM HAUM Educational Publishersin, 1984.

HORN, Adrew. **The Plays of Zakes Mda**. Johannesburg, South Africa. Ravan press, 2017.

IGWEONU, Kene. **Zakes Mda**. In: MIDDEKE, Martin, SCHNIERER Peter e HOMANN, Greg. In: **The Methuen Drama Guide to Contemporary South African Theatre**. London –: Bloomsbury Publishing Plc, 2015.

INTERESTING FACTS. **Benoni: 10 Interesting Facts You Might Not Have Known**. Disponível em: <https://interestingfacts.co.za/geography/benoni>. Acesso em: 4 set. 2021.

JACOBS, Ju. **Performing the Precolonial: Zakes Mda's The Sculptors of Mapungubwe**, 2015.

JAKOBSON, Roman. **Os aspectos linguísticos da tradução**. 20. ed. In: JAKOBSON, Linguística e comunicação. São Paulo: Cultrix, 1995.

KHOZA, Amanda. **'We can, like my mother, be feminist and Zulu at the same time'**. Disponível em: <https://mg.co.za/article/2018-09-28-00-we-can-like-my-mother-be-feminist-and-zulu-at-the-same-time/>. Acesado: 10/05/2023.

KILOMBA, Grada. **Memória da Plantação: episódios de racismo cotidiano** (Tradução Jess Oliveira). Rio de Janeiro: Combogó, 2019.

KUNENE, Zama. **Exploring experiences of virginity testers in Mtubatuba area, KwaZulu-Natal**. KwaDlangezwa, South Africa, 2005.

LAZLEY, Christopher. **Spaces and Placês in Zakes Mda: two novela**. Cape Town, 2009.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**; traduzido por Renata Santini. - São Paulo, 2018.

MDA, Zakes. **We Shall Sing for the Fatherland and Other Plays**, Johannesburg: Ravan Press, 1980.

MDA, Zakes. **When people play people**. Johanesburg and New Jersey, 1993.

MDA, Zakes. **Our Lady of Benoni**. Johannesburg. Wits University Press, 2012.

NORVAL FAMILY. **History of Benoni**. Disponível em: <https://norval.co.za/benoni-is-a-town-in-ekurhuleni-municipality-gauteng-south-africa/history-of-benoni/>. Acesso em: 4 set. 2021.

PETERSON, Bhekizizwe. **The Black Bulls" of H. I. E. Dhlomo: Ordering History out of Nonsense**. Makhanda, South Africa. Rhodes university, 1991.

RAMOSE, Magobe. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. Pretoria, South Africa. 2011.

REIS, Luciana. **Entendendo a Travessia: por uma tradução escrevente**. In: CARRASCOSA, Denise. Traduzindo no Atalntico Negro. Salvador, 2017.

SALES, Cristian. Lívia Natália: **Abébé omin - poesia e religiosidade afro-brasileira banhada nas águas de Oxum**. In: Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano XI, N°XXI, setembro/2018.

SANTOS, Milton. **Cidadanias Mutiladas**. In: LERNER, Julio (Ed.). O preconceito. São Paulo: IMESP, 1996/1997, p. 133-144.

STEADMAN, Ian. **Black theatre in South Africa**. London, 2015.

TERREMBLANCHE, Sampie. **A History of Inequality in South Africa 1652-2002**. Pietermaritzburg, South Africa, 2002.

The British Museum. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/E_Af-6094/>. Acessado: 26/10/2023.

The Knowledge Hub. Disponível em: <<https://knowledgehub.health.gov.za/elibrary/2023-art-clinical-guidelines-management-hiv-adults-pregnancy-and-breastfeeding-adolescents/>>. Acessado: 30/11/2023.

UWAH, Chijioke; MULLER, Roy. **The development of dramatic symbolism and satire in the plays of Zakes Mda on the realities of South Africa's political situation**, 2003.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. 2008.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução Laureano Pelegrini, et. al. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VIERA, Ana; HEAD, Judith; ROCHA, Maria; CASIMIRO, Isabel. **A epidemia de HIV/Aids e a ação do Estado. Diferenças entre Brasil, África do Sul e Moçambique**. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 196-206, 2014.

YOUTUBE. **Roda Viva | Conceição Evaristo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk&t=18s>. Acesso em: 2 out. 2023.

WILLIAMS, Elly. **An Interview with Zakes Mda**. In: The Missouri Review, Volume 28, Number 2, Fall 2005, pp. 62-79.

Act One	Primeiro ato
Scene 1	Cena 1
<p><i>Lights come up on PROFESSOR, who is sitting on a bench reading a newspaper aloud. There is a pile of newspapers beside him and two or three books. The park is well kept and clean. The grass is green and there are flowers a few feet from the bench. LORD STEWART is sitting on a swing, which sways gently. He is eating a boerewors roll as he listens intently to the news as rendered by PROFESSOR. There are a merry-go-round, a slide and a see-saw nearby. All the playground equipment is in poor condition and exhausted, but not broken. It is still very functional. The swing squeaks to the rhythm of the swaying.</i></p>	<p><i>As luzes se iluminam em direção ao Professor, que está sentado no banco, lendo em voz alta o jornal. Ao seu lado, montes de jornais e alguns livros se espalham. A praça permanece cuidada e limpa, a grama viçosa e flores enfeitam o entorno do banco. Seu Stewart se balança suavemente, desfrutando de um cachorro-quente, absorvendo as notícias proferidas pelo Professor. Carrossel, escorregador e gangorra compõem a paisagem. Os brinquedos do parque, desgastados pelo tempo, resistem firmes, ainda em funcionamento. O balanço faz barulho conforme vai e vem</i></p>
<p>PROFESSOR [reading]: 'Thousands of people- yesterday I counted more than five hundred - flocked to the s in her humble home in Tassenberg Road, Benoni, to receive blessings from Francesca Zackey, the South African teenager from a local Lebanese community.'</p>	<p>PROFESSOR [lendo]: 'Ontem, milhares de pessoas, -- eu contei mais de 5 mil -- se juntaram em uma humilde casa na rodovia Tassenberg, em Benoni, para receber a benção de Francesca Zackey, uma adolescente sul africana de uma comunidade libanesa local.'</p>
<p>STEWART: Project! I can't hear you.</p>	<p>STEWART: Fale mais alto! Eu nao consigo te ouvir.</p>
<p>PROFESSOR: It's Nongqawuse all over again.</p>	<p>PROFESSOR: É a volta da Nongqawuse.</p>
<p>STEWART: What is?</p>	<p>STEWART: O que é isso?</p>
<p>PROFESSOR: Teenage girls making prophecies.</p>	<p>PROFESSOR: Uma adolescente profetizando.</p>
<p>STEWART: Read louder. PROFESSOR: You would hear me if you</p>	<p>STEWART: Leia mais alto.</p>

stopped that damnable swing. It gets on my nerves, you know that. Maybe that's why you do it all the time, to get on my nerves.

STEWART: Why would I bother with your nerves, Professor? It is the only way I can relax after standing all day damn traffic lights. You should try it too sometime.

PROFESSOR: I hate that swing.

STEWART: I mean earning a living at the traffic lights. I don't know how you can afford to sit here all day long reading books and papers while we sweat in the hot sun. And so they say this lady has seen the Virgin herself?

PROFESSOR: Yeah! She was sitting with her mămă and papa eating a dinner of spaghetti and meatballs when she was suddenly attacked by the scent of roses.

STEWART: We need roses here as well. Not just Easter flowers and whatever those purple ones are. I think they plant those because they are hardy. But they don't have any decent scent at all.

PROFESSOR: You're not paying attention, Lord Stewart. There were no roses there. At the dinner table. But the teenage girl could smell them. After dinner she went to her room and there, seated on her bed, was the Virgin Mary, Mother of Jesus.

PROFESSOR: Você me ouviria se parasse esse maldito balanço. Isso está me deixando agoniado, você sabe disso! Voce faz isso o tempo todo para me deixar nos nervos.

STEWART: Por que eu me importaria com seus nervos, Professor? Minha única forma de relaxar, após um dia todo no sinal, é ficando um tempinho no balanço. Bem que você poderia tentar de vez em quando.

PROFESSOR: Eu odeio esse balanço.

STEWART: Me refiro a trabalhar no semáforo para sobreviver. Eu não sei como você consegue ficar sentado o dia todo aqui lendo livros e jornais enquanto nós suamos debaixo do sol. Então eles falam que essa moça viu a própria Virgem?

PROFESSOR: Sim, ela estava sentada com a mama e o papai dela, jantando macarrão com almôndegas, quando ela foi elvolvida pelo perfume das rosas

STEWART: Por aqui também seria bom ter umas rosas, não apenas flores de outono ou sei lá que flores roxas são aquelas. Eu acho que plantam essas roxas apenas porque são fortes, mas elas nem tem um cheiro decente.

PROFESSOR: Você não está prestando atenção, Seu Stewart. Não havia rosas lá... na mesa de jantar... mas a moça sentiu o cheiro delas. Após o jantar ela foi até o quarto, e lá, sentada na sua cama estava a Virgem Maria, a Mãe de Jesus.

LORD STEWART stops the swing and makes the sign of the cross. PROFESSOR looks at him, shakes his head and reads once more from the newspaper.

PROFESSOR [reading loudly]: 'Francesca said that Jesus's mother was very fair skinned, with brown hair and ice-blue eyes. She was wearing a royal blue veil and light was coming from her hands, the teenager said. Whoa She doesn't look like anyone from the Middle East. The mother of Jesus is Caucasian!

STEWART: The teenager accused the Virgin Mary of not looking like someone from the Middle East?

PROFESSOR: No. It's me who is saying it. I didn't expect her to be some ditzzy blue-eyed blonde.

LORD STEWART jumps down from the swing to join PROFESSOR.

STEWART: Brunette.

PROFESSOR: Brunette, blonde, same Caucasian difference.

STEWART: You just had to be racist about it. That's what the post-apartheid post-racial South Africa is all about. Always the race card.

PROFESSOR: I didn't invent the race card, Lord Stewart. When I was born it was there already, and it was being played against me by the white people.

Seu Stewart para de se balançar e faz o sinal da cruz. O Professor o observa, balança a cabeça e volta a ler o jornal.

PROFESSOR: [lendo em voz alta]: "Francesca disse que a mãe de Jesus tinha a pele muito clara, cabelos castanhos e olhos azuis. Ela usava um véu azul-marinho, e uma luz irradiava de suas mãos, -- disse a moça". Perai! Ela não parece ser uma pessoa do Oriente Médio. A mãe de Jesus é Caucasiana!

STEWART: A moça disse que a Virgem Maria não tinha cara de quem veio do Oriente Médio?

PROFESSOR: Não! Isso sou eu que estou falando. Eu não esperava que ela fosse uma loira de olhos azuis e boba

Lord Stewart salta do balanço e caminha em direção ao PROFESSOR.

STEWART: Morena.

PROFESSOR: Morena, loira, mesma diferença caucasiana.

STEWART: Por que tinha que fazer esse comentário racista? Isso é o que a África do Sul pós-apartheid, supostamente pós-racial, representa. Sempre a questão racial em jogo.

PROFESSOR: Eu não criei a pauta racial, Seu Stewart. Quando nasci, esse cenário já estava estabelecido, e tem sido usado contra mim por pessoas brancas.

STEWART: Que jornal é esse?

<p>STEWART: What paper is that?</p> <p>PROFESSOR: The Sunday Independent. Why?</p> <p>STEWART: Just to make sure it's broadsheet not tabloid. It's not that one that always has stories about tikoloshes and zombies and all sorts of Northern Province witchcraft? This is for real, is it?</p> <p>PROFESSOR: I only read the news. I don't pass judgement. [<i>He continues to read</i>]. 'The Virgin Mary appeared to Francesca throughout the night, both inside the house and outside, in the yard. Francesca has placed flowers and candles at each spot where the Virgin Mary appeared. She said that "Our Lady" told her to pray the rosary and to get others to pray it, as though it was the last day on earth.'</p> <p>STEWART: So, thousands flock to old Benoni to be healed by the Virgin? Francesca must be a virgin herself.</p> <p>PROFESSOR: How do you come to that conclusion, Lord Stewart?</p> <p>STEWART: Precedent, my dear fellow. Only virgins can see the Virgin.</p>	<p>PROFESSOR: <i>O Sunday Independent</i>. Por quê?</p> <p>STEWART: Só para ter certeza de que é um jornal confiável, não um jornal sensacionalista. Não é aquele que sempre solta histórias sobre tikoloshes, zumbis e toda essa coisa de feitiçaria da Província do Norte? É sério mesmo?</p> <p>PROFESSOR: Estou apenas lendo as notícias, não estou fazendo nenhum julgamento. [<i>Ele prossegue com a leitura</i>] 'Francesca alega ter testemunhado a aparição da Virgem Maria, tanto dentro quanto fora de sua casa, no jardim, durante a noite. Como sinal de devoção, ela colocou flores e acendeu velas nos locais onde a aparição teria ocorrido. De acordo com seu relato, 'Nossa Senhora' solicitou que rezasse o terço e encorajasse outros a fazerem o mesmo, como se fosse o último dia na Terra.'</p> <p>STEWART: Então, uma multidão peregrinou até a velha Benoni buscando cura através da Virgem? Francesca é virgem, não é?</p> <p>PROFESSOR: Como você chegou a essa conclusão, Seu Stewart?</p> <p>STEWART: Os exemplos, meu querido amigo. Apenas as virgens conseguem ver a Virgem.</p>
<p><i>The SELLER OF LAUGHTER bursts in, full of energy and hyperactivity. He is</i></p>	<p><i>O VENDEDOR DE SORRISOS chega com um turbilhão de energia e</i></p>

holding two flat cardboard signs high.

SELLER [*yelling excitedly*]: I've got a new one! I've got a new one! And this one is a killer, my man. I tell you, Lord Stewart, this one is going to kill them with laughter!

PROFESSOR: We're talking about something serious here.

SELLER: What's more serious than laughter? Laughter is a goddamned serious business!

He reaches for the merry-go-round, pushes it at full speed and jumps on it. The merry-go-round gains momentum and he breaks into laughter. He lifts his arms in an expression of joy. The laughter becomes more raucous as the merry-go-round goes faster. Then it begins to slow down, going slower and slower until it stops. He seems dizzy as he steps down and staggers to his boards.

STEWART: He must be high on his mushrooms.

PROFESSOR: Those mushrooms will kill him.

SELLER: They may call you Professor but your books haven't taught you a damn thing about zoomers.

STEWART: You call them zoomers?

hiperatividade. Ele segura dois cartazes feitos de papelão.

VENDEDOR: [*gritando empolgado*]: Consegui algo novo! Consegui coisa nova, viu! E essa é de lenhar, meu irmão! Vou te dizer, Seu Stewart, essa aqui vai matar eles de rir!

PROFESSOR: Estamos conversando sobre algo sério.

VENDEDOR: O que é mais sério que risadas? Rir é um negocio massa demais!

[*Ele se aproxima do carrossel, empurra-o com toda a força e se joga nele. O carrossel começa a girar, e ele ri muito enquanto dá voltas. Com um sorriso radiante, ele levanta as mãos no ar. As risadas ficam mais altas à medida que o carrossel acelera. Gradualmente, ele vai diminuindo a velocidade até parar. Ele parece tonto e cambaleia até o seu cartaz*]

STEWART: Ele deve estar chapado por causa dos cogumelos.

PROFESSOR: Esses cogumelos vão matá-lo.

VENDEDOR: Eles podem até te chamar de Professor, mas seus livros não te ensinaram merda nenhuma sobre alucigez.

STEWART: Você chama eles de alucigez?

SELLER: I didn't name them. That's what magic mushrooms are called. Zoomers or

VENDEDOR: Eu não dei nome a eles. É assim que os cogumelos mágicos são

shrooms. And they don't kill anybody, for your information. They only give power, love and happiness. They make me see beautiful colours in the sky. They make me talk to my ancestors - the Great Badimo. They give me inspiration to create. And I need lots and lots of it. I am halfway there already; I am going to compose the greatest joke ever.

STEWART: The Mother of All Jokes! And when the motorists read it at the traffic lights it will brighten their day and they will give you oodles of money.

He gives the SELLER OF LAUGHTER a high five.

SELLER: You are the man, Lord Stewart. You know what life is all about. Unlike this one they call the Professor you have worked the traffic lights and you know what the deal is. Gone are the days when you could wear dark glasses and stand there with a sign, 'Please Help the Blind', and come back loaded with cash. The ngamlas are wise to that trick now. They ignore your ordinary begging signs about joblessness and kids to feed. They want to laugh. And that's what I sell them. That's why I am known far and wide throughout traffic-light-land as the Seller of Laughter. Oh, yes! Even back in my township, kwana Foreisetata, ntate, they called me Rametlai.

PROFESSOR [*dismissively*]: Lord Stewart makes a lot of money too, without holding up signs with lame jokes: "Are

chamados. Alucigez ou Cogugez. E eles não matam ninguém, se você quer saber. Só traz umas coisas massa, tipo poder, amor, alegria. Consigo ver cores lindas no céu, troco ideia com meus ancestrais - O Grande Badimo. E eles me dão um gás na criatividade, e veí, tô precisando! Tô quase lá, vou fazer a piada mais massa de todos os tempos.

STEWART: A piada mais incrível! "Quando os motoristas se depararem com tua piada nos semáforos, seus dias ganharão brilho e, quem sabe, te retribuirão com um monte de dinheiro."

Ele passa pelo VENDEDOR DE SORRISOS e diz: toca aqui!

VENDEDOR: Você é o cara, Seu Stewart. Você entende os paranauês da vida. Ao contrário desse aí que chamam de Professor, você trabalha nos semáforos e sabe das coisas. Lá se foram os dias quando você podia usar óculos escuros e ficar parado com uma placa escrita, 'Por favor, ajude o cego', e voltava entupido de dinheiro. Os coroa já sacaram essa manha, já. Nem ligam mais pros cartazes comuns pedindo trabalho ou falando dos que tem criança pra dar o que comer... Eles querem é dar umas risadas. E é exatamente isso que eu ofereço. Por isso que me conhecem em todo esse mundão de semáforos como o Vendedor de Sorrisos. Ah, sim! Lá na minha comunidade, na minha township, kwana Foreisetata, ntate, me chamavam de Rametlai."

PROFESSOR: [*desdenhosamente*]: Seu Stewart ganha um monte de dinheiro sem precisar se rebaixar segurando

You Going to Give Me Money or Should I Fake a Limp. Or that common one that I have seen at every traffic light: 'My Cat Arrested for Eating Neighbour's Chicken. Please Help Me with Condolences and Bail.

SELLER: You can laugh all you want; those jokes have made money for their creators, my friend.

STEWART: And for many other people who have plagiarised them and are using them for their own benefit.

SELLER: That is why the joke I am in the process of composing the greatest joke of all... will be copyrighted. It's not going to be a commonplace one like cats eating chickens or faking limps. Nobody's going to steal my ideas. The Mother of All Jokes will be franchised. No one will use ... my joke without paying for it.

PROFESSOR: Even your friend and protégé, Lord Stewart?

STEWART: I don't need jokes to sell. I just stand there and look at them straight in the eye. Everyone has something to sell at the traffic lights: hangers, garbage bags, flowers, newspapers, even jokes. I have nothing to sell but my whiteness.

SELLER: You are not white, Lord Stewart. You used to be white, but not anymore. The sun has done its business on you.

STEWART: I don't need anything to sell because I've my whiteness. They give

cartazes com piadas sem graça, tipo: "Vou fingir que sou manco, alguém dá dinheiro?" Ou a clássica que todo sinal tem: "Eu poderia tá matando ou roubando, mas tô aqui pedindo ajuda para pagar as contas"

VENDEDOR: pode zoar o tanto que quiser; essas piadas tem dado dinheiro para seus criadores, meu amigo.

STEWART: E muitas outras pessoas que tem plagiado essas piadas e estão usando para benefício próprio.

VENDEDOR: Por isso que estou compondo... a melhor piada de todos os tempos... terá direitos autorais. Não será algo comum como "eu podia tá matando e roubando". Ninguém vai roubar minhas ideias. A Piada de Todos os Tempos será franqueada. Ninguém vai usar... minhas piadas sem pagar por elas.

PROFESSOR: Até mesmo seu amigo e protegido, Seu Stewart?

STEWART: Não preciso de piadas para vender. Apenas fico parado lá e olho diretamente nos olhos deles. Todo mundo tem algo para vender no semáforo: cabide, sacos de lixo, flores, jornais, e até mesmo piadas. Não tenho nada para vender além da minha branquitude.

VENDEDOR: Você não é branco, Seu Stewart. Você já foi branco, mas não é mais. O sol acabou com essa coisa em você.

STEWART: não preciso de nada para vender porque tenho minha branquitude.

<p>you more money when you're white.</p> <p>SELLER: Look at you, man, no one can tell the difference between us anymore.</p> <p>STEWART: Whites give you more when you're white. They see themselves in you and it scares the crap out of them. So they fill your bowl with gleaming coins. Blacks give you oodles of money too; it boosts their ego to be charitable to a white man. So, as a white beggar you win all round. When I was with Danni. [<i>Sadly.</i>] They gave us more money when I was still with Dan when she stood there like a princess at the traffic lights. A beautiful, sun-drenched princess.</p> <p>PROFESSOR: There's sadness in you every time you mention Danni. And yet you never want to talk about her.</p> <p><i>It is obvious that LORD STEWART doesn't want to talk about Danni. Instead he goes to the pieces of cardboard lying on the ground and tries to reach for them.</i></p> <p>STEWART: When are you going to unveil your new joke, O Seller of Laughter?</p>	<p>Eles te dão mais dinheiro quando você é branco.</p> <p>SELLER: Olha pra você, véi! Ninguém pode dizer que há diferença entre nós dois.</p> <p>STEWART: Pessoas brancas te dão mais dinheiro quando você é branco. Eles se identificam quando olham para você e isso os assustam pra caramba, então eles enchem seu chapéu com moedas brilhantes. Pessoas pretas também se entopem de dinheiro; ser caridoso com um homem branco infla o ego deles, então como um mendigo branco você ganha todas as partidas. Quando eu estava com Danni... [<i>tristemente</i>] Eles nos davam mais dinheiro quando eu ainda estava com Danni... quando ela ficava lá como uma princesa no semáforo. Uma princesa banhada pelo sol.</p> <p>PROFESSOR: Percebo uma tristeza em seu rosto toda vez que Danni é mencionada, mas você parece relutante em falar sobre ela.</p> <p><i>É evidente que SEU STEWART evita tocar no assunto sobre Danni. Enquanto isso, ele se dirige aos pedaços de cartaz caídos no chão, tentando alcançá-los.</i></p> <p>STEWART: Quando vai soltar a próxima piada, Vendedor de Sorrisos?</p>
<p>SELLER: No, give me back my signs.</p> <p>STEWART: Come on, man, we are your comrades. We want to see the Mother of</p>	<p>SELLER: Não, me dê de volta meus cartazes.</p> <p>STEWART: Qual é, irmão, nós somos camaradas. Queremos ver a A Melhor</p>

<p>All Jokes.</p> <p><i>LORD STEWART runs away with the boards and the SELLER OF LAUGHTER chases him among the playground equipment. STEWART is too old to outrun the SELLER. So he throws the boards to PROFESSOR, who continues the relay. When the boards are with PROFESSOR the SELLER does not want to continue the chase. It is clear that he does not like PROFESSOR and does not want to be part of any game with him. So he just stands there and yells.</i></p> <p>SELLER: Give me my signs, you bastards!</p> <p>PROFESSOR: Bastards? Awuhloniphi wena. Here!</p> <p><i>He throws the boards at him.</i></p> <p><i>SELLER lets them fall on the grass.</i></p> <p>STEWART: What's the big secret, anyway?</p> <p>SELLER: You are the last one who should ask me that question, Lord Stewart. You know how it is out there at the traffic lights. I don't want anyone to see this yet. I still have to fine-tune it. I don't want anybody to steal it before I exercise my copyright on it.</p>	<p>Piada de Todos os Tempos.</p> <p><i>SEU STEWART escapa com os cartazes enquanto o VENDEDOR DE SORRISOS o persegue pela área de brinquedos do parque. Apesar de STEWART ser mais velho e não tão rápido quanto o VENDEDOR, ele passa o cartaz para o PROFESSOR, que assume a corrida. Quando o cartaz está com o PROFESSOR, o VENDEDOR desiste da perseguição. Fica claro que ele não tem simpatia pelo PROFESSOR e se recusa a se envolver em qualquer brincadeira com ele. Assim, ele permanece no local, apenas gritando.</i></p> <p>SELLER: Me dê meus cartazes, seu bastardo!</p> <p>PROFESSOR: Bastardo? <i>Awuhloniphi wena.</i> Toma!</p> <p><i>Ele arremesa os cartazes nele.</i></p> <p><i>O VENDEDOR deixa-os cair na grama.</i></p> <p>STEWART: Então, qual é o grande segredo?</p> <p>VENDEDOR: Você deveria ser o último a me fazer essa pergunta, Seu Stewart. Você sabe como a coisa tá no semáforo. Eu não quero que ninguém veja, pois eu ainda tenho que arrumar. Eu não quero que ninguém roube minha ideia antes que eu exerça meus direitos autorais.</p>
<p>PROFESSOR: Bah! Copyright! How do you exercise copyright on something scribbled on cardboard?</p>	<p>PROFESSOR: Oxe! Direitos autorais! Como você exerce direitos autorais em algo rabiscado em um cartaz?</p>

SELLER: They call you Professor and you don't know about copyright?

PROFESSOR: *[laughs mockingly]*

SELLER: Laugh all you want. This one is going to break all records.

STEWART: How does a joke break records?

SELLER: The one that's going to make me millions. The one that's going to make me be counted in the ranks of REE Fat Cats. I'll be blasting you with exhaust fumes from my Rolls-Royce at the traffic lights. And don't you dare pretend you know me then.

He is fed up with them. He exits.

STEWART: He hates you.

PROFESSOR: Just a little resentment. Because I read newspapers instead of sleeping in them. That's what he told me once.

STEWART: He's jealous because you don't work the streets like the rest of us. Yet you live so well.

PROFESSOR: Live so well? In the park?

STEWART: I am jealous, too. It's just that I know how to hide it; he doesn't. You don't want for anything.

PROFESSOR: You don't know that, Lord Stewart. You don't know that. I am a

VENDEDOR: Te chamam de Professor, mas você não entende de direitos autorais?

PROFESSOR *[rindo zombeteiramente]*

VENDEDOR: Pode zoar o quanto quiser. Essa aqui vai quebrar todos os recordes.

STEWART: Como uma piada quebra recorde?

VENDEDOR: A piada que me deixará milionário; a que me fará ser classificado pela REE Fat Cats. ou fazer um showzinho com as fumaças do meu Rolls-Royce no semáforo, e não finja que não me conhece, viu?

Cansado deles, o VENDEDOR sai.

STEWART: Ele te odeia.

PROFESSOR: Apenas um ressentimentozinho porque eu leio jornais ao invés de deitar neles para dormir. Isso foi o que ele me falou uma vez.

STEWART: Ele está com inveja porque você não trabalha na rua como o restante de nós, e ainda assim você vive muito bem.

PROFESSOR: Vivo bem? Na praça?

STEWART: Eu também tenho inveja. A diferença é que eu sei como disfarçar isso; ele não. Você não quer nada.

PROFESSOR: Você não sabe, Seu Stewart. Você não sabe! Mas eu sou um

<p>tortured man, My soul is suffering: am in my own hell. I look at you and him coming and going without any cares in the world and I am jealous.</p> <p>STEWART: You don't beg like some of us have to.</p> <p>PROFESSOR: Only because I hate the smug look of the giver. The giver is very selfish.</p> <p>STEWART: These folks give us money because they are selfish?</p> <p>PROFESSOR: You think they are altruistic? Maybe they are. But at the end of it all altruism is a selfish act. The selfish gene will always be there in humans. Altruism comes back to the giver because it makes him feel good about himself. It makes the giver happy to see someone happy as a result of his actions. I am not going to make any of these rich bastards happy at my expense.</p> <p>STEWART: You can afford to say that because you are a man of independent means. And your means are secret because you are just as selfish as the givers you're talking about.</p>	<p>homem torturado. Minha alma está sofrendo e eu me encontro no meu próprio inferno. Eu olho para você e para ele indo e vindo sem nenhuma preocupação no mundo, e eu tenho inveja disso.</p> <p>STEWART: Você não mendiga como nós temos que mendigar.</p> <p>PROFESSOR: Apenas porque eu odeio a soberba dos doadores. Eles são muito egoístas.</p> <p>STEWART: Essas pessoas são egoístas por que nos dão dinheiro?</p> <p>PROFESSOR: Você acha que eles são altruístas? Talvez sejam, mas no final, todo altruísmo é um ato egoísta. O gene egoísta sempre estará ali nos humanos. O altruísmo retorna ao doador, pois isso o faz sentir-se bem consigo mesmo. Isso faz com que ele se sinta feliz ao ver que outras pessoas estão felizes por causa de sua ação. Eu não farei esses ricos felizes às minhas custas.</p> <p>STEWART: Você pode se dar ao luxo de dizer isso porque é um homem independente com seus recursos, e eles são secretos porque você é tão egoísta quanto os doadores sobre os quais está falando.</p>
<p>PROFESSOR: I share generously with all of you.</p> <p>STEWART: Precisely. You are well heeled; the Seller of Laughter can see through the selfishness of your philanthropy.</p>	<p>PROFESSOR: Eu compartilho generosidade com todos vocês.</p> <p>STEWART: Exatamente. Você é bem sucedido; o Vendedor de Sorrisos pode ver através da sua filantropia egoísta.</p>

PROFESSOR, caught in the trap of his own logic, laughs.

PROFESSOR: I am just as selfish to the Seller of Laughter too so he has no reason to hate me.

STEWART: Yes, sometimes when it rains and we're not able to go to the office

PROFESSOR: Office?

SIEWART: Otherwise known as the traffic lights.

PROFESSOR: Oh, that's what you call it these days!

STEWART: When we can't go to work you do come to our rescue by donating something for our upkeep.

PROFESSOR: Or when winter nights are too vicious even for *imbhawula*, I sacrifice my rands for your accommodation at the homeless shelters.

STEWART: That's all the more reason to hate you, the same way that you resent the bastards who give us money at the traffic lights for their smug charity. Another thing, of course, is that he thinks you despise him because he doesn't have your learning. You think you're too good for your own good. He's a smart feller, you know? Don't underestimate him.

PROFESSOR: You like the silly rascal, don't you?

O PROFESSOR, pego na armadilha da sua própria lógica, ri.

PROFESSOR: Eu sou tão egoísta quanto o Vendedor de Sorrisos, então não há motivos para ele me odiar.

STEWART: Sim, às vezes quando está chovendo e não é possível irmos ao escritório.

PROFESSOR: Escritório?

STEWART: Também conhecidos como semáforos.

PROFESSOR: Ah, é assim que vocês chamam isso nesses dias.

STEWART: Quando não podemos trabalhar, você vem ao nosso resgate doando alguma coisa para nossa manutenção.

PROFESSOR: Ou quando as noites de invernos são muito cruéis mesmo para *imbhawula*, eu sacrifico meus reais para sua acomodação nos abrigos de moradores de rua.

STEWART: Essa é mais uma razão para te odiar, da mesma forma que você se ressentido dos bastardos que nos dão dinheiro no semáforo para a soberba caridosa deles. Outra coisa, com certeza, é que ele acha que você o despreza porque ele não tem seu conhecimento. Você acha que é bom demais para o seu próprio bem. Ele é um cara esperto, viu? Não o subestime.

<p>STEWART [<i>laughing</i>]: He sees himself as my mentor.</p> <p>PROFESSOR: He says you are his larney... his white man. He owns you.</p> <p>STEWART: Well, he saved me from an awkward situation at the traffic lights. After I had lost Danni and I was mindless with too much wine in my head, the Seller of Laughter came to my rescue. I think some crooks saw that I had scored big that day and got it into their heads that they were going to beat the hell out of me and grab my loot. And they did. They could have killed me if the Seller of Laughter had not come running and yelling 'Police! Police!' The bastards ran away, leaving me there for dead. That's how the Seller of Laughter brought me to this park and nursed my wounds. You can't blame him for claiming ownership of me.</p> <p>PROFESSOR: And you decided to stay.</p>	<p>PROFESSOR: Você gosta do malandro bobo, né?</p> <p>STEWART [<i>rindo</i>]: Ele se vê como meu tutor.</p> <p>PROFESSOR: Ele fala que você é o aprendiz dele.... O branco dele. Ele é seu dono.</p> <p>STEWART: Bem, ele me salvou de uma situação constrangedora no semáforo. Ta uma noite fria e sombria após eu ter perdido Danni, meu coração dilacerado estava afogando a dor em vinho. Eu já estava completamente negligente quando o Vendedor de Sorrisos apareceu. Parece que alguns bandidos estavam de olho no meu ganho naquele dia, decidiram que me dariam uma surra e levariam tudo. Eles seguiram em frente com seus planos, me agrediram e saquearam meus pertences. Eu estava à beira da morte, se não fosse pela intervenção rápida do Vendedor de Sorrisos. Ele veio correndo, gritando 'Polícia! Polícia!', assustando os bandidos, que fugiram rapidamente, deixando-me para trás. Foi assim que o Vendedor de Sorrisos me trouxe para este parque, tratou de minhas feridas. Ele agiu por necessidade, e não posso culpá-lo por isso.</p> <p>PROFESSOR: E você decidiu ficar.</p>
<p>STEWART: Why not? It's as good a place as any. In this whole - every square inch of it - I am an oppressed person, my dear Professor. First I was oppressed by the Afrikaners; now I am oppressed by your people.</p>	<p>STEWART: Por que não? É um lugar tão bom como outro qualquer. Neste todo – cada centímetros dele – eu sou uma pessoa oprimida, meu querido Professor. Primeiro eu fui oprimido pelos afrikaners; agora sou oprimido pelo seu povo.</p>

PROFESSOR: Get over it, Lord Stewart. Your folks still hold the keys to the treasure chest. You were just not smart enough to get a share of that when you had the chance. Just like I am not smart enough to get a share now that your folks find it necessary to split a tiny fraction of that treasure with the elite of my folks.

STEWART: What on earth are you on about, my dear fellow. Have you been ingesting some of my mentor's mushrooms?

PROFESSOR: I don't ingest, Lord Stewart. I eat. Only aristocrats like you ingest. And the last thing I would eat is hallucinogenic mushrooms. I may be down and out and penitent, but I'm not suicidal yet.

STEWART: Penitent. I hear that all the time. But you never say what you are penitent about.

PROFESSOR: I need to suffer in order to make good for some past I don't want to talk about. It is nobody's business but my own. It is something that is between me and my conscience. But, oh, it is eating me every waking moment of my life. There are things you don't want to talk about too because they are your own business. Danni, for instance.

STEWART: I can talk about Danni because I did nothing wrong. Tell you what, you tell me the cause of your penitence and I'll tell you about Danni.

PROFESSOR: "Supere isso, Lord Stewart. Sua família ainda detém as chaves do baú do tesouro. Você simplesmente não foi esperto o suficiente para conseguir uma parte disso quando teve a chance. Assim como eu não sou esperto o suficiente para conseguir uma parte agora que sua família considera necessário dividir uma pequena fração desse tesouro com a elite da minha família."

STEWART: Que diabos você está falando, meu amigo. Você tem ingerido os cogumelos do meu tutor?

PROFESSOR: Eu não ingiro, Seu Stewart. Eu como. Apenas aristocratas como você ingerem, e a última coisa que eu gostaria de comer é cogumelos alucinógenos. Posso estar deprimido e arrependido, mas ainda não sou um suicida.

STEWART: Arrependido. Eu ouço isso o tempo todo, mas você nunca diz do que está arrependido.

PROFESSOR: Eu preciso sofrer para pagar por um passado do qual eu não quero falar. Isso não é da conta de ninguém, só minha. Isso é algo que está entre mim e minha consciência, mas, ó, isso tem me consumido a cada momento de minha vida. Há coisas que você também não quer falar, porque são seus próprios problemas. Danni, por exemplo.

STEWART: Eu consigo falar sobre Danni porque eu não devo nada. É o seguinte, você me fala o motivo do seu arrependimento e eu falo para você

PROFESSOR: Exchange the stories of our foolishness? Go ahead, I am all ears.

STEWART: Danielle! She was the most beautiful girl you've ever met.

PROFESSOR: Danielle? I never met her.

STEWART: That's Danni to you. And of course you never met her. But you'd have loved her, Professor. She was a lady. She was a beautiful Afrikaner princess.

PROFESSOR: I didn't know Afrikaners have royalty.

STEWART: Actually she was a French princess. You know mos some Afrikaners have French roots. But she was more than just a princess, my Danni. She had the ancient art of hearing voices which no one else could hear. She told me that it started with her at an early age, when she was a baby, but she never thought there was anything strange about it. She thought that everyone heard voices; everyone had a party in her head. At first the voices were soft and gave her simple commands in a simple, childish language. But as she grew older the voices became elaborate. For a long time she told no one about them. Instead, she fell in love with them because they were a force for good. She kept them secret; she was afraid her folks would think she was insane and send her to a mental institution.

PROFESSOR: How did you deal with

sobre Danni.

PROFESSOR: Trocar histórias das nossas tolices? Vá em frente, sou todos ouvidos.

STEWART: Danielle! Ela foi a garota mais bonita que você já conheceu.

PROFESSOR: Danielle? Eu nunca a conheci.

STEWART: Isso é Danni pra você, e claro que você nunca a conheceu, mas você a amaria, Professor. Ela era uma moça, uma linda princesa africâner.

PROFESSOR: Eu não sabia que os afrikaners tinha realeza.

STEWART: Na verdade ela foi uma princesa francesa. Você sabe que alguns africâner possuem raízes francesas, mas ela era mais que apenas uma princesa, minha Danni. Ela tinha a antiga arte de ouvir as vozes que ninguém mais podia ouvir. Ela me disse que isso começou quando ela era novinha, quando era uma bebê, mas ela nunca achou que havia algo estranho em relação a isso. Danna achava que todo mundo ouvia vozes; que todo mundo tinha uma festa nos ouvidos. Inicialmente, as vozes eram suaves e davam a ela simples comandos em uma linguagem infantil simples. Por muito tempo ela não me disse nada sobre essas vozes. Em vez disso, ficou apaixonada por elas porque eram uma força para o bem. Ela manteve as vozes em segredo; Danni estava com medo dos pais acharem que ela estava louca, e assim enviariam ela para o manicômio.

PROFESSOR: Como você lidou com

that, Lord Stewart?

STEWART: Oh, no, this was before I knew her! I met her long after that. After she had become a stock market analyst and the voices had terrorised her out of her job. Her family and colleagues asked her to deny the voices. To suppress them. That's when they began to terrorise her. They would spin her, Professor, spin her around like a top. That I saw with my own eyes. Spinning and spinning and spinning.

At this he twirls like a ballerina, pirouetting en pointe while at the same time calling to Danni. Danni! Stop! What is wrong, Danielle? Stop!

He stops suddenly. He is out of breath. I reached for her and grabbed her and held her to myself. 'Don't you worry, Danni. Everything will be fine. The damn voices will leave you one day and everything will be fine.' She turned on me angrily and said: I don't want them to stop. They are my voices.' Whereas I thought they were she saw them as a gift. Sometimes the voices came in the guise of particular saints. She was a devout Catholic so she knew all sorts of saints. Sign of illness.

PROFESSOR: Is there such a creature as an Afrikaner Catholic?

STEWART: Of course there is such a creature as a Catholic Afrikaner. She had long converted from the stubborn faith of her French Huguenot ancestors to the Roman Catholic Church precisely because the Catholics were. More

isso, Seu Stewart?

STEWART: Ah, isso foi antes de eu a conhecer! Eu a conheci depois disso depois de ter se tornado uma analista no mercado de ações as vozes a aterrorizavam para que saísse do emprego. A família e os colegas imploravam para que ela silenciase as vozes, para que as apagasse. Foi então que elas começaram a aterrorizá-la. Rodopiavam-na, Professor, rodopiavam-na como uma bailarina. Eu testemunhei isso com meus próprios olhos. Girando, girando, sem fim.

Nesse momento, ele gira como uma bailarina, fazendo piruetas, enquanto chama por Danni. 'Danni! Pare! O que há, Danielle? Pare!'

Ele para subitamente, ofegante. Eu me aproximo dela, a seguro junto a mim. 'Não se preocupe, Danni. Tudo ficará bem. Essas malditas vozes vão desaparecer um dia, e tudo ficará bem.' Ela se vira para mim com raiva e diz: 'Eu não quero que elas cessem. Elas são minhas vozes.' Enquanto eu via aquilo como um problema, para ela eram um presente. Às vezes, as vozes se apresentavam na forma de santos específicos. Ela, sendo uma devota católica, conhecia uma infinidade deles. Um sinal de doença para alguns, mas para ela, uma dádiva."

PROFESSOR: Existe uma criatura como um católico africâner?

STEWART: Claro que existe uma criatura como um católico africâner. Há muito tempo ela se converteu da fé de

tolerant of her voices. Her people, on the other hand, were busy sending her to doctors who labelled her voices 'verbal auditory hallucination' and tried to suppress them with medication. To her they were saintly voices... Voices of angels.

PROFESSOR: Doctors are the enemies of prophets.

STEWART: I met Danni at the traffic lights. She was standing there like a princess, with her bowl extended in supplication. She didn't carry any sign at all. Her bowl spoke for itself and motorists filled it with coins - even an occasional banknote. We hit it off immediately, our whiteness among all the black faces bringing us together. She liked me even more when she discovered that I treated her voices with respect. I wished I could experience their pleasantness too.

PROFESSOR: They were all in her head ... those voices.

STEWART: We are not talking of voices in the head here, Professor. We are not talking of thoughts. These were loud voices that she could hear as if somebody had spoken.

PROFESSOR: But you never heard them yourself?

STEWART: Only she could hear them. Often she had pleasant conversations with her voices. If we had stayed together I was hoping that I would hear the voices

seus ancestrais huguenotes franceses à Igreja Católica Romana, principalmente porque os católicos eram mais tolerantes com as vozes. O povo dela, por outro lado, estava ocupado e mandaram ela ir aos médicos que rotularam as vozes como 'alucinação auditiva verbal e tentou suprimi-las com medicação. Para ela, eram vozes santas... As vozes dos anjos.

PROFESSOR: Médicos são os inimigos dos profetas.

STEWART: Conheci a Danni no sinal. Ela estava lá, parada como se fosse uma princesa, segurando seu chapéu, sem precisar de cartazes. O chapéu dela já dizia tudo, e os motoristas o enchiam de moedas, às vezes até com notas. Nos conectamos na mesma hora, nossa identidade branca em meio a tantas pessoas negras nos aproximou. Ela ficou ainda mais próxima quando descobriu que eu respeitava as vozes que ela ouvia. Eu gostaria de também ter uma experiência assim

PROFESSOR: Elas estavam todas na cabeça dela...aquelas vozes.

STEWART: Não estamos aqui falando sobre vozes, Professor. Estamos falando sobre pensamentos. Eram vozes altas que ela podia ouvir como se alguém tivesse falado.

PROFESSOR: Mas você nunca ouviu essas vozes?

STEWART: Apenas ela pode ouvir. Frequentemente ela tinha uma agradável conversa com as vozes dela. Se nós estivéssemos juntos, eu teria a

<p>too. Maybe my voices would merge with her voices into one big divine voice.</p> <p>PROFESSOR: Yours is a beautiful story, Lord Stewart. Mine is a shameful one. It shall not be told.</p> <p>STEWART: I must find Danielle.</p> <p>PROFESSOR: It refuses to be told.</p> <p>STEWART: I must find her, Professor.</p> <p>PROFESSOR: It should never be told.</p> <p>STEWART [<i>with greater urgency</i>]: I am going to find her. I am going on a pilgrimage to Benoni. I am going to receive my blessings from Francesca Zackey so that the Virgin Mary, Our Lady of Benoni, can help me find my Danielle. She was a good person, my Danni. She cannot linger in the wilderness. Our Lady of Benoni must lead me to her.</p> <p><i>He exits.</i></p>	<p>esperança de ouvir também essas vozes. Talvez minhas vozes se misturassem com as delas em um grande coro celeste.</p> <p>PROFESSOR: A sua história é linda, Seu Stewart. A minha é vergonhosa e não será contada.</p> <p>STEWART: Eu devo encontrar Danielle.</p> <p>PROFESSOR: Essa historia se recusa a ser contada.</p> <p>STEWART: Eu devo encontrá-la, Professor.</p> <p>PROFESSOR: Isso nunca deve ser dito.</p> <p>STEWART: [<i>com maior urgência</i>]: Eu vou encontrá-la. Eu vou na peregrinação até Benoni e receberei a benção da Francesca Zackey, então a Virgem Maria, Nossa Senhora de Benoni, pode me ajudar a encontrar minha Danielle. Ela era uma boa pessoa, minha Danni. Ela não pode ficar no deserto; Nossa Senhora de Benoni deve me levar até ela.</p> <p><i>Ele sai.</i></p>
<p>PROFESSOR: will never be told. <i>Lights fade to black.</i></p>	<p>PROFESSOR: Isso nunca será contado. <i>As luzes se apagam.</i></p>
<p style="text-align: center;">Scene 2</p> <p><i>The park. Lights come up on LORD STEWART. He is searching for something among the flowers. He finds it and we see that it is a mushroom. He titters and skips joyfully to the swing. As</i></p>	<p style="text-align: center;">Cena 2</p> <p><i>As luzes do parque se movem em direção a SEU STEWART. Ele vasculha entre as flores, procurando algo, até encontrar um cogumelo. Ao vê-lo, ele ri e pula no balanço com alegria. Enquanto o balanço oscila, ele mastiga o cogumelo,</i></p>

the swing sways he chews on the mushroom, His expression shows that he is not enjoying it. There are some pieces of greasy paper strewn on the grass in front of the bench. MADLOMO enters from the opposite side. She has on an orange overall and wears a plastic bag on her head as she would a headdress. She is holding an open black garbage bag with one hand and collects pieces of litter with the other, using a long wire rod with a sharp point - poker-like. LORD STEWART is looking in her direction. He giggles. Then he breaks into silly laughter.

MADLOMO: *Yho! Wangihlek'umlungu!*

LORD STEWART, looking dazed, is staring at her. His laughter has frozen on his face and now looks like a snarl.

MADLOMO: What are you looking at?

STEWART: I don't know what I was doing eating this crap. It lifts my spirits for a while and then leaves me in the dumps. I'm in the dumps, lady, so don't you pick on me.

MADLOMO: You were staring at me.

STEWART: Because you're a beautiful princess with colours of the rainbow all over your sexy body.

MADLOMO: Pervert!

STEWART: And the sun reflects so gloriously on your plastic headdress. It is like a halo.

MADLOMO: You've made this place

mas sua expressão revela que não está apreciando. Pedacos de papel estão espalhados na grama próxima ao banco. Nesse momento, MADLOMO entra pela extremidade oposta. Vestida com um macacão laranja e uma sacola plástica sobre a cabeça, lembrando um cocar, ela coleta o lixo, usando uma mão para segurar um saco aberto e a outra para recolher o lixo. Em sua outra mão, ela segura um arame longo, pontiagudo como uma chave de fenda. SEU STEWART observa na direção dela, rindo discretamente antes de explodir em gargalhadas bobas.

MADLOMO: *Yho! Wangihlek'umlungu!*

SEU STEWART, aparentemente atordoado, a encara. Sua risada para, e agora parece um rosnado.

MADLOMO: O que tu tá olhando?

STEWART: Eu não sei o que eu estava fazendo comendo essa droga. Isso eleva meu espírito por um tempo e depois me deixa no lixo. Eu estou no lixo, moça, então não me toque.

MADLOMO: Tu tava me encarando.

STEWART: Porque você é uma linda princesa com as cores do arco-íris em seu corpo sexy.

MADLOMO: Se arrepeite!

STEWART: O sol se reflete de maneira gloriosa em seu cocar de plástico, como se fosse uma auréola resplandecente.

MADLOMO: Tu sujou esse lugar. Sua

<p>dirty. You people, <i>aniz'thandi nix</i>. You dump litter all over the place. What do you think those dustbins are made for?</p> <p>STEWART: If we keep the place clean you lose your job. I, His. Royal Highness Lord Stewart, keep you employed, You should thank me.</p> <p>MADLOMO [<i>picking up the papers</i>]: Ngabelungu abanjani laba?</p> <p>STEWART: Here, try these. They will brighten your day. They'll make you see the colours of the rainbow. [<i>He hands her a piece of mushroom, but she ignores it.</i>] Suit yourself Maybe I didn't eat enough of these things for them to give me a happy and lasting high as they do with the Seller of Laughter.</p> <p><i>He stuffs the mushroom into his mouth, chews and then swallows quite ostentatiously.</i></p> <p>MADLOMO: Angizidli izinkowankowane namakhowe mina. I am not a mad animal that eats mushrooms.</p>	<p>gente, <i>aniz'thandi nix</i>. Você joga lixo pra tudo que é canto. Cê acha que essas latas de lixos servem pra quê?</p> <p>STEWART: Se deixarmos o lugar sempre limpo você perderá seu emprego. Eu, Sua Alteza Real, Seu Stewart, mantém você empregada. Você deve me agradecer.</p> <p>MADLOMO: [<i>ela pega os papeis</i>]: Ngabelungu abanjani laba?</p> <p>STEWART: Vem cá, prove isso. Eles trarão brilho para o seu dia e farão que você veja as cores do arco-íris. [<i>Ele lhe entrega um pedaço de cogumelo, mas ela o ignora.</i>] Faça o que quiser! Talvez eu não comi o suficiente para que eles me proporcionem felicidade e me mantenham chapado como eles fazem com o Vendedor de Sorrisos.</p> <p><i>Ele enche a boca de cogumelo, mastiga e depois engole ostensivamente.</i></p> <p>MADLOMO: Angizidli izinkowankowane namakhowe mina. Eu não sou um animal louco que come cogumelos.</p>
<p>STEWART: These are not just mushrooms. They are magic mushrooms.</p> <p>MADLOMO: I've come here to work for my child, not to eat mushrooms.</p> <p>STEWART: You're new here, aren't you? What on earth did they do with the old nice cleaners who were always smiling and joking? Wena ka lo sourpuss.</p>	<p>STEWART: Esses não são quaisquer cogumelos. Eles são cogumelos mágicos.</p> <p>MADLOMO: Eu venho trabalhar aqui por causa da minha filha, não por cogumelos.</p> <p>STEWART: Você é nova aqui, né? Que diabos eles fizeram com aquela senhora legal que limpava a praça sempre sorrindo e brincando? Wena ka lo sourpuss.</p>

MADLOMO: *Yho! Wang'thuka ke manje umlungu. Uthi ngiyi- poes?*

PROFESSOR enters. He is carrying a whole stack of books and newspapers. LORD STEWART tries to hide all traces of the mushroom and the fact that he was eating it.

STEWART: Ah, my dear Professor. We have a new maid cleaning our house. But she doesn't do windows.

MADLOMO: *U-maid ngunyoko.*

STEWART: The rainbow lady is talking rainbow language. What's she saying?

PROFESSOR: You don't want to know.

He arranges the books on the bench.

STEWART: How's the Johannesburg Library these days? I used to hang out there too, you know, when I was still a member of the idle rich.

After arranging his books. PROFESSOR looks up and his eyes meet those of MADLOMO. Both are dumbfounded for a while, and then ...

MADLOMO: What are my eyes showing me?

PROFESSOR: *MaDlomo! Nguwe lona?*

MADLOMO: *Yho! Wang'thuka ke manje umlungu. Uthi ngiyi- poes?*

O PROFESSOR entra segurando uma pilha inteira de livros e jornais. SEU STEWART tenta esconder todos os vestígios de cogumelos e o fato de que ele estava comendo.

STEWART: Ah, meu querido Professor, nós temos uma nova faxineira limpando nossa casa, mas ela não limpa as janelas.

MADLOMO: *U-maid ngunyoko.*

STEWART: A moça arco-íris está falando na língua das cores. O que ela está dizendo?

PROFESSOR: É melhor você nem querer saber

Ele arruma o livro no banco.

STEWART: Como está a biblioteca de Johannesburgo esses dias? Eu também costumava frequentar, você sabe, quando eu ainda fazia parte dos ricos ociosos.

Após arrumar os livros, O PROFESSOR olha para cima e seus olhos se encontram com o de MADLOMO. Ambos estão espantados por um momento, e depois...

MADLOMO: O que meus olhos estão me mostrando?

PROFESSOR: *MaDlomo! Nguwe lona?*

MADLOMO: Yes, it's me. What are you doing here?

PROFESSOR [to STEWART]: This is MaDlomo. She is a woman from my village, KwaVimba, in KwaZulu-Natal. You don't age, even after all these years!

MADLOMO: What would I age for when you haven't aged yourself?

PROFESSOR: Oh, no, I am much younger than you. [To STEWART] I used to drink at her shebeen in KwaVimba. She brewed the best sorghum beer in the entire Valley of a Thousand Hills.

STEWART: You used to drink? Then where did you go wrong? Now you despise those of us who occasionally get drunk?

MADLOMO: He was a champion drunkard. And then one day he just disappeared from the village; no one knew where he went. Your people talk of you as if you had joined the World of Amadlozi.

PROFESSOR: They know very well that I am still alive. They shouldn't pretend they don't know why I left.

MADLOMO: I think it's ten years or more since you left. *Ngiyabona ke manje ukuthi nihlata nabelungu la eGoli*; that's why you don't want to go back home.

MADLOMO: Sim, sou eu. O que tu tá fazendo aqui?

PROFESSOR [para STEWART]: Esta é MaDlomo. Ela é uma mulher do meu povoado, KwaVimba, em KwaZulu-Natal. Depois desses anos todos, você envelheceu como vinho!

MADLOMO: Por que eu envelheceria se nem tu envelheceu ainda?

PROFESSOR: Ah, não, eu sou muito mais novo que você. [Em direção a STEWART] Eu costumava beber no boteco dela em KwaVimba. Ela produzia A melhor cerveja de sorgode em todo o Vale das Mil Colinas.

STEWART: Você bebia? Então onde foi que você errou? Agora você tem aversão por todos nós que ficamos bêbados de vez em quando?

MADLOMO: Ele era o campeão quando se falava em ficar bêbado, e um dia ele simplesmente desapareceu do povoado; ninguém soube onde ele foi. Seu povo fala de tu como tu tivesse ido para o mundo de Amadlozi.

PROFESSOR: Eles sabem muito bem que eu tô vivo. Eles não devem fingir que não sabem o porquê de eu ter ido embora.

MADLOMO: Eu acho que faz uns dez anos desde que tu se escambou pra esses lados. *Ngiyabona ke manje ukuthi nihlata nabelungu la eGoli*; este é o motivo porque tu não quer voltar para casa.

STEWART: What's she beefing about?

PROFESSOR: That I don't return to my home village because I am basking in the prestige of staying with white people here in Johannesburg - meaning you. [To MADLOMO] Lord Stewart is no longer a white man. He used to be white. But, as you can see, the sun has done its business on his skin. He's now a brown man.

STEWART [to MADLOMO]: Don't listen to him. The sun may have crapped on my face but I am a white man and you'd better remember that. You don't get uppity with me and start calling me names in your tribal jargon. [To PROFESSOR] That's what she was doing before you came... blaming me for making the park dirty.

PROFESSOR: The colonial man in you will not die even long after the sun has set on the British Empire, Lord Stewart. Fancy, calling the language of the great amaZulu tribal jargon!

MADLOMO: I would go home if I were you. Why make yourself suffer here in eGoli when your father has a kraal full of cattle? Soon he'll be gone and the vultures who are your uncles will descend and feed on the carcass. If that happens you will not get even a single ox. You know how greedy our people are.

PROFESSOR: They will do so in any case, and that will be their business, not yours or mine.

STEWART: Do que ela está se queixando?

PROFESSOR: Por isso que não retorno ao meu povoado, porque eu estou aproveitando do privilegio de estar com pessoas brancas aqui em Johannesburgo – inclusive você [em direção a MADLOMO] Seu Stewart não é mais um homem branco. Ele já foi, mas como você percebe, o sol fez a parte dele. Agora ele é um homem negro.

STEWART [Para MADLOMO]: Não ouça ele! O sol pode ter feito merda em minha cara, mas eu continuo sendo um homem branco e é melhor você se lembrar disso. Não seja arrogante comigo me chamando por nomes em seus jargões tribais. [Para o PROFESSOR] Isso foi o que ela estava fazendo antes de você chegar... me culpando por sujar a praça.

PROFESSOR: O homem colonial que existe em você persistirá mesmo muito tempo após o declínio do Império Britânico, Lord Stewart. Ilusão chamar a língua do grande amaZulu de jargão tribal!

MADLOMO: Se eu fosse tu eu voltaria pra casa. Pra que sofrer aqui em eGoli, quando teu pai tem um curral cheio de gados? Em breve ele vai bater as botas e os seus tios que parecem urubus vão se aproveitar das carcaças. Se isso acontecer tu não vai ter nem um único boi sequer. Tu sabe como nosso povo é ambicioso.

PROFESSOR: Eles farão isso de qualquer forma, e isso será problema deles, não nosso.

MADLOMO: Hawu, kade bengizingene ngani izindaba zabantu? I don't have time to waste on idle talk. I have a park to clean; I have a demonstration to attend.

STEWART: Ah, so you are one of the municipal workers who toyi-toyi all the time, overturning dustbins and making the whole city filthy, so that you have something to clean again next time. Clever! Clever! You people know how to create work for yourselves. Yet you are busy bitching about me for one or two pieces of paper from my fish and chips.

PROFESSOR: She's right. You know we agreed that we would always keep our surroundings clean.

MADLOMO: And I am not overturning dustbins. Our demonstration is for justice.

STEWART: You must have been a schoolmaster in your previous life... Keeping the surroundings clean.

PROFESSOR [to MADLOMO]: What's the struggle about this time? More pay and fewer hours?

MADLOMO: Our demonstration is in defence of our leader - the Right Reverend Chief Comrade my Leader, who is being accused by some isifebe woman of raping her.

PROFESSOR: You are the women who are demonstrating in front of the

MADLOMO: Hawu, kade bengizingene ngani izindaba zabantu? Eu não tenho tempo para gastar com prosa ruim. Eu tenho uma praça para limpar; também tenho uma manifestação para ir.

STEWART: Ah, então você é uma das trabalhadoras do município que dança o toyi-toyi o tempo todo, revirando as latas de lixo e fazendo a cidade inteira ficar imunda, aí assim você terá algo para limpar novamente. Espertos! Espertos! Seu povo sabe como demandar trabalhos para ele mesmo, e você aqui resmungando por causa de um ou dois pedaços do meu pão com ovo.

PROFESSOR: Ela está certa. Você sabe que nós fizemos um acordo de que deixaríamos esse ambiente sempre limpo.

MADLOMO: E eu não estou virando latas de lixo. Nossa manifestação é por justiça.

STEWART: Você devia ter sido um professora em outras vidas... Mantendo tudo limpo ao redor.

PROFESSOR [Para MADLOMO]: Qual é o problema dessa vez? Aumento de salário e poucas horas de trabalho?

MADLOMO: Nossa manifestação é em defesa do nosso líder – o Irmão Chefe Reverendo, meu Líder, que foi acusado por uma mulher *isifebe* de a ter estuprado.

PROFESSOR: Você é uma das mulheres que estão protestando na frente do

courthouse in support of the priest who is on trial for rape?

STEWART: I saw it in one of your papers.

PROFESSOR: Since when do you read newspapers, Lord Stewart?

STEWART: I stopped reading papers because I got despondent about the news of all the wholesale theft and corruption of your people in government. But once in a while I peek at the headlines when they wrap my fish and chips in the paper, especially since you fight like a bitch when anyone touches your newspaper. So rape I know all about your priests and politicians who women.

MADLOMO: Whether you like it or not, they are yours too. And they didn't rape anybody. The Right Reverend Chief Comrade my Leader cannot rape. We are there to see to it that justice is served. We are going to sing and dance outside that courtroom until the judges find him not guilty.

PROFESSOR: What if they don't?

STEWART: After all, he admits that he did the nookie-nookie but claims it was by mutual consent.

MADLOMO: And what has that got to do with rape? Nobody is going to find him guilty of anything. We are going to see to that. You don't think we are just there to while away time, do you? Some of us are

tribunal em apoio ao sacerdote que está sendo julgado por estupro?

STEWART: Eu vi isso no seu jornal.

PROFESSOR: Desde quando você lê jornais, Seu Stewart?

STEWART: Eu parei de ler jornais porque fiquei decepcionado sobre as notícias de todos os roubos indiscriminados e corrupção de sua gente no governo. Mas vez ou outra eu dou uma olhadinha nos títulos quando meu pão com ovo são embalados no jornal... principalmente quando você começou a brigar igual uma cadela quando ninguém pega no seu jornal. Então eu sei tudo sobre seus sacerdotes e políticos que estupram mulheres.

MADLOMO: Tu gostando ou não, eles são seus povos também. E eles não estupraram ninguém. O Irmão Chefe Reverendo, meu Líder, não estupra. Estamos lá para ver se a justiça será feita. Nós vamos cantar e dançar do lado de fora daquele tribunal de justiça até os juízes saberem que ele não é culpado.

PROFESSOR: E se a justiça não for feita?

STEWART: Afinal de contas ele confessa que **nhanhou**, mas afirma que foi consensual.

MADLOMO: E o que isso tem a ver com estupro? Ninguém vai encontrar culpa nele. Vamos garantir que isso acontece. Tu não acha que estamos lá só para passar tempo, né? Algumas de nós

working people and have children. I have a sick daughter at home, suffering from AIDS. I am the only one who takes care of her. Despite that I must sacrifice some of the time to demonstrate at the courthouse. I start work very early cleaning the parks so that I can leave early enough to be present at the demonstration. And you know why I do that? Simply because the Right Reverend Chief Comrade my Leader is innocent.

PROFESSOR: If he's innocent, whether you're there or not the court will come to that conclusion.

MADLOMO: No, it won't. It is important that we, the women of South Africa, put pressure on those white judges to respect our culture. And *futhi ke* the Right Reverend Chief Comrade my Leader must see that he has our full support. He must take courage every morning he walks into that courtroom to face those white judges and prosecutors. He stood with us when our culture was under siege. He came out in support of virginity testing when other leaders were hiding their heads in the sand on the matter. Now that he is under siege from the enemies of our culture we are going to stand with him.

PROFESSOR [to STEWART]: MaDlomo was our village's virginity tester. She was a leading virginity tester, respected in the entire Valley of a Thousand Hills.

STEWART: A woman in search of the hymen. [With mock deference] I bow

somos pessoas trabalhadoras e temos crianças. Eu tenho uma criança doente em casa sofrendo de AIDS. Eu sou a única que cuida dela. Apesar disso, eu tenho que sacrificar meu tempo para manifestar no tribunal de justiça. Eu começo o trabalho bem cedo limpando a praça, então eu posso sair mais cedo para estar presente na manifestação. Tu sabe por que eu faço isso? Simplesmente porque o Irmão Reverendo Chefe, meu Líder, é inocente.

PROFESSOR: Se ele é inocente ou não, independente de você está lá ou não a justiça decidirá.

MADLOMO: Não, não vai. É importante que nós, mulheres sul africanas, botemos pressão nesses juízes brancos para que eles respeitem a nossa cultura. E *futhi ke* o Irmão Reverendo Chefe, meu líder, deve ver que ele tem nosso total apoio. Ele tem que ter muita força para andar todas as manhãs naquele tribunal de justiça e encarar aqueles juízes e procuradores brancos. Ele ficou do nosso lado quando nossa cultura estava sob ataque. Ele apoiou o teste de virgindade quando outros líderes deram uma de sonso sobre o assunto. Agora que ele está sob ataque dos inimigos da nossa cultura, nós iremos permanecer com ele.

PROFESSOR [Para STEWART]: MaDlomos era a verificadora de virgindade lá no nosso povoado. Ela liderava os testes de virgindade, respeitada em todo o Valle de Mil Colinas.

STEWART: Uma mulher em busca do hímen. [Com ironia] Eu me curvo diante

before thee.

MADLOMO: Suka! You are a white man. You know nothing about our culture.

PROFESSOR: A woman in search of the hymen? But I thought Vesalius had found it already, in the sixteenth century.

STEWART: I knew you would have a story about it, my dear Professor. These tomes that you tote from the Johannesburg Library are not for nothing. Who was Vesalius?

MADLOMO: *Angiyihlalel'imibhedo ke mina.* I'm going. What do men know about virginity anyway?

She drags her garbage bag and starts to go. But we can see that she is curious to hear what the men are saying. She pretends to be dislodging a stubborn piece of litter with her poker tool while she listens.

PROFESSOR: He's the man MaDlomo's profession should thank for discovering the hymen in 1544. Vesalius was just the name his Latin buddies gave him; his real name was Andreas van Wesel.

STEWART: An Afrikaner! Trust an Afrikaner to discover the hymen!

PROFESSOR: He was actually Belgian, Lord Stewart. Must have been Flemish. But he was working in Pisa in Italy as an anatomist and physician at the time. He

de ti.

MADLOMO: Sai daqui! Se pica! Tu é um homem branco que não sabe nada sobre nossa cultura.

PROFESSOR: Uma mulher em busca do hímen? Mas eu pensei que Vesalius já tivesse encontrado, lá pelo século dezesseis.

STEWART: Eu sabia que você teria uma história sobre isso, Professor. Não é em vão que você carrega esses livros da Biblioteca de Johannesburgo. Quem foi Vesalius?

MADLOMO: *Angiyihlalel'imibhedo ke mina.* Ó...tô indo, viu... O que homens entendem sobre virgindade?

Ela segura sua sacola de lixo enquanto começa a se afastar, porém, de maneira evidente, sua curiosidade a atrai de volta à cena. Finge, então, estar removendo um teimoso pedaço de lixo usando seu material de limpeza, tudo enquanto se mantém atenta à conversa dos homens.

PROFESSOR: A profissão de MaDlomo deve agradecer a esse homem por ter descoberto o hímen em 1544. Vesalius foi apenas um nome que seus amigos latinos lhe deram; o nome real dele foi Andreas van Wesel.

STEWART: Um africâner! Acredite, um africâner descobriu o himem!

PROFESSOR: Na verdade ele foi um belga, Seu Stewart. Deve ter sido flamengo, mas na época ele estava trabalhando em Pisa, na Itália como

carved up a 36-year-old nun who had died of pleurisy, and discovered the hymen. To make sure that it was not just a fluke he carved up a 17-year-old hunchback girl he had stolen from the Camposanto medieval cemetery and once more located the hymen. I think MaDlomo and members of her trade should make Vesalius their patron saint.

MADLOMO cannot help but respond.

MADLOMO: When your Vesalius discovered the hymen our ancestors knew about it already.

She exits in a huff.

anatomista e médico. Ele descobriu o hímen quando esculpiu uma freira de 36 anos que tinha morrido de pleurisia. Para ter certeza de que não era apenas uma coincidência, eles esculpiu uma menina corcunda de 17 anos, que ele havia roubado do cemitério medieval Camposanato, e mais uma vez encontrou o hímen. Eu acho que MaDlomo e as suas companheiras de ofício deveriam fazer do Vesalius o santo padroeiro delas.

MADLOMO não consegue se conter e responde.

MADLOMO: Quando Vesalius descobriu o hímen, nossos ancestrais já sabiam a respeito.

Ela sai de 'malmorada'.

PROFESSOR: Of all the parks in the world, she had to work at this one! I cannot stay here any more, Lord Stewart. I must leave. I must find a new refuge.

STEWART: Leave? Just because of her? What has she got on you?

PROFESSOR: I don't like people from home hovering around where I am. There is a reason why I left them back there. Now she's going to gossip about me and everyone back at KwaVimba will know my business.

STEWART: So you're going to pack and go, just like that?

PROFESSOR: You don't know these

PROFESSOR: Com tantas praças no mundo, ela tem que trabalhar justamente nessa! Não posso ficar mais aqui, Seu Stewart. Eu tenho que ir embora. Eu tenho que encontrar um novo refúgio.

STEWART: Ir embora? Só por causa dela? Por que ela te incomoda?

PROFESSOR: Não gosto das pessoas da minha terra ao meu redor, e há uma razão pela qual eu deixei eles para trás. Agora ela vai fofocar sobre mim, e todo mundo de KwaVimba saberão da minha vida.

STEWART: Então você vai fazer as malas e ir, assim?

PROFESSOR: Você não conhece esse

<p>people, Lord Stewart.</p> <p>STEWART: You make me suspicious, Professor. You're running away from something.</p> <p>PROFESSOR: I am not running away from anything, man. Why would I run away?</p> <p>STEWART: You just said you are leaving.</p> <p>PROFESSOR: Leaving is not running away. It's just that I cannot tolerate her here.</p> <p>STEWART: Like she has something on you?</p>	<p>povo, Seu Stewart.</p> <p>STEWART: Você está me deixando desconfiado, Professor. Você está fugindo de alguma coisa.</p> <p>PROFESSOR: Eu não estou fugindo de nada, rapaz. Por que eu fugiria?</p> <p>STEWART: Você acabou de dizer que está indo embora.</p> <p>PROFESSOR: Ir embora não é fugir. Eu apenas não consigo suportar essa mulher vindo aqui.</p> <p>STEWART: Como se ela soubesse algo sobre você?</p>
<p>PROFESSOR: When did you become so smart-alecky?</p> <p>STEWART: She said something about your people back in the village? What did she mean, exactly?</p> <p>PROFESSOR: Hey, why didn't you ask her? She said it, I didn't.</p> <p>STEWART: Who are you, Professor?</p> <p>PROFESSOR: Oh, to hell with you, man! Have I asked who you are?</p> <p>STEWART: You know who I am. I told you about Danielle and her voices. You didn't tell me a damn thing except to say that your story must never be told.</p>	<p>PROFESSOR: Quando foi que você se tornou tão esperto?</p> <p>STEWART: Ela disse algo sobre seu povo lá do povoado? O que ela quis dizer, exatamente?</p> <p>PROFESSOR: Ei, por que você não perguntou a ela? Ela disse isso, não eu.</p> <p>STEWART: Quem é você, Professor?</p> <p>PROFESSOR: Vá para o inferno, rapaz! Eu já perguntei quem você é?</p> <p>STEWART: Você sabe quem eu sou. Eu falei para você sobre Danielle e as vozes que ela ouvia. Você não me contou porcaria de nada, exceto para dizer que sua história nunca deve ser contada.</p>

PROFESSOR: So you reckon that when you were telling me about Danielle you were telling me about yourself?

STEWART: Who exactly are you, Professor?

PROFESSOR does not respond.

STEWART: And how come you always have money? Your father is rich, hey, with lots of cattle? That's what the woman said, Is that where you get your money? The old man sends you money from home, does he?

PROFESSOR: don't get a single cent from home. As far as they are concerned I might as well be dead.

STEWART: So what's your source of riches? Come on, Professor, tell us. Don't be selfish.

PROFESSOR: You can hardly call it riches.

STEWART: How come you always have money, and yet no one has ever seen you work at the traffic lights like we do?

PROFESSOR [*irritated*]: I get it from the government, if you must know.

STEWART: You work for the government? How? When? Doing what?

PROFESSOR: I don't work for the government. I get a disability grant.

STEWART: But you're not disabled! Or

PROFESSOR: Então você acha que quando você fala de Danielle, você estava falando de você mesmo?

STEWART: Quem é você exatamente, Professor?

O PROFESSOR não responde.

STEWART: E como você sempre tem dinheiro? Seu pai é rico? Tem muito gado? Isso foi o que aquela mulher disse. É de lá que você tira o seu dinheiro? O coroa envia dinheiro de casa para você, né?

PROFESSOR: Eu não ganho um centavo de casa. Se dependesse deles, eu poderia estar morto.

STEWART: Então, qual é a sua fonte de riqueza? Qual é, Professor, diga para nós. Não seja egoísta!

PROFESSOR: Dificilmente você pode chamar isso de riquezas.

STEWART: Como que você sempre tem dinheiro, e ainda assim ninguém nunca te viu trabalhando no semáforo como nós fazemos?

PROFESSOR [*irritado*]: Eu ganho do governo, se você quer saber.

STEWART: Você trabalha pro governo? Como? Quando? Fazendo o quê?

PROFESSOR: Eu não trabalho pro governo. Eu tenho um auxílio por invalidez.

STEWART: Mas você não é inválido! Ou

<p>are you? Where?</p> <p>PROFESSOR: Since when did you become my interrogator?</p> <p>STEWART: I want a government grant too. I want to be like you. I was born to be the idle rich like you. Why else do you think I ennobled myself? Because I knew that I was destined to be in the ranks of the idle rich. You got to help me, Professor.</p> <p>PROFESSOR: It was not easy, Lord Stewart. I had to buy sputum from a sick man.</p> <p>STEWART: You got rich from trading in sputum?</p>	<p>é? Aonde?</p> <p>PROFESSOR: Desde quando você passou a ser meu entrevistador?</p> <p>STEWART: Eu também quero um auxílio do governo. Eu quero ser que nem você. Eu nasci para ser um rico inativo igual a você. Por que você acha que me tornei nobre? Porque eu sabia que eu fui destinado a estar no ranking dos ricos inativos. Você me ajudou, Professor.</p> <p>PROFESSOR: Não foi fácil, Seu Stewart. Eu tive que comprar o escarro de um homem doente.</p> <p>STEWART: Você ficou rico negociando escarro?</p>
<p>PROFESSOR: Exactly. Back in the village a relative of mine became known throughout the Valley of a Thousand Hills as a seller of saliva. He was sick with TB, which the doctors found difficult to heal because he had AIDS. He was on antiretrovirals and was getting a disability grant from the government. But he was a resourceful man and the grant was not enough to support his many wives and mistresses. So he earned more money by selling his saliva. He had a sign on the door with prices for the day: 'Buy Saliva Cheap - Special Sale Price R30.00'. He sat on a stool in the middle of his hut and waited for the customers. They came and paid and he drew the biggest chunks of phlegm from the depth of his soul. You go to the clinic and tell them of your persistent and unceasing cough. They give you a small glass container and ask you to fill it with sputum. You already have</p>	<p>PROFESSOR: Exatamente. Lá no meu povoado um parente meu passou a ser conhecido por todo Vale da Mil Colinas como vendedor de saliva. Ele estava com tuberculose, mas os médicos acharam difícil curar porque ele tinha AIDS. Ele estava tomando os anti-retrovirais e estava ganhando o auxílio por invalidez do governo. Mas ele era um homem esperto e o auxílio não foi suficiente para sustentar as milhares de noivas e amantes. Então ele ganhou mais dinheiro vendendo a saliva dele. Ele tinha uma placa na porta como preço do dia: 'compre saliva barata por 30 reais'. Ele sentava no banco no meio da barraca e esperava pelos clientes. Eles vinham, pagavam e ele extraia os maiores pedaços das profundezas da sua alma. Você vai ao posto de saúde e fala a eles sobre sua persistente e incessante tosse. Eles te dão um</p>

the sputum in your pocket from the seller of saliva; all you do is to transfer it to their container. And behold! The tests show you have the worst kind of TB imaginable. So, Lord Stewart, that is exactly what I did.

STEWART: What if they admit you to the hospital? What about the treatment?

PROFESSOR: Hospitals are full, Lord Stewart. They no longer have the luxury of admitting you for TB. They gave me treatment but I dumped it into a pit latrine. After six months I got more saliva and the doctors said my TB is resistant to treatment.

STEWART: When another six months is over you'll have to go back to your village again for more saliva?

PROFESSOR: Oh, no, the guy who initially sold me sputum died. There are many other people who sell sputum all over these days. Even in the townships here. Saliva is big business if you know where to go.

STEWART: No wonder your conscience is eating you. So, that's the story that must never be told. That's what your penitence is all about.

PROFESSOR [*laughing mockingly*]: Far from it, Lord Stewart. I have no regrets about the disability grant. It is my share of the national cake. Why should it only be politicians and civil servants who loot the

pequeno pote de vidro e pedem para que você encha de catarro. Você já tem o catarro do Vendedor de Saliva em seu bolso; tudo que você precisa fazer é transferir isso para a vasilha deles. E eis que o teste mostra que você tem a pior tuberculose inimaginável. Então, Seu Stewart, isso é exatamente o que eu fiz.

STEWART: E se eles te internarem no hospital? E sobre o tratamento?

PROFESSOR: Os hospitais estão lotados, Seu Stewart. Eles não têm mais o luxo de te internar por tuberculose. Eles me deram tratamento, mas eu cuspi os medicamentos no sanitário. Após seis meses eu consegui mais saliva e os médicos disseram que minha tuberculose é resistente ao tratamento.

STEWART: Quando os outros seis meses acabar você voltará ao povoado novamente para ter mais saliva?

PROFESSOR: Ah, não, o cara que me cedeu no começo morreu. Há várias outras pessoas que vendem catarro durante todos esses tempos, até mesmo nas favelas aqui. Saliva é um grande negócio se você souber onde encontrar.

STEWART: Não é à toa que a sua consciência está te consumindo, então esta é a história que nunca devia ter sido contado, e é disso que se trata seu arrependimento.

PROFESSOR: [*rindo ironicamente*]: Longe disso, Seu Stewart. Eu não me arrependo do auxílio por invalidez, pois estou tirando uma casquinha do que posso em nosso país. Por que apenas

national coffers? I must also have my share. The disability grant is the last thing to give me sleepless nights. The only thing, Lord Stewart, that gives me sleepless nights is how to sustain my disability forever so that the fountain does not run dry.

The SELLER OF LAUGHTER bursts in, effervescent as ever.

SELLER: You guys, you'll get old before your time sitting here like pumpkins. There's life out there. And what's with you, Lord Stewart? I didn't see you at the traffic lights today? *U lelofa jwale monna kea u bona!*

STEWART: I had planned to go to Benoni.

SELLER: Are there more profitable traffic lights in Benoni?

STEWART: No, man. To see Francesca Zackey for the blessings of the Virgin.

PROFESSOR: What happened?

STEWART: I didn't go. I didn't have enough money for the taxi. When I came back here I thought I'd borrow some money from you, my dear Professor, but you had gone to the library. Then there was that impertinent woman from your village.

The SELLER OF LAUGHTER walks to

políticos e funcionários públicos sacam os cofres públicos? Também devo ter a minha parte. O auxílio por invalidez é a última coisa que me deixa culpado quando ponho a cabeça no travesseiro. A única coisa, Seu Stewart, que me dá insônia durante a noite é como vou manter minha invalidez para sempre, para que, então, a fonte não seque.

O VENDEDOR DE SORRISOS chega com sua energia irradiante como sempre.

VENDEDOR: Cês vão ficar velhos antes do tempo por ficarem sentados aqui iguais uma planta. Tem vida lá fora, viu? E o que você tem, Seu Stewart? Eu não vi você no semáforo hoje. *U lelofa jwale monna kea u bona!*

STEWART: Eu tinha planejado ir à Benoni.

VENDEDOR: O semáforo lá em Benoni é mais lucrativo?

STEWART: Não, rapaz, para ver Francesca Zackey e receber a benção da Virgem.

PROFESSOR: O que aconteceu?

STEWART: Eu não fui porque eu não tinha dinheiro suficiente para a van. Quando eu voltei aqui eu pensei que eu poderia pegar dinheiro emprestado com você, meu querido Professor, mas você tinha ido para a biblioteca, depois havia a presença impertinente daquela mulher do seu povoado.

O VENDEDOR DE SORRISOS caminha

<p><i>the flowers and searches among them.</i></p> <p>PROFESSOR: Our Lady of Benoni; you think she'll make Danni come back to you?</p> <p>STEWART: With Danni gone I have learnt that sometimes we take a person for granted because we think she will always be with us. Then all of a sudden she is not there. Maybe she's gone to a place where she thinks she won't be taken for granted any more. We flounder. we are lost, we sail hesitantly through life.</p>	<p><i>e procura algo entre as flores.</i></p> <p>PROFESSOR: Nossa Senhora de Benoni; você acha que ela vai fazer Danni voltar para você?</p> <p>STEWART: O fato da Danni ter ido embora me fez aprender que, às vezes, nós achamos que a pessoa é a certa porque pensamos que ela sempre estará conosco, mas aí de nada ela não está aqui. Talvez ela foi para um lugar onde ela acha que não será mais subestimada. Nós fracassamos, nós perdemos, nós navegamos hesitantes pela vida.</p>
<p>SELLER: Now you tell me, you bastards, who stole my zoomer?</p> <p><i>He glares at PROFESSOR.</i></p> <p>PROFESSOR: Don't look at me. What would I need mushrooms for?</p> <p>SELLER: I had one that was ready to eat. This morning I said goodbye to it, knowing that I would come back to use it this evening. And it is not there. It can only be one of you, you old bastards. Or both of you.</p> <p>STEWART: No, no, it can't be Professor. Doesn't steal from his friends. None of us does. Maybe it's some wild animal ... maybe some rabbit came and ate it. I hear rabbits are partial to mushrooms.</p> <p>SELLER [<i>despondent</i>]: What will I do without my zoomers? I need them for</p>	<p>VENDEDOR: Agora me diga, seus bastardos, quem roubou meu alucigez?</p> <p><i>Ele fixa no PROFESSOR.</i></p> <p>PROFESSOR: Nem olhe para mim. Para que eu queria cogumelos?</p> <p>VENDEDOR: Eu tinha um que estava pronto para ser comido. Nesta manhã, eu dei tchau a ele sabendo que eu voltaria para usar à noite, e agora ele não está ali. Só pode estar com você, seu bastardo velho. Ou com vocês dois.</p> <p>STEWART: Não, isso não pode estar com o Professor. Ele não rouba os amigos dele, e nenhum de nós fazemos isso. Talvez foi algum animal selvagem... talvez um coelho veio aqui e comeu suas coisas. Ouço que coelhos são...</p> <p>VENDEDOR: [<i>chateado</i>]: O que farei sem meus Alucigez? Eu preciso deles</p>

<p>inspiration. How do I create the Mother of All Jokes without my inspiration?</p> <p>STEWART: By tomorrow morning they'll have grown again.</p> <p>SELLER: I don't need one tomorrow. I need one now.</p> <p>PROFESSOR: Your friends - intanga zakho - out there sniff glue for inspiration.</p> <p>SELLER: I am not some cheap street kid wena. <i>Ha ke malala- phayiphu.</i></p>	<p>para ter inspiração. Como vou criar A Piada de Todos os Tempos sem minha inspiração?</p> <p>STEWART: Até amanhã de manhã eles vão crescer novamente.</p> <p>VENDEDOR: Eu não preciso deles amanhã. Eu preciso deles agora.</p> <p>PROFESSOR: Seus amigos – intanga zakho – cheira cola para ter inspiração.</p> <p>VENDEDOR: Eu não sou uma criança de rua qualquer, wena. <i>Ha ke malala-phayiphu.</i></p>
<p><i>He goes to the merry-go-round, pushes it with great anger, then Amps on it for a ride. He is letting off steam. But the equipment won't cooperate. It squeaks to an abrupt stop. Something so broken.</i></p> <p>STEWART: That's the new South Africa for you. That's what happens to everything you people touch; it breaks.</p> <p>PROFESSOR: For how long will your bitterness about your people losing the monopoly of power last, Lord Stewart?</p> <p>SELLER: Don't gloat. It has done this before. I know how to fix it. Tomorrow it will be running smoothly again. And tomorrow I'll have a new crop of zoomers. Don't you dare steal them again, you old bastards.</p>	<p><i>Ele se dirige até o carrossel, agarrando-o com raiva, em seguida, salta para fazê-lo girar. Extravaga enquanto tenta, mas a máquina não colabora. O equipamento range e, de repente, para bruscamente. Algo se quebrou.</i></p> <p>STEWART: Essa é a sua nova África do Sul. Isso é o que acontece com tudo que seu povo toca; quebra.</p> <p>PROFESSOR: Por quanto tempo você ficará amargurado porque seu povo está perdendo o monopólio do poder, Seu Stewart?</p> <p>VENDEDOR: Não fique se achando, pois não é a primeira vez que isso acontece. Eu sei como consertar e amanhã mesmo isso aqui estará funcionando de novo. Ah, e amanhã mesmo eu terei uma nova colheita de Alucigez. Nem pense em roubar novamente, seus velhos bastards.</p>

<p>PROFESSOR: You know why the Mother of All Jokes will never be there? Because you have no respect for your elders. Inspiration never comes to little twerps who are disrespectful.</p> <p>SELLER: I know you wish that I'll fail in my mission to create the best joke of all. But I won't. I am determined to succeed. With the help of people like Lord Stewart I will succeed.</p> <p>STEWART: How do I help? [<i>Humouring him</i>] I'll do anything for you, my mentor.</p>	<p>PROFESSOR: Você sabe por que a Piada de Todos os Tempos nunca vai acontecer? Porque você não respeita os mais velhos. A inspiração nunca chega para os idiotinhas que são desrespeitosos.</p> <p>SELLER: Eu sei que você deseja que eu me dê mal na minha missão de criar a melhor piada de todos os tempos, mas eu não vou me dar mal. Estou firme com o meu sucesso. Com a ajuda de pessoas como Seu Stewart, eu vou conseguir.</p> <p>STEWART: Como ajudo? [<i>Brincando com ele</i>]: Eu vou fazer qualquer coisa por você, meu conselheiro.</p>
<p>SELLER: Maybe we should be a team when we go out there to beg. You be my slave in chains: I'll be the slave master. I'll have a board which reads: 'Slave Master Fallen on Hard Times. Needs Money to Feed Slave', There! Don't you think that's brilliant. We'll make a lot of money.</p> <p>STEWART: No one will believe you. I'm white, you're black. The world over, whiteness is power; blackness is servitude.</p> <p>PROFESSOR: Maybe that's why it's a good joke. There, you see? You thought of something clever without your mushrooms.</p> <p>SELLER: Nobody asked you. This is between me and Lord Stewart. You wouldn't know a damn thing about it: you've never worked the traffic lights.</p>	<p>VENDEDOR: Bem que a gente poderia ser uma equipe quando sair para mendigar. Você será meu escravo acorrentado; eu serei seu senhor. Eu terei um cartaz com a seguinte frase: 'Senhor de escravizado falido em tempos difíceis precisa de dinheiro para alimentá-lo.' Isso! Você não acha isso brilhante? Vamos ter muito dinheiro.</p> <p>STEWART: Ninguém vai acreditar em você, pois eu sou branco e você é preto. No mundo inteiro branquitude é poder; negritude é servidão.</p> <p>PROFESSOR: Por isso que é uma boa piada. Tá vendo? Você pensou em algo inteligente sem seus cogumelos.</p> <p>VENDEDOR: Ninguém te perguntou. Isso é entre mim e Seu Stewart. Cê não saberá merda de nada sobre isso; você nunca trabalhou no semáforo.</p>

He exists.

PROFESSOR: Hey, I was supporting you!

STEWART: You'll never win with that one, Professor. He'll only appreciate you when you're gone. He does not know that soon he'll be wishing he had not taken you for granted.

PROFESSOR: Soon? But I'm not going anywhere?

STEWART: You are going away; you said so. You're running away from the virginity tester.

PROFESSOR: Okay, I am staying put. After all I came here first. If there's anyone who must leave it's her. She'll have to find a job elsewhere. I must find a way to scare her away.

STEWART: So, a bull and a cow from the Valley of a Thousand Hills cannot be in the same kraal. [*Jokingly*] Do you think she'll get ideas about testing your virginity, Professor? I never hear you talk of women. Maybe you've not been deflowered yet? Otherwise why don't you want to share a park with a virginity tester?

PROFESSOR: I am no fan of her profession, that's all.

STEWART: I think it's a noble profession.

PROFESSOR: What is it with men and

Ele sai.

PROFESSOR: Ei, eu estava te apoiando.

STEWART: Você nunca vai conquistar esse menino, Professor. Ele só vai te admirar quando você se for. Ele não sabe que logo ele vai se arrepender de ter te subestimado.

PROFESSOR: Logo? Mas eu não estou indo a lugar nenhum.

STEWART: Você está pegando seu caminho; você disse isso, você está fugindo da testadora de virgindade.

PROFESSOR: Certo, ficarei aqui, afinal de contas eu cheguei primeiro. Se há alguém que tem que ir embora, esse alguém é ela. Ela terá que encontrar um emprego em outro lugar. Eu vou procurar um jeito de assustá-la.

STEWART: Então, um touro e uma vaca que vieram do Vale das Mil Colinas não podem ficar no mesmo curral. [*B brincando*]. Você acha que ela terá a ideia de testar sua virgindade, Professor? Eu nunca ouvi você falar de mulheres. Talvez você não foi deflorado ainda? Senão, por que você não quer compartilhar essa praça com uma testadora de virgindade?

PROFESSOR: Eu não sou fã da profissão dela, isso é tudo.

STEWART: Eu acho que é uma profissão nobre.

PROFESSOR: E qual a relação do

virginity anyway? What is this fascination? Virgins have determined the history of the world. People even wage war on their behalf. Men kill other human beings so that when they get to Paradise they can have a roll in the hay with 72 virgins. Not just 72 women. Seventy-two virgins.

STEWART: What do you do with 72 virgins in Heaven? Don't tell me folks do the nookie-nookie in Heaven. And with so much libido too that they need 72!

PROFESSOR: It must be recreational. I don't think procreation happens over there.

STEWART: But 72! That's greedy, my dear Professor!

PROFESSOR: Don't be too smug about it, Lord Stewart. Your faith has its fair share of virgins as well. I am giving you money to go see one in Benoni tomorrow.

STEWART [*making the sign of the cross*]: Forgive me, Virgin Mary Mother of Jesus. This talk is becoming too blasphemous for my liking.

PROFESSOR: Suit yourself. You brought the virgins up, I didn't.

STEWART: I am not saying you shouldn't give me money to go to Benoni. I just don't want to talk about virgins any more.

There is a pregnant silence. And then...

homem e a virgindade? O que é essa fascinação? Virgens tem determinado a história do mundo. As pessoas até travam uma guerra em seu nome. Homens matam outros seres humanos, então quando eles chegarem no Paraíso eles podem ter um rolo no feno com 72 virgens. Não estou falando apenas de 72 mulheres. Estou falando de setenta e duas virgens.

STEWART: O que você faz com 72 virgens no céu? Não me diga que as pessoas fazem nhanham no céu. E é tanta libido que eles precisam de 72!

PROFESSOR: Acho que é apenas para se divertir. Eu não acho que há procriação lá;

STEWART: Mas 72! Isso é ganancioso, meu querido Professor!

PROFESSOR: Não seja tão presunçoso nessa questão, Seu Stewart. Sua fé tem sua cota com as virgens também. Eu vou te dar dinheiro para ver uma em Benoni amanhã.

STEWART: [*fazendo o sinal da cruz*]: Perdoe-me, Virgem Maria Mãe de Jesus. Essa conversa está se tornando muito blasfêmia para meu gosto.

PROFESSOR: Se acostume. Você que trouxe esse assunto sobre virgens, eu não.

STEWART: Não estou dizendo que você deve me dar dinheiro para ir à Benoni. Eu só não quero mais falar sobre virgens.

Um silêncio intenso acontece... até que...

<p>Do you know that Danni was a virgin?</p> <p>PROFESSOR: What? She was with you all that time and she was a virgin?</p> <p>STEWART: Three years we begged together. I never touched her. And no one had touched her before me. She was untouched. Danni was one of thousands of Catholic women worldwide who have consecrated their virginity to God.</p>	<p>STEWART: Você sabia que Danni era virgem?</p> <p>PROFESSOR: O que? Ela ficou com você todo esse tempo e era virgem?</p> <p>STEWART: Nós mendigamos juntos por três anos. Eu nunca a toquei, e ninguém havia tocado nela antes de mim. Ela era pura. Danni foi uma das milhares de mulheres católicas do mundo todo que consagrou a virgindade à Deus.</p>
<p>PROFESSOR: Hawu, kanti Danielle was a nun?</p> <p>STEWART: Oh, no, she was not a nun. These are ordinary women who belong to the Rite for the Consecration of Virgins Living in the World. That's their organisation. Danni told me it was only founded by the church in 1970 and her voices commanded her to join it. These women are not nuns at all, Professor. They take no vows or join any monastic order. They are ordinary women living ordinary lives, except for the fact that they have promised their virginity to God. That is why Danni never married.</p> <p>PROFESSOR: Now I see why you believe the pilgrimage to Benoni will help you get her back. The Virgin of Benoni will help you find your lost virgin.</p> <p>STEWART: Virgins are magical beings, Professor, and my Danni was a magical woman. Come here; I want to show you something.</p>	<p>PROFESSOR: Hawu, kanti Danielle era uma freira?</p> <p>STEWART: Ah, não, ela não era uma freira. Essas são mulheres comuns que pertencem ao Rito para a Consagração das Virgens que Vivem no Mundo. Essa é a organização delas. Danni me disse que isso foi fundado apenas pela Igreja em 1970 e suas vozes pediram para que ela se juntasse a esse grupo. Essas mulheres não são freiras, Professor. Elas não fazem votos ou se juntam a qualquer ordem monástica. Elas são mulheres comuns, tendo uma vida comum, exceto pelo fato delas entregaram a virgindade à Deus, por isso Danni nunca casou.</p> <p>PROFESSOR: Agora entendo porque você acredita que a peregrinação a Benoni te ajudará a trazer Dannielle de volta. A Virgem de Benoni vai te ajudar a encontrar sua virgem perdida.</p> <p>STEWART: Virgens são seres mágicos, Professor, e minha Danni era uma mulher mágica. Vem cá; eu quero te mostrar uma coisa.</p>

He leads him to the flowers. From among the Easter flowers he takes out a plastic bag.

PROFESSOR: I see that you and the Seller of Laughter stash your loot among the flowers.

STEWART: No one bothers with flowers. You know what this is?

He shows him something he has taken from the plastic bag. Obviously to LORD STEWART this is a solemn moment and PROFESSOR accords it its due respect.

PROFESSOR: It's a slice of toast and a potato crisp.

STEWART: Not just any toast. Not just any potato crisp. Danni was prone to identifying the Virgin Mary and her Son In everyday things. Look at this Simba chip carefully. What do you see? Don't you see the image? It is shaped like the face of Jesus Christ. Danni discovered it in a packet we were eating three years ago. She immediately identified the face of Jesus Christ on it We have been keeping it ever since. When it turned red in places she said it was the stigmata.

PROFESSOR: And the toasted bread?

STEWART: Sometimes she helped with the cooking at the Salvation Army Homeless Shelter. One day she was preparing breakfast. When the toast

Ele o leva até as flores. Entre aquelas do outono, ele pega um saco plástico.

PROFESSOR: Eu vi que você e o VENDEDOR DE SORRISOS escondem suas coisas roubadas entre as flores.

STEWART: Ninguém se importa com as flores. Você sabe o que é isso?

STEWART mostra algo que havia retirado do saco plástico. Claramente, para STEWART, este é um momento solene e o PROFESSOR trata o objeto com a devida reverência.

PROFESSOR: É uma fatia de torrada e batata frita.

STEWART: Não é qualquer torrada, nem qualquer batata frita. Danni tinha o dom de identificar a Virgem Maria e seu Filho nas coisas do dia a dia. Olha para esse pacote de batata frita do Simba cuidadosamente. O que você vê? Você não vê a imagem? Tem o formato igual ao rosto de Jesus Cristo. Danni descobriu isso em um pacote que estávamos comendo três anos atrás. Ela imediatamente identificou o rosto de Jesus Cristo no pacote. Desde então nós os guardamos. Quando isso fica vermelho em alguns lugares ela diz que era o estigma.

PROFESSOR: E o pão torrado?

STEWART: Às vezes ela ajudava cozinhando na Casa para Desabrigados do Exército da Salvação. Um dia ela estava preparando o café, quando a

<p>popped out it had an image of the Virgin Mary impressed on it. See? Well, you may not see it very clearly now, but it used to be much sharper. It has faded with time.</p> <p>PROFESSOR: And you've kept these all this time in memory of Danni?</p> <p>STEWART: I have kept these all these years in memory of Danni.</p>	<p>torrada saiu e tinha uma imagem da Virgem Maria impressa. Vê? Bem, você não vai poder ver a imagem muito clara agora, mas ela costumava ser muito mais nítida, com o tempo foi desaparecendo.</p> <p>PROFESSOR: E você tem guardado isso todos esses anos em homenagem a Danni?</p> <p>STEWART: Eu tenho guardado isso todos esses anos em homenagem a Danni.</p>
<p>PROFESSOR: You must go to Benoni tomorrow. Francesca must help you to see the Virgin live. I am sure she'll be pleased to meet you, especially after you have kept her pictures on bread and potato crisps.</p> <p>STEWART: Only on the toast. On the potato chip it is her son ... With stigmata.</p> <p>PROFESSOR: Still, the Virgin will be excited to see you.</p> <p>STEWART: You are the man, Professor! You are the man!</p> <p>Lights fade to black.</p>	<p>PROFESSOR: Você tem que ir em Benoni amanhã. Francesca deve te ajudar a ver a Virgem ao vivo. Eu tenho certeza que ela terá o prazer em conhecê-lo, especialmente após você ter guardado a imagem dela que está estampada no pão e na batata frita.</p> <p>STEWART: Apenas na torrada. Na batata frita é o filho dela... com estigmas.</p> <p>PROFESSOR: Ainda assim, a Virgem ficará animada em ver você.</p> <p>STEWART: Você é o cara, Professor! Você é o cara!</p> <p>Luzes se apagam.</p>
<p style="text-align: center;">SCENE 3</p> <p><i>Lights rise on PROFESSOR. He is sitting on a bench reading a newspaper. The SELLER OF LAUGHTER is hammering away at the merry go-round, trying to fix it. He is making quite a racket with his hammer, occasionally stealing a look at PROFESSOR to see whether he is irritated out of his wits. Seeing that</i></p>	<p style="text-align: center;">CENA 3</p> <p><i>As luzes se acendem sobre o PROFESSOR. Ele está sentado em um banco, concentrado na leitura de um jornal. Enquanto isso, O VENDEDOR DE SONHOS martela no carrossel, tentando consertá-lo. O barulho do martelo é constante, e ele ocasionalmente lança olhares para o PROFESSOR, esperando</i></p>

PROFESSOR is ignoring the racket, he hammers even louder. When it gets too loud PROFESSOR stands up and takes a few steps towards a flat cardboard sign lying face down on the grass. He turns it face up and reads it. The SELLER OF LAUGHTER stops hammering and rushes to get his board.

SELLER: Hey, what do you think you're doing?

PROFESSOR [*reading aloud*]: 'Are you going to spare me some coins or do you want me to reach for my dark glasses and white cane?'

SELLER: Give me my sign back, you old bastard!

PROFESSOR: Is this the Mother of All Jokes? The joke that's going to make you millions?

SELLER snatches the sign away from PROFESSOR.

SELLER: You have no right to read my private things!

PROFESSOR: The joke that you will franchise to other beggars in other parts of the city? That's going to grace traffic lights in some of the most upmarket suburbs of Johannesburg?

SELLER: There is nothing wrong with this joke. You're just jealous, that's all.

uma reação. Percebendo a falta de resposta do PROFESSOR ao barulho, ele martela com mais força. Quando o barulho se torna insuportável, o PROFESSOR se levanta e caminha em direção a um cartaz caído no chão. Ele o vira para cima e lê. Nesse momento, o VENDEDOR DE SORRISOS para de martelar e corre para pegar o seu próprio cartaz.

STEWART: Ei, o que você pensa que está fazendo?

PROFESSOR: [*lendo em voz alta*]: 'Você vai me dar algumas moedas ou você quer que eu pegue meus óculos escuros e minha bengala branca?'

VENDEDOR: Me dê meu cartaz de volta, seu bastardo velho!

PROFESSOR: Isso é a Piada de Todos os Tempos? A piada que te fará ganhar milhões?

O VENDEDOR arrebatou o cartaz para longe do PROFESSOR.

VENDEDOR: Você não tem direito de ler minhas coisas privadas!

PROFESSOR: A piada que você vai franquiar com outros mendigos em outras partes da cidade? Isso vai enfeitar as noites nos semáforos em alguns dos mais sofisticados pontos centrais de Joanesburgo?

VENDEDOR: Não há nada de errado com a piada. Você está apenas com inveja, isso sim!

PROFESSOR: The joke that's going to kill the ngamlas with laughter even at the traffic lights of neighbouring towns - from Benoni to Boksburg?

SELLER [*defiantly*]: Yeah, it is the joke. So what?

PROFESSOR: There is nothing original about it. It's a take on the old standard: 'Are you going to give me money or do you want me to fake a limp?' I thought you were planning to come with something groundbreaking!

SELLER: Who cares for originality? I want a joke that's going to make me money, that's all. Back in the Free State we say *thebe e sehelwa hodim'a engwe*. We build new things from what others before us have created.

PROFESSOR: If you want to make people laugh you need something new. Every Jo'burg motorist has seen this one.

SELLER: In a different form. Limping is not the same as being blind.

Enter LORD STEWART. He goes straight to his swing.

PROFESSOR: But the same idea. If you want to be a millionaire you will have to think of something better. Like the joke you had in mind involving Lord Stewart and the advantages provided by his whiteness.

STEWART: Hey, don't involve me in

PROFESSOR: A piada que vai matar os patrões de rir até mesmo nos sinais de trânsito nas cidades vizinhas – de Benoni à Boksburg?

VENDEDOR: [*o desafiando*]: Sim, é a piada! E daí?

PROFESSOR: Não há nada de original nisso. Isso é uma visão do antigo padrão: 'Você vai me dar dinheiro ou você quer que eu finja que sou um manco?' Pensei que você estava vindo com alguma coisa inovadora!

VENDEDOR: Quem se importa com originalidade? Eu quero uma piada que me dê dinheiro, e pronto. De onde eu vim, Free State, há um provérbio do Sesotho que diz que *a sabedoria ancestral é inabalável e mestre do presente*. Nós construímos coisas novas através de outros que criaram antes de nós.

PROFESSOR: Se você quer fazer as pessoas rirem, você precisa de algo novo. Todo motorista de Johannesburgo já viu essa.

VENDEDOR: De outra forma. Mancar não é a mesma coisa de ser cego.

SEU STEWART entra e vai direto para o balanço.

PROFESSOR: Mas é a mesma ideia. Se você quer ser milionário, você terá que pensar em algo melhor, como a piada que estava em sua mente envolvendo Seu Stewart e as vantagens provindas da branquitude dele.

STEWART: Ei, não me envolva nisso. Eu

<p>that. I'm not going to be dragged in chains in the streets of Johannesburg. I don't want to be the joke. I still have my self-respect, you know?</p> <p>SELLER: Please, please, please, Lord Stewart. It's going to be a great performance that's going to surpass all their signs put together.</p>	<p>não serei arrastado por correntes nas ruas de Johannesburg. Eu não quero ser uma piada. Eu continuo tendo respeito próprio, sabia?</p> <p>VENDEDOR: Por favor, por favor, por favor, Seu Stewart. Será uma grande atuação que vai superar todos os cartazes juntos.</p>
<p>PROFESSOR: How did things go in Benoni; you're back early. I didn't know Francesca and her Virgin Mary doled out fast-food blessings.</p> <p><i>SELLER holds the swing still.</i></p> <p>SELLER: Come on, Lord Stewart! There's money to be made here!</p> <p>STEWART [<i>angry</i>]: Just let it rest, man! Can't you see when a man wants to be left alone? I went all the way to Benoni for nothing and I don't have the patience for any of your... Okay, sorry, man, but let's just let it rest. Okay?</p> <p><i>SELLER's feelings are hurt. He goes to the merry-go-round and tinkers with it, but not as loudly this time.</i></p> <p>STEWART: Can you imagine this? The Virgin Mary has strict business hours and I missed them by a day. There is a sign at the Zackey family home: 'Greetings family and friends. Thanks for visiting the home of "Our Lady of the Ray". Please note the following times for prayer and spiritual healing: Monday and Wednesday 3pm until 5pm and 7pm until 9pm. Saturday 2pm to 6pm. Thank you and God bless you. Francesca.</p>	<p>PROFESSOR: Como estão as coisas em Benoni; você voltou cedo. Eu não sabia que Francesca e a Virgem Maria distribuem bençãos de fast-food.</p> <p><i>O VENDEDOR mantém o balanço imóvel.</i></p> <p>VENDEDOR: Qual é, Seu Stewart. Tem dinheiro para ganhar aqui!</p> <p>STEWART: [<i>irritado</i>]: Deixa isso para lá, vei. Você não consegue perceber quando um homem quer ficar sozinho? Fui até Benoni à toa e tô sem paciência pra você... Ta bom, desculpe, irmão, mas vamos deixar isso para lá, viu?</p> <p><i>O VENDEDOR, magoado, se aproxima do carrossel e começa a mexer nele, mas desta vez, sem produzir qualquer barulho.</i></p> <p>STEWART: Você consegue imaginar isso? A Virgem Maria tem um horário comercial rigoroso e eu o perdi por um dia. Há uma placa na casa da família Zackey: 'Saudamos família e amigos. Obrigada por visitar a casa de Nossa Senhora de Ray. Por favor, anote os horários das missas e curas espirituais: segunda e quinta das 15h00 até às 17h00; e das 19h00 às 21h00; Sábados das 14h00 às 18h00. Obrigada, Deus</p>

<p>PROFESSOR: She keeps real tight hours, doesn't she?</p> <p>STEWART: Now I'll never find Danni.</p> <p><i>The SELLER OF LAUGHTER tests his handiwork. The merry go-round is working. He pushes it and then rides, At the same time LURD STEWART is swaying gently on the swing. For a while there is no Joy in the eyes of the two men on the playground juipment; they act as though they are forced to be where they are. PROFESSOR breaks the silence.</i></p> <p>PROFESSOR: Tomorrow is Wednesday; the Virgin will be on duty. I'll give you more money and you'll go to Benoni.</p> <p>STEWART [excited]: Long live the sputum!</p> <p><i>He jumps down from the swing and embraces PROFESSOR. The SELLER OF LAUGHTER is not impressed. He leaves his merry go-round turning on its own until it stops, while he takes his sign from the grass.</i></p> <p>SELLER: You're all full of it. <i>Le masepa kaofela.</i></p> <p><i>He exists.</i></p> <p>PROFESSOR: When your Danielle returns try to keep her happy this time, hey? Don't do whatever it was that made</p>	<p>abençãoe vocês. Francesca. '</p> <p>PROFESSOR: Ela tem os horários bem apertados, né?</p> <p>STEWART: Agora eu nunca encontrarei Danni.</p> <p><i>O VENDEDOR DE SORRISOS testa seu trabalho manual. O carrossel está funcionando. Ele dá um impulso inicial e começa a girar. Ao mesmo tempo, SEU STEWART está balançando suavemente. No entanto, não há alegria nos olhos dos dois homens no brinquedo; eles parecem estar ali por obrigação. O PROFESSOR quebra o silêncio.</i></p> <p>PROFESSOR: Amanhã é quarta-feira; a Virgem estará em serviço. Te darei mais dinheiro e você vai até Benoni.</p> <p>STEWART [empolgado]: Longa vida ao catarro!</p> <p><i>Ele salta do balanço e abraça o PROFESSOR. O VENDEDOR DE SORRISOS não parece impressionado. Ele permite que o carrossel continue girando até parar por conta própria, enquanto ele se dirige ao cartaz que está no chão.</i></p> <p>VENDEDOR: Vocês estão de conversa fiada. <i>Le masepa kaofela.</i></p> <p><i>Ele sai.</i></p> <p>PROFESSOR: Quando Daniele voltar, tente fazê-la feliz dessa vez. Não tenha a mesma atitude que a fez ir embora.</p>
---	---

her leave.

STEWART: I didn't do anything wrong, Professor. I was just being a man. A man has needs, Professor, especially when he has to spend day after day and night after night with a fine woman like Danni. I hoped one day she would break her resolve and we would make love like all normal couples do. I kept on bothering Her... Cajoling... Pleading ... Begging... Then threatening.

PROFESSOR: Threatening? With force?

STEWART: No, no, Professor. I am a gentleman. Threatening to find sex from the prostitutes of Hillbrow. I hoped to break her resistance.

PROFESSOR: You couldn't come to terms with her virginity then?

STEWART: At first I understood it because it was a commafia Trom her voices. But when God put man and woman on this world, Professor, and gave them different organs he Was not making a mistake. He wanted them to use those organs. I am a man, Professor, so I kept on pestering Danni just for a little nookie-nookie. Maybe I finally got on her nerves.

PROFESSOR: So, one day she packed and left?

STEWART: It was not as ceremonious as that. She had nothing to pack. I lost

STEWART: Eu não fiz nada de errado, Professor. Eu só estava sendo um homem. Um homem tem necessidades, Professor, especialmente quando ele tem que passar dia após dia, noite após noite com uma mulher boa como Danni. Eu esperava que um dia ela quebrasse a promessa dela e nós pudéssemos fazer amor como casais normais fazem. Eu continuei a incomodando... Insistindo... Suplicando... Mendigando... Depois ameaçando.

PROFESSOR: Ameaçando? Com força?

STEWART: Não, não, Professor. Eu sou um cavalheiro. Ameaçando a encontrar uma prostituta de Hillbrow para ter relações sexuais. Eu tinha esperança de a venceria pelo cansaço.

PROFESSOR: Você não conseguiu lidar com a virgindade dela, então?

STEWART: No início eu entendi porque isso era uma ordem das vozes dela. Mas quando Deus colocou homem e mulher nesse mundo, Professor, e deram a eles diferentes órgãos, ele não estava errando. Ele queria que eles usassem os órgãos. Eu sou um homem, Professor, então eu continuei incomodando Danni apenas por um pouquinho de nhanha. Talvez eu a deixei irritada.

PROFESSOR: Então um dia ela fez as malas e foi embora?

STEWART: Não foi tão cerimonioso assim. Ela não tinha nada para colocar na

Danni at the traffic lights. One cold afternoon a car with three men stopped. I can still see it even as I stand here, it was a red Toyota Camry. They beckoned Danni and she smiled. I thought they wanted to give her some money. She walked to the car, but instead of giving her money they opened the door and enticed her into the back. She hesitated a bit and then pulled her coat around her, preparing to get in.

He role-plays himself and Danielle at the traffic lights.

'No, Danni, don't go! Don't get into that car'

'My voices, they tell me to go!'

'You don't know who those men are, Danni! You don't know what they're going to do to you!'

By this time she was already getting into the car. I had reached the car too and was pushing my way inside.

'My voices are never wrong, Lord Stewart.'

The traffic light turned green and the cars behind were hooting like mad. You know how impatient Johannesburg drivers are.

[He imitates hooters and giving the finger]

Up yours too, mate! They didn't care about Danni and that the men were kidnapping her. All they cared about was that the light was green and their time was being wasted. The men pushed me

mala. Eu perdi Danni no semáforo, em uma tarde fria, quando um carro com três homens, parou. Eu lembro como se fosse hoje. Era uma Toyota Camry vermelha. Eles acenaram para Danni e ela sorriu. Eu achei que eles queriam dar para ela algum dinheiro, mas ela andou até o carro e, ao invés deles darem dinheiro, eles abriram a porta e a puxou. Ela hesitou um pouco, e então arrancaram o casaco dela, preparando-se para entrar.

Ele encena a si mesmo e Danielle nos semáforos.

– Não, Danni, não vá! Não entre no carro.'

– Minhas vozes falam para que eu vá!'

– Você não sabe quem são esses homens, Danni. Você não sabe o que eles vão fazer com você!'

A essa altura ela já estava dentro do carro. Eu tinha também alcançado o carro e estava tentando entrar.

– Minhas vozes nunca se enganam, Seu Stewart.'

O semáforo ficou verde, e os carros atrás estavam buzinando feito loucos. Você sabe como os motoristas de Johannesburg são impacientes.

[Ele imita as buzinas e dá o dedo do meio]

Dê o seu também, companheiro! Eles não se importam com Danni, e aqueles homens estavam sequestrando ela. Tudo o que eles se importaram era o sinal verde e o tempo deles que estava sendo perdido. Os homens me empurraram para

<p>out of the car and sped away. I rolled on the tarmac. It was just luck that the other cars didn't run me over.</p> <p>PROFESSOR: And that was the last time you saw Danni?</p>	<p>fora do carro e fugiram. Eu rolei no asfalto e só não fui atropelado pelos carros por pura sorte.</p> <p>PROFESSOR: E aquela foi a última vez que você viu Danni?</p>
<p>STEWART: That was the last time. I went to the police and told them Danni had been kidnapped.</p> <p>"Who are you?" they asked. "What relationship did you have with her?" I told them. And I told them how special Danni was. They were dismissive of the whole thing. Danni was just a woman I had met at the traffic lights, they said. She got into the car of her own accord, they said. 'You tell us you don't know who those men are or how she's related to them. She is an adult. She can go with any man she wants.' And for them that was the end of the story. But for me, my dear Professor, it was not the end, I was hurting, and I am still hurting to this day.</p> <p><i>PROFESSOR gives him a comforting hug.</i></p> <p><i>MADLOMO enters, cleaning up the litter as usual with her poker.</i></p> <p>MADLOMO: <i>Cha ke manje ningohlule! Ylyo kanti into oyihlalele la eGoll? Ukugonana nabelungu?</i></p> <p>STEWART: You're late for work today.</p> <p>MADLOMO: Yho! Are you my boss</p>	<p>STEWART: Aquela foi a última vez. Eu fui à polícia e falei que Danni tinha sido sequestrada.</p> <p>"Quem é você?", eles me perguntaram. "Qual relacionamento você tem com ela?". Eu os respondi, e falei a eles o quão especial Danni era. Eles faziam pouco caso de tudo. Para eles, Danni era apenas uma mulher que eu tinha conhecido no semáforo. 'Ela entrou no carro por consentimento próprio', disseram. 'Você fala para nós que você não sabe quem são aqueles homens ou como ela está ligada a eles. Ela é adulta. Ela pode ir com o homem que ela quiser.' E para eles isso foi o fim da história. Mas para mim, meu querido Professor, aquilo não foi o fim. Eu estava sofrendo, e continuo sofrendo nesses dias.</p> <p><i>O PROFESSOR dá um abraço de conforto.</i></p> <p><i>MADLOMO entra limpando o lixo como de costume com a vassoura de ancinho dela.</i></p> <p>MADLOMO: <i>Cha ke manje ningohlule! Ylyo kanti into oyihlalele la eGoll? Ukugonana nabelungu?</i></p> <p>STEWART: Hoje você está atrasada para o trabalho.</p> <p>MADLOMO: Yho! Tu agora é meu patrão?</p>

now?

STEWART: Yes, I am your boss. As a taxpayer I am your boss.

PROFESSOR [*laughs*]: Taxpayer, Lord Stewart? When last did you pay your taxes?

STEWART: When I was working I paid them like clockwork. Before your affirmative action kicked me out of my job at the South African Railways and Harbours. I'm still a taxpayer at heart, and therefore I'm her boss.

PROFESSOR: If you worked for the South Africa Railways and Harbours, you lost your job before we took over so you can't blame affirmative action. I, on the other hand, can, because it affirms friends and family and cronies of the high and mighty while the rest of us black folks remain poor and unemployed.

MADLOMO: I knew you'd end up blaming the government for your laziness.

PROFESSOR: *Phela wena*, you have a job, MaDlomo.

STEWART: And you are late.

MADLOMO: *Yini ngawe kanti?* I do my work even when I'm late. I am late for a good reason. I went to the demonstration at the courthouse.

STEWART: Sim, eu sou seu patrão. Como um pagador de impostos, eu sou seu patrão.

PROFESSOR: [*risos*]: Pagador de impostos, Seu Stewart?

STEWART: Quando eu estava trabalhando eu pagava com frequencia, antes das suas ações afirmativas terem me demitido das ferrovias e portos sulafricanos. Eu continuo sendo um pagador de impostos de coração, e por isso eu sou seu patrão.

PROFESSOR: Se você trabalhou para as ferrovias e portos sulafricanos, você perdeu seu emprego antes de assumirmos, então você não pode culpar as ações afirmativas. Eu, por outro lado, posso culpar porque isso privilegia amigos, familiares e comparsas grandes e poderosos, enquanto o resto de nós, negros, permanecemos pobres e desempregados.

MADLOMO: Eu sabia que tu culparia o governo pela sua preguiça.

PROFESSOR: *Phela wena*, você tem um emprego MaDlomo.

STEWART: E você está atrasada.

MADLOMO: *Yini ngawe kanti?* Eu faço meu trabalho mesmo quando estou atrasada. Estou atrasada por um bom motivo. Eu fui para a manifestação no tribunal de justiça.

<p>PROFESSOR: Ah, the rape case of the Right Reverend Chief Comrade my Leader is still going on and you put it above your job!</p>	<p>PROFESSOR: Ah, o caso de estupro do Reverendo continua em processo e você coloca isso acima do seu emprego!</p>
<p>MADLOMO: I am doing it for South Africa.</p> <p>STEWART: This man has raped a woman and you're doing it for South Africa?</p> <p>PROFESSOR: Alleged! Careful now. He has not been found guilty.</p> <p>MADLOMO: And he won't be found guilty as long as we are there every day to remind those white judges and prosecutors that we own this country now. And to remind the woman <i>ogambh'amanga ngye</i> that the women of South Africa condemn her and stand behind our pastor and leader.</p> <p>PROFESSOR: I can understand your support of your leader. But I don't understand why you insult the accuser - blaming the victim.</p> <p>MADLOMO: What kind of a woman accuses her elders of rape? There is something greater at stake here than her personal pride as an individual woman who is alleged to have been violated.</p> <p>STEWART: I don't see anything greater. I wouldn't have forced myself on Danielle.</p> <p>MADLOMO [<i>ignoring STEWART</i>]: After all, we all know that men are dogs and</p>	<p>MADLOMO: Estou fazendo isso pela África do Sul.</p> <p>STEWART: Esse homem estuprou uma mulher, e você está fazendo isso pela África do Sul?</p> <p>PROFESSOR: Acusado! Cuidado agora. Ele não foi considerado culpado.</p> <p>MADLOMO: E ele não ser culpado porque que nós estamos lá todos os dias para lembrar esses juízes e procuradores brancos que agora nós somos donos desse país e lembrar aquela mulher <i>ogambh'amanga ngye</i> que as mulheres sulafricanas a condenam e continuam em apoio do nosso pastor e líder.</p> <p>PROFESSOR: Eu não entendo por que você insulta a acusadora - culpando a vítima.</p> <p>MADLOMO: Que tipo de mulher acusa seus mais velhos de estupro? Há algo maior em jogo do que apenas o orgulho pessoal dela, como mulher que alega ter sido violada.</p> <p>STEWART: Eu não vejo nada de maior em jogo. Eu não gostaria de ter forçado Danielle.</p> <p>MADLOMO [<i>ignorando STEWART</i>]: Afinal, todos nós sabemos que homens</p>

<p>nothing will ever change that. Who of us has not had men force themselves on her?</p>	<p>são cachorros e nada mudará isso. Quem de nós não nos relacionamos com homens que forçaram algo?</p>
<p>STEWART: Danni! Danni! I never forced myself on Danni. Maybe I should have done like the Right Reverend Chief Comrade my Leader.</p> <p><i>LORD STEWART is obviously distressed at the thought of Danielle and what he has lost by not forcing himself on her. He goes to his comforting swing and sways gently to calm himself down.</i></p> <p>PROFESSOR: In other words, MaDlomo, you've all been raped at one time or another and...</p> <p>MADLOMO: Only a woman who is a sissy will complain about it. Real women don't cry rape. They stand up, brush the dust from their kangas and move on. The Right Reverend Chief Comrade my Leader stands for something greater than just having sex with a woman. He stands for the people... the poor ... those who have been let down by a government that has failed to deliver.</p> <p>PROFESSOR: <i>Chaaa! Weeee! MaDlomo, nguwe lo osho nje?</i></p> <p>MADLOMO: She should feel honoured to be raped by a great man like the Right Reverend Comrade my Leader. What has the world come to? How times have changed! a qur days this whole silly mess would not have been an issue at all, and the woman would actually be boasting about it instead of complaining</p>	<p>STEWART: Danni! Danni! Eu nunca forcei Danni. Talvez eu deveria ter feito como Reverendo.</p> <p><i>SEU STEWART está obviamente distraído com os pensamentos em Danielle e o que ele perdeu quando a forçou. Ele vai até o confortável balanço e começa a se mover gentilmente para acalmar a si próprio.</i></p> <p>PROFESSOR: Em outras palavras, MaDlomo, todas vocês foram estupradas uma vez ou outra, e...</p> <p>MADLOMO: Apenas mulheres frescas vão reclamar disso. Mulheres de verdade não reclamam porque foram estupradas. Elas se levantam, sacodem a poeira da canga e seguem em frente. O Reverendo representa algo maior do que apenas feito sexo com uma mulher. Ele representa o povo... o pobre... aquelas pessoas que foram decepcionadas pelo governo por não terem cumprido com a promessa.</p> <p>PROFESSOR: <i>Chaaa! Weeee! MaDlomo, nguwe lo osho nje?</i></p> <p>MADLOMO: Ela deveria se sentir honrada por ter sido estuprada por um grande homem como o Reverendo. A que ponto o mundo chegou? Os tempos mudaram! No nosso tempo toda essa bagunça boba não teria sido um problema, e essa mulher deveria, na verdade, estar se gabando ao invés de estar reclamando ao tribunal de</p>

to the white man's court.

PROFESSOR [*as if asking the audience*]: Where is the women's league of the liberation movement when women are uttering such statements?

MADLOMO: Uttering such statements? What do you mean uttering such statements'? Don't you understand what I am trying to drum into your thick skull?

PROFESSOR: I'll tell you where they are: busy protecting their Cabinet jobs, or angling for deployments into the lucrative civil service and parastatals, busy accumulating wealth through some BEE scheme.

For them there'll always be something greater at stake than standing up for the rights of women. It was like that even during the days of the liberation struggle. They turned a blind eye to rape and other forms of sexual abuse at refugee and guerrilla camps and in exile because there was something greater at stake: national liberation. So, their own struggle for gender equality had to take a back seat. It will always take a back seat, because there will always be something greater at stake!

MADLOMO: Since when have you become a spokesman for Women? Do you think we have no voices to speak for ourselves? You should be fighting for the Right Reverend Chief Comrade my Leader too because he is fighting for your rights. When he takes over this country you'll have a job instead of

homem branco.

PROFESSOR: [*como se estivesse perguntando ao público*]: Onde está a associação das mulheres para o movimento de liberdade, quando mulheres estão proferindo tais declarações?

MADLOMO: Proferindo tais declarações? O que tu quer dizer com proferindo tais declarações? Tu não entende que eu estou tentando colocar algo nessa tua cabeça?

PROFESSOR: Eu vou te dizer onde elas estão: ocupadas protegendo os trabalhos de gabinetes delas, ou buscando implantações lucrativas no serviço público e paraestatais. Ocupadas acumulando riquezas através de algum esquema de empoderamento econômico do povo preto.

Para elas, sempre haverá algo maior para ocupar, do que se levantar em prol dos direitos das mulheres. Foi assim até mesmo durante os dias de lutas para libertação. Eles fecharam os olhos para estupros e outras formas de abuso sexual nos campos de refugiados e guerrilha e no exílio, porque havia algo maior em jogo: a libertação nacional. Então, os próprios problemas delas acerca da igualdade de gênero teve que ficar em segundo plano, porque sempre haverá algo maior em jogo.

MADLOMO: Desde quando tu se tornou um homem que fala pelas mulheres? Tu deveria também brigar pelo Reverendo porque ele está lutando pelos seus direitos. Quando ele tomar o país todo tu vai ter um emprego ao invés de ficar

sitting in the park eating your own lice. In any case that woman was not even a virgin. She had done it before.

PROFESSOR: Aha! It had to come back to virginity. I don't understand your obsession with virginity, MaDlomo.

STEWART: My Danni was a virgin.

MADLOMO: You, too, should be concerned with virginity. After all, you lost a wife because of lack of it.

This piques LORD STEWART's interest. He jumps down from his swing and goes to the PROFESSOR.

STEWART: Ah, *Monsieur le Professeur!* You had a wife and never said a word about it?

MADLOMO [*laughs*]: So, you haven't told your friends how you brought ihlazo to the family, and then ran away? [*To STEWART*] He hasn't told you of the shame that made him leave the village?

PROFESSOR: You don't know half the story. That's not why I left the village.

MADLOMO: *Ucabang'ukuthi angizazi izindaba zakho wena?* I know all about it. That is why you have all this anger and bitterness in your heart. And now you want to take it out on us who are working to preserve our culture.

STEWART: That's why you don't want her at this park, Professor; she knows

sentado na praça olhando a paisagem. De qualquer forma, aquela mulher não era mais virgem. Ela já tinha feito antes.

PROFESSOR: Ah, sempre tem que voltar a esse assunto de virgindade. Eu não entendo a sua obsessão por virgindade, MaDlomo.

STEWART: Minha Danni era virgem.

MADLOMO: Tu também deveria se preocupar com virgindade, até porque tu perdeu uma esposa porque ela não era virgem.

Isso desperta o interesse de SEU STEWART. Ele salta do balanço e vai até o PROFESSOR.

STEWART: Ah, *Monsieur le Professeur!* Você teve uma noiva e nunca me falou sobre isso?

MADLOMO [*r!*]: Então, tu não contou aos seus amigos como trouxe ihlazo para a família, e depois fugiu? [*Para STEWART*]: Ele não falou a vergonha que fez ele sair do povoado?

PROFESSOR: Você não sabe nem a metade da história. Não foi por isso que eu saí do povoado.

MADLOMO: *Ucabang'ukuthi angizazi izindaba zakho wena?* Eu sei de tudo, por isso tu tem toda essa raiva e amargura em seu coração, e agora tu quer impedir que continuemos lutando para preservar a nossa cultura.

STEWART: Por isso que você não quer nesse parque, Professor; ela sabe seus

your secrets	segredos.
<p>MADLOMO [<i>to STEWART</i>]: So, he does not want me here? You can tell him that his secret is not a secret back in the village of KwaVimba, and even in the rest of the Valley of a Thousand Hills. People spoke about it for years.</p> <p>PROFESSOR: It was the fault of people like you, who are obsessed with virginity. No one cared about things like that until you revived old traditions of virginity testing that had died two centuries ago. We were living happily in the twentieth century until you took us back to what you call our roots.</p> <p>MADLOMO: Is it my fault that you married <i>iseqamgwaqo</i> - a tainted woman - shaming not only your parents but your village?</p> <p><i>She leaves them and resumes picking up the litter a short distance away. But we can see that she wants to hear everything they are saying.</i></p> <p>PROFESSOR [<i>calling after her</i>]: Thabisile was not a prostitute. That is what you people called her, but she was nothing like that.</p> <p>STEWART [<i>amused that at last PROFESSOR'S armour is being breached</i>]: Where did you get that one, Professor? From Hillbrow?</p> <p>PROFESSOR: She is just repeating vicious village gossip, Lord Stewart. Thabisile was a good woman from KwaVimba. We fell in love when we</p>	<p>MADLOMO [<i>Para STEWART</i>]: Então, ele não me quer aqui? Tu pode dizer a ele que o segredo dele não é um segredo lá no povoado de KwaVimba, e até mesmo como o resto do Vale das Mil Colinas. As pessoas falaram disso por anos.</p> <p>PROFESSOR: Por culpa de pessoas como você, que são obcecadas por virgindade. Ninguém se importa sobre coisas como essa até você ressuscitar tradições velhas, que tinha morrido há dois séculos, e o teste de virgindade é uma delas. Nós estávamos vivendo felizes no século 20 até você trazer de volta isso que você chama de raízes.</p> <p>MADLOMO: É minha culpa se tu casou com <i>iseqamgwaqo</i> – uma mulher desonrada – vergonha não só para os seus pais, mas para o povoado?</p> <p><i>Ela os deixa e recomeça a recolher os lixos a uma curta distância deles. Mas podemos perceber que ela quer ouvir tudo que eles estão falando.</i></p> <p>PROFESSOR [<i>chamando por ela</i>]: Thabisile não era uma prostituta. Isso é o que o seu povo a chama, mas ela não era nada assim.</p> <p>STEWART [<i>entretido porque finalmente a armadura do PROFESSOR está sendo violada</i>]: Onde você encontrou essa mulher, Professor? Em Hillbrow?</p> <p>PROFESSOR: Ela só está repetindo as fofocas do povoado, Seu Stewart. Thabisile era uma boa mulher de KwaVimba. Nós nos apaixonamos</p>

were both at primary school. It continued until we completed high school. She was the only one, the love of my life, the woman I was going to marry. When my uncles went to ask for her hand in marriage it was the best day of my life. Lobola was paid and our parents spared no expense in organising a big feast to celebrate our marriage in the traditional manner of amaZulu. That night was our first night.

STEWART: You mean all the years you'd been together no nookie-nookie? What kind of a boy were you?

PROFESSOR: You didn't have it with Danni. What kind of a man were you?

STEWART [sadly]: Danni had consecrated her virginity to God.

PROFESSOR: Thabisile had not consecrated her virginity to anyone. She was a strict traditional Zulu girl who wanted to wait until she was married. We petted. Though, and we did *ukusoma*. So it was not too difficult to wait until we were married.

STEWART: *Ukusoma*?

PROFESSOR: Intercrural sex. Sex without any penetration.

STEWART: I wish Danni had allowed me to do the *ukusoma* thing. Just once. I would not have pestered her after that. She would still be with me.

quando ambos estávamos no primário, e permanecemos assim até concluirmos os estudos. Ela era a única, o amor da minha vida, a mulher que eu me casaria. Quando meus tios foram pedir a mão dela em casamentos, foi o melhor dia da minha vida. O lobola foi pago e nossos pais não pouparam gastos na organização de uma grande festa para celebrar nossos casamentos como pede a tradição amaZulu. Aquela noite foi a nossa primeira vez.

STEWART: Você quer dizer que após anos juntos você não nhamaram? Que tipo de garoto você era?

PROFESSOR: Você não fez isso com Danni. Que tipo de homem você era?

STEWART [tristemente]: Danni tinha consagrado a virgindade dela a Deus.

PROFESSOR: Thabisile não havia consagrado a virgindade dela a ninguém. Ela era uma menina zulu estritamente tradicional, que queria esperar até o casamento. Entretanto nos acariciamos, e nós fizemos *ukusoma*. Então não foi muito difícil esperar até o casamento.

STEWART: *Ukusoma*?

PROFESSOR: Rala rala. Sexo sem penetração.

STEWART: Eu gostaria que Danni tivesse me permitido fazer *ukusoma* apenas uma vez, assim eu não teria a importunado após isso. Ela poderia ter continuado comigo.

PROFESSOR: So that night was the night. And it went beautifully. We sent each other to the stars and returned to earth, breathless.

STEWART: Oh, my dear Professor.

PROFESSOR: My grandmother woke us up early in the morning and told us to vacate our room. Outside we saw a group of other grandmothers - my relatives and neighbours. They had come to inspect our bedding. They were looking for the stain of blood. It was not there. They declared that my new bride was not a virgin.

STEWART: Of course she was not. She couldn't be after you had done the dirty deed with her the previous night.

PROFESSOR: You don't understand, Lord Stewart. They said I married a girl who was not a virgin in the first place. She was shamed. She was called names. Because our sheets were stainless she was called *iseqamgwaqo*, the very name MaDlomo called her now.

MADLOMO: Don't talk about me. I'm no longer part of that argument. I'm doing the work of the municipality. *Ngisebenzel'izingane zami mina la kwa-maspala.*

PROFESSOR: She was teased when she went to the well to draw water, she was harassed when she went to the general dealer store to buy sugar and paraffin. Her life became a nightmare. The elders demanded that she should name the man who had deflowered her

PROFESSOR: Então aquela noite foi a noite, e foi bonito. Levamos cada um de nós as estrelas e retornamos para a terra, sem fôlego.

STEWART: Oh, meu querido Professor.

PROFESSOR: Minha avó nos acordou de manhã cedo e nos disse para desocuparmos o quarto. Do lado de fora vimos um grupo de avós – meus familiares e vizinhos. Eles vieram para verificar nossos lençóis. Eles estavam procurando pela mancha de sangue, mas não encontraram. Eles declararam que minha recém noiva não era virgem.

STEWART: Claro que ela não era. Ela não poderia ser depois de você ter feito ação suja com ela na noite passada.

PROFESSOR: Você não entende, Seu Stewart. Eles disseram que eu casei com uma mulher que não era mais virgem. Ela estava envergonhada. Ela foi xingada. Ela foi xingada porque nossos lençóis não estavam manchados. Ela foi chamada de *iseqamgwaqo*. O nome que Madlomo a chamou agora.

MADLOMO: Tire meu nome do bolo. Não estou mais a discussão. Eu estou trabalhando para o município. *Ngisebenzel'izingane zami mina la kwa-maspala.*

PROFESSOR: Ela foi importunada quando foi ao poço tirar água. Ela foi assediada quando foi na mercearia para comprar açúcar e parafina, após isso a vida dela se tornou um pesadelo. Os mais velhos pediram para que ela falasse o nome dos homens que a desonraram,

so that If it was not me he should be fined a cow. She refused to name any name because she was adamant that she had never been penetrated by any man. I knew she was telling the truth. She was ostracised by the other women of the village. And my parents were ostracised too, Until they went to Thabisile's home to demand at least part of the lobola back. You know, like they had been sold damaged goods.

STEWART: And so your wife left?

PROFESSOR: What woman would stay after such shame? She left, Lord Stewart, because I did nothing. I did not speak out when an injustice was done to her. I was silent in deference to my culture and out of respect for my elders. I have regretted that silence ever since, because I lost the woman I loved. I vowed I would never be silent again.

STEWART: Whoa! My dear Professor. This virginity thing is quite heavy I must say!

PROFESSOR: Yes, I lost Thabisile because of virginity. That is why I went out in search of virginity. I wanted to understand what it is and why people are dying. Because of it. You see all those books? They are part of my search for virginity.

STEWART [*giggling lasciviously*]: You are searching for it in the wrong place, my dear Professor. You will not find it between the pages of books, but

então se não fosse eu, ele deveria dar uma vaca à família de Thabisile como penalização. Ela se recusou a falar qualquer nome porque ela estava determinada de que ela nunca tinha sido penetrada por nenhum homem. Eu vi que ela estava falando a verdade para nós. Ela foi excluída por outras mulheres do povoado, e meus pais também foram excluídos até eles irem à casa de Thabisile pedir de volta uma parte do *Lebola*. Você sabe, é como se tivesse vendido uma mercadoria danificada.

STEWART: Então a sua noiva foi embora?

PROFESSOR: Qual mulher ficaria depois de tanta humilhação? Ela foi embora, Seu Stewart, porque eu não fiz nada. Eu não falei nada quando a injustiça tinha sido feita. Eu estava em silêncio em respeito a minha cultura e aos mais velhos. Desde então, eu me arrependo daquele silêncio porque eu perdi a mulher que eu amava. Jurei que nunca mais ficaria em silêncio novamente.

STEWART: Uau! Meu querido Professor, devo dizer que esse assunto de virgindade é um pouco pesado!

PROFESSOR: Sim, eu perdi Thabisile por causa da virgindade. Por isso que saí pesquisando sobre virgindade. Eu queria entender o que é isso e por que as pessoas estão morrendo por causa disso. Você vê todos esses livros? Eles são parte da minha pesquisa.

STEWART: [*rindo debochadamente*]: Você está pesquisando sobre isso no lugar errado, meu querido Professor. Você não vai encontrar isso nas páginas dos

<p>between the legs of girls.</p> <p><i>MADLOMO cannot help but return to the men to try to put them straight.</i></p> <p>MADLOMO: <i>Cha ke manje</i>, you are exaggerating. People dying? Nobody killed Thabisile.</p> <p>PROFESSOR: They may not have killed her physically, but elsewhere people do die, In the United States, in November 2004, Jasmine Archie was murdered by her mother, who forced her to drink bleach because her mother believed she had lost her virginity. Jasmine, of Birmingham, Alabama, was only 12 years old at the time. In many countries where honour killing is part of the culture women are murdered every day by their parents for failing some virginity test.</p> <p>MADLOMO [<i>sadly</i>]: I am sorry to hear of the death of the little girl. I do not think the mother was in her right senses when she did it. But you must understand, you son of KwaVimba, God gave Thabisile the gift of virginity so that she could give it to you, her husband</p> <p>PROFESSOR: Exactly. Virginity exists for the man, not the woman who's supposed to possess it. And what does the man do with it? How does he put it to use? How does it benefit him?</p>	<p>livros, mas entre as pernas das meninas.</p> <p><i>MADLOMO não pode ajudar, mas se volta aos homens e os colocam na linha.</i></p> <p>MADLOMO: <i>Cha ke manje</i>, tu tá exagerando. As pessoas morrem? Ninguém matou Thabisile.</p> <p>PROFESSOR: Eles não a mataram fisicamente, mas em outros lugares as pessoas morrem. Nos Estados Unidos, em novembro de 2004, Jasmine Archie foi assassinada pela própria mãe, que a forçou a beber água sanitária porque a mãe dela acreditava que ela tinha perdido a virgindade. Jasmine, de Birmingham, Alabama, tinha apenas 12 anos na época. Em muitos países onde matar pela honra é parte da cultura, mulheres são assassinadas todos os dias pelos pais por elas falharem em algum teste de virgindade.</p> <p>MADLOMO [<i>tristemente</i>]: Sinto muito por saber da morte da pequena menina. Eu não acho que a mãe estava bem da cabeça quando fez isso. Mas você tem que entender, filho de KwaVimba, Deus deu a Thabisile o dom da virgindade, então ela poderia dar isso a você, o marido dela.</p> <p>PROFESSOR: Exatamente. A Virgindade existe para o homem, não para a mulher que deveria possuí-la. E o que o homem faz com isso? E o que o homem faz com isso? Como ele a utiliza? Como isso o beneficia?</p>
<p>MADLOMO: <i>Yhoooo! Imihlolo!</i></p>	<p>MADLOMO: <i>Yhoooo! Imihlolo!</i></p>

PROFESSOR: *Yiqiniso ke lelo, MaDlomo. Virginity is a commodity owned by the man, the father of the daughter. It's a prize whose possession is passed from the girl's father to the husband on payment of a price.*

MADLOMO: *Cha ngiyabona ke manje, ukuhlala nabelungu has messed up your head. You even call our sacred custom of ilobola a price, as if a woman is being sold like a cow. That's why you spend your life in the park. The ancestors are punishing you, [She looks at LORD STEWART accusingly]. Wenziwa yilabelungu ohleala nabo.*

STEWART: Immediately she says *mlungu mlungu* I know she's blaming me for something.

MADLOMO: You are the one who messed up this man's head. He was not like this back at KwaVimba. He respected our traditions.

STEWART: He told you already; it's the books that messed his head, not me.

MADLOMO: Well, they have made him lose ubuntu, those books of his. Our culture *wubuntu bethu*.

PROFESSOR: If ubuntu means an acceptance of everything that comes under the cloak of African culture, then ubuntu is an instrument of oppression.

MADLOMO: It's not only the African culture that values virginity. The Bible has a lot to say about it. Even the

PROFESSOR: *Yiqiniso ke lelo, MaDlomo. A virgindade é vista como uma mercadoria pertencente ao homem, ao pai da filha. É um prêmio cuja posse é transferida do pai da garota para o marido, mediante o pagamento de um preço.*

MADLOMO: *Cha ngiyabona ke manje, ukuhlala nabelungu tem te deixado lelé da cuca. Tu mesmo chamou nosso costume sagrado, a ilobola, de preço, como se uma mulher estivesse sendo vendida como uma vaca. Por isso que tu passa a vida na praça. Os ancestrais estão te punindo, [ela olha para o SEU STEWART acusadoramente]. Wenziwa yilabelungu ohleala nabo.*

STEWART: Imediatamente que ela diz 'mlungu mlungu', eu sei que ela está me culpando por alguma coisa.

MADLOMO: Tu é um dos que bagunçou a cabeça dele. Ele não era assim em KwaVimba. Ele respeitava as nossas tradições.

STEWART: Ele já te disse; são os livros que estão bagunçando a cabeça dele, não eu.

MADLOMO: Bem, os livros têm feito ele perder o Ubuntu. Nossa cultura *wubuntu bethu*.

PROFESSOR: Se ubuntu significa aceitar tudo que vem sob o manto da cultura africana, então ubuntu é um instrumento de opressão.

MADLOMO: Não é apenas a cultura africana que valoriza a virgindade. A bíblia fala muito sobre isso. Até a Mãe de Jesus

<p>Mother of Jesus was subjected to virginity testing by the midwife, Salome.</p> <p>STEWART: The very Virgin Mary that I am going to see in Benoni? Which Bible have you been reading?</p> <p>PROFESSOR: It's there all right, Lord Stewart. But it is in the Apocrypha, which are accepted by the Catholics as part of the scriptures but not by the Protestants. Salome did not believe that Mary was a virgin so she subjected her to a virginity test. But her hands were burnt by Mary's sacred genitalia until they were shrivelled like biltong.</p> <p>MADLOMO: The point is, virginity testing did not start with me. It was not introduced by me into the world. Deuteronomy made it clear that virgins like Rebecca and Maria were given important sacred duties because they were virgins, and therefore they were clean. Girls must be proud of their virginity.</p> <p>PROFESSOR: What is this virginity, anyway? No one is able to tell me what it is. No one has touched it, smelled it, tasted it, heard it. It's not there. It's not anywhere, All they are able to say is what terminates it. If it was there at all before it was terminated then what was it? Where was it located exactly?</p>	<p>foi submetida ao teste de virgindade pela parteira, Salomé.</p> <p>STEWART: A Virgem Maria que verei em Benoni? Que tipo de bíblia você tem lido?</p> <p>PROFESSOR: Está bem aí, Seu Stewart. Mas está no apócrifo, que é aceito pelos católicos como parte das escrituras, mas não pelos Protestantes. Salome não acredita que Maria era virgem, então ela submeteu Maria a um teste de virgindade. Mas as mãos dela foram queimadas pela genitália sagrada de Maria até ficarem murchas como carne de porco.</p> <p>MADLOMO: A questão é, o teste de virgindade não começou comigo; não foi introduzido no mundo por mim. O livro de Deuteronomio deixa claro que virgens como Rebeca e Maria receberam importantes obrigações sagradas porque elas eram virgens, e portanto elas eram puras. As meninas devem se orgulhar por serem virgens.</p> <p>PROFESSOR: De qualquer forma, o que é virgindade? Ninguém é capaz de me dizer o que é isso. Ninguém nunca a tocou, cheirou, saboreou e ouviu. Não está lá. Não está em lugar nenhum. Tudo que eles são capazes de dizer é como deixar de ser virgem. Se estava lá antes perder, então o que era? Onde estava localizado exatamente?</p>
<p>MADLOMO: You told us the other day about a white man who discovered the hymen. That's where virginity is located.</p>	<p>MADLOMO: Tu disse para a gente outro dia sobre o homem branco que descobriu o hímem. É lá que a virgindade está localizada.</p>

PROFESSOR: Nonsense! Girls are active. Some don't have a hymen because it has been perforated during some activity. Some were born without a hymen. If you are right when you say virginity is located at the hymen, then they are not virgins. Still that does not tell me what virginity is. It merely tells me what it is not. The hymen is the least reliable measure.

STEWART: Where is this damned hymen that's causing all these problems the world over?

PROFESSOR: It is at the very entrance of the secret garden, Lord Stewart.

MADLOMO: How would you know about it when you don't have it?

PROFESSOR: I made it my business to find out after I lost my wife to stupidity. I wanted to know why there was no stain. I knew that she was innocent, if not being a virgin is a crime at all. I learnt that some hymens can survive intercourse without breaking; they merely bend. Some are too sturdy to bleed. You cannot conclude virginity from the hymen, let alone from a bloodstain.

MADLOMO: Blood is the sign that her girlhood has been ruptured. Even the Book of Books, the Holy Bible itself, says so. In Deuteronomy Chapter 22 verse 21 it says that a girl who does not bleed on her wedding night should be stoned to death. Thabisile was lucky that the law of man, which you call the Constitution, forbids us from following

PROFESSOR: Não faz sentido! Meninas são ativas. Algumas não tem hímen porque foi rompido durante alguma atividade, outras já nascem sem. Se você está certa quando diz que a virgindade está localizada no hímen, então elas não são virgens. Ainda assim, isso não me diz o que é virgindade, isso apenas me diz meramente o que não é. O hímen o critério menos confiável.

STEWART: Onde está esse danado do hímen que está causando todos esses problemas no mundo inteiro?

PROFESSOR: Está na entrada do jardim secreto, Seu Stewart.

MADLOMO: Como tu poderia saber de algo que tu não tem?

PROFESSOR: Eu fiz questão de descobrir depois de ter perdido minha noiva por pura burrice. Eu queria saber por que não havia mancha. Eu sabia que ela era inocente, caso não ser virgem fosse um crime. Eu aprendi que alguns hímens podem sobreviver sem se romper a uma penetração; eles apenas se dobram, e alguns são muito resistentes para sangrar. Você não pode resumir a virgindade pelo hímen, muito menos pela mancha de sangue.

MADLOMO: Sangue é o sinal de que a menina foi rompida. Até o Livro dos Livros, a Bíblia Sagrada, ela diz isso. Em Deuterônimo capítulo 22 versículo 21 diz que a mulher que não sangra na noite de núpcias deve ser apedrejada até a morte. Thabisile teve sorte que a lei do homem, o que tu chama de Constituição, proíbe a

<p>the law of God as represented by the Bible.</p> <p>STEWART: You are doing God's work, MaDlomo. Keep it up! Stone them to death.</p> <p>MADLOMO: We amaZulu never stone anyone to death even though the Bible commands us to. <i>Sinobuntu.</i></p> <p>PROFESSOR: Thabisile proved that not every woman bleeds when having sex for the first time. In any case, not even physicians and surgeons can tell with absolute certainty whether a woman is a virgin or not. Unless they are charlatans they cannot conclude that the fact that the hymen is not intact means that the woman has had sex before. The vagina has no way of recording its sexual history.</p> <p>MADLOMO: <i>Izinto ozikhulumayo zingavala umuntu izindlebe.</i></p> <p>PROFESSOR: What I'm saying, MaDlomo, is that proving virginity has never been an exact science, unless you catch someone in the sex act and actually witness penetration. Have you ever seen virginity, MaDlomo? Have you ever measured it?</p> <p>MADLOMO: I don't talk about such things with men.</p>	<p>gente de seguir a lei de Deus como é ordenada na bíblia.</p> <p>STEWART: Você está fazendo a obra de Deus, Madlomo. Continue assim! Apedrejem elas até a morte.</p> <p>MADLOMO: Nós, amaZulus, nunca apedrejamos ninguém até a morte, embora a bíblia nos orden. <i>Sinobuntu.</i></p> <p>PROFESSOR: Thabisile provou que nem toda mulher sangra quando faz sexo pela primeira vez. Em nenhum caso, nem mesmo médicos e cirurgiões podem nos dizer com absoluta certeza se uma mulher é virgem ou não. A não ser que eles sejam charlatões, eles não podem concluir que o fato de o hímen não estar intacto, significa que a mulher teve sexo antes. A vagina não tem meios para registrar o histórico sexual.</p> <p>MADLOMO: <i>Izinto ozikhulumayo zingavala umuntu izindlebe.</i></p> <p>PROFESSOR: O que estou dizendo, MaDlomo, é que provar virgindade nunca foi uma ciência exata, a não ser que você pegue alguém no ato sexual e realmente possa testemunhar a penetração. Você já viu a virgindade, MaDlomo? Você já mensurou isso?</p> <p>MADLOMO: Eu não converso essas coisas com homens.</p>
<p>PROFESSOR: Just as I thought. It cannot be seen. What you look for are its signs. And how do you interpret those signs?</p>	<p>PROFESSOR: Assim como pensei. Isso não pode ser visto. O que você procura são sinais, mas como você interpreta os sinais?</p>

<p>MADLOMO: The way my ancestors did.</p> <p>PROFESSOR: Which ancestors? The ancestors are dead, MaDlomo; we are alive today in today's world. Virginity tests have not been done by our people since the days of <i>uShaka kaSenzangakhona</i>, 200 years ago! In his wisdom Shaka abolished the practice, in the same way that he abolished the Reed Dance and circumcision for boys. And the amaZulu people were no worse for it. Until the present-day leaders, who see it as a source of power to re-invent culture. Virginity testing can't be part of the Zulu culture if it has not been practised for 200 years. And by the way, when it was practised before the days of Shaka it was not a public spectacle like it is today. It was something private within families. Not what MaDlomo was doing at KwaVimba, a public spectacle out there in the field or in community halls.</p> <p>MADLOMO: Our King has brought it back so it is now part of our culture.</p> <p>PROFESSOR: I can understand why the King is re-introducing these practices. I am a Zulu child and therefore I respect <i>Isilo samaBandla. Bayethe, wena weZulu.</i></p> <p>MADLOMO: Not when you talk dirt about the culture of his people, futhi in front of white people.</p>	<p>MADLOMO: Da forma que meus ancestrais faziam.</p> <p>PROFESSOR: Quais ancestrais? Os ancestrais estão mortos, MaDlomo; nós estamos vivos no mundo de hoje. O teste de virgindade não tem sido feito pelo nosso povo desde a época de <i>uShaka kaSenzangakhona</i>, 200 anos atrás! Na sensatez dele, Shaka aboliu a prática, do mesmo modo que ele aboliu a dança <i>reed</i>, a circuncisão para meninos, e os amaZulu não ficaram piores pior com isso. Até os líderes dos dias atuais enxergam isso como uma fonte de poder para reinventar a cultura. O teste de virgindade não pode ser parte da cultura Zulu, se não tem sido praticado por 200 anos. E, aliás, nos tempos de Shaka o teste não se tratava de um espetáculo público como é praticado hoje. Era algo privado entre as famílias, não o que MaDlomo estava fazendo em KwaVimba, um espetáculo fora do campo ou em salões comunitários.</p> <p>MADLOMO: Nosso rei trouxe isso de volta, então agora faz parte da nossa cultura.</p> <p>PROFESSOR: Eu faço ideia do porquê o rei está reintroduzindo essas práticas. Eu sou um filho Zulu, portanto, respeito <i>Isilo samaBandla. Bayethe, wena weZulu.</i></p> <p>MADLOMO: Não quando tu fala merda sobre a cultura do povo dele, futhi, na frente de gente branca.</p>
<p>STEWART: Hey, leave me out of your Zulu civil war. I have my own problems.</p>	<p>STEWART: Ei, me deixe fora da Guerra Civil dos Zulus de vocês. Eu tenho meus próprios problemas.</p>

He sits on his swing and sways.

PROFESSOR: With all due respect to the King, in our modern democracy he has no power at all; all power is with elected political leaders. He is just a figurehead, He must therefore create for himself new sources of power, If he can't exercise political power then he must exercise cultural power. He must re-invent some pomp and ceremony over which he can preside. The Reed Dance. Virginity testing. Circumcision for boys, Polygamous marriages. Now we have a whole set of new rituals over which he can be consulted and exercise some form of authority. As a powerless figurehead history would otherwise forget him; now it is bound to remember him as the man who reversed the decisions of Shaka the Great after 200 years!

The SELLER OF LAUGHTER bursts in. He is all excitement as usual, though we never find out what he is excited about.

SELLER: I am on the verge of a breakthrough. Eat your hearts out you old bastards who have been trying to work against me.

PROFESSOR [*ignoring SELLER*]: So, *uyabona ke MaDlomo, lento yenu ye-virginity, virginity, culture, culture, ayingeni ndawo la.*

MADLOMO: Shhhh. You cannot talk about such things in the presence of a child.

She is paying closer attention to SELLER.

Ele senta no balanço dele e se move.

PROFESSOR: Com todo respeito ao Rei, em nossa moderna democracia ele não tem poder; todo poder está com os líderes políticos eleitos. Ele é apenas uma pessoa representativa. Ele deve, portanto, criar novas fontes de poder, se ele não pode exercer poder político, então ele deve exercer poder cultural. Ele deve reinventar alguns aparatos e cerimônias sobre as quais ele pode presidir. A reed dance, Teste de virgindade, Circuncisão para meninos, casamentos poligâmicos. Agora nós temos um conjunto de rituais sobre os quais ele pode ser consultado e exercer alguma forma de autoridade. Como um representante com menos poder na história, todo modo esqueceria dele; agora é obrigado a lembrá-lo como o homem que inverteu a decisão de Shaka, o Grande após 200 anos!

O VENDEDOR DE SORRISOS chega sempre empolgado, embora nós nunca sabemos o porquê dele está assim.

VENDEDOR: Eu estou a beira de uma descoberta. Morram de inveja, Seu velhos bastardos que estão tentando fazer algo contra mim.

PROFESSOR [*ignorando o VENDEDOR*]: Então, *uyabona ke MaDlomo, lento yenu ye-virginity, cultura, cultura, ayingeni ndawo la.*

MADLOMO: Shiiiiiiu! Tu não pode falar desse assunto na presença de uma criança.

Ela está prestando mais atenção ao VENDEDOR.

<p>PROFESSOR: This one? He knows bigger things than that. He's been around the block a few times.</p> <p>MADLOMO: Whose child are you, my child?</p> <p>SELLER: Hau, mme, you can't know my parents. They're not From here. <i>Ke moshan'a Foreyisetata kwana.</i></p> <p>MADLOMO: You're staying with these rascals? They're going to corrupt you.</p> <p>SELLER: You're right, mme, they're very corrupt. Especially that one they call Professor.</p> <p>MADLOMO [to PROFESSOR]: <i>Uze waziwa nayizingane. You should be ashamed of yourself. [To SELLER] Don't you have a home, my child?</i></p> <p>SELLER: I grew up in the streets, mme. That's my home.</p> <p>MADLOMO [concerned]: This is not a good place for a child.</p> <p>STEWART: Take him with you. He does need some mothering.</p>	<p>PROFESSOR: Esse aí? Ele sabe coisas piores do que isso. Ele já deu a volta no quarteirão algumas vezes.</p> <p>MADLOMO: De quem tu é filho, minha criança?</p> <p>VENDEDOR: Hau, mme, você provavelmente não conhecer meus pais. Eles não são daqui. <i>Ke moshan'a Foreyisetata kwana.</i></p> <p>MADLOMO: Tu tá ficando com esses malandros? Eles vão te corromper.</p> <p>VENDEDOR: Você está certa, mme, eles são muito corruptos, especialmente esse aí que chamam de Professor.</p> <p>MADLOMO [ao PROFESSOR]: <i>Uze waziwa nayizingane. Tu deveria se envergonhar de si mesmo. [Ao VENDEDOR]: Tu não tem um lar, meu filho?</i></p> <p>VENDEDOR: Eu cresci na rua, mme. Esse é meu lar.</p> <p>MADLOMO [preocupada]: Esse lugar não é bom para criança.</p> <p>STEWART: Pegue ele para você. Ele realmente precisa de cuidado maternal.</p>
<p>SELLER: Are you selling me now, Lord Stewart? Trying to get rid of me so that I don't bother you about taking part in our joke. It will benefit you too, you know?</p> <p><i>The SELLER OF LAUGHTER goes to</i></p>	<p>VENDEDOR: Você está me vendendo, Seu Stewart? Tentando se livrar de mim, aí eu não te incomodo para você fazer parte da minha piada. Você também ganhará com isso, sabia?</p> <p><i>O VENDEDOR DE SORRISOS, vai até as</i></p>

his flowers, and from among them he harvests one good mushroom.

MADLOMO: And you are such a beautiful boy to waste your life with these no-good beggars. You should be at school learning something useful.

SELLER searches some more and discovers the plastic bag that we saw earlier. It contains LORD STEWART'S sacred relics. SELLER looks into the bag then puts it under his shit. PROFESSOR has spotted him.

PROFESSOR: Hey, is that not your bread and Simba crisp he is stealing? Too late.

The SELLER OF LAUGHTER has dashed out. LOKD STEWART rummages frantically through the flowers, out he plastic bag is gone.

STEWART: Bloody hell! He has stolen my things.

MADLOMO: Bread and Simba chips? Is that what you are rving for? A grown man like you *ikhalela isinkwa namaSimba?*

STEWART: You don't understand. It's not just bread and chips. That toast has the image of the Virgin Mary and the crisp has lesus with the stigmata.

MADLOMO: *Ubheda ngani manje umlungu? uMaria uhlangana kuphi nesinkwa?*

STEWART: I am going to kill that boy with my bare hands!

flores dele, e entre elas ele colhe um bom cogumelo.

MADLOMO: E tu é um menino bonito para perder sua vida com esses mendigos sem graça. Tu deveria estar na escola aprendendo algo útil.

O VENDEDOR continua procurando e acha uma sacola plástica que vimos mais cedo. A sacola contém relíquias sagradas do SEU STEWART. O VENDEDOR olha para dentro da sacola, depois coloca debaixo da blusa. O PROFESSOR o viu.

PROFESSOR: Esse pão e batata do Simba que ele está roubando não são seus? Tarde demais.

O VENDEDOR saiu correndo. SEU STEWART vasculha freneticamente as flores, mas as sacolas plásticas dele não estavam lá.

STEWART: Puta merda! Ele roubou minhas coisas.

MADLOMO: Pão e batatas Simba? É por isso que tu tá chorando? Um homem grande como você *ikhalela isinkwa namaSimba?*

STEWART: Você não entende. Não são apenas pão e batata frita. Aquelas torradas tinham a imagem da Virgem Maria e a batata tinha a marca de Jesus.

MADLOMO: *Ubheda ngani manje umlungu? uMaria uhlangana kuphi nesinkwa?*

STEWART: Eu vou matar aquele menino com minhas próprias mãos!

<p>MADLOMO: Ag shame! Maybe the poor boy was hungry.</p> <p>STEWART: You can't eat that food. It is many years old.</p> <p>PROFESSOR: I don't think he plans to eat it, Lord Stewart. I think he just wants to punish you for refusing to be part of his joke. He'll bring them back.</p> <p>STEWART: I hope you're right, my dear Professor. Anyway, tomorrow I'm going to see the Virgin Mary in person rather than on toasted bread.</p> <p>MADLOMO: After what I have seen and heard here I want to persuade that poor boy to come home with me.</p> <p>PROFESSOR: You are serious about this, are you?</p> <p>MADLOMO: It is the least that a woman can do. Save at least one child from the streets.</p> <p>STEWART: You must be rich to want to adopt a big boy like that. Do you know how much he eats?</p>	<p>MADLOMO: Que vergonha! Talvez o pobre menino estava com fome.</p> <p>STEWART: Aquela comida não pode ser consumida porque já está muito velha.</p> <p>PROFESSOR: Eu não acho que ele pretende comer aquilo, Seu Stewart. Eu acho que ele apenas quer te punir por você recusar fazer parte da piada dele. Ele trará suas coisas de volta.</p> <p>STEWART: Espero que você esteja certo, meu querido Professor. De qualquer maneira, amanhã irei ver a Virgem Maria pessoalmente, ao invés de vê-la no pão torrado.</p> <p>MADLOMO: Depois do que vi e ouvi aqui, quero convencer aquele pobre menino a ir para casa comigo.</p> <p>PROFESSOR: Você está falando sério?</p> <p>MADLOMO: É o mínimo que uma mulher pode fazer. Salvar ao menos uma criança de rua.</p> <p>STEWART: Você deve ser rica para querer adotar um menino grande como ele. Você sabe o tanto que ele come?</p>
<p>MADLOMO: Rich? What makes you think a poor woman who lives in a shack in Diepsloot is rich? It is ubuntu to save that child from the streets and from the likes of you.</p> <p>STEWART: What will your husband and your family say about it when they see</p>	<p>MADLOMO: Rica? O que faz tu achar que uma mulher, que mora em um barraco em Diepsloot, seja rica? É o ubuntu que salva aquela criança de rua e das influências de vocês.</p> <p>STEWART: O que seu marido e sua família vão pensar quando virem você, do</p>

you out of the blue coming home with a boy you've picked up in the street?

MADLOMO: I don't have a husband. It's just me and my daughter, uBongi.

PROFESSOR: Bongi! I know Bongi. How is she?

MADLOMO [*agitated*]: How is she? You know very well how she is. She is sick with AIDS, that's how she is. You know very well what happened to her as a baby. People talked about it and made our lives difficult. And after the fire happened and my house was in cinders I had to run away to Johannesburg. They thought my child would die, but she's still here. She's still with me.

PROFESSOR: Oh, MaDlomo, I know the sad things that happened to you and the baby.

MADLOMO: Well, she's not a baby anymore. She is a big girl. The man who raped her when she was only three months old, thinking that she was curing his AIDS, died a long time ago. But uBongi wami is still alive. She's sick, yes, she's suffering, yes, but she's alive. And she is going to live and be a woman and have her own family.
She exits, still very disturbed.

STEWART: You knew about this?

PROFESSOR: Of course I know about it; we are from the same village, remember? I was still back there when it happened one night... It was a night I was not there...

nada, chegando em casa com um menino que você trouxe da rua?

MADLOMO: Eu não tenho um marido. É apenas eu e minha filha, uBongi.

PROFESSOR: Bongi! Eu conheço Bongi. Como ela está?

MADLOMO [*agitada*]: Como ela está? Tu sabe muito bem como ela está. Ela está doente com AIDS, é assim que ela está. Tu sabe muito bem o que aconteceu com ela quando era ainda uma bebê. As pessoas falaram sobre isso e dificultaram nossa vida. E após o incêndio, e minha casa ficar com fumaça, eu tive que fugir para Johannesburg. Eles acharam que minha filha morreria, mas ela continua aqui. Ela continua aqui.

PROFESSOR: Oh, MaDlomo, eu sei da tristeza que aconteceu com você e sua bebê.

MADLOMO: Bem, ela não é mais uma bebê. Ela agora é uma menina grande. O homem que a estuprou quando ela tinha apenas três meses, achando que ele seria curada da AIDS, morreu a um bom tempo. Mas uBongi wami continua viva. Ela está doente, sim; está sofrendo, sim, mas ela está viva, e ela vai sobreviver, virar uma mulher e ter sua própria família.
Ela sai, ainda muito incomodada.

STEWART: Você sabia disso?

PROFESSOR: Claro que eu sei disso; nós somos do mesmo povoado, lembra? Eu ainda estava lá quando aconteceu. Eu te falei que eu costumava beber no boteco

<p>I am told that a man called her out to talk some business, or so he claimed. The baby was asleep on the bed, so maybe I told you I used to drink at her shebeen. So, one night... it was a night I was not there... I am told that man called her out to talk some business, or so he claimed. The baby was asleep on the bed, so maybe MaDlomo thought she would just dash outside quickly and settle whatever business it was that the man wanted to discuss with her.</p> <p>It turned out that it was just a ruse. The man overpowered MaDlomo, tied her with ropes, and dumped her behind her rondavel, He then went into the house and raped the baby. MaDlomo was rescued many hours later - she couldn't scream because the man had stuffed rags in her mouth, When she got into the house the baby was a ruptured bloody mess... It had cried until it could not cry anymore. So it just lay there, on the verge of death.</p> <p>STEWART [<i>visibly shaken</i>]: Why would anyone rape a three- month-old baby?</p> <p>PROFESSOR: There is this stupid superstition doing the rounds that if you have AIDS and you have sex with a virgin you get cured. A baby possesses assured virginity.</p>	<p>dela. Então uma noite... A noite em que eu não estava lá...</p> <p>Me disseram que o homem a chamou para falar de negócios, ou cobranças. A bebê estava dormindo na cama, então talvez MaDlomo pensou que ela poderia apenas ir rápido lá fora e resolver qualquer negócio que aquele homem queria fazer com ela.</p> <p>Ela descobriu que era apenas uma armadilha. O homem dominou MaDlomo, amarrou-a com cordas e a jogou atrás da cabana. Depois ele foi dentro de casa e estuprou o bebê. MaDlomo foi resgatada horas depois – ela não pôde gritar porque o homem tinha entupido a boca dela de trapos.. Quando ela chegou dentro de casa a bebê estava cheia de sangue. Chorou até não poder mais. Então ficou apenas ali à beira da morte.</p> <p>STEWART [<i>visivelmente trêmulo</i>]: Por que alguém estupraria um bebê de três meses?</p> <p>PROFESSOR: Há uma superstição burra circulando de que se você tiver AIDS e fizer sexo com uma virgem você será curado. Um bebê tem a virgindade garantida.</p>
<p>STEWART: Holy Mary Mother of Jesus! Your people take the cake all the time! Black people never disappoint with their stupidity. I don't know how you got to be different, Professor.</p> <p>PROFESSOR: It is very stupid. And very deadly. I didn't know MaDlomo's baby managed to survive. I'm glad she</p>	<p>STEWART: Ave Maria! Seu povo sempre surpreende o tempo todo! Gente preta nunca decepciona com suas burrices. Não sei como você é diferente, Professor.</p> <p>PROFESSOR: É uma burrice, e fatal. Eu não sabia que a bebê de MaDlomo tinha conseguido sobreviver. Tô feliz que ela</p>

did. What broke the poor woman most was that while she was testing other people's daughters for virginity she couldn't save her own daughter.

STEWART: What foolish superstition!

PROFESSOR: You know, Lord Stewart, this whole myth of Virgin cures is not new and did not start in South Africa, It was not invented by black people, either. We got it from Europe.

STEWART: You are joking, of course.

PROFESSOR: Not at all. It really was a white thing originally.

STEWART: Yeah, blame it on the white man, hey?

PROFESSOR: Black people adopted it because to them everything white is true and valid and worthy of adoption. The myth is centuries old.

STEWART: Aha! Now you get caught in your own false propaganda. There was no AIDS centuries ago.

conseguiu. O que mais deixou essa mulher quebrada foi que, enquanto ela cuidava da virgindade dos outros, ela não conseguiu cuidar da própria filha.

STEWART: Que superstição tola!

PROFESSOR: Você sabe, Seu Stewart, que esse mito todo sobre a cura através da virgindade não é novo e não começou aqui na África do Sul. E também não foi inventado pelas pessoas pretas. Isso veio da Europa.

STEWART: Você está brincando, claro.

PROFESSOR: Não mesmo, isso é de fato algo vindo, originalmente, das pessoas brancas.

STEWART: Ah, botando a culpa nas pessoas brancas.

PROFESSOR: As pessoas pretas adotaram isso porque elas acreditam que tudo que vem de gente branca é verdadeiro, válido e digno de adoção. O mito tem séculos.

STEWART: Aha! Você foi pego na sua própria falsa teoria. Não existia AIDS nos séculos passado.

PROFESSOR: It was about sexually transmitted infections of all types - especially syphilis. They believed it could be cured if one had sex with a virgin. No one knows where and when the myth started. It must have been around the sixteenth century, but it was widespread in parts of eastern Europe by the late eighteenth century and in Scotland in the nineteenth century. In Victorian England some men believed that they could cure their syphilis, which was fatal in those days, by having sex with virgins. There were even pseudo-scientists who explained how intact hymens and scanty vaginal secretions of virgins prevented the transmission of the disease.

STEWART: Proof! I want evidence of your slanderous pronouncements against my people, Professor.

PROFESSOR: It is not my people versus your people, Lord Stewart. It's just historical fact. I want you to read just one paragraph from the work of Hanne Blank.

He gets the book from the bench, pages through it and gives it to LORD STEWART.

STEWART: Who's Hanne Blank? One of your Black Power zealots who want to re-invent history?

PROFESSOR: She is a white woman; a virginity historian.

STEWART: Virginity has its own historians!

PROFESSOR: Come on, read. Just this

PROFESSOR: Era sobre todo tipo de infecção transmitida sexualmente – especialmente sífilis. Eles acreditaram que eles poderiam receber a cura se fizesse sexo com uma virgem. Ninguém sabe quando e onde o mito começou. Deve ter começado por volta do século dezesseis, mas se espalhou em partes da Europa oriental até o final do século dezoito, e Escócia no século dezenove. Na Inglaterra victoriana alguns homens acreditaram que eles poderiam ser curados da sífilis, que era fatal naquela época, tendo sexo com virgens. Havia até pseudos-cientistas que explicaram como himens intactos e escassas secreções vaginais de virgens preveniram a transmissão de doenças.

STEWART: Prove! Eu quero evidências dos seus pronunciamentos caluniosos contra meu povo, Professor.

PROFESSOR: Não é meu povo contra seu povo, Seu Stewart. São apenas fatos históricos. Eu quero que você leia apenas um parágrafo do trabalho de Hanne Blank.

Ele pega o livro da cadeira, folheia e entrega a SEU STEWART.

STEWART: Quem é Hanne Black? Uma das suas Black Power fanáticas que querem reinventar a história?

PROFESSOR: Ela é uma mulher branca; uma historiadora sobre virgindade.

STEWART: A virgindade tem seus próprios historiadores.

PROFESSOR: Bora, leia! Apenas um

one paragraph.

STEWART [*reading*]: 'Part of what is behind this practice is a naive and hopeful belief in sympathetic magic. Across cultures and eras, virgins have been perceived as having a particular potent purity that acts as a shield and keeps the virgin from harm. In Christian virgin martyr legends, for instance, virgins often do battle with demons and with Satan himself while protected by virginity. Surely, the thinking goes, something powerful enough to vanquish demons can also cure syphilis. All one has to do is to take that something from the body of someone who still possesses it.'

PROFESSOR: Then she also tells us about a case of a 37-year-old coalminer in Glasgow in 1913 who was in court for raping his nine year-old niece, infecting her with gonorrhoea and other venereal diseases. Dr James Devon gave evidence at the trial and, among other things, he said [*reading*]: 'There is a curiously persistent and widespread belief that a man who suffers from venereal disease can get rid of it by having connection with a virgin.'

I have been surprised at discovering the existence of this belief in people who are generally well informed as well as among the comparatively illiterate. I have tried to find evidence for the theory that it is a belief traceable to certain districts but I have discovered it among people of different places and of different occupations - so different that now I should scarcely be surprised to

parágrafo.

STEWART [*lendo*]: Parte do fundamento por trás dessa prática está ancorada em uma crença ingênua e otimista nas simpatias mágicas. Ao longo das culturas e eras, a virgindade foi concebida como uma manifestação poderosa de pureza individual, atuando como um escudo que protege a virgem do mal. Em narrativas cristãs, por exemplo, virgens frequentemente enfrentam demônios e Satanás, sendo resguardadas pela preservação de sua virgindade. Essa ideia sugere que, por vezes, o poder do pensamento é suficientemente forte para exorcizar demônios e até mesmo curar a sífilis. A crença é que tudo que se necessita fazer é transferir tal malefício do corpo de alguém possuído.

PROFESSOR: Depois ela também nos fala sobre o caso de um mineiro de 37 anos em Glasgow, em 1913, que estava sendo julgado por estuprar sua sobrinha de nove anos, e ter infectado-a com gonorreia e outras doenças veneráveis. Dr James Devon forneceu evidências no julgamento e, entre outras coisas, ele disse [*lendo*]: 'Há uma crença curiosamente persistente e difundida que um homem que sofria de doenças venéreas pode se livrar dela tendo conexão com uma virgem.'

Eu fiquei surpreso ao descobrir a existência dessa crença em pessoas que são geralmente bem informadas, se for comparar com os analfabetos. Eu tentei buscar evidências para a teoria de que é uma crença rastreável a certos distritos, mas eu descobri entre pessoas de diferentes lugares e de diferentes ocupações – tão diferentes que agora

Come across it anywhere.'

STEWART: This virginity thing is heavy, Professor. Very heavy.

PROFESSOR: You've said it before, Lord Stewart, and you're right.

STEWART: How did the myth of the virgin cures find its way to the Valley of a Thousand Hills so that a poor child, MaDlomo's three-month-old baby, was raped and savaged like that?

PROFESSOR: Remember we were colonised by people who believed in virgin cures.

STEWART: Aha! There we go again. Blame it on colonialism!

PROFESSOR: Black soldiers who returned to the Eastern Cape from the Second World War brought with them an outbreak of sexually transmitted infections. But they also brought back with them the virgin cure myth they had learnt in Europe. So it took root in the Eastern Cape and spread from there. Now, of course, today our charlatans remember how virgins were used to cure sexually transmitted infections and teach people that AIDS can be cured that way as well. Desperate people do desperate things.

STEWART: Desperate people do stupid things.

PROFESSOR: Today, virginity cure

difícilmente deveria se surpreender ao encontrar em qualquer lugar.'

STEWART: Essa coisa de virgindade é pesada, Professor. Muito pesada.

PROFESSOR: Você disse isso antes, Seu Stewart, e você está certo.

STEWART: Como o mito das virgens que curam chegou no Vale das Mil Colinas, então aquela pobre criança, a criança de MaDlomo, que tinha três meses, foi estuprada e atacada assim?

PROFESSOR: Lembre-se, nós fomos colonizados por pessoas que acreditavam na cura através das virgens.

STEWART: ah! Lá vamos nós novamente. Culpando o colonialismo!

PROFESSOR: Os soldados pretos que voltaram do Cabo Oriental, na Segunda Guerra Mundial, trouxeram com eles um surto de infecções sexualmente transmissíveis. Mas eles também trouxeram o mito da cura através das virgens, que eles tinham aprendido na Europa. Então, isso tem raiz no Cabo Oriental e espalhou aqui. Agora, claro, hoje nossos charlatões lembraram como as virgens eram usadas para curar infecções sexualmente transmissíveis e ensinar as pessoas que a AIDS pode ser curada também dessa forma. Pessoas desesperadas fazem coisas desesperadas.

STEWART: Pessoas desesperadas fazem coisas burras.

PROFESSOR: Hoje, o mito da cura

myths are flourishing not only in South Africa but also in such highly patriarchal societies as India and Thailand.

The SELLER OF LAUGHTER enters, singing and dancing. He is waving the slice of toast and the potato crisp as he kicks his legs towards LORD STEWART.

SELLER [*singing*]: You steal a man's mushrooms; he steals your bread and chip. You refuse to be his slave in chains; he eats your bread and chip ...

LORD STEWART tries to tackle him, but he ducks away and skips around the playground equipment with STEWART chasing him.

STEWART: I'm going to kill you for this, you moron. And who says I stole your mushrooms?

The SELLER OF LAUGHTER pushes the merry-go-round and rides. LORD STEWART reaches for him.

SELLER: Who else can steal my mushrooms? The Professor is only interested in his stupid books that make him even more stupid. He can't be the one who stole my zoomers.

STEWART: Come on, man, give me my stuff. Those are holy relics, You don't know what they mean to me.

SELLER: Be my slave first, Lord

através da virgindade não está apenas na África do Sul, mas em todas as sociedades altamente patriarcais como Índia e Tailândia.

O VENDEDOR DE SORRISOS entra, canta e dança. Ele está balançando uma fatia de torrada e batata frita enquanto ele chuta as pernas em direção a LORD STEWART.

VENDEDOR [*cantando*]: Ele pega os cogumelos, sem pensar duas vezes, mas eu perco o pão, é como se ele enlouquecesse. Recuso ser escravo, não vou me render, enquanto ele come meu pão, me fazendo sofrer.

SEU STEWART tenta o enfrentar, mas ele se abaixa e salta ao redor dos brinquedos do parque com STEWART o perseguindo.

STEWART: Eu vou te matar por isso, idiota. E quem diz que eu roubei seus cogumelos?

O VENDEDOR DE SORRISOS empurra o carrossel e roda. SEU STEWART estende a mão para ele.

VENDEDOR: Quem mais pode roubar meus cogumelos? O Professor interessado tem interesse nos livros estúpidos dele que fazem dele ainda mais estúpido. Ele não pode ser o que rouba meus
Alucidez.

STEWART: Que nada, irmão, me dê minhas coisas. Essas são relíquias sagradas. Você não sabe o que elas significam para mim.

VENDEDOR: Seja meu primeiro escravo, Seu Stewart. A Piada de Todos os

Stewart. The Mother of All Jokes. Then I'll give you your stuff. You're lucky I didn't eat the bread. It's as hard as a brick.

STEWART: If anything happens to my sacred relics you'll be cursed forever!

SELLER: Be my slave, Lord Stewart! Be my slave!

He jumps off the merry-go-round, runs around the playground equipment with LORD STEWART after him, and they both exit.

Lights fade to black.

Tempos. Aí te darei suas coisas. Você tem sorte que eu não comi o pão. É tão duro como um tijolo.

STEWART: Se algo acontecer com as minhas relíquias sagradas, você será amaldiçoado para sempre.

VENDEDOR: Seja meu escravo, Seu Stewart! Seja meu escravo.

Ele se joga do carrossel, corre por volta dos brinquedos do parque com SEU STEWART, e ambos saem.

Luzes se apagam.

ANEXO II

GLOSSÁRIO

1. *Amadlozi (isiZulu)* - Ancestrais
2. *Angiyihlalel'imibhedo ke mina (isiZulu)* - Não tô ficando aqui pra ouvir suas lorotas, viu?
3. *Angizidli izinkowankowane namakhowe mina (isiZulu)* - Eu não como cogumelos
4. *Aniz'thandi (isiZulu)* - Vocês não têm amor pela própria vida, né?
5. *Badimo (Sesotho)* - Ancestrais
6. *Bayethe, wena weZulu (isiZulu)* - Cumprimento cerimonial ao Rei Zulu.
7. *Chaaa! Weeee! (isiZulu)* - Oxe, oxe!
8. *Cha ke manje (isiZulu)* - Agora foi que eu vi.
9. *Lobola (Nguni)* - Dote
10. *Mlungu* - Homem branco
11. *Mme (Sesotho)* - Mainha, senhora
12. *Ngabelungu abanjani laba? (isiZulu)* - Que tipo de gente branca é essa?
13. *Ngamla (gíria de favela)* - Barão/Patrão
14. *Nguwe lona? (isiZulu)* - É você mesmo?
15. *Nguwe lo osho nje? (isiZulu)* - É você mesmo que tá dizendo isso?
16. *Cha ke manje ningohlule! Viyo kanti into oyihlalele la eGoli Ukugonana nabelungu? (isiZulu)* - Agora foi que vi! É isso que você está fazendo aqui em Joanesburgo? Se Enrabichado com pessoas brancas?
17. *Foreisetata (Sesotho, traduzido do Afrikaans)* - Estado Livre
18. *Futhi ke (isiZulu)* - E tem mais...
19. *Hau, mme (Sesotho)* - Ohh, minha tia...
20. *Hawu, kade bengizingene ngani izindaba zabantu? (isiZulu)* - Não sei por que eu fico me ocupando com os problemas dos outros
21. *Hawu, kanti (isiZulu)* - Bem, então quer dizer que
22. *Ihlazo (isiZulu)* - Essa vergonha
23. *Ikhalela isinkwa namaSimba (isiZulu)* - Está chorando por um pão e batata Simba
24. *Imihlolo! (isiZulu)* - Maravilha!
25. *Intanga zakho (isiZulu)* - Pessoas da sua idade
26. *Isifebe (isiZulu)* - Uma prostituta
27. *Izinto ozikhulumayo zingavala umuntu izindlebe (isiZulu)* - As coisas que tu diz podem deixar alguém surdo
28. *Larney (also Lahnie) (Gíria da favela)* - Pessoa branca
29. *Le masepa kaofela (Sesotho)* - Você só fala bobagem
30. *Lento yenu ye-virginity (isiZulu e inglês)* - Essa coisa de virgindade
31. *Wenziwa vilabelungu ohlala nabo (isiZulu)* - É culpa dessas pessoas brancas com quem você mora
32. *Wubuntu bethu (isiZulu)* - Ubuntu
33. *Yho! Wangihlek'umlungu! (isiZulu)* - Oh. A pessoa branca rindo da minha cara!
34. *Yini ngawe kanti? (isiZulu)* - O que tem de errado contigo?
35. *Ntate (Sesotho)* - Pai; Senhor; mister
36. *Ogambh'amanga ngaye (isiZulu)* - Quem mentiu sobre ele?
37. *Phela wena (isiZulu)* - Claro você
38. *Rametlai (Sesotho)* - Comediante

39. *Sinobuntu (isiZulu)* - Nós temos humanidade
40. *Suka! (isiZulu)* - Xispa!
41. *Toyi-toyi (Gíria da favela)* - Dança de protesto
42. *Ubheda ngani manje umlungu (isiZulu)* - Com o que esse homem branco está sonhando?
43. *uBongi wami (isiZulu)* - Minha amada filha
44. *Ubuntu* - Ubuntu
45. *Ucabang'ukuthi angizazi izindaba zakho wena? (isiZulu)* - Tu acha que não sei sobre seus casos?
46. *Ukusoma (isiZulu)* - Rala-rala
47. *uMaria uhlangana kuphi nesinkwa? (isiZulu)* - De que forma ele associa Maria ao pão?
48. *Wena (isiZulu)* - Você
49. *Uthi ngiyi- poes? -* Você está me chamando de genital feminino?